



**Cecília Gusmão Wellisch**

**Rumor de Arquivo: Romance e Contágio.  
Rosário Fusco, c'est la vie!**

**Tese de Doutorado**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Letras/Literatura, Cultura e Contemporaneidade.

Orientador: Profa. Marilia Rothier Cardoso

Co-Orientadora: Profa. Pina Maria Arnoldi Coco

Rio de Janeiro  
Abril de 2013



**Cecília Gusmão Wellisch**

**Rumor de Arquivo: Romance e Contágio.  
Rosário Fusco, c'est la vie!**

Defesa de Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura, Cultura e Contemporaneidade do Departamento de Letras do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

**Profa. Marília Rothier Cardoso**

Orientadora

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Pina Maria Arnoldi Coco**

Co-Orientadora

**Profa. Ana Paula Veiga Kiffer**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Profa. Daniela Gianna Claudia Beccaccia Versiani**

Departamento de Letras – PUC-Rio

**Prof. Eduardo dos Santos Coelho**

UFRJ

**Profa. Maria Teresa Ferreira Bastos**

UFRJ

**Profa. Denise Berruezo Portinari**

Coordenadora Setorial do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 11 de abril de 2013.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, da autora e da orientadora.

### **Cecília Gusmão Wellisch**

Graduou-se em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com habilitação em Português e Literaturas de Língua Portuguesa, em 2002. Obteve o título de Mestre em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2006. Trabalhou como professora de Produção Textual na Escola de Comunicação Crítica do Observatório de Favelas do Rio de Janeiro e na ONG Nós do Cinema. Fez acessória pedagógica para monitores dos cursos de Pedagogia e Letras da Universidade de Nova Iguaçu, pelo Instituto Paulo Freire. Atualmente, é professora do curso de Teatro do Centro Universitário da Cidade (RJ) e integra o projeto Estudos em Companhia. Áreas de interesse: Ensino de Literatura, Redação, Teatro e Educação. Área de pesquisa: Artes, Produção Textual, Dramaturgia, Cânones e Margens.

#### Ficha Catalográfica

Wellisch, Cecília Gusmão

Rumor de arquivo : romance e contágio : Rosário Fusco, c'est la vie! / Cecília Gusmão Wellisch ; orientador: Marília Rothier Cardoso ; co-orientadora: Pina Maria Arnoldi Coco. – 2013.

206 f. : il. (color.); 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Letras, 2013.

Inclui bibliografia

1. Letras – Teses. 2. Rosário fusco. 3. Romance. 4. Crítica-biográfica. 5. Arquivo. 6. Correspondência. 7. Gilles Deleuze & Félix Guattari. 8. Devir. 9. Rizoma. 10. Aliança. 11. Contágio. I. Cardoso, Marília Rothier. II. Coco, Pina Maria Arnold. III. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Letras. IV. Título.

CDD 800

Dedico, leitor, o meu afeto e a minha gratidão, a nomes formados em torno do acorde Maria, passando por - Ana(s) e “-ília”, porque, em minha jornada, ilhas flutuantes todas elas são.

Sheila, você já é outro radical!

## Agradecimentos

À Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,  
Secretaria da Faculdade de Letras da PUC-Rio;  
Arquivo IEB-USP,  
Regina Campos,  
Luiz Ruffato,  
Vítor Lemos,  
Daisy, irmã,  
Leinimar Pires,  
Joaquim.

Agradeço, com um abraço e um aperto de mãos, a Rosário François Fusco e sua filha Núdia.

Para ser intencionalmente redundante – além de mencioná-la na dedicatória – retomo aqui o nome de Pina MARIA Arnold Côco, para agradecê-la por suas aulas deliciosas, nossas leituras de teatro, de histórias de mistérios, conversas na Argumento, caipirinhas no Hipódromo. Agradeço sua confiança. Tudo será inesquecível.

*Et voilà!*

## Resumo

Wellisch, Cecília Gusmão; Cardoso, Marília Rothier. **Rumor de Arquivo: Romance e Contágio. Rosário Fusco, c'est la vie!** Rio de Janeiro, 2013. 206p. Tese de Doutorado – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Rumor de Arquivo: Rosário Fusco, *c'est la vie!* encena por meio de arranjos, vozes e máquinas mediadoras, um trânsito entre *O Agressor*, obra de ficção de Rosário Fusco e a vida do escritor. Exploram-se, neste contexto, documentos de arquivo em torno do autor, especialmente inclinado ao recorte de cartas inéditas (e esparsas) - mantidas entre o mesmo e Mário de Andrade, de 1927 a 1940 - sempre a explorar e transformar privações, desvios, apagamentos, invariavelmente impostos à pesquisa biográfica, como nascedouro de invenções casadas com reflexões, acerca do objeto de pesquisa. Diante da ruína de arquivo, o autor, contaminado por sua personagem David, inscreve, no espaço ficcional, seu impulso desejanste. Busca, assim, refazer o rastro – ou resistir ao inevitável *mal* que apaga a memória – deixando um traço de verdade. Ao seguir os passos da Crítica Biográfica, *Rumor de Arquivo* funda um teatro de, usando expressões de Eneida Maria de Souza e, secundariamente, de Philippe Lejeune, “invenção e estetização da memória (...)”, mentindo-verdadeiramente.

## Palavras-Chave

Rosário Fusco; Romance; Crítica-biográfica; Arquivo; Correspondência; Gilles Deleuze & Félix Guattari; Devir; Rizoma; Aliança e Contágio.

## Abstract

Wellisch, Cecília Gusmão ; Cardoso, Marília Rothier (Advisor). **Rumor of archive: Rosário Fusco, c'est la vie!** Rio de Janeiro, 2013. 206p. Doctoral Thesis – Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Rumor de Arquivo: Rosário Fusco, c'est la vie! stages by means of arrangements, voices and mediatory machines, a transit among the fictional work *O Agressor* by Fusco and the author's life. In this context, the author's archival documents are explored, aiming specially in a collection of unknown (and sparse) letters, traded between the author and Mário de Andrade, from 1927 to 1940, with the intent to explore and transform privations, deviations, deletions, which are invariably imposed on biographical research, as a source of inventions related to reflections over the object of research and its subsequent manifestations. Rosário Fusco's aggressor impels DAVID, the aggressor, to an open scene, exposed, a denouncer of the mediating voices; Standard, already re-harmonize and altered in its irrepressible virus. Facing a form of archive fever, as a trail is craved, a sparkle of truth ignites in contrast with inherent and unconditional restrictions. Following in the footsteps of Biographical Criticism, Rumor of Archive establishes a theater, and employing the expressions of Eneida Maria de Souza and secondly Philippe Lejeune, "invention and aestheticization of memory (...)" truthfully-lies.

## Keywords

Rosário Fusco; Romance; Biographical Criticism; Archive; Letters; Gilles Deleuze & Felix Guattari; Becoming; Rhizome; Alliance and Contamination.

## Sumário

1.	Dois prelúdios para fuga	13
1.1.	Abertura	13
1.2.	Manual do leitor-montador	20
2.	Contágio (improviso livre)	23
3.	Rumor de arquivo	28
3.1.	Contratempo	28
4.	Destampando David (interlúdio)	102
5.	Devircolagem	107
5.1.	Devircolagem (understatement)	107
5.2.	Matilhas (coro à capela)	108
6.	Réquiem	115
7.	Referências Bibliográficas	136
8.	Anexos	142
8.1.	Cartas de Mário a Rosário	142
8.1.1.	Anexo 1 - “Aqui vai notícia da <i>Verde 2</i> ”	142
8.1.2.	Anexo 2 - “Rosario Fusco, vou lendo e secundando”	143
8.1.3.	Anexo 3 - “Piá Manguari”	145
8.1.4.	Anexo 4 - “Secundo logo”	147
8.1.5.	Anexo 5 - “Deixa de bancar o afobado, gente”	149
8.1.6.	Anexo 6 - “Recebi dando upas”	151
8.1.7.	Anexo 7 - “Numa coisa você tem razão”	153

8.1.8.	Anexo 8 - “Você carece de saber uma coisa importante”	159
8.1.9	Anexo 9 - “Vou escrever uma carta comprida”	162
8.1.10.	Anexo 10 - “O poema do Carlos é muito melhor”	170
8.2.	Entrevistas	176
8.2.1.	Anexo 11 - <i>Pasquim</i>	176
8.2.2.	Anexo 12 - <i>Inéditos</i>	183
8.3.	Conteúdo <i>Verde</i>	188
8.3.1.	Anexo 13 - <i>Janeiro</i> de Rosário Fusco	188
8.3.2.	Anexo 14 - “El vanguardismo en el Brasil”	189
8.3.3.	Anexo 15 - Nome do Mário com os anunciantes (engasgo)	191
8.3.4.	Anexo 16 - Mário de Andrade apresenta <i>Codaque</i>	192
8.3.5.	Anexo 17 - “Vitória-Régia”, de Mário de Andrade	193
8.3.6.	Anexo 18 - “Este verso vai molhado”, de Rosário Fusco	194
8.4.	Capas da <i>Verde</i>	195
8.4.1.	Anexo 19 - Capa <i>Verde</i> , Ano 1, nº5	195
8.4.2.	Anexo 20 - Capa <i>Verde</i> , Segunda fase, homenagem a Ascânio	196
8.5.	Outras cartas noutros livros sobre Verdes	201
8.5.1.	Anexo 21 - Mário a Carlos “Ascânio é tuberculoso, verdade?”	201
8.5.2.	Anexo 22 - Carlos a Mário “os rapazes me ofereceram editar um livro”	202
8.6.	Teatro experimental do negro	204
8.6.1.	Anexo 23 – <i>Auto da Noiva</i> , de Rosario Fusco	204
8.7.	Manifesto <i>Verde</i>	205
8.8.	Figura	206

## Lista de Figuras

Figura 1-	Marília Rothier Cardoso sendo mil platôs. Foto realizada com câmera de aparelho celular: Marília Rothier Cardoso em sala de aula, PUC-Rio, Edifício Leme, sala 216. Rio de Janeiro, 2010.	13
Figura 2-	Pina Maria Arnold Coco.	13
Figura 3-	Email Vai. Envio de mensagem eletrônica de Cecília Gusmão Wellisch a Rosário François Fusco.	14
Figura 4-	Email Vem. Resposta eletrônica de Rosário François Fusco a Cecília Gusmão Wellisch.	14
Figura 5-	O Colégio Moderno. Foto do Colégio Municipal de Cataguases. Local: Granjaria, Cataguases, MG, 2012.	14
Figura 6-	Na mesa do pai. Foto realizada com iPhone 4. Local: apartamento de Rosário François Fusco. Centro de Cataguases, MG, 2012.	15
Figura 7-	Monumento de Amílcar de Castro em homenagem a Humberto Mauro.	15
Figura 8-	Animal epidêmico. Composição: Foto e desenho em aplicativo de iPad (Penultimate).	27
Figura 9-	Cartaz do filme <i>David</i> , o caçula.	28
Figura 10-	Foto de Humberto Mauro.	28
Figura 11-	Máquina de escrever em contágio.	29
Figura 12-	Definição da palavra “Montagem”.	30
Figura 13-	Cartaz do filme <i>Thesouro perdido</i> , de Humberto Mauro.	34
Figura 14-	Na banqueta da Lopes Chaves.	40
Figura 15-	Gato de Janeiro.	42
Figura 16-	Quatorzevoltas.	42

Figura 17-	Fusco na moita.	42
Figura 18-	Piá Manguari. Foto de Rosário Fusco jovem.	55
Figura 19-	Careta. Mário de Andrade. Caricatura de Nássara. Nanquim sobre papel arroz.	82
Figura 20-	Trecho de entrevista de Fusco a Emediato.	99

“Estas latas têm que perder, por primeiro, todos os ranços (e artifícios) da indústria que as produziu. Segundamente, elas têm que adoecer na terra. Adoecer de ferrugem e casca. Finalmente, só depois de trinta e quatro anos elas merecerão de ser chão. Esse desmanche em natureza é doloroso e necessário se elas quiserem fazer parte da sociedade dos vermes. Depois desse desmanche em natureza, as latas podem até namorar com as borboletas. Isso é muito comum”.

Manuel de Barros

“Talvez eu pudesse continuar minha história, dar um fim e começar outra”.

Samuel Beckett

# 1 Dois Prelúdios para Fuga

## 1.1 Abertura

Enquanto varria o projeto reprocessado da tese, entre esquemas, plantas, cálculos, orçamentos provisórios; entre o abrir e fechar de livros, o seguir e abandonar metas; vetores movimentavam-se “entre” os territórios perpendiculares pelos quais transitava: Gilles Deleuze & Félix Guattari. A capacidade do contágio por estes agentes infecciosos intensificou meu impulso em atravessar zonas sobre um Rosário<sup>1</sup> a mais, agora Fusco – *O agressor*. Deleuze & Guattari, principais intercessores, chegaram a mim pela escuta: outra mediatrix, Marília Rothier Cardoso, apresentava *Mil Platôs*, enquanto *O agressor* pipocava até fora de mim. Após ler os “platôs” *Devir-Intenso*, *Devir-Animal*, *Devir-Imperceptível* e *Acerca do Ritornelo*, notei naquela “máquina a-significante”, cujo funcionamento eu desconhecia, reservas funcionais com as quais poderia operar na estratégia reflexiva em torno dos indícios ou “silhueta” do objeto de pesquisa, assim, bordas adesivas principiaram a aspiração. Deleuze & Guattari realizavam minha leitura de Rosário

Marília Rothier Cardoso



Sendo *Mil platôs*

Figura 1- Marília Rothier Cardoso sendo mil platôs. Foto realizada com câmera de aparelho celular: Marília Rothier Cardoso em sala de aula, PUC-Rio, Edifício Leme, sala 216. Rio de Janeiro, 2010. Fonte: Própria autoria.

“Talvez você consiga dizer melhor a verdade na ficção”.

Beijo, bon courage! (dizia a voz do lado oriental).



Pina MARIA Arnold Coco

Figura 2 - Pina Maria Arnold Coco. Fonte: Foto cedida pela mesma. Arquivo particular. Local: Café Severino, Livraria Argumento. S/d.

<sup>1</sup> Referência ao fato de, em meu mestrado, estudar a obra de Arthur Bispo do Rosário. A dissertação foi defendida em março de 2006, na PUC-Rio e tinha como título *A invenção de Bispo do Rosário*, orientada por Pina Maria Arnold Coco.

Fusco. E eu me fazia leitora “entre” todos. Clandestinidades rumorejavam no sopé de meus pressentimentos, como sopradas por um agressor, resultando em mim “um gosto perverso”. Afetada por agressores, invadi o jogo cênico para triangular a contradição em CONTÁGIO.

Para a infectologia, contágio é a transmissão de doença por contato direto ou indireto. Não encontrar saída, fora do âmbito desta experiência, foi a doença. Não havia retorno. O mal epidêmico ampliava-se, fazia contraponto entre escritas literárias (a de Fusco e a minha, com a dele engendrada), para dramatizar o “plano de consistência”, as seguidas “desterritorializações”, os movimentos de mudança por “contágio”. Disseminado em múltiplas direções estava o modo de dizer de CONTÁGIO e DEVIRCOLAGEM.

Febre alta foi o sintoma mais expressivo durante os três primeiros dias. Evidenciaram-se após os sintomas respiratórios por três a quatro dias. No décimo quinto dia de febre iniciaram-se delírios de procedimentos. Para Rosário Fusco dois ramos floríferos abriram-se: a correspondência com Mário de Andrade e o romance *O agressor*.

Iniciei a pesquisa buscando contato com Luiz Ruffato em um blog, sabendo de seu livro sobre o grupo *Verde*, fundado por Rosário Fusco. Ele respondeu prontamente e cedeu o endereço eletrônico de Núdia, neta de Rosário Fusco, que, também sem empecilhos, ofereceu o e-mail de seu pai Rosário Françaõis Fusco, com quem me respondi.

Em fevereiro de 2010 consegui marcar uma data para entrevistar Françaõis em Cataguases. Segui para lá

Françaõis,

Estou escrevendo mais uma vez, meio pisando em ovos, na esperança de que você não tenha respondido o meu e-mail anterior (enviado em setembro, acho), por não tê-lo recebido. Escrevo sobre seu pai e precisaria consultar os alfarrábios dele. Você deixa? Será que eu ainda recebo o seu saravá, mas um daqueles de receptividade, não aquele de "sai pra lá"? Espero por um saravá daí. Como ele vem?  
Cecilia.

Figura 3- Email Vai. Envio de mensagem eletrônica de Cecilia Gusmão Wellisch a Rosário Françaõis Fusco.

From: rosario francaõis fusco  
<rffusco3@hotmail.com>  
Date: 2010/5/5  
Subject: RE: Uma pesquisa sobre Fusco  
To: [ceciliagw@gmail.com](mailto:ceciliagw@gmail.com)

Saravás.  
Não há problema em vir a Cataguases. A receberei com satisfação. Peço apenas que me comunique com antecedência a data já que, a minha atual mulher reside em Ubá e pra lá vou em todos os finais de semana. Novos saravás.

Françaõis

Figura 4- Email Vem. Resposta eletrônica de Rosário Françaõis Fusco a Cecilia Gusmão Wellisch.



Colégio Municipal de Cataguases

Figura 5 - O Colégio Moderno. Foto do Colégio Municipal de Cataguases. Local: Granjaria, Cataguases, MG, 2012. Fonte: Própria autoria.

quase “no escuro”, tendo como acesso a ele, além do endereço eletrônico, apenas um número de celular. Entrei em contato na manhã seguinte à minha chegada, mas a empregada de François faltou ao trabalho. Precisaria esperar até o fim da tarde, quando ele voltaria de um passeio com filha menor.

Fui visitar a cidade. Fotografei o Colégio Cataguases, onde estudou e trabalhou Rosário Fusco; o Portal Humberto Mauro, projeto de Amilcar de Castro; o Painele da Djanira na Igreja Santa Rita de Cássia; as casas desenhadas por Oscar Niemeyer; até chegar o fim da tarde, quando François transferiu o encontro para o dia seguinte. Mais um dia esticado de fotos até o fim da tarde, quando, finalmente, ele me recebeu. Fiz a entrevista, vi as primeiras edições dos livros de Fusco, nenhuma foto, nenhuma carta. Lancei-me direto ao assunto, perguntei: “e as cartas?”. “Amanhã”, foi a resposta. Seria a terceira noite em Cataguases, sem bolsa de agência de fomento. Combinamos um encontro logo cedo: “Dez horas da manhã”, para xerocarmos o material.

Dia seguinte, François trouxe um pequeno calhamaço de papeis já xerocopiados a serem reproduzidos para mim em uma máquina de xerox bem rudimentar na papelaria próxima. Segundo ele, não havia copiadora melhor na cidade.

---

Rosário François Fusco

---



Figura 6 - Na mesa do pai. Foto realizada com iPhone 4. Local: apartamento de Rosário François Fusco. Centro de Cataguases, MG, 2012.

---

Maria Continentino, bisneta de Múcio, citado por Rosário Fusco.

---

Portal Humberto Mauro




---

Figura 7- Monumento de Amilcar de Castro em homenagem a Humberto Mauro.  
Fonte: Própria autoria.

As reproduções estavam apagadas. Muito apagadas. François foi gentilíssimo. Acompanhou-me, guardando debaixo do braço, na pasta amarela canelada de elástico esgarçado, suas cópias invisíveis. Seguíamos pela rua vizinha a seu apartamento, debaixo de sol forte, até a papelaria barata. Ele é jovem, falante, disponível, manca um pouco (acidente de moto). As cópias lamentáveis saíram quentes como pão de forno para as minhas pastas desejantes.

Percebi a parcimônia do material, em contraste com a polidez de seu gesto. Resignada, em posse do que me coube, abracei-o, beijei a testa da neta de Rosário Fusco, agradei e parti. Acompanhou-me na viagem Maria Continentino, cuja ligação com esta história revelar-se-á nas próximas linhas. Não voltei para casa. Fui para Ouro Preto. Chegando na cidade pedra sabão, sentei em um restaurante com minha lupa, “li” as cartas apagadas e não sabia o que sentir. Não havia nelas aparentemente qualquer menção à fase de elaboração do romance *O agressor*, mas sim ao tempo em que Rosário Fusco fundou a Revista *Verde* (1927 a 1929) e este era o fio estirado na direção da tripulação a bordo. Descobri em um relato de Fusco que a aeronauta de carona, era bisneta de Múcio Continentino, um dos primeiros assinantes da Revista *Verde*, capítulo importante para a história do modernismo brasileiro. Coisas dessa natureza estimulam a imaginação de passagem para o jogo, certamente.

Ao lado da linha de ligação havia, a contrapelo, um impasse: o apagamento das cartas, que por sua vez figurava a restrição de acesso ao acervo de Rosário Fusco, embora as cópias marcassem, em certo grau, o alcance de uma negociação, em todo caso, bem sucedida. Esquadrinhei as peculiaridades daquele vazio com seu impasse, chegando à conclusão de que tal contingência aproximava-se mais da fortuna do que da fatalidade, porque explicitava amplo paradoxo: o pacto com a verdade em tensão com sua “condição de impossibilidade”; o caráter intocável das impressões deixadas pelos rastros da história de uma vida e a irrefreável perseguição de representação, de remontagem (sobrepota), cujo resultado jamais será o “original”, porque sempre seremos permanentemente, presentes ou espectrais, construções em devir, disseminações, ficções.

Enfim, segui o rastro da desconstrução radical com uma linha na mão e a pilha de cartas, livros, vozes na mesa. Não recuei, assumi o risco do “apagamento”, instalei-o como ponto de convergência da concepção e da argumentação teórica da tese: a história de uma vida não se remonta senão por superposições de vestígios conformes; silhuetas hipotéticas identificáveis, em parte; meu trabalho seria o de explorar o campo das versões de verdade.

Em suas multiplicidades, os textos e os assuntos utilizados aqui possuem sons que vão do árduo, seco, repetido, severo, negativo, alegre, suave, preso, solto, fatigado, falso, intensivo, metálico, livre, harmonioso, vibrado, ao silêncio perturbador. Há o discurso ficcional, o poético, o acadêmico duro maleável e mesmo crítico do tipo que pede explicação. A polifonia acompanha o compasso intertextual, como um corpo de bailarinos que cruzasse o palco ombro a ombro, em bloco, abraçados, colados, cúmplices irmãos.

Trabalhar uma linguagem “contra-acadêmica”, assumi-la por meio de vozes também acadêmicas de modo a estabelecer uma partitura musical, depende de um esforço de modulação. Deste esforço sobrevém a linguagem experimental. Falo em “esforço” porque a escrita, como se diz, é um fluxo em devir. Deleuze (1992, p.16) diz na sua Carta a um Crítico Severo, que o *anti-Édipo*, ainda preso ao aparato do saber, é bem acadêmico, bem comportado, mas *Mil Platôs* é algo diferente em termos de linguagem e de pensamento (*Idem*, p. 18). Ouvi e modulei minha voz a partituras das vozes de Deleuze & Guattari, Mário de Andrade, Rosário Fusco. A emergência de vozes em polifonia, resultante de vetores sonoros que compõem uma partitura musical.

Apresento a PARTITURA no lugar de um Sumário como planejamento de uma máquina vocal. CONTÁGIO é um Improviso Livre, em que ação e reação encenam o contágio, desfazendo o parágrafo “acorde” e privilegiando a variação do tema e da melodia. Gesto performático, CONTÁGIO é a minha voz grafada, interagindo (em improviso) com os demais instrumentos de corda e sopro da pesquisa.

CONTRATEMPO é o gesto dêitico indicial do discurso de quem aponta, desenha com o dedo indicador a sugestão do visível, as aparições espectrais

surpreendidas em assalto, na ação. A personagem escritor e/ou autor quer ver, descobre, sugere, presencia e valida o ato como testemunha ocular. Esse capítulo desenvolve, entre a imaginação e os traços de verdade, a linha de montagem da *mystory*<sup>2</sup> (mistério e história) de Rosário Fusco, por isso mesmo, o ponto de abertura recai em seu contato com Humberto Mauro e suas invenções, para adiante contar a fase de fundação da revista *Verde*, momento em que se inicia a correspondência entre Fusco e Mário de Andrade. Com este último Fusco manterá uma relação sensível de amizade que se aprofunda e sua formação vai se revelando entre cartas “de verdade”, de “meias verdades” e “de suposto”. O leitor será sinalizado sobre tais atribuições em notações (pés de página não necessariamente ao pé da página), com as marcas de “LADO A”: para cartas a que se imputa valor de verdade; “LADO B” para cartas “de suposto” (inventadas) e “LADO A/B” para cartas muito apagadas, mas quase possíveis de ler, e que, portanto, li. Outra marcação utilizada é a mudança de cor da fonte para a entrada de todas as cartas, sem distinção, que passará de “preto” para “cinza escuro”. Assim sendo, convido você, leitor, a ensaiar o jogo de montagem, testando você mesmo combinações de verdades difundidas. O capítulo CONTRATEMPO silencia a voz pronominal de segunda pessoa quando *Verde* perde o viço. A amizade bonita de Mário e Fusco, contudo, não amarela nem apodrece, estende-se ao longo dos tempos, até a morte prematura de Mário de Andrade.

RUMOR DE ARQUIVO (linha de fuga) lança Rosário Fusco delirante, como que em conversa com Mário de Andrade, implicado em jogos de relação com os seus discursos e contaminando-se deles e confrontando-se com os mesmos. A construção do capítulo recebe interferências de minhas falas absorvidas às falas de Rosário Fusco, que se deslocam da juventude à velhice, não mais como linha de continuidade do ser, mas simultaneamente de devir, repetição em diferença. O material de arquivo e pesquisa bibliográfica utilizado para a forja da estrutura textual foi: correspondência de Rosário Fusco e Mário de Andrade (1927 – 1940), entrevista cedida por Rosário Fusco ao jornal *Pasquim* (1976), entrevista concedida a Luiz Fernando Emediato para a revista *Inéditos*, de Belo

---

<sup>2</sup> Cf. DERRIDA, 2012, p. 55. Expressão utilizada por Jacques Derrida em entrevista. O tradutor explica em nota de rodapé (nº38): “*Mystory*”, *palavra-valise*, em inglês que junta “*mystery*”, “mistério” e “*story*”, ou “*history*” “estória” ou “história”. (N.T.).

Horizonte (1976), trechos de *O agressor*, trechos de *Política e Letras*, ambos de Fusco; e dados de entrevista a mim concedida por Rosário François Fusco (filho do autor).

DESTAMPANDO DAVID é a indispensável apresentação do livro *O agressor* de Rosário Fusco. *Standard*<sup>3</sup> por ser um tema, já re-harmonizado e alterado em sua potência refreada. DESTAMPANDO DAVID impele o agressor à cena.

DEVIRCOLAGEM se apropria dos conceitos e modo de pensar de Gilles Deleuze & Félix Guattari, articulados com *O agressor* de Rosário Fusco, fazendo de minha escrita evidência de contágio. DEVIRCOLAGEM resulta de um experimento paralelo à ficção do romancista brasileiro e à enunciação filosófica dos franceses. *Understatement* ocorre quando Keith Jarrett, por exemplo, improvisa sem partir propriamente de uma origem. Ele deixa de tocar ou decompõe um *standard*, deixando implícita a sugestão do tema, e potencializa o discurso musical em frases não articuladas. DEVIRCOLAGEM um *understatement*<sup>4</sup> marca o essencial, rapta todos os discursos e planeia outro discurso, o musical, a colagem, quem sabe “um pensamento do pensamento” (Deleuze, 2007, p.213, VI.5)

“Matilhas: com a intensidade do silêncio” é um subitem de DEVIRCOLAGEM. Entroniza a encenação dos grupos de observadores no romance de Rosário Fusco, em mútua intercessão com *O Processo* de Orson Welles, adaptação de Franz Kafka, feita por Harold Pinter. Coro, pois, lotes de “montadores” e suas imagens de conjugação de diferentes imagens de “paredões do juízo”, para usar expressão de Deleuze em *Crítica e Clínica*:

Eis o essencial do juízo: a existência recortada em lotes, os afectos distribuídos em lotes são referidos a formas superiores (é o tema constante em Nietzsche ou em Lawrence: denunciar essa pretensão de ‘julgar’ a vida em nome de valores superiores). Os homens julgam à medida em que avaliam seu próprio lote e são julgados na medida que uma forma confirme ou destitua sua pretensão (...) Os grupos que tanto se interessam pelo sonho, psicanálise ou surrealismo,

---

<sup>3</sup> Padrão.

<sup>4</sup> Quando, em um improviso, as notas e a base melódica de uma composição musical são apenas sugeridas, subtendidas, em meio à composição de outro espaço e discurso sonoros.

prontificam-se também na realidade a formar tribunais que julgam e punem: repugnante mania, freqüente entre os sonhadores. (Deleuze, 2004, p.146-147).

O texto se desdobra fazendo conexão entre o pensamento de Gilles Deleuze, no texto “Para dar um fim ao Juízo”, no livro *Crítica e Clínica*, e as questões sobre o Juízo espreitadas em Fusco, Welles e Kafka. A velocidade do silêncio possui uma potência imensa de desterritorialização. Do vazio silêncio arroja-se a música, não por meio de um criador, mas como o fogo desperto do atrito prestes a tirar fagulha de um lápis – impulso de inventividade produzido de forma idêntica por chaves de um instrumento, um filme do aparelho óptico, um artista mediador, um leitor.

RÉQUIEM acompanha Rosário Fusco em sua decadência, seu “fim de partida<sup>5</sup>”, por isso lanço mão de discursos que sobrevivem um ao outro de maneira descontinuada, como uma máquina que se despedaça. O capítulo, mescla da voz da autora com a voz de Rosário Fusco, apropriando-se dos seguintes textos: Correspondência de com Mário de Andrade; trechos das entrevistas de Ronaldo Werneck e Joaquim Branco<sup>6</sup>; para o *Pasquim* e de Luiz Fernando Emediato, para a revista *Inéditos*, ambas concedidas pelo autor antes de falecer; e, finalmente, os livros *Política e letras [sic]* e *O agressor*, ambos de Fusco.

## 1.2 Manual do leitor-montador

1. A tese foi redigida conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, hoje suspenso, porém, vigente no período deste doutoramento.

<sup>5</sup> *Fin de partie*, peça de Samuel Beckett: “o fim está no começo e no entanto continua-se” (BECKETT, 2010, p.113).

<sup>6</sup> O conteúdo da entrevista de Luís Fernando Emediato coincide com o da entrevista de Ronaldo Werneck e Joaquim Branco. Cf. Anexo 11 e Anexo 12, respectivamente.

2. Algumas abreviaturas identificadoras de nomes de Autores serão utilizadas nas notas rodapé, com as respectivas iniciais: Rosário Fusco – RF, Mário de Andrade – MA, Carlos Drummond de Andrade – CDA.
3. Lembre-se, leitor, de que os escritores, aqui apresentados, foram alfabetizados segundo a convenção gramatical vigente desde 1911, que estabeleceu a cisão entre a ortografia portuguesa e a ortografia brasileira. A primeira reforma ortográfica brasileira ocorreu em 1931, portanto, os autores revelam traços característicos da ortografia anterior ao acordo de 1931, do período de transição e do período posterior ao mesmo.
4. As cartas de Mário de Andrade, digitalizadas, não sofreram ajustes ortográficos e gramaticais, inclusive no tocante à acentuação, com a finalidade de respeitar as marcas de seu projeto de abasileiramento da linguagem estendido à correspondência, salvo em casos especiais. Optei por revelar as inadequações gramaticais do modo como se apresentam, tanto por reputar a curiosidade da ocorrência (em se tratando de Mário de Andrade), quanto por encontrar em tal ocorrência um ingrediente a mais ao vigor natural da intimidade cartedeira dos correspondentes. Portanto, não espere, leitor, o sinal “[sic]” previsto pelas normas técnicas da ABNT, para tudo o que julgue inadequado às normas gramaticais, caso contrário, esta tese ficaria tão pintada quanto gato malhado.
5. Um dos casos mais frequentes de inadequação à norma gramatical – vale observar – é o uso do acento agudo no lugar do acento grave como marcação gráfica de crase.
6. Mário de Andrade, como já é de conhecimento público, foi um missivista incansável. Diariamente escrevia a seus destinatários, mais que grande quantidade, longas cartas, deixando escapar uma série de inadequações gramaticais. Para responder a todos com disciplina e livrar-se da responsabilidade sobre eventuais “falhas”, costumava escrever no topo da página a frase “Não releio”, portanto, ao encontrar – no início ou no fim das cartas – a frase solta “não releio”, entenda como: “aceite-a sem queixar-se dos erros”.

7. O grupo de jovens escritores da Revista *Verde* esforçou-se por empregar os princípios linguísticos modernos de Mário de Andrade, porém, neste caso, interferi “modulando” a ortografia e atualizando a gramática, para tornar os textos mais comunicáveis. No caso de Rosário Fusco, manteve especialmente o uso de “si” no lugar de “se”; a suspensão da acentuação de modo geral, com ênfase nos nomes “Mário” e “Rosário” e os sinais de oralidade interioranos, “forçando a nota” de sua incontornável assimilação.
8. O leitor terá a satisfação de conhecer o modo íntimo de dizer de Mário de Andrade, pela apresentação tanto dos documentos legíveis quanto de cartas “invisíveis”, apresentadas ao leitor num esforço combinado de decifração, de pesquisa e de invenção.
9. Como já foi mencionado, o critério de distinção entre as cartas “de verdade”, de “meias verdades” e “de suposto” é o seguinte:
  - a) A identificação de LADO A para cartas “de verdade”.
  - b) LADO B para cartas de “de suposto”; as inventadas.
  - c) LADO A/B para cartas de “meias verdades”, as ilegíveis ou quase ilegíveis.
  - d) A fonte foi alterada para o tipo *Courier New* e cor cinza escuro.
10. No capítulo RÉQUIEM, o delírio do “personagem” Rosário Fusco desagregará espaço, tempo, ordem do pensamento. A consequência formal assumida para este fato será a radicalização do discurso sampleado<sup>7</sup>. Portanto, conforme a expansão do caos, mais a apropriação se exhibirá, abrindo mão das fronteiras autorais, dentro do possível.

---

<sup>7</sup> Segundo o Dicionário Houaiss, “samplear” significa: montar (composição ou arranjo musical) com uso desse instrumento. Cf. *In*: HOUAISS, 2009.  
Ex.: *s. trechos de árias famosas em ritmo de rock.*

## 2

### Contágio (improvisado livre)

Entrou a noite. Pode ser dia, mas entrou a noite. Não se pode enxergar precisamente, apenas com a luz dos olhos, aquela luz de assentar o indefinido por acomodação. Há ao longe uma enorme poltrona velha aveludada; sinto o macio e o áspero só de olhar. Nada se senta à poltrona velha macia áspera, cuja noite apaga. Não sento ali. Estou velando. Não ouço uma voz, nem som de bicho algum. Um miado nem. Sinto um peso tão forte no peito como deve sentir um cardíaco. Não vou morrer. Devo empedrar, sendo assim, passo a mineral e deixo os musgos tornarem minha superfície macia como a pele da poltrona velha aveludada. Sou pedra, mas posso pisar. Sinto o chão úmido. Assim, se for cautelosa, posso mudar de posição, avançar até. Peso de medo de ir mais para ali. Arrasto os pés, porque peso e porque é noite, não estou segura do espaço. Temo a operação e há duas linhas abaixo das folhas secas, onde insetos aplicam-me picadas, provocando-me certa reação descontrolada, certa expectativa de tocar inadvertidamente algo repugnante. Duas linhas sempre levam a algum lugar. Não vou pular linha alguma. Finjo pular, mas não vou. Preciso chegar bem perto da poltrona cada vez mais velha vermelha violácea. Suo nas mãos porque a pressão no peito me faz respirar mais intensamente, nem sei mais respirar e meu pulmão é meu coração, nada os difere. Não serei anterior, nem posterior, andarei entre as linhas como houvesse para mim um trecho, um isolamento. O primeiro passo em direção ao meu objetivo resulta em algo misterioso – pula sobre as costas da poltrona um gato já quase branco não fosse a pequena máscara até as orelhas e a senha da ponta do rabo ainda negras. Rabo pendente como se perguntasse. Posso tirar do meu pulmão um livro aos pedaços para ver dali o gato projetar-se na poltrona; daí derramo sangue. Ora, arranquei meu coração. Preciso encostar para sangrar um pouco. Os meus pés estão mergulhados em uma poça do meu sangue. Devo desmaiar agora, mas não. Sou de pedra. Corto o cordão do chão? Corto. De nada me valem duas linhas de contenção, afinal, liquido. Amarro o coração como se fazem amarrações em sacos; jogo o coração dentro do pulmão e ato com uma linha só para serem mesmo assim. Costurada, procuro sublinhado no livro uma

passagem esclarecedora, contudo, não leio no escuro, consigo somente molhar as páginas. Não importa, vão secar. Vou mais para lá, pressão baixa, acelerada, sem respirar. Quero água. Nada. Por que vou para lá? Não posso voltar. Amarrei a linha em meu pulmão, que coração é, e agora estou atada. Passo para lá. Respiração quase nenhuma pede inação. Posso puxar o corpo se deitar. Não posso deitar. Sento. Para o que serve tanto corpo se não posso respirar? Poderia arrancar os órgãos e amarrá-los ao correr da linha, para chegar a tempo de não perder a poltrona de vista; o olho ficaria à ponta. Não saberia amarrar o olho sem furá-lo, tão escorregadio... Mas, as unhas, se não quebrarem podem alcançar. Nunca imaginei que pudesse puxar com firmeza as unhas e trazê-las como uma tampa de estojo para fora da carne. Espantoso. Aumento a extensão de meu corpo em até cinco centímetros. Cravo oito unhas no chão e puxo. Dói! Claro, é preciso impulso. Avanço agora por impulso umas dez unhas. Meu fígado caiu por terra com os rins. Água? Começo a inchar bem devagar e fico leve feito um balão. Posso tatear o chão para encontrar os meus pedaços, então, a unha do indicador levanta o fígado no alto, um prêmio. Poderia atirá-lo no gato. Não seria mal manchá-lo. Adoro a cor vermelha, mas perderia o contraste. Quer, leitor, atirá-lo longe, o meu fígado? Mordê-lo? Dilacerá-lo? Faça-o por mim, já nada importa. Não se pode, contudo, macular a poltrona. Quero vê-la ainda. Levo o fígado preso à unha. Pelo faro sinto os rins boiando na poça de sangue mais atrás, deixo para lá, prefiro inflar. Um som fininho passa tão suave em meus ouvidos... Será a voz silenciada? Preciso ouvi-la a última vez. Mosca, a mosca é a nossa música. Trago as pernas bem junto ao corpo. Pernas são alavancas, por isso, ergo-me com a carne trêmula, tão trêmula que perco uma esfera ótica. Não! Sem os olhos não posso seguir! A tremedeira segue. Agora choro, choro muito e um tempo enorme se perde nisso de chorar. Molho o chão, saio derrapando. Tremo choro derrapo. Derrapo. Lavo o sangue, boia o livro despencado e as lágrimas vão molhar os pés da poltrona apagada pela noite. O tremor da minha carne balança um lago feito de lágrimas, cujas marolas levam o meu olho perdido para debaixo da poltrona. De saudades o olho perdido ficou por lá à deriva e o gato brinca com ele delicadamente. Olho bolinha. Ajoelho. De gatinhos prossigo com as mãos em concha à cata do olho brinquedo. Ele está na direção em que vou. Liquidada, agarro-me na linha ao lado, bem estendida. Ela me serve de raia, mas ao toque

elimina vigorosa descarga elétrica, entrando, por isso, o meu corpo em choque. Não posso mais. Giro a cabeça para fixar o olho preso ao corpo na direção da poltrona, mas ela não está lá. Vejo somente o gato brincando com meu olho. Imagino que um olho exija a presença do outro, portanto, se retomar o olho perdido, convirja para a poltrona, afinal. Estou queimada do choque. Meus ossos abatidos rasgam de dor a minha carne corrugada. Ardo e volto a inchar. O nível do lago chorado começa a baixar, talvez pelo inchaço do corpo, talvez por esgotamento. Torno a erguer o corpo, vou chegar. Lanço-me inteira sobre o gato, alçando seu rabo duvidoso. Ele grita não sei se por dor ou pelo horror em ver a pele espatifar-se inteira no chão e, quando a pele estoura, o olho caído estoura também. Sobram nervos sensitivos. Agarrada ao rabo do gato, minha carne é por ele levada docemente a uma superfície tenra. Chego lá. Estou parte no chão, membros superiores estendidos sobre os braços da poltrona, unhas tocando o gato, fígado sobre os ombros, rosto sem um olho largado no colo do assento. Queria ouvir, mas não se diz palavra, nem um canto, nem nada. Silêncio há. De longe esse corpo parecia de vida, mas está livre. O vermelho era violáceo. Deposito o pulmão sobre o assento ao lado do meu rosto, deixo o velho macio áspero do tecido aderir a minha carne; pouco a pouco tenho um manto para continuar. Assim, remonta-se um corpo novo depois de liquidado. De outro contexto celular devo arriscar novos passos, tenho nervos sensitivos agarrados às partes esfaceladas do livro guardado. Reúno as folhas em cadernos e costuro-as com a linha elétrica do chão a partir do dorso. Encontro a capa sob o gato e o amarro pela mesma junto ao todo, e tudo será recoberto pelo manto novo em que me *transubstanciei*. Sou o corpo preso ao todo aveludado. Arrasto minha pata em ponta à primeira palavra no cubículo de DAVID, o som sinal, o ruído de vida no fundo do fundo. Torço o rabo do gato, de interrogação à vírgula, o rabo resiste a minha voz meio humana retalhando o escrito: “a necessidade de transformar-se em VIDA, que DAVID sentia”. O que é DAVID, senão, a palavra VIDA em movimento circular contido <=> incontido? Assim sendo, mova leitor, as letras do anagrama DAVID. Dois pilares “D”, passagem ao movimento celular produtor de uma nota vocálica. A letra “D” inicial e final mantém e articula a circularidade da potência intensiva em um corpo encarcerado, corpo pronto para o estímulo que o destampe. DaviD do homem à condição de centelha. Tudo o que pode ser.

Daqui a 25 linhas, novo capítulo, novo passo sorrateiro, de modo que não desperte a cena. Haverá um moço de 17 anos lendo um conto de Edgar Allan Poe, vocês notarão o livro aberto, pelo desenho dos colchetes: capa, texto, contracapa. Um chamado fará o moço transportar-se da leitura à compra de uma barra de sabão. Da mercearia para casa, ele percebe um amigo pescando no rio Meia Pataca. Decide perturbar e “taca” a barra de sabão na cabeça do menino pescando. Se contorce de rir antes de saber se havia graça. Vai ao rio pedir desculpas e é ignorado. Não sabe o que fazer. Improvisa uma vara de bambu com linha e anzol da caixa de pesca do amigo e se junta ao silêncio dele para fazer as pazes.

Os dois personagens estarão pescando no momento de nossa entrada; eles não podem nos ver. O moço concentrado será afastado; o outro estará em trânsito, disperso pela leitura interrompida; este será nosso alvo e será fustigado por nossos passos, nossos olhos, nossos modos sintomáticos de perseguir espectros com olhos postos por trás da fechadura, como sombras. Podemos surgir e desaparecer, transmutar, provocar, reordenar, refazer, como um deus. Seremos nós, leitores como ele, o olho indicador, a tela de retina, a entrada. Seremos, para aqui, máquina de invenção recíproca. Acomodem-se em suas poltronas de veludo, pois, agora iremossss

S

S

A

L

T

A

R  
 [... respondeu uma voz de dentro do túmulo, um gemido a princípio velado e entrecortado, como o soluçar de uma criança, que depois rapidamente se avolumou num grito prolongado, alto e contínuo, extremamente anormal e inumano, um urro, um guincho lamentoso, meio de horror e meio de triunfo, como só do inferno se poderia erguer, a um só tempo, das gargantas dos danados em sua agonia e dos demônios exultantes na danação (...) O cadáver, já grandemente decomposto e manchado de coágulos de sangue, erguia-se ereto aos olhos dos espectadores. Sobre sua cabeça, com a boca vermelha escancarada e o ígneo olho solitário, estava assentado o horrendo animal, cuja astúcia me induzira ao crime e cuja voz delatora havia apontado o carrasco. Eu havia emparedado o monstro no túmulo!”<sup>8</sup>]

Antes de os olhos dele passarem pela frase: “o monstro no túmulo”, sua mãe grita frase sobreposta: “Rosário! Vai comprar sabão!”. Ele vai. Nossa ação aqui inicia. Somos vozes em sussurro, o sopro.



Figura 8- Animal epidêmico.  
 Composição: Foto e desenho em aplicativo de iPad (Penultimate).  
 Fonte: Própria autoria, 2013.

<sup>8</sup> POE, 2008, p.79.

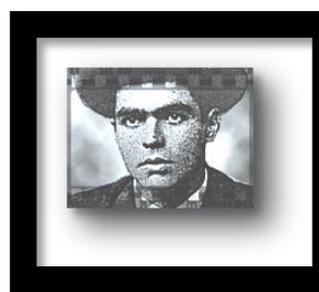
### 3 Rumor de Arquivo

#### 3.1 Contratempo

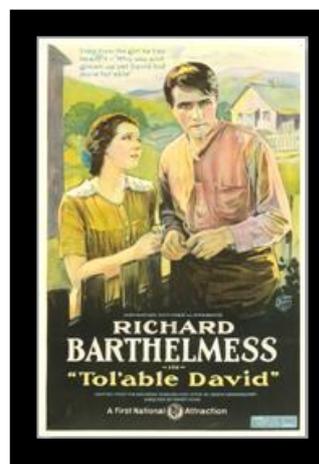
Seus pés imergem no rio Meia Pataca esfumado no fundo de um vale mineiro. Registros das coisas, traços de memória investem no bulbo de toda a sua vida em direção ao presente, passado, futuro. O nome do rio corta a sua cidade ao meio. Nome, metade; rio, transbordamento. O rio que transborda contém o fluxo da cidade. À beira do rio você testa coragem sem pressentir torrentes de covardia. Há no rio do seu banho um pensamento de refreio com a contraparte ambiciosa de crescer além das margens. Não se sabe qual parte condiciona seus desvios. Você não cuida de riscos. É menino, quer ser grande na vida, quer ser grande e “ficar”. E onde suas mãos?

Você cresceu na beira d'água, carregado dentro da trouxa de roupas de sua mãe, Auta, a lavadeira. O nome dela aparece, depois daqui, somente uma vez. Seu nome é Rosário Fusco de Souza Guerra, menino sem pai; ele morreu antes de seu nascimento, em 19 de julho de 1910, em São Geraldo, Minas Gerais. Cataguases é a cidade cortada pelo ribeirão Meia Pataca. Quem se banha nesse rio sempre para ele vai voltar.

Silêncio. Você está pescando ao lado de Zé Mauro, amigo seu desde os tempos da Escola Maternal



Humberto Mauro



*David, o caçula*

Figura 9- Cartaz do filme *David, o caçula*. Fonte: <http://filmescopio.amplarede.com.br/wp-content/uploads/TolableDavid.jpg>

Figura 10- Foto de Humberto Mauro. Fonte: <http://www.studium.iar.unicamp.br/seis/Mauro/mauro.jpg>.

das Freiras, agora tem, ele, quinze anos; dezessete, você. O irmão de Zé Mauro é inventor de um radiotelégrafo sem fio. Mauro é o nome dele também. Humberto Mauro é como se chama o inventor, que deixa você escutar ondas sonoras com um fone enorme enganchado nos ouvidos. Você sabe o que é onda sonora, por isso, está em silêncio diante da linha amarrada na vara de bambu improvisada. E no silêncio você planeja histórias.

Humberto iniciou as invenções estudando por carta. Vinha de Montevideú um pacote com o curso de eletricidade (em espanhol) com a promessa de fazer dele especialista em bondes elétricos. No lugar de bondes ele projetou a máquina de fazer filmes de cinema, como fizeram antes os irmãos Lumière, da França. No Brasil, pioneiro nisso foi o cataguasense Humberto Mauro. Por ser amigo do Zé, Humberto deixa você fuçar tudo o que ele faz e aceita sua presença com confiança. Em Cataguases há luz elétrica desde 1908, quando o cinema chegou à cidade. O primeiro filme de sua memória tem como título *David, o caçula*, foi Humberto quem fez você ver. Depois criticou: “esse filme é muito ruim. Vou fazer um melhor”. E fez *Valadião, o cratera*, seu primeiro filme.

Em 1926 a cidade de Cataguases assistiu a exibição do primeiro longa metragem de Humberto intitulado *Primavera da vida*. Cataguases recebe gente de toda parte para conhecer a Phebo Sul America Film, indústria cinematográfica fundada por ele e Pedro Comello, o egípcio que ensinou tudo sobre filmagem ao inventor. Um dia o aluno vai superar o mestre, por sorte!

Você está com uma vara de pescar na mão em silêncio, pensando assim: “O cinematógrafo é uma máquina de contar histórias; a mecânica da máquina datilográfica roda histórias também. Cada máquina imprime de um jeito as



A máquina datilográfica é um instrumento mecânico ou eletromecânico com teclas que, quando premidas, fazem impressão de caracteres em um documento, em geral de papel.

Manuseio:

1. Levante a guia de papel e coloque uma folha atrás do rolo.
2. Role o papel para o lugar.
3. Pressione o botão na extremidade do cilindro para soltar o papel e fazer pequenos ajustes.
4. Ajuste o papel e pressione o botão novamente para apertar o rolo.
5. Defina o espaçamento entre linhas com a alavanca acima das letras ou o atrás do rolo.
6. Coloque as mãos sobre as teclas, com os dedos indicadores sobre as teclas F e J e seus dedos mínimos sobre as teclas A e vírgula.
7. Digite precisamente e deliberadamente até ouvir o sino da margem (se houver um) . [http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1quina\\_de\\_escrever](http://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A1quina_de_escrever).

Figura 11- Máquina de escrever em contágio. Fonte: Arquivo pessoal.

invenções. O cinematógrafo capta e projeta as imagens na tela. Quem inventa um conto, imagina e sugere imagens com a linguagem impressa no papel. O rolo de borracha roda onde se coloca o papel para escrever. No manuscrito, gira a caneta pela caligrafia do escritor; é de papel a tela do escritor...”.

Você entende como o Humberto faz os filmes. Quer dizer isso para o Zé, ele, contudo, ergue o dedo indicador diante dos lábios: “psiu, cala a boca aí”. Dá vontade de falar mudo, como no cinema; contar com os gestos a cena da jaca em *Primavera da vida*. No filme, uma jaca precisava cair na cabeça do herói na hora do beijo ansiado, *happyend*. O Humberto teve a ideia de filmar tudo ao contrário, para criar o efeito da jaca se esborrachando na cabeça do Julio Ruffo, sem machucar o ator. Ele filmou a cena na jaqueira do quintal de casa, rua Alferes Henrique de Azevedo, atrás da Igreja. Você catou a jaca podre e a jaca boa, atuou para o mecanismo funcionar. Lá estavam suas mãos, somando para a história do cinema! Você subiu na jaqueira, ficou lá em cima com a fruta presa em arame e corda à espera da hora exata em que o herói beijava a mocinha (Eva Nill). Primeiro o Humberto filmava a jaca espatifada na cabeça do Julio; depois ele filmava a fruta subindo. Você puxava a corda com a jaca pendurada. No final, retrocediam a imagem da fita e, assistindo ao filme, parecia mesmo que a coisa despencava pesado na cabeça do ator.

No cinema, o montador é o inventor da fita, ele pode tudo, roda histórias de frente para trás, recorta, troca de lugar, filma de trás para frente. O ator só precisa refazer e refazer. Cinema é a arte da “edição”. Quem escreve, edita também: rabisca, rasura, rasga pedaços de papel, reescreve várias vezes, corta trechos e depois cola noutra lugar, sua professora alemã faz isso. No teatro, já não funciona desse modo. Teatro é arte do presente; tudo morre no instante seguinte à ação, como na vida.

---

*Edição ou montagem em cinema, segundo o Dicionário Houaiss Eletrônico:*

---

- 1 junção das peças ou partes de quaisquer maquinismos ou dispositivos
  - 2 **Rubrica:** cinema. processo pelo qual o montador seleciona e une as cenas filmadas na sequência desejada para exibição
- 

Figura 12-  
Definição da  
palavra  
“Montagem”.  
Fonte:  
Dicionário  
Eletrônico  
Houaiss da  
Língua  
Portuguesa.  
Instituto Antonio  
Houaiss. Rio de  
Janeiro: Editora  
Objetiva, 2009.

Quem faz cinema, manda o rolo de película para qualquer parte do Brasil e do mundo. Do mesmo modo, as revistas, os livros, os jornais, são enviados por correio a qualquer parte. Você está planejando um modo de fazer suas histórias partirem de Cataguases para a escrivania de gente importante em São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, ou qualquer outro rumo, bem como vão os filmes do Humberto. Você olha a linha dentro d'água ligada na vara de pescar e, esta, ligada às suas próprias mãos diretoras do movimento, como fora na jaqueira. Linhas ligadas umas às outras. Linhas infinitas. Você repara no ramo de ligações da jaqueira, na propagação das ondas sonoras, na linha de contorno das palavras manuscritas, como os desenhos, tudo passando por tramas de ligações. Tanto pensamento alinhado nisso que você puxa a vara de pescar de dentro d'água e mergulha você mesmo no rio. O Zé se cansa de tanto movimento, retira a linha dele para pescar longe dali. Ele acha que poeta não serve para as coisas experientes da vida. Pescar é coisa de homem prático “nunpescumascucênan”.

Dentro do rio meia-pataca infiltra-se o menino inteiro inventando caminhos anfíbios. A imagem da configuração física se dilui pela densidade líquida, virado em pigmento de transparências vegetais de através. Confluente das profundezas, a materialidade transparece. Sinta, menino, no fundo do fundo, a vibração das frequências dentro de seu ouvido. As conchas, as pedras roladas do rio dizem notas sonoras para revelarem-se à margem. “Vem menino! As pedras dentro do rio da sua infância são fonéticas e metamórficas, em desordem desvairada. Traga as pedras pré-históricas e ao pé de nosso encontro uniremos a natureza vocálica destas com outras consoantes! Sou a voz do decalque<sup>9</sup>!”.

Vem você para a borda, abraçado com pedras do fundo do rio. Seus quinze anos espichados em um corpo firme, truncado, magro hesita com o trânsito de algo entre as pernas negras. Um gato branco e preto entrança-se nas suas passadas, ronronando contratempos, sondando a matemática combinatória do movimento; os ruídos e as filiações propícias a depósitos bailarinos a que se inicia você. O jogo felino o aborrece. Houve tropeço. Embarço de pernão aos solavancos. As pedras voaram e você recuou o corpo, tampou os olhos com a mão para proteger-

---

<sup>9</sup> Segundo o Dicionário Eletrônico Houaiss: denominação, numa língua, de um objeto ou conceito pela tradução de uma palavra ou expressão de outra língua (p. ex., *ter lugar* 'acontecer', do francês *avoir lieu* 'id.'; *cachorro-quente*, do inglês *hot dog*).

se, sem dar-se conta do desenho delas no ar, entreontas, ritmadas. Nem aprimorou o ouvido para o efeito benfeito do som zunido no tonto tombado das pedras portuguesas a lascarem-se na batida, diz-que-dizendo elipses, inflexões, associações harmoniosas, ritmo, imagens secretas, beijando seu ouvido desavisado. Venha, menino, bata o caminho destas pedras. O gato de veludo marcará a sua jornada com sutis ranhuras de tempo de esperança, delícias, descoberta, apetite de lesma esfregada. Não receie o violáceo: logo você compreenderá até onde pode ser levado. “Venha, menino escuro. Venha ver como sua esteira será ornada”.

A rudeza de menino brutalizou duas pedras na descortesia da patada. Obscuro ainda, não percebe seus rudimentos. Bobo, sempre maquina raiva contra o que não sabe, desconfia, transmuda a cara para esse beijo estúpido afrontado. Avançou assim mesmo presumido, sem tino para o alcance das passadas no rastro do fado. Saltou sem finura sobre o corpo quadrúpede, no tento de rasgar a pele de veludo a testar-lhe resistência. Quer rasgar o pelo dócil e, nesse rumo agressor, você sabe ser inteiro. Bate, menino desavergonhado! Brinquedo é vida longa para nossos corpos. Menino sem tino, matando coisa nenhuma, sombra, embuste, invenção. Quanto impacto não houve lá, fusco fundo de suas resistências, quando deitou cansado na terra e sentiu na ação breve daquele conto um ponto de descoberta!

Penetra em sua humanidade o sentido das mudanças, o governo lânguido e indecente de seus guardados sob respiração profunda. Corpo solto de bicho arrepiado; afunda o renaço no membro vertebrado. Lambe a penugem imberbe testando passagens.

Do cio desse tecido natural coberto de pelos macios cerrados curtos entre a terra e a mata, a voz resmoneada de seu peso apura o sangue de você, agora mais sensível à carne e ao culto evocativo. Nu, descontinuado das formas de ser a que se funde, um ânimo lúbrico viola o segredo desse espaço. Você se afinca como um Deus possessivo na terra; funde-se como semente de plantio no consumo da própria carne com mãos vaporosas. Você tem dezessete anos e aqui inaugura potências de aliança, acordes. Dedicar a sua alma toda a este espaço dínamo de germinação e indolência no canto gemido de um “Janeiro”: “Na transpiração

abrazadora dos caminhos (...)/ No velludo eriçado das cabelludas,/No vermelho brunido dos joás,/Na adstringencia morena das mangueiras,/ E na eterna pallidez das goiabeiras,/E na vibração dos frutos que balangam,/Dos frutos que balangam como missangas penduradas... (...)”<sup>10</sup>.

Quanta vida nesse canto! Corre a lavrar o cometimento de um poema imaturo de linha puxada em canto de galo balão<sup>11</sup>, não de Seu João, sua festa será em Mário, da Semana de Vinte e Dois. A gosto Modernista, você quer estampar-se a todo custo. Corre já para lá! Da nascente, você será manifestação interessantíssima. “Vá de rumor! Vá de rumor!”<sup>12</sup>.

Abraçado inteiro na emoção física do evento, corre! Baila com passadas ritmadas: coxa firme lançada ao Norte, peito equilibrado ao Centro, cursor do corpo todo repuxado pela linha oposta, Sul. Braços, ombros, face firme brilhante, valsando pela pauta musical com os versos benfazejos em estado de oralidade, baila menino, levando solene a contraparte imaginária, palavras palavras palavras de celebração! A ideia que faltava despencou do fruto balangando direto na sua testa. Cartas! Há em toda boa história uma carta como álibi, para daí adiante desenvolver-se a trama. Você está decidido. Vai escrever cartas para os grandes escritores brasileiros, os modernos principalmente. Você quer lançar um jornal e unir grandes nomes ao seu do modo como se casa.

No céu a lua vermelha faz a passagem do dia para a noite. Pia a coruja alfinetando o grito dentro do seu pescoço. Arrepio de medula com pele das costas retesa! Os amigos do Colégio estão no cinema diário da praça: Ary Barroso, Ascânio Lopes, Humberto Mauro, Guilhermino César, Francisco Ignácio Peixoto. Você não vai para á. Você vai à redação do *Jazz Band*, jornaleco desabusado por causa de sua língua solta, no qual você subscreve com o pseudônimo: Lélío.

Lélío está para desaparecer. Chegou o momento. Arca as pernas, joga o tronco todo para baixo. Toma no percurso da subida um trago de ar. Recobra fôlego. Senta na mesinha com caneta e papel. O seu destino corre no entreato da

<sup>10</sup> Poema de estreia, publicado em Verde: revista mensal de arte e cultura. Número 1, Ano 1. Apresentado por Martins Mendes. P 29. A ortografia de 1927 respeitada, o que salva notadamente o efeito visual do poema. Anexo 13.

<sup>11</sup> Apropriação livre do poema “Tecendo a manhã”, de João Cabral de Melo Neto.

<sup>12</sup> ANDRADE, 1980, p.54.

caneta em sua mão e a postagem da primeira carta. A carta vai para Henrique de Resende. Ele é mais velho que você, casado, engenheiro construtor de estradas, livro publicado. Há nele traços simbolistas, sangue modernista corre em sua lábua. Filho de medalhão, dará chancela a seus planos. Você escreve uma carta maluca! Carteira assim:

Senhor Henrique de Resende,

Devo chamá-lo Henrique? Ou Enrique? Vou de "H" para não machucar, ensinado que sou a pecar mais pelo excesso de que pela falta, e vou de senhor para não pensar você que sou mesmo, como dizem por aí, um moleque preto "metido" (metido a escritor e por aí vai!). Então, Henrique, meu sinhô, sou o que subscreve Lélío no *Jazz Band*, um jornaleco desabusado e língua solta aqui da terrinha Meia-Pataca. Tenho 17 anos, sou pobre, mas estudo feito gente notável no Ginásio Municipal de Cataguases. Trouxe a conversa para cá, (em logomaquia tremenda) querendo fazer você pensar no fato de que, mesmo sendo eu, filho de lavadeira, e você, filho de juiz; mesmo você não tendo estudado no Ginásio com a gente daqui, por alguma via, somos farinha do mesmo saco escolástico. Você poeta, eu também. Você com sonhos de Ulisses e eu também. Pensa nisso (H)Enrique, somos uma estrada em construção e você é que sabe fazer coisas postas em trilho irem a algum lugar. Assim, trouxe aqui uma prenda pronta para depositar em suas mãos engenheiras.

Hoje pela manhã, antes de terminar as duas últimas linhas do *The black cat*, do Edgard Allan Poe, minha mãe rosnou: "Menino, vá à rua buscar sabão". Fui. No caminho,



O filme *O Tesouro Perdido*, da Phebo Sul America Film, com roteiro e direção de Humberto Mauro, recebeu o medalhão de bronze Cinearte de melhor filme brasileiro de 1927. Henrique de Resende fora o poeta moderno escolhido por Humberto para **criar** (como autor) a legenda do filme, além de ser o autor e orador de um discurso, em Cataguases, para homenagear o cineasta. Ver em anexo o trecho do discurso apresentado por P.E. Salles Gomes, no livro *Humberto Mauro, Cataguases, Cinearte*.

Figura 13- Cartaz do filme *Thesouro perdido*, de Humberto Mauro.  
Fonte: <http://thepiratebay.sx/torrent/5005427/>

dei com o rio patacudo de aqui, fiquei doido, mergulhei, catei pedras portuguesas, ouvi coisas, vi, senti, bati bati, para encontrar no mergulho do pensamento a decisão de uma jornada e estou aqui para abraçá-la junto com você.

Olha nossa cidade: um rio de nome ponderado, gente besta, estagnada, calor de matar, cheiro de capim gordura (isso bem que é bom). Somos uma ilha na Zona da Mata Mineira, tudo está tão para lá do nosso alcance! Humberto Mauro iniciou um incêndio entre nós com o cinema dele, de um jeito que não fizemos ainda com a literatura, e é por quê? Tanta gente boa lendo e escrevendo aqui no silêncio das gavetas. Você publicou livro, eu sei, mas incendiar como o Mauro... Ele não faz só filmes, ele ensina a fazer, ele fez indústria, fundou a Phebo Sul América Film e, com isso, a gente recebe visita do mundo todo para ver a aventura dele. E nós? Você fez legenda para o *Primavera da vida* DELE, fez discurso para entregar o Medalhão da Cinearte pelo filme *Thesouro Perdido* DELE. E nós? Onde estão nossos letrados? Vamos fazer um jornal com nossas letras, homem! Um jornal batuta de arte e literatura! Vamos fazer Cataguases calar o Parnasianismo para falar Modernismo! Como o Mauro fez a gente toda falar de cinema, vamos incendiar essa pataca com um pensamento novo e cultura literária, com nossos poemas, nossos contos, nossas críticas! Vamos, eu e você na frente, puxar um bonde? Atrás vem um tanto de poetas: tem o Ascânio Lopes (doido por uma Odisseia feito nós), Guilhermino Cesar, Francisco Ignácio Peixoto, Professor Martins Mendes, tem até um baita pianista, o Renato Gama. Essa gente boa vem toda com 'nóis', você vai ver. Depois, tenho um segredo bem guardado, um segredo mineiro que levanto só de metade pra você ver. Tenho endereço de gente importante capaz de fazer de nossa cidade endereço de literatura também, digo que fazemos Cataguases existir para a literatura como existe para o cinema. Disso, mais não vou dizer, peço uma confiança apenas: dá pra cá essa sua mão e eu sei como arranjo

endereço Mário de Andrade. Esse poeta grande vai ser nosso padrinho ou não me chamo Rosário Fusco.

Caso queira associar-se a esse sonho, diga, Henrique, se o seu nome vai impresso no número hum, com 'H' ou com '&'.

Por hora, Lélío<sup>13</sup>. Jazz Band, Mário, digo, maio de 1927”.

Engenheiros gostam de mecanismos. Desse jeito foi você atijar no moço palavras manobradas, para desviá-lo da via férrea para a via tipográfica. Henrique que um dia mudou o nome para Enrique, de modo a ser moderno no nome, escreveu duas vezes sobre o episódio de aproximação de vocês quando a revista já corria mundo afora:

Caro leitor,

Eis que uma bella tarde me appareceu Rosario Fusco - poeta de uma sensibilidade estranhissima [*sic*], cujos versos cheirando ás mais profundas raizes [*sic*] que se afincam no seio moreno da terra brasileira, souberam abrir na minha sympathia um lugar que é hoje bem seu.<sup>14</sup>

Foi em maio deste ano que conheci Rosário Fusco, e, logo em seguida, todos aqueles que hoje fazem parte do grupo verde. Autor, que sou, de um livro de poemas ('*Turris eburnea*', M. Lobato & Comp. 1923 - edição esquecida) entendeu Rosário de mandar-me, por isso, alguns versos seus, acompanhados de uma carta interessantíssima.

Saí imediatamente á procura do poeta pelas poucas ruas da cidade pequenina, a perguntar a uns e a outros onde era a sua casa, onde trabalhava etc. Não trabalhava nem tinha casa. Mesmo assim, com pouco sacrifício, topávamos logo. Depois desse dia vieram outras cartas de Rosário e outros poemas. Resultado: em Junho éramos nove, dos quaes oito escritores e o pianista Renato Gama.

<sup>13</sup> LADO B. Carta de Rosário Fusco a Henrique de Resende, supostamente desaparecida.

<sup>14</sup> *Verde* revista mensal de arte e cultura. Numero 1, Anno 1. Setembro de 1927. p.9. Trecho do artigo “A cidade e alguns poetas”, de Henrique de Resende.

Foi um pasmo.

Rosário levantou a ideia do *Jazz band*, jornaleco safado inelegível. Propôs então, uma revista. **Quatorze dias**<sup>15</sup> depois saía o primeiro número da *Verde*. Saiu porque não pensamos na responsabilidade. Nem programa. Nem dinheiro. Nem colaboração. Nem nada. Juntamos umas coisas e mandamos imprimir. Colaboração, dinheiro, programa e responsabilidade viriam depois.

Boas notícias. De jornais que não esperávamos. Resolvemos então a pedir colaboração, mas na quase certeza de que tudo ia ser negado. Pois quê! Colaborar, gente grossa de S. Paulo, Rio, Belo Horizonte e Juiz de Fora, numa revista de Cataguazes, cafundó dos diabos?

Mas, com surpresa nossa, vieram vindo as comidas (...)"

Henrique de Resende"<sup>16</sup>

Aconteceu isso depois. Você realizou tudo com seus primeiros passos, como se fosse você o engenheiro de estradas. Seu nome ficou falado como antes e de um novo jeito depois. Guilhermino Cesar, velho, dirá coisas desse presente de vocês. De você dirá: "Desabusado, franco, alegre, extrovertido, **assimilava**<sup>17</sup> tudo e a tudo atendia com presteza. Carteava-se como Mário de Andrade, Oswald de Andrade (...). Sua correspondência passiva inundou o Brasil"<sup>18</sup>. Andou assim o seu nome por aí afora, de envelope em envelope, luz a fusco. Ocorre que de todas as coisas belas, de todas as riquezas, o encontro com ele foi a sua fortuna.

Um dia você escreverá: "Enquanto na tela os factos se desenrolam, inverossímeis ou não, cada um de nós fica pensando que o mundo também não passa de uma tela, onde cada qual, como boneco, representa uma farsa, e

<sup>15</sup> Importante referência para o cálculo aproximado da época em que saiu a *Verde* número 1, primeira fase.

<sup>16</sup> Trecho do artigo de Henrique de Resende, que se assinava ainda a esta altura com "H". *In: Verde* revista mensal de arte e cultura. Número 4, Anno 1. Cataguazes, Minas Geraes, 1927. p7. Cf. no 4 de Anexos: "Capas de *Verde*".

<sup>17</sup> Grifo meu.

<sup>18</sup> Artigo de Guilhermino Cesar, redigido à edição fac-similar de *Verde*, de 1978, por iniciativa de José Midlin e patrocínio da Metal Leve.

prompto”<sup>19</sup>. Antes disso, na infância do menino e do homem, você andava pela vida se pensando visto.

Era assim: toda a ação, todo o acontecimento diário era um filme que passava e todo mundo o via. Sua vida era secretamente um filme de simulação. Filme bom, que você cuidava em escrever e fazer. Escritor ator a um só tempo, com medalha no pescoço. Era você atuando e sendo filmado, tudo gerundiando incansavelmente no tempo. Era bom demais esse brinquedo. Você era leitor de si mesmo, como Proust. E foi assim no dia doce de Mário.

Você abriu para o arquivo a carta primeira da gaveta número um da sua melhor história:

Meu querido Mário,

Mando pra você, com esta carta e um abraço, toda a minha amizade também. Não mando a minha admiração e a minha simpatia porque você já é dono dessas duas há muito tempo. Taí?

Sou de Cataguases, cidadezinha pacata de Minas Gerais. E venho trazer a notícia de que eu e Henrique de Resende fundamos uma revista moderna aqui. *Verde* é o nome da baita. Espero a tua colaboração pra ela. Escusado será dizer que até o fim do mês você tá recebendo o primeiro número dela aí.

Se você tá aporrinhado com estas palavras ocas, vá se entender com o Alcântara. Ele é que é o culpado disso tudo. Disse que v. me responderia e etc. Tá ouvindo?

Olha cá, meu boníssimo Mário:

Tenho a lamentável mania de pedir. Agora mesmo acabo de dar uma facada no Alcântara e no Oswald.

Agora chegou a tua vez.

---

<sup>19</sup> Trecho do artigo *Cataguazes, o cinema, a Phebo, a lei de menores, etc.* Publicado em *Verde, revista mensal de arte e cultura*. Numero 5, Ano 1. Janeiro de 1928. p4.

Faço questão de ganhar um livro de você.

Tá ouvindo? Gosto muito de vocês todos e quero uma lembrança de cada um. Quero a tua amizade também.

Como você - eu sou um fazedor de versos também. Depois que v. me responder mandarei versos - amostras.

Pronto.

Com o coração do todo seu, ou por outra, do todo TEU

Rosário Fusco. 25/9/27.<sup>20</sup>

R. D. Murgel, 4. Cataguases, Minas.

ESCUITA:

Perdoe o desembasamento da minha carta e das minhas palavras. E trate de me responder logo - LOGO.

Ouviu?

Escreva sempre e mande versos se possível for"<sup>21</sup>.

Onde está sua primeira carta a Mário de Andrade? Onde está? Você procura nos bolsos da calça curta. Bataca na frente, em cima, atrás, saltando da direita para a esquerda. Foi-se para São Paulo e o poeta a tem nas mãos. Ele abriu a carta, leu-a de cabo a rabo, com cara séria porque não pôde sozinho na banquetta do piano, encontrar no rosto algo semelhante ao golpe de felicidade enfiado dentro dele, pelo modo como cada palavra da carta se arranhou, se combinou com graça, manha e sensualidade. Ali estava a voz do grupo de moleques, confirmando todo o esforço modernista. *Verde* de Cataguases vinha como uma vitória, a força de difusão do movimento estava naquela carta. Voando sobre sua cabeça, aves de uma terra brasileira enterrada no cafundó do mapa do Brasil, aderentes ao discurso que ele plantou. Mário de Andrade foi buscar o atlas para localizar o ponto de onde soprava aquela brisa fresca e, de primeira, não achou.

<sup>20</sup> Dado importante para o cálculo da época em que saiu *Verde*, número um, primeira fase.

<sup>21</sup> Rosário Fusco a Mário de Andrade, 25/09/27, AMA, IEB-USP. LADO A.

Mário de Andrade, gente, Mário de Andrade é quem exulta e arma expressivamente um acorde dissonante nas teclas de marfim, como quem diz “contentamento”. Ele vai responder a sua carta com um gosto tremendo. Ele quer com pressa ler os seus poemas, quer com pressa o seu retrato. Mário levanta-se de um pulo só. Ele levanta para catar lápis e papel; no caminho sente palavras como afeto, meigo, ternura, agrado, por isso, desvia o pensamento e a vista. Ultrapassa o piano e volta. Quase deixa para trás a máquina-papel-lápis, volta ligeiro, arranca do bloco a celulose, engata o grafite atrás da orelha. Senta para escrever a primeira linha. O que dizer, pensa: afeto, meigo, ternura, agrado, dócil. Levanta. Para iniciar, vai à cozinha comer um sonho.

A carta para você vem manchada de dedo doce:

Rosário Fusco e rapaziada daí,

É com doçura na alma que respondo “sim”. Aceito a aliança; com vocês viveria para sempre. Não que eu seja bondoso, não. O caso é de simpatia à primeira vista, de perplexidade e de alegria imensa em ver até onde chegou todo o esforço que tenho empenhado no largo alcance do modernismo brasileiro. O Alcântara acenou a novidade, entanto olhei calado, de banda, nem ri. Subi duas dobras de sobrançelha, temperando aquilo com um ponteiro de verdade, outro de mentira; balancei bem a coisa dentro de mim e estiquei a boca pra baixo, dizendo “E isso pode ser, gente? Si for vem”. Pois veio e com tamanha força do temperamento bonito de vocês, que até toquei um acorde, pra entrar de acordo, estender a mão para o anel, mandar artigo, livro, revistas, e o meu coração praí. Cavo artigo e assinaturas com gente grande de meu relacionamento também. Pronto; está selado.

Rosário Fusco, êita diabinho do furo na mão! Mande correndo poemas em cestos e retrato da fuça também.



Figura 14- Na banqueta da Lopes Chaves. Fonte: MÁRIO Trezentos, 350. Material iconográfico: IEB-USP. Arquivo MA. Seleção e pesquisa de Telê Porto Ancona Lopes, Flávia Toni, Yone Soares de Lima e Júlia Peregrino. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. Caixa com 2 LPs e encarte.

Abraço do Mário<sup>22</sup>.

Chegou a carta de Mário de Andrade. Você está afobado. A carta parece uma flecha em sua direção. Olha como ele escreve feito um amigo íntimo! Está olhando direto para você. O que quer dizer “diabinho do furo na mão”? Você quer saber. A simpatia por Mário aumenta em você. Ele pode ser um pai, uma medida. Você pensa a sua imagem como é a dele. Sua linguagem igual a dele também. Você quer ser inteligente, particular e poético. O Mário possui aquela beleza humana muito humana, ele é um homem de verdade, como você pretende ser. Agora você anda pela rua quase vazia da sua cidade com esse ar demasiado humano do Mário de Andrade, porque a carta o aproximou desse desejo como uma realidade. Todos veem agora passar o pretinho metido a escritor, amigo de Mário de Andrade. Ele pediu (pediu!) para ler os seus poemas e requer o seu retrato. Vai dar gosto ver o dia de você passar na Praça Rui Barbosa, em frente ao Cine Theatro Recreio, distraído, ao lado do Mário de Andrade, que se dirige a você alegre e intimamente; o povo de Cataguases vai parar para cochichar, sorrir, torcer o corpo na vontade de não perder o passo acelerado de vocês e, se sorrirem para o Mário, colhendo uma resposta, juízes prefeito vigário deputado senador, o corpo inteiro da cidade compreenderá que só Rosário Fusco tem a chave mestra do cofre de bondade do poeta. Maledicentes espalharão uma suposta paternidade para você gozar finalmente com uma difamação bonita em torno do seu nome. Você encena isso enquanto caminha, empinando o corpo, montando um cinismo ferino na face.

Corre feito vento de pulo em pulo no contorno de obstáculos, o braço está erguido e o bilhete sorteado é uma bandeira com som de papel batido pelo vento temtactactac temtactactac; renteando as grades das casas tratratratratratra. A bandeira assinala à cangalha morosa da cidade o rumo propenso de uma vida futura voando dentro do envelope em sua mão. Quando o Mário appear ali um dia, um a um baterá cabeça para Rosário Fusco, porque será você o moço apadrinhado

---

<sup>22</sup> LADO B. Esta que seria a primeira carta enviada está desaparecida.

do poeta, porque ele só terá olhos para o moleque vagabundo e ilegível. Cataguases ainda se curva para você!

Agora não. O momento é de festa. Você leva a carta para os rapazes lá no Ginásio. Amigos, de todo jeito é bom! Eles esperam ansiosos pela chegada da carta de Mário de Andrade, quem sabe não vem junto um poema, um artigo, uma prosa?! Chegou você de braço erguido, carta lá na ponta do mastro aberto que é sua mão, abaixo, os dentes escapulindo da boca: “O poeta aceitou a aliança! Amorudos, preparem os buquês!”. Atacam todos o seu braço longo. Risos, gritos graves, pés sovando o chão.

O Francisco decidiu buscar uma garrafa de cachaça. Coisa rápida, porque o casarão da família Peixoto cola no terreno da escola, basta arrastar a cerca e entrar. Ele vai. Ascânio Lopes, com sorriso sagaz, move-se sem buliço, percorre a sala de aula mansamente até você. Encontrou fácil um buraco no meio dos lutadores, estica o braço, mirando dentro do olho do poeta Quatorzevoltas<sup>23</sup>, e nas mãos dele deixa escapar a carta cobiçada. Quanta exaltação!

Você sabe que o (H)enrique, depois, diante da novidade, baterá nas suas costas com agradecimento, talvez até dê um abraço. Dito e feito – pensou você com a cabeça na carta escrita para ele depois da pesca no rio, do gato suposto,

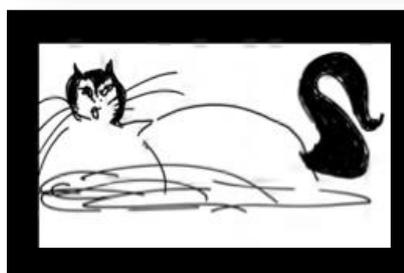


Figura 15- Gato de Janeiro.



Figura 16- Quatorzevoltas

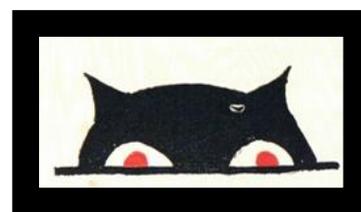


Figura 17- Fusco na moita.

<sup>23</sup> Ascânio Lopes era filho legítimo de Antônio Lopes Quatorzevoltas e Maria Inês Quatorzevoltas. Aos cinco meses de idade foi adotado pelo tabelião Cornélio Vieira de Freitas e Dulcelina Cruz, da cidade de Cataguases, onde veio morar.

do banho de ideias nascentes.

Fora de cena, encostado na mesa do professor Cleto Toscano Barreto – cuja austeridade fez você aprender francês e traduzir Racine –, um barulho familiar reverbera nas suas costas. Parece um pressentimento, sua atenção se alterna entre o som e a cena dos rapazes, como se uma coisa roubasse a outra. Em sua escápula, pula o gato branco de máscara preta até as orelhas, com rabo preto pendente. Ele pressiona bem o corpo contra o seu pescoço no roçado, engata as unhas na sua camisa da União Industrial<sup>24</sup>, desce lentamente passando por ombro peito barriga; salta para o chão. Seus olhos não sabem entender como o bicho da Meia Pataca sugiu ali. Nem sabe se ele é visível exclusivamente à sua percepção. O gato furtivo engatinha em deslize na direção do Ascânio Quatorzevoltas a ler a carta em alta voz. O animal salta para a carta, você recua sentindo o impacto do projétil contra o papel nas mãos do Quatorzevoltas. Parece a cena do leão furando o arco de fogo, e antes do papel romper o bicho desaparece. Ascânio puxa a carta de um jeito incomum, desvencilha-se da pressão dos verdes ansiosos no entorno, salta com efeito macio de um pulo só para a janela da sala, encaixa o corpo no ângulo da ombreira da janela meio lânguido, aproxima lentamente o papel da carta do Mário para perto do nariz, cheira, rasteia na lambida o rodapé da primeira página e revela: “Gente, o Mário de Andrade escreveu essa carta comendo doce!”.

Ninguém ri porque o Ascânio desse jeito não parece o sujeito contido que ele é, econômico. Você está perplexo. Nada parece um sonho, embora tudo o faça crer que sim. O Guilhermino tomou as páginas das mãos do Ascânio. Cada um foi ler o trecho ao alcance dos olhos, ombro a ombro. Falam alto e ao mesmo tempo, porque alguém leu o trecho em que Mário fala da aliança; gozam da piada dele e da sua, porque se referiu ao buquê. Ascânio olha ladino para você, que está aturdido. O vozerio cruzado dos comentários não desfaz sua conexão com o Quatorzevoltas, “Mas, o que é isso? É gato ou é gente?”. Eita! Isso dava um livro!

Quatorze voltas de dias depois do grupo se unir em torno do projeto, durante a viagem do carteiro com a missiva do Mário de Andrade na mão, sai a

---

<sup>24</sup> Fábrica de tecidos União Industrial, fundada em 1910, em Cataguases. Ano de nascimento de Rosário Fusco. Quando o investimento na economia do café entrou em decadência, a cidade se superou com a indústria de tecelagem.

*Verde* número um, da primeira fase<sup>25</sup>, a primeira revista exclusivamente de literatura lançada no Brasil. Na estreia estão publicados textos de escritores mineiros de Juiz de Fora, Belo Horizonte e, claro, os modernistas de Cataguases. Qual espírito guia vocês? Liberdade. Ninguém controla o discurso dos redatores de *Verde*, ninguém tem poder para censurá-los, por isso mesmo sobram motivos para ataques. *Verde* é livre, não tem comprometimentos político-partidários<sup>26</sup> e o seu sustento decorre, em parte, do financiamento da pequena burguesia local em troca de mais ou menos dez páginas de propaganda.

Olha a sua cara com a revista na mão! Sua capa, sua diagramação geral, suas opiniões em “É preciso paz na arte moderna” e seu poema “Janeiro” – nascente da manhã de batismo no rio –, sob nota de Martins Mendes<sup>27</sup>: “O poeta delicado do ‘Verde’, de uma sensibilidade estranha [*sic*] e fina, vae aparecer. Cataguazes ainda não o conhece intellectualmente. Sabe que o poeta é pobre. Nada mais sabe. Pobre! Que pobre-rico o extraordinário poeta-verde!”<sup>28</sup>. Quantos na cidade vão ler as palavras do professor Martins Mendes? Quem vai apostar no poeta em crescimento? Quatorze vezes os seus olhos passaram pelo texto do professor. Correu a notícia no Colégio, na Praça Rui Barbosa, na fila do Cine-Theatro Recreio tem menina fazendo cara de pecadora pudorosa. Será que todo mundo está olhando você? Não é que parece sim! Tem gente sorrindo, rindo, caçoando. Quantas pessoas têm hoje a revista na mão? A tiragem da número um foi de quinhentos exemplares. O trabalho agora vai ser o de mandar isso embora. A revista precisa passar na mão do mundo inteiro, como uma moça pecadora sorrindo nos primeiros lugares da fila.

Corre para redação *Verde*! Há cartas a escrever. *Verde* número dois garante a publicação de textos inéditos de Carlos Drummond de Andrade, João Alphonsus, Pedro Nava, Sergio Milliet, Martins de Almeida, Mário de Andrade “e

<sup>25</sup> Depoimento de Henrique de Resende: “(...) Rosário levantou a ideia do *Jazz band*, jornaleco safado ineleável. Propus então, uma revista. **Quatorze dias**<sup>25</sup> depois saía o primeiro número da *Verde* (...)”.

<sup>26</sup> A *Revista*, de Belo Horizonte, por exemplo, era impressa nas tipografias do *Diário de Minas*, órgão oficial do Partido Republicano Mineiro (PRM), que acolhia com oportuno interesse a iniciativa da publicação. Vale conferir o artigo *El vanguardismo en el Brasil*, de Peregrino Junior, revista *Martin Fierro*, publicado em *Verde*. Ano 1, número 5. p. 15-16. Anexo 14.

<sup>27</sup> Martins Mendes notifica lançamento do livro *Verde*, de Rosário Fusco, nunca publicado.

<sup>28</sup> MENDES, In: *Verde*, Anno 1, nº1, AGO,1927, p. 29.

outros”. Faltou encartar o Manifesto do Grupo *Verde* de Cataguases (Carta Aberta), dirigido à cidade de Cataguases, cujo atraso cultural obriga a um discurso inflamado, de confronto, afirmativo da expressão livre e da radicalização de conteúdo pretendido. Todo movimento provoca escândalo, então Cataguases vai ver!

Vocês sentam para discutir e elaborar o Manifesto a servir de “cala boca” do povo da terrinha. Fica com Ascânio a redação, enquanto o grupo discute e dita frases. Você é responsável pelo *layout* da revista, por isso, desenha em um papel. Está distante do debate, quer apenas que se diga em algum momento: “o nosso nome vem da fruta imatura, em processo”.

Do caderno saem rabiscos encruados: o *layout* da *Verde* para o número 2, a sua fuça para o Mário; o desenho do Ascânio com orelhas de gato, bigodes, olhos com risco vertical; o pensamento de que o amigo, tão importante, vai-se embora mês de dezembro estudar direito em Belo Horizonte. No rabisco-modelo da revista você escreve a data da próxima edição: “Outubro 1927”, e o nome Mario de Andrade, sem acento no “a”. Ele é sua ideia fixa, prova disso é o nome dele aparecer sem motivo algum no pé da página da edição anterior, logo abaixo dos patrocinadores José Ignacio da Silveira (serraria, carpintaria, officina mechanica) e Predileta (casa de ferragens). Todo mundo reparou<sup>29</sup>.

Propagar = difundir, irradiar, proliferar, espalhar-se por contágio. Assim está a palavra na edição portuguesa do dicionário Caldas Aulete. Você pensa no endereço do Mário de Andrade e escreve a ele, solicitando opinião sobre o protótipo do primeiro número da revista. Os desenhos da sua cara e a do Ascânio são de gozação, porque ele pediu. Lá vai algo mais sobre você.

Querido Mário,

Pena a *Verde* número um não ter prosa sua, nem aceito ainda direito a demora minha em achar seu endereço e também a de correr com a publicação de estreia. Você vai entender,

---

<sup>29</sup> Conferir no rodapé do Anexo 15.

costumo pecar pela pressa, sou de temperamento afoito. Mas na amizade, não. Com amigo sou calma.

Estamos aqui na rua Coronel Vieira, número 53, redação nossa, em estado de facção. Ruminamos um Manifesto político, que faltou incluir na número um. Quando lembramos, já era tarde e a Inês toda morta.

Recebemos os livros enviados. Li salivando. Brigado pelo Rondó do Brigadeiro e pelo dinheiro da assinatura. Você é homem bom, Mário. A Verde dois quase se apronta já e num pulo vai para a Brasileira (nossa tipografia). Veio muita coisa boa com a ajuda sua.

Peixoto, Guilherme, estão na minha frente e não param de falar. Um não tem ouvido para o outro. Sorte nossa é Ascânio não ter ainda saído de Cataguases para estudar Direito. Vai para Belo Horizonte em dezembro, pena, pois, é o mais ponderado, sensato, dá vez, faz calar na hora certa e anota no bloco o tanto de pensamento bom deles pra redigir, no silêncio vai metendo pensamento dele também, mas coisa do Quatorzevoltas todo mundo aceita, que é sempre elevado mesmo.

Não posso com tanta fala sem ouvido. Quando não me escutam, calo. Por outra, igual defeito é o meu de falar sem dar ouvidos, sei disso. Vez por outra grito daqui um troço, eles fazem que sim e viram pra lá. Se Ascânio gosta, anota.

Melhor pra mim, desenho aqui um jeito novo de fazer a capa da revista com as considerações suas e do Alcântara. Tento retirar os exageros, as linhas pretas, os pontilhados.

Terminando a escrita da Carta Aberta, mando para sua avaliação, mas do jeito que a pancadaria vai aqui, não deve ficar pronto é nunca. Brincadeira.

Hoje que não tô para conversa. Ando pensativo, porque cismei de achar que vejo um gato todo dia. Um gato que aparece e some. Põe tento nisso, Mário Andrade. O que pode

ser? Dia mesmo da chegada de sua carta aqui, achei que vi o bicho entrar por dentro dela e sumir pra dentro do Ascânio. Sabe que o sobrenome dele no registro é Quatorzevoltas? Nome de gato, não é?

Li o conto *The black cat*, do Edgar Allan Poe. Fiquei impressionado. Não vai achar que sou doido!

Olha, aí a cara de gato do Ascânio, "a foto minha" querendo um frango, que você pediu, e o novo protótipo da Verde, para saber se você acha direito. Mando mais uma braçada de poemas para sua avaliação sincera.

Ps.: Você acha que gente daí quer assinar Verde? Assinante é bom que garante. E uma nota anunciando o segundo número? Pode? Bem que era bom para levantar dinheiro, rodar revista. Esqueceu da gente, Mário? Diz pro Alcantara mandar uma Revista de Antropofagia, porque é coisa que não li ainda, não. Cê tem? Fala com ele pra mim? E o Oswaldo, nem uma linha pra nós!

Abraço, amigão, e responde logo!

Fusco.<sup>30</sup>

Um dia você vai dizer que sua correspondência com Mário de Andrade rendeu mais de mil cartas. Quem vai dizer que não? Pois, não vale o dito? Escrever carta é roçado. Elaborar um modo de dizer; coçar a testa com o lápis, escolher uma palavra no lugar de outra; colher resposta com uma pergunta; dobrar o papel, meter no invólucro; passar a língua no ângulo do losango, cuja aba fecha o envelope; selar; expedir, torcer para não extraviar; depois esperar a possível resposta. Um ciclo de expectativa carregado de tensão. Escrever carta vicia.

Saiu Verde número dois. A esta altura vocês todos se correspondem com intelectuais de São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Juiz de Fora, Recife, Uruguai, Argentina, Peru, França. Mas em você a atividade epistolar foi fúria. Todo dia chegavam cartas, livros, revistas, colaborações para o Grupo Verde de

---

<sup>30</sup> LADO B.

Cataguases. Ribeiro Couto escreveu para uma colaboração a vocês: “Todo o Brasil está surpreso: Existe Cataguases”.<sup>31</sup> E o Mário: “espantoso grupo de Cataguases (...) deu realidade geográfica à cidadinha mineira”<sup>32</sup>.

Então não foi essa a promessa feita a Enrique de Resende na primeira carta? Veja, então, existe Cataguases para o meio literário do Brasil e do mundo, não de todo mundo, é certo, mas já atravessou o oceano e isso satisfaz o prometido. Grupos modernistas latino-americanos iniciam com vocês intensa contribuição. Norah Borges, irmã de Jorge Luís Borges publicou desenhos na revista, Ildefonso Pereda Valdés, de Montevideo, publicou em espanhol, assim como, Peregrino Júnior lançou artigo sobre o grupo *Verde* simultaneamente publicado na revista *Martin-Fierro*. Aos poucos novos escritores procuram espaço editorial na *Verde*.

Mário de Andrade aparece no segundo número com “Rondó do Brigadeiro”. Você escreveu carta de agradecimento, a resposta demora a chegar. Isso faz desandar mágoa e desconfiança em sua fantasia. Para você o tempo da vida corre em compasso complexo. Fustigada, a um palmo acima do estômago, mora uma ansiedade, da qual derivam gestos antecipados a impelirem angústias subjacentes, afinal, ninguém pode encaixar sanha e garras de Rosário Fusco.

Problema é o delírio. Pronto! Mário de Andrade está aborrecido. Cansou-se e pronto. Você não quer mais escrever. Ou ao contrário, vai escrever, sim, um bilhete formal de despedida, porque falar demais já não importa.

Senhor Mário,

Desculpe tanta afobação e o meu atrevimento de tão logo supor entre nós intimidade. Perdoe minhas atitudes sem cerimônia. De tanto ler você e de, tão justo ao meu, sinto o seu espírito, acabei por chegar-me como a um amigo daqueles a quem se pode dizer TUDO, amigo de afeição mais estreita do que qualquer outro.

<sup>31</sup> *Apud*. LARA, 1978, p. 15.

<sup>32</sup> O livro *Codaque*, de Rosário Fusco, nunca foi publicado. *Verde* número 4, p.29. Cf. apresentação de Mário de Andrade em: Anexo 16.

Antes de chegar a você, lendo tudo o que havia de seu a meu dispor (infelizmente pouco), larguei todinho o meu pensamento e o meu corpo ao contágio de suas palavras, em andamento de felicidade combinada com o espiritualismo dos seus poemas. Isso você não pode negar a ninguém, que é coisa incontrollável, contingência do encontro entre o autor, a literatura dele e o sujeito que abre a coisa lida. Essa transmissão involuntária de espiritualismo interligou Rosario Fusco a Mário de Andrade, como onda de rádio ou linha de pesca. Não é por mal não senhor.

Não o incomodarei mais com minhas bobices, não o incomodarei mais com solicitações de apoio como um "diabinho da mão furada". Minha amizade e admiração serão para sempre constantes e sinceras, não como fogo, mas como água corrente. Estarei sempre aqui carregado de admiração pelo homem bondoso que você é.

PS.: última coisa: e o livro?

Abraço do Fusco.<sup>33</sup>

Não veio de pronto a resposta, uma vez mais. Será que Mário de Andrade despista? Alega desvio de carta para ignorar sua tolice e, para todos os efeitos, desfruta de seus modos em tom de beleza franca?

A edição número dois de *Verde* saiu já sem a presença de Ascânio Lopes. Ele saiu da cidade em dezembro de 1927 para estudar Direito em Belo Horizonte e de lá enviará sua contribuição. A esta altura, *Verde* já está circulando na Argentina, passa pela mão dos paulistas, dos cariocas, serve de abano para a moça da quitanda, do bilheteiro do Cine-Theatro Cataguazes. Tristão de Athaíde, Paulo Prado, Manuel Bandeira, Carlos Drummond, Antônio de Almeida, Ascenso Ferreira, Ribeiro Couto, todos, no café da manhã, têm a mão direita com a faca da manteiga e a esquerda nas páginas da *Verde*. Para o bem ou para o mal, a continuidade da revista causará espanto. Muita gente bateu forte em vocês desde o primeiro número. O Tristão de Athaíde disse: "Muita alegria, muita despreocupação, muita vontade de ser falado, muita promessa. Nada, porém, que

---

<sup>33</sup> LADO B.

comece a marcar”<sup>34</sup>. Antônio de Alcântara Machado precisou intervir frente a Prudente de Moraes, neto:

Prudente,

Soube pelo Tristão que você, o Manuel Bandeira e o Rodrigo estavam com a sinistra intenção de publicar um manifesto contra a Verde. Naturalmente vocês ficaram como toda a gente indignados contra a maneira besta com que aquela rapaziada (16 a 17 anos) redigiu o primeiro número: a língua, a preocupação modernista, a ortografia, a agressividade chué, as asneiras e o resto. Mas eu adotei outra atitude. Escrevi a eles dizendo: vocês escrevem pedra, pensam pedra, são modernistas pedra. Não valem um tostão. No fundo o esforço é ótimo. Tratem de melhorar, pois o pensamento é o estilo. Cresçam bem primeiro. Depois apareçam bem devagarzinho. É o que eles têm feito. O segundo número da revista é a prova.<sup>35</sup>

A.A.<sup>36</sup>

*Rosario Fusco*

Aqui vai a notícia de Verde nº 2, saída na 4ª pg do Diário Nacional que tem 8. Como vê, bem colocada e, fora a briga dos tipógrafos com o nome de você, o resto foi bem.

Você pergunta “e o livro?” que livro? Já falei, mandem contar os livros meus que vocês possuem aí que mando os outros. Nem me lembro mais qual o que eu mandei, foi Paulicea ou a Escrava. Até 1 de dezembro boto na rua o Clan do Jaboti, meu livro mais perfeito.

<sup>34</sup> LARA, Cecília. “A ‘alegre e paradoxal’ revista VERDE de Cataguases”. In: *Summario*. Suplemento de apresentação à reedição fac-similar da revista *Verde*, patrocinada pela Metal Leve S.A. 5 vls. São Paulo, 1978. p.15.

<sup>35</sup> LARA, Cecília. “A ‘alegre e paradoxal’ revista VERDE de Cataguases”. In: *Summario*. Suplemento de apresentação à reedição fac-similar da revista *Verde*, patrocinada pela Metal Leve S.A. 5 vls. São Paulo, 1978. p.16-17. Trecho de carta citado por Alcântara Machado em carta a Prudente de Moraes, neto.

<sup>36</sup> Antônio de Alcântara Machado usava as iniciais A.A. como assinatura em cartas.

A respeito colaboração da gente, nunca me recusarei pra vocês, porém acho que vocês não devem se sacrificar. Primeiro vocês. E o pessoal do Rio, mando aqui um poema de Ascenso Ferreira, um baita dum poeta do Recife que está publica não publica um livro chamado Catimbó:

Vou mandar Verde que está comigo sobrando pra Humaitá, pleno rio Madeira, lá no fundo do Norte.

Acho que vocês devem de mandar Verde pro Rio Grande do Sul pra Ruy Cirne - e uma a Augusto Meyer, livraria do Globo<sup>37</sup> Porto Alegre. Dois poetas novos e bons. Sacrifiquem minha colaboração si tiver sem espaço. E a do Ascenso deixem pro 4° si já tiver muito verso.

Ciao do Mario (assinatura)<sup>38</sup>.

Finalmente a carta ansiada! Notícia de *Verde* em artigo de Mário de Andrade no *Diário*! Isso é uma conquista grande. O tamanho do acontecimento tem a largueza de uma entrada na história da literatura brasileira. Você está olhando através da janela da casa 53, na rua Coronel Vieira, destino de cartas modernistas. Mão direita no queixo, cotovelo no parapeito, olhos transportados pelos postais das correspondências dioturnas. Você está nesta foto há algum tempo e talvez nem se retire mais e vire uma capa de livro, ou um selo dos Correios. Pensamento vago captando o amigo Ele está aqui delineado na caligrafia e cartonada da foto de São Paulo para turistas e liberto pelos sons aos quais você o converte. Presença na voz pronunciada no fundo do seu pensamento, como em um encontro. Você olha o cartão-postal, lê várias vezes, como sempre faz, e se desfaz. Como soariam estas palavras postais na voz dele? Você supõe grave e chovendo, por causa do modo como os dentes se projetam da grande boca para fora.

Enquanto divaga, um som feminino, aos poucos, se eleva, vindo, parece, da casa vizinha. Agora você estica o corpo para além da janela. Tenta apurar o ouvido, distinguir o som humano ou animal. Aprimorando ainda mais a escuta,

<sup>37</sup> Livraria porto-alegrense fundada em 1883. Em 1917, por incentivo de Borges de Medeiros em criar uma revista do Sul, nasceu a Revista do Globo, gerida pela Livraria em questão.

<sup>38</sup> LADO A. MA. a RF. S. S/D. Carta manuscrita, sem data e assinada: Mário. Uma página. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Cf. Anexo 1.

talvez o mato farfalhe; talvez se mova o gato, perseguidor; talvez o vento bata nas roupas do varal vizinho; talvez a corrente do cachorro tremelique; talvez...

Agora olhe para trás! Ninguém está no buraco da fechadura, contudo você não está sozinho. A sala está vazia e produz sons de sigilo. Debruçando-se para o lado de lá do batente da janela ouvem-se notas, vogais abertas. Sua visão capta algo... Passou! Um vulto, um rastro. Você pensa sobre a presença das coisas ausentes. Pensa na ausência e na presença concomitantes dos seres, da matéria, dos vínculos, das abstrações. Não há presença nisso tudo? Um vulto em seu pensamento aventa a descontinuidade das coisas. E você inventa uma ideia maluca de que existir se associa mais ao movimento, à ação do que à fisicalidade. Assim: há mais presença no voo do que na asa do pássaro. Depois emenda o pensamento para: há mais verdade no voo do que no pássaro. E acha que ficou pior.

Três passarinhos andam sincronizados no fio do poste de luz, pulam depois para o chão fazendo um ângulo parecido com o da aba dos envelopes de carta. Isso rende um poema, você gostaria de fotografar, mas não tem Codaque. E por não ter uma máquina fotográfica quer bater fotos com poemas. Essa é a ideia de livro que você quer enviar para o Mário, com coisas já inventadas brevemente. “Codaque: Livro de vistas”, em lugar dos postais das cidades...

Cataguazes (...) <sup>39</sup>

Não vê v., Mario de Andrade amigão meu, que eu comecei desconfiando que minhas cartas últimas o aporrinharam bem. Desconfiei e parei de escrever. Porque sou assim: desconfiando acabou-se, não há nada que me faça voltar, só mesmo carta carinhosa e desinteressada que nem a de você. Inda ontem mandei carta brigadeira que não sei si você já recebeu. Alcântara não me mandou revista de antropofagia e mandei carta sentida pra êle também. Isso tudo bota a gente

---

<sup>39</sup> LADO A/B, entre “verdade” e “invenção”.

grógui, sem jeito nenhum de falar e mexê. Vai, fico esperando...<sup>40</sup>.

Na *Verde 2* entrou Rondó do Brigadeiro; Caso da Cascata, já está na nº3 e para a quarta? Como você sabe, decidimos publicar livros também, porque a revista deve servir para abrir portas. *Poemas Cronológicos*, de Ascânio Lopes, Henrique de Resende e meu está no prelo, mas já convidamos poetas para publicarem livro aqui. Pensei em publicar um só meu, o livro de vistas, em que pretendo escrever como se fotografasse! Acha bom? Então, vou chamar de *Codaque*. Mandando meus poemas, você pode ajudar dando sugestões, ensinando? Não penso que sou grande coisa, não. Preciso de ajuda pra crescer. Acho que sou mais é inquieto, meto o bedelho em tudo. É como digo, se eu pudesse abraçava o mundo com a mão. O 'Manifesto' besta dentro da *Verde 3*, é uma porcaria danada feita especialmente pra essa gente atrasada daqui. Em todo o caso quero que V. me mande sua opinião mais que sincera sobre o bicho."<sup>41</sup>

Fiquei bobo quando soube que o Manuel Bandeira, o Prudente de Moraes, neto e o Rodrigo (que não conheço) pensaram em publicar um manifesto contra *Verde*. Gente! O caso ficou sério. Isso dá mais vontade de escrever e de melhorar também, pra irritar menos e significar mais. Reconheço que somos ainda atazanados, mas isso é motivo pra se juntarem contra *Verde*, como se fôssemos ameaça? Coisa dessas machuca; por outro lado também demonstra a força da gente. O Alcântara ralhou, dizendo que somos pedra, pensamos pedra, escrevemos pedra e mandou todo mundo trabalhar dessa feita para passar de pedra da palavra a fogo. Será que ele gosta da gente? Escrevi um mundaréu de vezes e ele não responde.

<sup>40</sup> LADO A. RF a MA. Acervo M.A. MA-C-CPL3228. S/D. Datiloescrito com fita roxa. Autógrafo a tinta azul: Rosario Fusco. Xerocópia.

<sup>41</sup> LADO B. Em 7 de dezembro de 1927, Rosário Fusco remete a Mário de Andrade carta avisando o envio de *Verde* número 3, com o "Manifesto" do grupo encartado. Anexo 24.

Isso de pedir ajuda a você, amigo, é coisa que faz tempo penso em fazer. Da rapaziada aqui sou o único filho de pobre. Ascânio não é rico, mas tem proteção de família. Eu não. Meu pai morreu antes de eu nascer e minha mãe não é letrada, lava roupa de gente rica para sustento próprio. Trabalho no colégio como bedel e ensino desenho para ter estudo em troca, além disso, Verde anda com a máquina de minha força, o que ocupa tempo, meu velho. Tenho em você um amigo, um mestre, um tutor. Penso em você todo dia! Ajude a mim, por favor, quero ser um escritor de verdade. Será que presto? Quero melhorar, mestre amigo, mas não se canse, porque sua amizade pra mim é mais importante do que minhas necessidades. Se ti aporrinho pára é já.

Uma nota no Diário, prefácio para os livros, seria pedir com mão furada? Mando rabiscos de poemas e de desenhos para paisagens de *Codaque*, caso possa interferir. Esperamos que mande coisa inédita para Verde, viu, seu Mário? Vou abrindo meu coração e com ele vai agora a minha fuça mais próxima da realidade. Aqueles desenhos de cartas atrás, era só de patuscada.

“Não pense você Mario de Andrade, que sou tão feio assim não... sou uma criatura até muito bonitinha como você verá pelos traços mais ou menos ‘reais’. Este codaquinho foi tirado quando Peixoto, Henrique e eu levamos a baratinha verde pra uma chispada até Ubá móde falar ao Martins de Oliveira. A vida aqui é uma beleza que só vendo. Tudo é brincadeira. Tudo... (O sol é que me botou cor de rapadura)”<sup>42</sup>.

Meu abraço apertado,

Fusquinho.<sup>43</sup>

---

<sup>42</sup> O trecho entre aspas é LADO A. A mensagem foi escrita a lápis atrás de uma foto de Fusco e publicada na correspondência completa de Carlos Drummond e Mário de Andrade, com organização iconográfica de Lélia Coelho Frota. Cf ANDRADE, 2002, p. 306. Anexo 22.

<sup>43</sup> A despedida finaliza o LADO B da carta.

Figura 20- Piá Manguari. Foto de Rosário Fusco jovem. Se você fala, sai bobagem; se escreve, não presta; se desenha, desdenham. Em todo caso, gato ruivo do que usa cuida. O segundo número da revista melhorou e foi pisar na França, sentou sem cerimônia na sala de jantar do Blaise Cendrars, que, provavelmente, com uma taça na mão, à moité ivre, escreveu um brinquedinho assim: *Aux Jeune gens de Catacazes: “Tango vient de tanguer/et jazz vient de jaser/qui importe l’etymologie/si ce petit klaxon m’amuse?”*. O francês anarquizou o nome da cidade chamando Cataguases, de CataCazes, passando muito perto de CataGazes, o que poderia ofender. O estrangeiro causou impressão e rendeu piada. Foi uma felicidade para quem abriu a página onze do terceiro número, ao lado do poema “Descoberta”, de Carlos Drummond, que diz quando inicia: “O homem enfeitado/chegou debaixo do sapé sêco/e olhou lá dentro da casa.” e quando termina...: “Tava descoberto o fim do mundo”. Ora, se não foi mesmo o que ocorreu!



Figura 18- Piá Manguari. Foto de Rosário Fusco jovem.

Um dia você dirá em depoimento que a solicitação de apoio feita por Alcântara Machado a Prudente de Moraes, neto, funcionou, afinal, este último terminou conseguindo assinantes para *Verde*: “(...) Lembro-me ainda dos primeiros assinantes da revista, conseguidos por Prudente: Múcio Continentino<sup>44</sup>, Prudente de Moraes Filho, Astolfo de Resende, Plínio Pinheiro Guimarães, e outros”, sobre outros você não falou, mas estes ficaram para sempre nessa história da expansão do modernismo iniciada em Cataguases<sup>45</sup>.

Mário de Andrade injeta dinheiro para mantê-los de pé. Por sua vez, as contas de *Verde* estão amarelecendo. O Manifesto foi encartado na terceira edição e enviado aos financiadores, amigos, colaboradores. Mário de Andrade recebeu a revista e a separata Manifesto. Ao abrir, pôs de lado a carta aberta, leu as primeiras frases, suspirou comprido, por resignação, então, pulou duas páginas de

<sup>44</sup> Advogado que redige (em conjunto) e assina a Carta Aberta dos mineiros, publicada em julho de 1943, contra a ditadura de Getúlio Vargas. Rosário Fusco, amigo e funcionário direto de Getúlio, não assina a carta e, por isto, sofre retaliações, de acordo com relato de seu filho Rosário França Fusco, em entrevista concedida em fevereiro de 2010, na cidade de Cataguases. Gravação digital.

<sup>45</sup> Relato de Rosário Fusco, citado por Cecilia Lara em artigo publicado na versão fac-similar de 1978. p.16.

patrocinadores e, como se não houvesse saído ainda do espaço de anunciantes, esbarrou de repente com um desenho<sup>46</sup> medonho, assinado: Rosário Fusco... E... passando os olhos continuamente em linha reta à direita, uma ao lado da outra, duas arruelas, como se quisessem dizer: par de seios! Lamentável! Correu nesta hora, pelas veias do poeta, um sangue de vergonha alheia. Fechou a revista. Pensou bem. Rosário Fusco não pode ver portas abertas que mete o carão! Isso é bonito, mas precisa antes cultivar discernimento e critério. O poeta ri nervoso.

Fusco você teria gosto de ler secretamente a correspondência de Mário a Manuel Bandeira ou a Carlos Drummond de Andrade falando de você? Mário de Andrade pensava em Fusco, mencionava seu nome. Sabendo o conteúdo destas conversas, o que você pensaria de si mesmo? O que sentiria? Você não sabe, mas estes diálogos se refletirão nas falas de Mário em sua direção.

Revista lida, Mário de Andrade decide responder cartas de amigos.

A primeira segue para Manuel Bandeira:

Manu.

Você mandou pedir e mando os versos. Que vão! Afinal eu devia mesmo esse sacrifício como prova de amizade... Porque é engraçado o que eu sinto comigo, uma espécie de fatalidade dolorosa de escrever assim, sem a mínima pretensão de escrever verso, sem a mínima intenção de fazer poesia. Jamais como agora e como nesses versos eu tive tanto a despreparação pra poesia. Jamais como com eles não se deu aquele juízo que a gente tem tantas vezes: vamos fazer uma poesia. Saíram por uma necessidade essencial de sair. Parece incrível. Porém eu era incapaz de medir pra você. Agora veja a contradição misteriosa e que me parece irresolvível: tão dentro do conceito de lirismo e tão organizados (portanto poesia) que foram eles e no entanto possivelmente tão pouco bons e tão pouco poesia!...

---

<sup>46</sup> Anexo 25.

(...) muito matutando sobre poesia e sobretudo não me satisfazendo mais nem o verso livre nem aquele exteriorismo representativo que caracterizou o que de melhor deu a poesia modernista entre nós, todos esses pensamentos havia mesmo de atuar fundo na minha pesquisa formal, no meu processo de realização poética ideal e nos motivos de inspiração do meu lirismo, está claro. Porém tudo isso ficou agindo sem intenção nestes poemas que vão agora. Não tive intenção raciocinada de. Essa eu tive por exemplo na "Vitória-régia" fiz o poema intencionalmente dentro duma tese e discuti a tese com você e com o Couto<sup>47</sup> e depois desfiz o poema como você me aconselhou, fiz dele a prosa<sup>48</sup>, um dos dias do diário do "Turista Aprendiz". (...) Já creio que falei pra você: gosto deles, acho que são meus e lindos e se uma crítica alheia como a de você pode me esclarecer alguma coisa só por isso mesmo é que reconheço a possibilidade e necessidade dela. Porém nenhuma crítica alheia nem a de você que é mesmo uma reza de amizade poderá me tirar da minha realidade: que os poemas são bons. Mas eis a miséria: é que os poemas, estes, muito menos individualistas na forma e no pensamento geral, atingiram o máximo de individualismo, já não podem mais interessar ninguém senão pra mim. E fico na contradição mais amargamente irônica de minha vida: eu, que não me interessava mesmo por mim, que se escrevo é mesmo porque quero amor e aplausos dos outros, sempre amor, estou escrevendo poemas pra isso e só pra isso e os poemas saem meus e só pra mim (...) Nunca me esforcei tanto como agora pra compreender e amar os outros. Couto de Barros fica sarapantado na crítica que faço pelo *Diário* de eu dar tanta importância pra livros que não valem nada. É que não tem mais livro que não valha nada pra mim. E duma crítica que nem a que escrevi sobre Ribeiro Couto e que nem você compreendeu direito, como é que o público pode imaginar adiante do escrito por mim que tive um prazer intenso lendo

---

<sup>47</sup> Antônio Couto de Barros. Foi editor do *Diário Nacional* na época em que Mário de Andrade escrevia críticas de arte.

<sup>48</sup> "Vitória-Régia", em prosa, foi publicada em *Verde* de maio de 1929. p.2. Anexo 17.

o livro, que me delíciei com ele, e amei o Couto como nunca na prosa dele! Gosto, me delicio, amo e... e ataco! De sujeitos de valor verdadeiro então hoje cheguei e creio que já falei nisso pra você, cheguei na incapacidade absoluta de verificar defeitos no sentido da palavra "defeito", porque pra mim, pra minha observação amorosa dos homens os defeitos como as qualidades não passam mais que de caracteres que humanizam uma obra. E valorizam isso. Meu único ideal é sentir e amar os homens e gozar por isso com as obras deles. Todas. Só mesmo os ruins, os faltos de imaginação criadora generosa, só esses eu afasto das minhas preocupações porque não têm força pra me preocupar. E é por esse meu estado de espírito que sou muito mais vasto que vocês todos. Fico admirado quando por exemplo um Osvaldo acha Guilherme ruim ou Graça Aranha acha Osvaldo ruim, ponhamos. Quando um Tasso da Silveira escreve contra o pessoal de Verde sem compreender o que são 17 anos, ou mesmo você na falta de atenção pelo pessoal da mesma Verde. Tudo isso me espanta não somente por um instinto irritado de justiça que tenho agora (talvez porque não tenha ninguém mais carecendo de justiça limpa que eu atualmente, daí o sentimento) como porque me parece tão fácil gozar e compreender a obra desses todos que todos têm valor. E por isso que fico numa situação intermédia que não é de superioridade que nem imaginam muitos porém é de inferioridade e infinitamente humilde. Você também reconheceu em mim a existência dum orgulho guaçu e eu falei que era verdade. Sempre reconhecia e creio que você também ser um orgulho tão imenso que me proibia os gestos de baixeza embora não os de paixão. Mas que orgulho esse e que superioridade contraditória de orgulho que me faz atualmente só praticar dentro duma mansuetude infinita diante até de bobinhos uma paciência uma complacência e uma humildade sem ter parada! Careço de arranjar uma palavra especial pra denominar então esse meu chamado orgulho. Ou então negar a existência dele. E se não mudo ele pra piedade é porque sinceramente não reconheço em mim uma superioridade de criação suficiente sobre os outros. Mas o que se está

dando é que abandonando os meus estudos quase duma vez estes tempos, abandonando meus prazeres até e abandonando minhas obras em começo a paradas, levo o tempo escrevendo pra toda a gente que me escreve, numa carteação maluca e que juro não é defesa minha. Não é mesmo porque aconselhando os moços um pra seguir Ribeiro Couto que é linha dele, outro você, outro Osvaldo, e aconselhando pra todos o instinto e necessidade de libertação e personalização e engrandecimento pessoal, não vejo em que isso possa se chamar de proselitismo e defesa própria. Ao contrário, é só de mim que faço se afastarem.

E o que é pior, com minha obra atual, sou eu mesmo que me sinto afastado dos outros... Eta vida! Vida lindíssima, Manu. E pra você que me conhece bem e diante do qual não posso bancar o fingido porque tinha vergonha de mim, se falo que acho minha vida de tanta inquietação e tortura uma vida linda e de deveras feliz, é porque acho mesmo. Ou sinto, que é a única maneira de distinguir mesmo estas qualidades. Porque afinal esta permanência de tortura e de abatimentos até morais de toda a casta diante da injustiça de compreensão dos meus próprios companheiros (e dos outros não posso exigir nada, reconheço) palavra que era pra abater um homem. No entanto, este entusiasmo, esta paixão, esta claridade em que vivo com minha consciência este sobretudo este prazer com que mesmo torturado por dentro estou gozando, ou isto é felicidade ou então que coisa! É Felicidade, sinto que é.

(...) matute sobre os versos quanto quiser e mande com vagar tudo o que pensar sobre eles. Ao sacrifício que fiz mandando eles você tem que corresponder com o sacrifício de falar tudo o que sente por mais pior que seja. Exijo sacrifício total. (...)

E ciao. Com um abraço do *Mário*.<sup>49</sup>

Nobre Mário de Andrade. Com pureza e amizade, argumenta a favor de *Verde*, valoriza o trajeto formativo de vocês, especialmente o seu, Rosário Fusco, e o de Ascânio Lopes. Em resposta, Manuel Bandeira alega não colaborar com *Verde* por fraqueza de ânimo resultante do estado de saúde, sempre compreensível, embora, esteja perfeitamente explícita sua irritação em torno do uso “ordinário” da linguagem abasileirada de Mário de Andrade, ponto mais atacado na expressão escrita da revista de vocês, proveniente de uma filiação aos princípios defendidos por Mário de Andrade, o que poderia ter orientado Manuel Bandeira a compartilhar de um Manifesto contra *Verde*, afinal abortado. Quer violar a carta do Bandeira? Aí vai:

*Mário*.

Recebi a carta de 30, os poemas e os retalhos de jornal.

Você é engraçado: escreve uns poemas com os quais “vibra internamente muito”, e ainda tem o desprante de chicanar sobre eles, só porque imagina que eles não poderão interessar a ninguém. Ora, Mário, vai te foder. Deixe de inventar tragédias onde só existe vida gozada. Não há nada melhor do que fazer um poema e “vibrar intensamente com ele”. (...)

Depois os poemas estão individualíssimos (desde *Paulicéia* você não é tão individual) mas não me parece que sejam individualistas. Ao contrário me parecem tão preocupados pelos outros, pela felicidade dos outros, pelo amor do gênero...

Sobre os poemas direi, pra lhe satisfazer a vontade, que como poema só não me satisfez a “Louvação Matinal”, neste sentido que não me parece poesia nem verso. É uma meditação filosófica em prosa. (...)

---

<sup>49</sup> MORAES (Org.), 2001. P376-378. LADO A. M.A. a M. B. São Paulo, 30 de janeiro de 1928. Data em que foi publicada a Revista Verde número 5, com imenso atraso, por isso, com capa vermelha de vergonha.

Os outros três ("Bodas", "Ponteado" e "Adivinha") são os melhores. Boiei completamente na "Adivinha". Macacos me mordam se entendi aquilo. (...)

Nestes poemas você me dá a impressão de se ter renovado e neles a sua personalidade se acusa menos por maneiras de expressão, por tics que fizeram você desgraçadamente tão imitável, do que pelas idéias e sentimentos. Se eu tivesse sanção sobre você, obrigá-lo-ia a tirar da sua linguagem o que a está assinalando como sua e os outros arremedam. Nisso é que você é escandalosamente, condenavelmente individualista. A sua idéia tão bela, a que eu aderi com ternura, está sacrificada pelo seu espírito de sistema. Você está escrevendo numa língua artificial que não é de você nem é dos brasileiros. "Embora não ouçam-te o grito". "Não ouçam-te" é um mostrengo, pura má-criação, você não diz isto, ninguém diz, não é português, não é brasileiro, não é coisa nenhuma, não se justifica pelo ritmo nem pela eufonia. É de um mau gosto horroroso pelo que há de fanfarrão na construção, pelo menos impressiona assim. Como o brasileiro diz vou na venda, vou na cidade, dá você para empregar em por a sistematicamente, escrevendo (como nesta sua última carta) Cheguei na incapacidade absoluta de etc. Isso é positivamente errado. O pacto da língua é chegar à incapacidade. Você acabou com a preposição a tão simples tão bonita, tão ágil (nesta carta ela só aparece uma vez em "ao contrário"). Desculpa se falo tão vivamente mas ando aporrinhado com isso. Às vezes (como nestas coisas do Pará do *Turista Aprendiz*) com vontade de escrever sensualmente gostoso à brasileira você resvala num jeito até ( )<sup>50</sup> - Mário! Você vê que eu fui até o fim do meu pensamento (...).

Agora só umas linhazinhas pra me defender. Onde é que você viu desatenção minha para com os rapazes da Verde? Não

---

<sup>50</sup> De acordo com a notação do organizador da publicação, Marcos Antônio de Moraes em nota de rodapé: "Trecho recortado por MA. velando um nome explicitado por MB.". Cf. MORAES (Org.), 2001. P380-381.

é verdade! O fato de não mandar colaboração não significa desatenção. Desculpei-me com eles e dei em carta ao Fusco as minhas razões particulares, íntimas, de não colaborar. Eu ando num estado de espírito diametralmente oposto ao seu e ao de todo verdadeiro poeta criador. Eu só estou de acordo com o meu destino quando faço ironia ou então quando estou prostrado pela febre, pelo cansaço. Não posso trabalhar, não posso estudar, não tenho força pra nada, vivo com a sensação permanente de desastre. O que me salva é esta dentuça e este gosto de rir que eu tenho. Não leve a mal tudo isso.

Manuel<sup>51</sup>.

**Agora, cartas de Mário de Andrade com Carlos Drummond de Andrade:**

*Carlos,*

Secundo o "canalhismo epistolar" de você com retidão epistolar, já vai resposta, siô!

(...) É uma infâmia vocês abandonarem a idéia da *Antologia*. Fiquei fulo da vida. Isso não se faz. É indecente. Publiquem em papel de jornal, em papel higiênico, em qualquer papel, se quiserem faço uma subscrição pra publicar o livro de vocês mas com mil milhões de cachimbos, publiquem!

(...)

Vocês estavam fazendo em Minas um movimento intelectual harmoniosíssimo, bem mais harmonioso que o da gente e o do Rio. Vocês não podem abandonar isso no meio, é ridículo. Mando pra vocês lerem a nota que escrevi no *Diário* sobre *Verde*. É minha opinião sincera, o que vai aí. Façam a *Antologia*, vamos! Criem coragem e sejam homens de livros. A gente tem mesmo que ser poeta no Brasil, quem que pode com a fatalidade. Bom, télogo. Você não me escreveu nem uma linha sobre o *Amar*, hein, seu safado! (...).

---

<sup>51</sup> MORAES (Org.), 2001. P379-380. M.B. a M.A. Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1928. LADO A.

Do sempre Mário<sup>52</sup>.

*Carlos*

Ando esperando carta de você faz tempo. Que houve? Trabalhadora? Não está gostando da Verde mesmo? Aqui vão umas coisas pra você se divertir. Se é que não leu já tudo no *Diário Nacional*.

Mário.<sup>53</sup>

*Mário querido*

Sempre que eu lhe escrevo, a pena tem que arranjar umas palavras de desculpa, escusando a minha preguiça ou meu desalento infecundo... Em 1928 não quero que seja assim. Estou com projetos fantásticos de reconstrução de vida. Entre esses projetos, que abrangem todas as latitudes, figura o de ser honrado no capítulo correspondência. Não só responder logo a todas as cartas, como provocar cartas, escrevendo em primeiro lugar. 1927 foi para mim um ano de sem-vergonhismo espiritual. O pão que eu ganhei, amassei-o na redação<sup>54</sup>, com um esforço baita de sujeito que não tinha costume do trabalho. Agora já tenho, ou pelo menos penso que tenho. Não me dispersarei mais nessa vida besta de jornal, sem uma palavra para os amigos que confiam na gente e estão espiando de longe. Estou horrorizado, seu Mário, com o balanço do meu 1927. Não fiz nada de nada sob o ponto de vista moral, e apesar de ter perdido um filho, e sofrido bastante com isso e com o sofrimento de minha mulher, não me senti mais puro nem melhor. Vivi bastante, mas não com aquele espírito de aventura e de curiosidade da vida que me parece animar os episódios mais pacíficos da vida de você, e fazem dela uma festa permanente. Ah, Mário, será possível que eu continue sempre invejando você sem me aproveitar de nada que você me ensina?!

---

<sup>52</sup> ANDRADE, 1980, p.298-299. LADO A.

<sup>53</sup> *Idem*. S/d. p.303.

<sup>54</sup> *Diário de Minas*, segundo Silviano Santiago.

Vamos a ver esse ano de agora. Muitos projetos. Primeiro: publicar mesmo o livro, de qualquer jeito. Parece que o negócio está bem encaminhado. A *Antologia*, por mais que isso ponha você indignado, creio que não sai mesmo. Emílio ainda não nos mandou de Dores do Indaiá os versos que lhe cabia fornecer para o livro. Almeida ainda não escreveu uma linha do prefácio, de que eu fazia tanta questão. Resta eu, Nava, João Alphonsus, com os papéis em ordem. Vendo que a idéia pelo menos encalhara, procurei editor para meus versos, continuando a manter o compromisso da *Antologia*, quando for possível publicá-la Na Imprensa Oficial obtive promessa de uma edição camarada, dependendo de orçamento. **De Cataguases (capital literária de Minas Gerais)**<sup>55</sup> os rapazes me ofereceram editar um livro de setenta páginas, quinhentos exemplares, por 480\$000. Achei dado e vou pegar a proposta, pego? Tenho uma versalhada enorme, que você conhece pela metade. Tenho material para esse livrinho de setenta páginas, para a *Antologia* e para mais alguma coisa...

(...)

Que que você me diz desse admirável grupinho de Cataguases, que está revolucionando as Minas Gerais com a sua revista? Eu fiquei bobo, seu cumpadre. Nunca pensei que eles dessem tres números, quanto mais quatro. A coisa promete continuar, e agora eles vão botar na rua os *Poemas Cronológicos*, onde deve haver coisas bem boazinhas. Deposito esperanças no Rosário Fusco e no Camilo Soares, ambos meninos, mas com algumas qualidades já marcadas. O Ascânio, esse é mais nosso de Belo Horizonte, embora nascido em Cataguases; aqui estuda e aqui trabalha. O Henrique, sinceramente, não acredito no seu modernismo de adesão.

(...)

---

<sup>55</sup> Grifo meu.

Que o ano seja para você e as pessoas do seu coração e do seu sangue um ano realmente bom são os votos meus e de Dolores.

Queira-nos bem.

Carlos.<sup>56</sup>

Você quer melhorar suas críticas. Quer escrever, se sente represado de ideias, por outro lado, um medo de errar o estorva. Para fugir do assunto, faz palavras cruzadas. Precisa responder à pergunta: “mulher brilhante, incomum”, com quatro letras; terceira letra é a consoante “V”.

Enquanto pensa na resposta, vem a ideia de que Mário de Andrade gosta mais de se corresponder com Carlos Drummond e com Manuel Bandeira do que com você. Suas cartas, você “vê”, são escritas por último, quando vaga tempo. Isso de “ver” não é saber, não, é intuir, coisa que fica entre o saber e o não saber coisa nenhuma. O que ele dirá em cartas para os outros? Você não sabe que Mário recebeu uma carta grosseira de Manuel Bandeira há uma semana, dizendo: “Vá se foder”. Não sabe que Mário rasgou outra palavra da carta ainda mais ofensiva, para ninguém descobrir. Não sabe que nela há notadamente um tom irritadiço. Qual palavra o Manuel escreveu no trecho isolado? De certo causava vergonha. Você pensa em muitas coisas ao mesmo tempo, não se concentra. Desse jeito não escreve “é nunca”. Está angustiado, com a imaginação em delírio. Volta às cruzadas: “Mulher incomum”? Quatro letras, uma é “v”. Pronto. Achou a palavra: DIVA. Preenche as lacunas: DIVA, como VIDA ou DAVI, o caçula do filme.

Você não sabe como se dão os diálogos entre Mário e seus amigos, mas imagina. Não pode pensar que algum deles teria intimidade para uma grosseria, mesmo assim imagina, porque hoje você está incontrolável, e já está socando a cara de quem o faria, porque de qualquer forma seria injusto. Pensa que Manuel Bandeira é professor e se inflama em relação ao radicalismo de Mário contra os padrões gramaticais da língua portuguesa, como no caso da supressão de acentos e no uso da escrita com marcas da oralidade. Se Bandeira chamasse Mário de

---

<sup>56</sup> *Idem*. Belo Horizonte, 2 janeiro 1928. p.304-307. A publicação inclui, nesta carta, registros iconográficos importantes de Rosário Fusco (foto do jovem Fusco, desenho) e uma foto panorâmica de Cataguases, ocupando duas páginas inteiras. Anexo 22.

“diva”, você consertaria os dentes dele! Vá brigar contra a história da língua, mas não ataque o amigo covardemente (diria você). É uma agressão injusta, maldosa, implícita essa em sua imaginação. Você lembra-se do poema do “gato mijando” – invenção linda do Bandeira. Não seria Mário de Andrade o gato que levanta a pata e “mija” sobre os padrões “portugas”, como ele diz? Que Bandeira! E você aí, inventando pensamentos rudes para o poeta. Ele jamais diria algo semelhante.

Batem palmas no portão. É seu Orozimbo, o carteiro: “Moleque! Carta do poeta!”. Todos sabem que seu Orozimbo abre as cartas antes da entrega, por isso, vocês preferem buscar no correio. Esta carta chegou em hora inesperada, afinal, o seu mestre tomou coragem para dizer algo realmente importante.

*Rosario Fusco.*

Vou lendo e secundando. Acho que você deve pedir pro Nava ilustrar o livro de você. Não gostei nada do desenho que você publicou na Verde e acho mesmo que como você fala, você está querendo abraçar o mundo com as mãos. Ou com os braços. Continue assim. Isso é bonito e se parece bem com o corpão de você que apareceu na fotografia enviada. Obrigado por ela. E si o desenho que você botou na Verde não presta isso não quer dizer que você não continue a desenhar. Continue. Quem sabe si inda você chega a uma solução pessoal interessante de desenho? Ninguém não pode saber. Agora êsse futuro não é suficiente pra que você vá encher *Codaque* de desenhos ruins.

Vai junto a página do Diário com o poema de você a nota que escrevi sobre Verde.

Quanto a mandar coisas minhas inéditas pra vocês lerem, já passou o tempo em que eu tinha tempo pra andar copiando as minhas coisas. Em geral fica tudo a lápis numa moxinifada dos demônios. Quando é pra publicar que boto tudo a limpo e záz tipografia! Bem se está vendo que você nem imagina o que é minha vida de tão apertadinha!

No "Baia", como você deu licença, tirei o "cheirando a tomilho" que é positivamente portuguesa e não diz nada. Em todo caso todo tempo é tempo pra você botar outra coisa no lugar, si achar necessário ou rebotar a mesma coisa.

Nas considerações sobre felicidade que você fez na carta, felizmente escrita á máquina, não entendo bem o que você chama de minha "espiritualidade". Porque me parece que justamente o que faz a minha toda feliz maneira de encarar as coisas e viver está num dionisismo bastante sensual com que uno de tal forma o meu ser inteirinho, alma e corpo, em todas as manifestações vitais de que compartilho. Uma certa coragem desportiva diante da vida, não será isso a principal razão de ser da minha felicidade? "Desportiva" tomada a palavra no seu mais elevado sentido, está claro. Jogar apaixonadamente, desejando vencer, se sacrificando por isso, mas ao ficar vencido, não roubar, não me vingar, reconhecer alegremente com lealdade a vitória do parceiro e até gosar pela vitória dele. Isso sim que é desporte e eu sou assim. Outro dia inda refletimos sobre isso na fazenda do Osvaldo onde eu tinha ido acompanhar o Ascenso e o Manuel Bandeira vindo a São Paulo. Falava-se sobre discussões um dia em que o Osvaldo estava terrível de irritante com os sofismas dele e todos concordaram que eu tenho uma maneira muito especial de discutir que corta as asas do adversário, simplesmente por que quando êle tem razão falo logo que êle tem razão e dou-me por vencido.

Mas o que achei graça foi na palavra "zureta" que você emprestou e não sei o que é. Me mande contar o que é que estou com preguiça de procurar nos meus dicionários de brasileirismos. E assim acho um pretexto pra você me escrever mais.

Quanto ao Manifesto, de fato está besta a valer. Só valeu aquele pedacinho apaixonado em que vocês juram trabalhar pela Verde. Achei aquilo numa lindeza extraordinária. Gozei como o diabo. Falar em Verde, vocês

não mandaram me falar si receberam o poema "Homenagem" que o Osvaldo e eu fizemos pra vocês, nem o poema inédito de Fingerit que mandei. Mande contar alguma coisa sobre isso.

Você me pergunta si o Alcântara gosta de vocês. Na certa que gosta. Mas é outro com vida safada e não tem a sistematização que eu tenho. Só por isso que responde menos.

Tenho aqui alguns versos de você pra conversar. Achei muita graça no "Teoria". Como sátira é bem bom. O mesmo humorismo ditou a "Elegia". Nota: oito e meio. A Croniqueta creio que já falei sobre ela. **Apesar da lembrança do "gato mijado"**<sup>57</sup>, do Manuel Bandeira (repare que tem certas coisas que depois de faladas uma vez, ninguém mais não pode falar sem que lembre logo o que falou primeiro) é uma gostosura. O "Poema da minha tristeza" não é ruim não. Mas palavra de honra que já ando enquizilando por demais. Dos treze versos finais acho difícil tirar alguma coisa. Porém dos outros é possível sintetizar bem. Veja bem que estou longe de achar o poema ruim. Isso de eu andar enquizilando com êsse saudosismo não impede que ele seja justificável e por vezes bonitíssimo. E tanto é assim que dos três Poemas Cronológicos que você já escreveu. Gosto sinceramente dele. O final é positivamente duma comoção muito profunda e eu que já estou enfarado com essa tal de história de descrever sem mais nada (que nem a Vila Tereza, Leopoldina e um milhão de coisas de vocês) (dos outros todos do Brasil e do mundo) gosto pestemente do "Serão interior". Você me fala numa carta pra eu escolher qualquer coisa pra você me dedicar. Pois si ainda não dedicou nada dedique isso que si de qualquer forma fico agradecido, com êle inda fico mais. Os dois primeiros versos carece melhorar. E quando eles repetem também. Tem um "sobre a brancura" e um "descororadas" irritantes assim um logo depois do outro. Eu fazia disso um

---

<sup>57</sup> Referência provável ao poema "Pensão Familiar", de Manuel Bandeira, em *Libertinagem*: "(...) Um gatinho faz pipi./Com gestos de garçom de restaurant-Palace/Encobre cuidadosamente a mijadinha./Sai vibrando com elegância a patinha direita:/ – É a única criatura fina na pensãozinha burguesa. (1925). Grifo meu.

verso só, tirando qualificativos que tem de sobra. Por exemplo: "o silêncio pesava sobre a descor das paredes comprimidas". A palavra descor não existe, foi invenção de momento. Acho linda e está muito bem derivada. Si quiser empregar empregue que não faço disso propriedade minha. Aliás, achei besteira você pedir licença na Verde pra usar declanchar. Está claro que a tradução pro vernáculo de déclancher é o "e de novo" que está ambíguo por demais. Quem sabe si você cortando o 5º verso? Ficava só "Mamã chamava pro café das oito..." Depois eu voltava de novo pros livros, pro quarto etc.

Aliás prefiro "pro quarto, pros livros" que fica mais cadenciado como sonoridade e mais exato como enumeração. No 9º verso acho que você deve tirar o artigo: "Pra correr mundo também". Em vez de "das" prefiro "de viagens maravilhosas" no 15º verso. E não tenho mais nada pra esmiuçar. Sabe no que estou matutando? Que não ficava nada mal pra você estudar um pouco um tratado de versificação bem idiota que nem o do Osório Duque Estrada. E o de Castilho também. Você colhia lá uma porção boa de noçõesinhas que jamais não serão inúteis, sob o ponto de vista de melodização dos versos, coisa muito importante em arte. Em toda e qualquer arte tem a parte artifício que por mais que repugne a você, que tem 17 anos, existe tanto em Picasso como em Dante ou Osório Duque Estrada. E o de Castilho também. Não pense que gênio basta pra fortificar a gente. Essa história da gente contar com a genialidade que possui dá em pobreza na certa.

E basta que já estou fatigado. Estes três Poemas Cronológicos são bem bons, bem feitos principalmente.

Vá trabalhando e não se esqueça da gente. Estou sempre às ordens pra tudo e não tenha medo de me caceteiar, já falei.

Com um abraço verdadeiro do Mario.<sup>58</sup>

Algo une o seu espírito ao de Mário de Andrade. Tudo o que ele sente ou pensa, você sente e pensa também, de tal modo que você não sabe quem pensa antes ou depois. Está a lua cortada pela metade no céu com uma nuvem ao lado, pronta para a ela se sobrepor. Você está olhando através da sua janela na casa 53, rua Coronel Vieira. Sem palavras além das Cruzadas do jornal *Cataguases*, mão direita no queixo, olhos transportados para a rua Lopes Chaves, com talvez vinte postes, talvez quarenta casas, sendo que somente em uma delas, talvez, tenha uma caixinha de correio verde. E na rua, provavelmente, há de existir um vigia noturno. Seus pensamentos vagos passeiam com um apito sobre os treze versos enquistados por Mário. Você ouve o apito. Olha para trás! Uma sombra na porta. Olha de volta para trás! A janela e um ângulo de luz. A sombra indefinida corre recortada pela grade, na rua. “De certo é o Chico Peixoto fazendo graça”. Silêncio. Você teme agora lançar o corpo para fora, porque sabe, à noite os gatos são pardos. Está no seu desejo fechar a janela e colado a ele a sede de desvendar o movimento sinistro da noite. Recua para sumir na nesga escura por trás do feixe de luz da janela. Um frio de pressentimento emudece sua voz, aniquila seus movimentos. O tempo vai passar lentamente, sua ansiedade forçará o ritmo da espera para ultrapassar a duração relativa do evento. Silêncio. Corpo duro. Somente o seu coração espancado é som audível de seus sentidos. Um dois três quatro cinco seis um ruído no lixo e um fungado. Você ataca o Lado A da janela, agacha, traciona com força o Lado B, pancada de madeira, passa o trinco ligeiro e se livra das impressões do ver e ouvir imagens por hoje. No dia seguinte, uma carta está depositada na fresta da janela. Bom dia, Fusco!

S. Paulo

Meu querido Rosario Fusco, piá Manguari, bobo que escondeu o carão na foto, as musicas simplesmente valiosas, porem como você tá escrevendo coisas na Verde não sei si são pra mim ou pra você. Mande falar, que caso sejam de você, mando umas observaçõezinhas pra te ajudar: O “Não sei mesmo

---

<sup>58</sup> LADO A. MA a RF. Acervo Rosário François Fusco. S/D. Datiloscrito com assinatura: Mário. Xerocópia. Anexo 2.

onde foi..." você também não especificou claro si escreveu antes ou depois de lido o "Momento". Si antes a coincidência fraterniza estranhamente a sensualidade de nós dois. Si depois, tem coisas que carece tirar pra que não seja imitação. Porem o poeminha é bom. Um bocado mais acalmado no ritmo e na dicção ficava otimo. A revista alemã, mandei pra você ver figura que bonitas elas são [sic]. É uma idea boa essa de você aprender o alemão proquê [sic] não finca o pé nela? Que lingua boa! principalmente pra gente aprender coisas e ler as suavidades mais suaves deste mundo, lieder de Goethe principalmente... di que sei pouco a lingua porêm me arranjo lendo. E é só. A carta não tem coisa pra resposta. Eu aqui, naquela já sabida de você: das 6 madrugada até 24 e trinta às vezes alem, trabucando, trabucando. Quando deito, ôlho esperto de fadiga, sem possibilidade pra dormir, tou febre, cama se imoralisa todinha, gemendo, gemendo do meu tremor. Até penso em coisas. Depois o Pai do Sono vem afinal, me engole. Quatro, tres horas durmo e pronto, trrelem-tremlem-trem, despertador é a vida mesma. Mas sem amargura. Amargura não é vida que dá não, os homens é que. Porêm outros dão doçuras tambem, agora vou almoçar com o Paulo Prado, depois vou ver Anita Malfatti, Osvaldo, vou buscar umas musicas que o Villa mandou da Europa pra mim, são meio-dia, já me barbeei, cortei cabelo, tomei banho, fiz ginastica, me vesti, escrevi com esta a 8ª carta e ultima do dia, faz sol, é meio-dia... Noite de music-hall...

Mario.<sup>59</sup>

Vê? Última carta é a sua. Não sabe ele de sua noite de febre, não de lubricidade como a dele, mas de medo. Vida boa deve ser a de São Paulo. Andar em casa de artistas, saber o que eles vão compor antes de todo mundo, trocar interesses, aprender, inferir. Como é possível ver tanta gente em um dia só? O Mário vive enquanto você sonha. *Verde* está doente. Começaram a brigas. Você

---

<sup>59</sup> LADO A. MA. a RF. S. Paulo, 14 – X – 28. Carta manuscrita e assinada: Mário. Duas páginas. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 3.

não tolera falsidades e elas vêm surgindo... Estoura a bomba, Mário intervém e vocês dialogam sobre o problema, em meio ao processo de publicação de *Verde* número 5, aquela de capa vermelha de vergonha. O atraso é grave, saindo em dezembro de 1928, com um suplemento que preenche os meses de fevereiro, março, abril e maio. Vocês estão atropelados.

O caso discutido nas cartas a seguir, você se lembra, conta o aborrecimento entre Pedro Juan Vignale e Camilo Soares, no qual interveio você. Sobre Vignale, Manuel Bandeira e Mário de Andrade criticam seus modos mais tarde. As cartas xerocopiadas e entregues a mim por seu filho, estavam apagadas, impossíveis, quase como se não fossem entregues, e de certo, não o foram. Ocorre que para além da verdade, existe o faro, a lente da lupa e a invenção, quando se ultrapassa o acanhamento da adivinhação.

S. Paulo,

*Rosario Fusco.*

Secundo logo que passo a carta de você porquê afinal me parece que você está além de zangado, sofrendo com o que sucedeu e não quero que você sofra não. Aliás vocês são tão inesperados às vezes e tão contrassentimentais que desconfio que essa palavra sofrimento inda é capaz de dar mais raiva pra você. Desta vez não há razão pra isso. Sofrer quando a gente se sente lesado por um amigo é antes bonito que fraqueza: é força de homem sincero. Ora eu não quero que você se machuque por causa minha. Olha, Fusco, você está gigantesando uma coisa que afinal das contas não tem a menor importância. Antes de mais nada pode ficar certo que esclarecerei tudo com o Vignale (?) e livrarei você apenasmente da leviandade e não da incorreção ordinária que você imaginou nisso duma pessoa mandar versos pros argentinos publicarem. No mais estou sciente de que não foi você que praticou a leviandade e pronto. Agora: como não acreditar no que o Vignale me contou? Conheço ele bem. Não me parece individuo falso e tenho tratado com êle faz tempo. Quero acreditar que foi isto uma simples confusão só, um mal

entendido insignificante de pessoas que não querem se prejudicar. O Vignale com a vida afobada que está levando, lendo as coisas em pá, confundiu você com o Camilo, que afinal andaram mesmo irmanados na tentativa de trabalhar pra os números atrasados da Verde. Coisa muito natural de acontecer, muito mesmo tanto mais que o Vignale não me contou o fato com ar de mordacidade contra você, não, contou seguindo o raciocínio do mal entendido, o mesmo que achei também. Porquê afinal de contas no simples gesto de escrever versos pra Argentina publicar lá, um moço fora do seu país, estando em uma cidade desconhecida, sem amigos nem ninguém, acaba procurando ligação com sua própria terra, sentindo mais facilidade em comunicar-se em língua própria, e procura ainda manter-se ligado aos contatos que possam abrir-lhe caminhos de volta à casa se precisar. Não vejo mais do que uma leviandade dele, fraqueza, ingenuidade e desejo de aparecer.

Fusco, em todos estes sentimentos não vejo nada de negativo. Não importa, o homem queria escrever e nisso não há nada mais legítimo. Não fere de verdade nada não.

Preciso dizer, no entanto, que você alimentou um sentimento que não me parece digno de você nem dum conceito verdadeiramente lógico e moderno da personalidade e da felicidade. Não há sentimento que empobreça mais um indivíduo que a raiva e a antipatia direcionada a uma pessoa. Suponhamos que você tenha razão para odiar um indivíduo qualquer. Odeie si quiser. O ódio é um sentimento tão profundo que não creio possível a gente fingir que não sente. O que acho importante não é disfarçar o ódio que se sente por uma pessoa e sim sequestrar com êle. Não se seduza ao impulso de julgar uma pessoa. Porque julgar é trabalhoso, requer esforço de introjeção e ponderação em torno de uma ideia que afinal envenena só você, que ti faz mal. Tempo gasto com coisa rúim escoas os pensamentos bons de você e limita e faz sofrer. Não gasto meu pensamento com gente que

faz maldade pra mim. Não digo que você perdoe. Eu mesmo confesso, não perdoo o que fizeram pra mim, deixo o caso pra Deus. Ele que perdoe ou não como quiser. Porém sequestrei de tal forma essas pessoas da minha existencia moral intelectual e até física que na realidade elas deixaram de existir pra mim. Só vendo o carinho e o cuidado que boto em não abandonar nunca a atitude que tomei a respeito dessas pessoas. Tanto mesmo que consigo desligar a pessoa moral, que me fez mal, da pessoa intelectual que cria e existe em algumas delas. Leio atentamente as belezas de obras de alguns inimigos meus. Com a máxima sinceridade. Não falo delas, está claro, nem pra elogiar nem pra atacar. Pela simples razão de que por mais que exista sequestro em mim, nunca não poderei saber perfeitamente o que me leva a agir falando delas. O sequestro e as segundas intenções por vezes são tão intrincados e tão subtis que um homem não pode se analisar direito. Só mesmo com amigos muito chegados troco às vezes opiniões sobre essas pessoas que afastei de minha existencia porêm mesmo isso faço com repugnância e mudo logo de assunto. É que um ódio, uma raiva (...) prejudica excessivamente um indivíduo na liberdade que deve ter pra consigo mesmo. Isso preocupa em sua carta. Você ficou refém da raiva, amofinado, trazendo para as suas atitudes, para a sua palavra a maldade que você deve, ao invés, manter longe de você. Se não entende isso, basta ver o que você me escreveu, carta de raiva, carta de ressentimento, fazendo você se estender em conceitos pejorativos sobre tudo o que supõe que, cada pessoa intrincada na história sente ou pensa, até do que eu tinha dito na minha carta sobre os argentinos! Tudo você torceu, para entender a seu modo e dizer por exemplo que nas revistas argentinas tem muita bagaceira. Está claro que o que eu quis dizer é que em nosso país quando a gente publica coisas estrangeiras pra mostrá-las pros nacionais, em geral, escolhemos o que tem já de representativo dessa terra estrangeira. Não dizia que eles escreviam coisas mais representativas do que vocês, não comparava vocês, não rebaixava o que vocês escrevem contra o

que escrevem os argentinos, não. Até porque acho que vocês ultimamente produzem coisa muito melhor. Vê como o julgamento rúim contagia o território todo do pensamento? Por isso é digno para o espírito "sequestrar" o sentimento de ódio. Para pensar limpo, distinto. Distinguindo o que é elevado e seu, do troço que não presta.

Não se zangue de eu dizer isso tudo, não. Entendi você e suas razões. Reparei nos motivos de seu ódio e senti a sua retidão, mas não quero ver você crescendo atrasadão, conforme o espírito de um século passado, tempestuoso e impetuoso, porque isso não serve nem ao seu caráter nem à arte mais não.

Quero que saiba que sou muito seu amigo mesmo, Fusco, e quero ver você progredir para um homem forte de caráter, desenvolvendo lógica de elevação moral e independência. Esqueça o sucedido e sobretudo esqueça os homens que você não pode amar. Com um abraço forte do

Mário<sup>60</sup>.

Rosário, meu amigo, agora você contou com o meu esforço inventor, porque a carta que me forneceram estava ilegível. Intervenha a favor de si mesmo, balance o seu baú como um fantasma agressor deve fazer. O apagamento da carta é o revés do seu arquivo. A vicissitude perturbou o temperamento obstinado de meu rumor e incitou meus modos de ultrapassar o bloqueio. Ao branco cego, sobrepõe-se a transgressão. Desafio os demais leitores ao jogo de fuçar, supor, adivinhar, inventar, violar cada qual a seu modo, os buracos desencaminhadores. Sugestão: principie com o sonho da lupa sobre a xerocópia. E divirta-se.

Cataguazes,

Mario amigo,

---

<sup>60</sup> LADO A/B, simultaneamente. MA. a RF. S. Paulo, 2-II-28. Carta datiloescrita, datada e assinada: Mário. Duas páginas. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 4.

Por uma feliz coincidência você com a sua carta de hoje veio também aumentar mais ainda no meu conceito o juízo bom que eu sempre fiz de você. Você é o melhor sujeito deste mundo! A sua carta foi uma lição pra mim. Brigado por ela. Ela me fez bem. E si tiver mais alguma coisa assim e franca pode falar que eu acho muito gostoso. Quanto ao Vignale concordo com você, mas não me arrependo do que eu disse não. Eu fiz mal, reconheço, em dizer aquilo tudo, mas, como falei embaixo da carta, sou teimoso mesmo e não tenho o costume de afastar com medo não. O que eu fizer está feito e está acabado.

Fiquei triste só duma coisa. Foi de você pensar que eu estivesse com raiva de você. Fiquei machucado de leve só. Porém com raiva não. Mesmo porque você, Mario, é muito amigo e muito sincero pra com a gente. E si um dia você se encrespar comigo: ficarei gostando de você do mesmo jeito. Mesmo você não gostando de mim. QUERO QUE A NOSSA AMIZADE TENHA A DURAÇÃO DAS ESTRELAS!

O negocio do Camilo é que nem o que você percebeu. Si eu te contasse o caso v. me daria razão. E si ele contasse IDEM. Mas isso não vem ao caso deu ter raiva dele intelectualmente não e que falei aquelas coisadas todas só de mau. Pra deprimil-o. Santo Deus! Seria uma falta de vergonha de minha parte agir assim debaixo dum estado "psicologicamente" apaixonado. Pareço com você nesse ponto.

Admiro e quase gosto do Camilo Soares poeta. Mas do Camilo Soares homem: NÃO. Pra te falar a verdade, vou contar pra você um pedaço da historia sem interesse nenhum, porem serve como documento-prova do espírito do descarado que está encarnado na pele dele. A briga foi comigo. Se retirando daqui pra Juiz de Fora pra casa dum seu cunhado - já brigado com a turma toda-Camilo escreve uma baita carta pro Peixoto pedindo desculpas do que fez contra ele indiretamente. E mais: meteu/o pau no resto da turma - principalmente em mim. O Peixoto vai não responde a carta. Noutro dia o Henrique

recebe outra do Camilo - um verdadeiro testamento - e agora quem toma o pau não sou eu, não mais o Peixoto e o Ascanio. Eu sou até elogiado; "lembranças ao Fusco velho. Diga a ele pra escrever "...Etc.

PONTO.

Sem comentários. Si você quiser ver, verá. Porém não quero que me dê razão não. Continue imparcial que isso prova grandeza de alma e grande poder de força moral. Também por que você não me conhece pessoalmente nem o Camilo nem ninguém daqui. E qualquer juízo sobre nós, bom ou mau, seria e é falso, inútil. Não é mesmo, Mario?

Me perdoe si compreendi mal o negócio da "universalização" de verde. Porém acho que quem compreendeu mal foi você. Nunca achei que isso fosse ruim não. Só tenho gostado. Não precisa desconfiar que nem mineiro da gente como eu, não, que você aqui em casa manda um pedaço. Escreva, esqueça o sucedido e a carta minha que tudo vai começar de novo.

Verde nº 5 amanhã ou depois. Atrasou pra esperar os Poemas Cronológicos que vão sair daqui uma semana mais ou menos. Gostou do desenho da Maria Clemência? Na suposição de que você não conheça a Campana de Palo aí vai um número da bicha pra você.

O Henrique e o Peixoto vão escrever e mandam lembranças. Eu mando o meu coração. "sabe se feira de janeiro já saiu? E o laranja da china, quando?"

Rosario Fusco

Si quiser já pode mandar colaboração pra verde nº6. Cave com o Alcântara e o Couto qualquer coisa também. Um abraço pra negrada<sup>61</sup>.

---

<sup>61</sup> LADO A. RF a MA. Acervo M.A. MA-C-CPL3257. Cataguases, 6 FEV1928. Datiloescrito com fita roxa. Autógrafo a tinta azul: Rosario Fusco.

Outro saco de gatos. Agora a briga foi com Francisco Ignácio Peixoto. Retire-se da sala, Fusco. Silencie como se pede em um set de filmagem. Lembre-se do silêncio resignado na jaqueira, da pesca no rio. Esqueça por um tempo as razões e o verbo. Assista. Lembre da habilidade do amigo Quatorzevoltas trabalhada só no ouvido. Deixe o interlocutor ouvir, depois pensar. Dá-lhe tempo de decidir contra si mesmo, contra a própria desrazão. Aquiete a sua sanha. Lembre-se de Mário de Andrade. Lembre-se da carta da página 40, em visita ao Oswald, maçante de sofismas, como ele corta as asas do adversário? “(...) todos concordaram que eu tenho uma maneira muito especial de discutir que corta as asas do adversário, simplesmente por que quando êle tem razão falo logo que êle tem razão e dou-me por vencido (...)”. Não importa afirmar esforço algum. Deixe a história seguir as contingências da hora para não salgar o sabor. Mas, a força propulsora do início chega com vigor idêntico na hora do desabamento.

Meu querido *Mario*:

Só agora arranjei um tempinho para responder à carta recebida faz já um mês! Não pense que é pouco caso não. Eu seria incapaz de proceder assim com um sujeito que estimo verdadeiramente - como a um irmão. Acontece que, tendo saído um dos regentes do primário, o diretor me pediu para substituí-lo por uns dois ou três dias apenas e afinal aqui estou ha mais de 5 semanas. Trabalho agora que não é brinquedo, de maneira que o tempo escassíssimo que me dão de folga é o suficiente para cuidar das coisas do meu curso.

Quanto à briga é coisa tão sem importância, incidente, que nem merecia a carta de v. Só que a questão foi premeditada e jamais terei confiança em Francisco Ignacio Peixoto. Um simples pretexto de orientação literária (adivinhou!) e ele - zás - se aproveita para descarregar seu despeito sobre mim, dizendo que nada fiz por Verde, que não valho coisa alguma, que não precisa de mim (eu preciso dele?), que o seu mal foi ter me dado muita importância (pedi-lhe alguma coisa?), mais isso, mais aquilo, tudo besteira, que escrita assim parece nada, porém que ouvidas no tom com que as ouvi significam muita coisa. Como vê,

questão de sentimento. E como, (...), em coisa de emoção tem razão quem conta o caso, me abstenho de contar os antecedentes... para ficar sem razão. Para terminar essa conversa só digo a você uma coisa: me julgo ofendido, humilhado. Reconciliar - seria humilhar dois Verdes. E eu tenho por costume não me arrepender dos atos que pratico. - não faço, portanto, as pazes com Fco Inácio Peixoto. Mandei que ele fosse á merda em plena Brasileira e estou ainda disposto a mandal-o outra vez, em qualquer lugar.

Escreva. Perdoe a pressa do bilhete e creia na amizade sincera do Fusco<sup>62</sup>.

### Como resposta, um bilhete SuMÁRIO.

*Rosario Fusco,*

Colhi no ano de 1927 o alcance de meu empenho pela cultura brasileira. Nasceu Verde e eu pensei: "partejei". A voz do bacuri de quem era? Sua, principalmente, e de Ignácio, Ascânio, Guilhermino, dos rapazes todos daí. Você tem sido o meu interlocutor chegado. É mais que um mocico da Verde, é um amigo para a duração da vida. Preciso, com a batuta do amigo, cutucar de leve a sua orelha de piá, a fim de chamar-lhe a atenção para o sentido das coisas, tantas vezes repassadas em nossas conversas sobre a conduta de um homem diante da vida. Saiba repelir os insultos com dignidade. Aprenda isso, homem! Lembra-se da carta sobre o sequestro do ódio? Vale o mesmo para a nova circunstância. Cuide de temperar o ânimo em tempos de desordem. O que muda para o caso é que não se trata de "sequestrar o amigo". Releve o caso e volte às boas.

Mudando de fio a pavio, Que-dê as toadas? E os passos das danças?

Mário.<sup>63</sup>

---

<sup>62</sup> LADO A. RF a MA. Acervo M.A. MA-C-CPL3282. IEB. Postagem em JUL1929. Autógrafo a tinta azul: Fusco.

Amanheceu a cidade com chuvisco. Você está tossindo. Humor melhorado pelo recebimento do bilhete, embora transido pelas brigas dos últimos tempos na revista. Você está agitado. Deveria procurar o Chico, dizer “esquece”, mas não pode. Enganchou o bico. Mário de Andrade quer canções. Ele trabalha para a coluna “O turista aprendiz”, viaja e organiza um compêndio de música. É preciso ajudá-lo cavando canções mineiras. Você procura músicas argentinas também, não pára de pedir, inquirir, acostrar a todos para obter músicas que agradem o Mário. O momento é perfeito para demonstrar a sua consideração por todas as coisas boas que ele faz por você e por *Verde*. É o momento de empenhar esforços sobre o caso, com a fidelidade de um cão.

O livro de vistas foi suspenso. Melhor escrever sobre outras vistas, um livro de naturezas mortas ou vivas, coisa do cenário brasileiro menos difícil que cartão postal de cidades, porque se o Mário implica com tantos versos em poemas curtos, imagina a trabalhadeira decorrente de algo tão extenso quanto a paisagem de um Rio de Janeiro ou uma São Paulo? Poderia ser um livro de árvores da cidade, ou de bichos, ou de seres do rio. Um livro de sabores, de afetos. *Fruta do Conde* é um bom nome de livro.

*Fusco,*

Deixa de bancar o afobado, gente! Você está mandando só recados e recados que não se entende! Recebo agorinha recado falando em registrado que devia de vir e que-dê? Mande o registrado e deixe de sonoridades vazias, ora cebolorio! Puxa! então já está com *Fruta do Conde* no prelo! Nem descansou sobre os louros já com outro. Olha bem, Rosario Fusco, você é muito mocico e não tem pressa, se lembre que numa situação dessas livro novo tem que indicar progresso si não se justifica. Não conheço bem o que você vai botar na *Fruta do Conde* porém assim recordando por alto (porquê não pode ser doutra forma agora que estou ocupadissimo) os poemas a que me lembro de ter visto ajuntada a indicação de pertencerem prá *Fruta do Conde* não me parece que teve progresso não. Você afirma um jeito

---

<sup>63</sup> LADO B.

peçoal de poetar porêem não progride sobre êle: matute um pouco mais sobre essas coisas. Tem muita coisa que a gente escreve e que sustenta a gente como personalidade no domínio das revistas porêem em livro não adianta nada. Se imponha sempre como norma que dum livro pra outro tem que haver um progresso verdadeiro ou então uma pesquisa diferente. E sobretudo nada de condescendências pra consigo mesmo. Si falo assim pra você é porquê acredito em você e na inteligência e valor de você. Carece que você agora não desmereça nada disso nem os valores propios nem a esperança dos outros, heim!

Numa das últimas cartas, junto com dois poeminhos "Ditado da Casa Caiada" e "Carta aberta pra Rosa" vieram dois desenhos feitos às pressas. Notei sobretudo na "Paisagem", apesar da pressa e falta de inspiração com que foi feita, já melhor segurança de traço e menos pareçença com alheio. Guardo ela como indicio bom. Quanto aos poemas, "O Ditado" está talvez um pouco repetido por demais e o pior defeito dele é que em vez de estilisação artistica do populario voce fez pasticho. A idea é boazinha porem com ela você pode fazer um poema otimo não pastichando. Lembre bem que a estilisação é que é artistica. Pasticho é cair em Cornelio Pires e você creio que quer ser artista. A sextilha com que o poema acaba me parece rúim. Aliás você me diz mesmo que não vale nada como poesia isso. Acho que vale sim e pode mesmo ser que fique delicioso tudo quando a musica estiver ajuntada. Falar nisso: me esqueci do nome inteiro do Pierre, me desculpem. Me Mande [sic] contar como é mesmo pra eu botar no Ensaio sobre Musica Brasileira em que as melodias que vocês me mandaram vão sair.<sup>64</sup>

Sáiram os *Poemas Cronológicos* e os escritores comprometidos com *Verde*, ocupados com suas vidas pessoais, deixam você tocando o barco sozinho e não se ocupam com a urgência do envio dos textos para o próximo número

---

<sup>64</sup> LADO A. MA a RF. MA. a RF. S. Paulo, 25-VI-28. Carta datiloescrita, sem assinatura. Duas páginas. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 5.

atrasado. Ascânio está doente em Belo Horizonte e volta no fim de março para Cataguases; escreve pouco e não pode apoiar o gerenciamento da revista, vai morar no sítio da família, distante da cidade. Guilhermino César e Francisco Peixoto foram estudar em Belo Horizonte, vêm a Cataguases só de “pulinho”. Enrique de Resende (agora sem “H” para ser moderno) arranhou emprego na Estrada de Rodagem do Governo de Minas Gerais e também viaja.

*Mario:*

Recebi careta gozadíssima tipo mulato cataguazense que nem eu e o Peixoto. Brigado por ela, diabo! Foi um espanto danado na redação verde. Até Maria do Carmo jovem poetisa verde ainda inédita mas admirável assim mesmo se espantou topando com a sua

cara cínica-simpática! Brigado mais uma vez. Percebo em vocês, Mario, uma coisa que já está é me machucando. Ninguém agradeceu poemas cronológicos!... E você nem uma notinha do Diário como de costume! Isso tudo é uma falta de interesse que faz desconfiar a gente, embora mineiro ande sempre desconfiado de qualquer jeito. Inda outro dia o Alcântara me passou um telegrama de parabéns prometendo uma carta que até hoje não chegou e nem chega, creio eu. Não precisa fazer nota mais não. Mesmo porque agora é tarde Ineis já é morta... Foi preciso lembrar você, e crítica pedida, pra mim, Rosario Fusco, não tem valor nenhum de sinceridade mais não. Estou cavando toadas deliciosas e fiquei muito alegre de você gostar das mandadas. Insisti na pergunta da Campana de Palo porque mandei um exemplar dessa revista pra você, acompanhada de carta que eu não tive resposta. Por isso e porque sou lamentavelmente exigente nessa questão de perguntas, insisto mais uma vez: RECEBEU? MARIO DE ANDRADE, A CARTA E A REVISTA???



Figura 19- Careta. Mário de Andrade. Caricatura de Nássara. Nanquim sobre papel arroz.

Pela sua cara fiquei sabendo que o Segall não é só a crônica que v. fez sobre ele não, mas, sim, um perfeito artista ainda por cima. Tá talqual o retrato saído no *Para Todos*. Parabéns pra ele embora não saiba que existe a gente. Mande (si quiser si não quiser estriple que eu pouco me incomodo) um Clan pra Maria do Carmo também. Vou mandar versos dela pra você ver. É o último livro que te peço. Me creia! Leonardo já deu o fora pra Belo Horizonte, mas vou mandar livro pra lá. Os versos da toada seguem depois com as outras que estou arranjando e colecionando aqui com o Pierre que é inegavelmente um menino de valor. (...) Vou arranjar (...) n° (...) dedicado EXCLUSIVAMENTE pra você. Mande versos inéditos e nome de gente e jornal e nome de artigo que se ocuparam de você e da sua arte cuié! MESMO QUE NÃO QUEIRA ACEITAR essa homenagem da gente.

O pessoal já anda falando mal de mim aqui por causa do meu rabicho com você. Isso tudo não deixa de ser safado, mas é duma gostosura superior, não acha? Eu e Guilhermino achamos...

Adeus que hoje entrei em prova escripta de segunda época e amanhã tem mais de oral. Coisa muito atoa pra quem estuda, mas pra quem não liga pro troço e acha tudo sopa sem ser que nem eu, é caso muito sério.

ciao

("Nota muito importante: a máquina que escreveu esta carta foi emprestada")<sup>65</sup>.

*Rosario Fusco*

Recebi dando upas os Poemas Cronologicos. Nossa Senhora do Brasil que beije vocês.

Isto não é opinião nem nada. Irá impressa um dia. Quero mas é o seguinte. Vocês dois, Ascanio e Você, falam em

---

<sup>65</sup> LADO A. RF. a MA. Acervo M.A. MA-C-CPL3258. 14 mar 1928. Datiloescrito original, fita roxa. Autógrafo a lápis e tinta preta.

aboiôs que escutaram por aí. Por acaso vocês se lembram das notas desses abôios? Peçam pro músico do grupo registra-las, sem compasso (em geral êsses gritos não têm compasso), tomando a seminima por unidade de batida e marcando os acentos com o sinal ^ . URGENTEMENTE. E também se vocês souberem alguma modinha, alguma toada, algum desafio; registrem isso e me mandem. URGENTEMENTE. Fui convidado pra apresentar trabalho musical folclórico na Exposição Internacional de Arte Popular de Praga êste ano. Vou enviar um trabalho util de registração de melodias populares brasileiras, creio que "Cincoenta Elementos Melodicos do Brasil", com comentário e introdução. Coisa urgente, não esqueçam. De Minas só tenho uma cantiga inedita. Quero mais e si vier de vocês, boto no livro. Mas tenho urgencia. Registrem só a melodia sem harmonização.

Me escreva qualquer coisa logo sobre isto. Si é possível ou não mandar, porquê irei me guiando por isso e ficarei na espera.

Estou seriamente impressionado com os Poemas Cronologicos. É uma estreia mais que auspiciosa e já falei, Nossa Senhora do Brasil que beije vocês.

Abraços fraternos pros tres.

Mario <sup>66</sup>

Não releio.

*Rosario Fusco*

Numa coisa você tem razão mesmo: eu não ter dado nem noticia da saída dos *Poemas Cronologicos*. Vocês me perdoem aí. Juro que nem pensei nisso. Meu pensamento agora está meio longe da boa educação, gente. Perdido em pelo menos tres trabalhos que estão me fazendo dar topada na rua, tomar bonde que vai em vez do que vem, etc. com mentira e tudo. Uma coisa é certo: ando com o corpo roxo de machucaduras.

---

<sup>66</sup> LADO A. MA. a RF. S. Paulo, 25 – II – 28. Manuscrito. Datada e assinada: Mário. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 6.

Meu golpe de vista se obliterou completamente e vivo batendo nas coisas. Tive idea dum romance que infelizmente não posso escrever já por isso tomo notas e mais notas. O trabalho mais penoso dos "Elementos Melodicos" já acabei. Só faltam chegar as melodias de você e mais algumas que estou esperando deste país. Classifico e entram. E estou ao mesmo tempo escrevendo uma especie de estudo vulgarização da Literatura Modernista Argentina que sairá em 4 numeros do Diario Nacional. Mandarei. Imagine tudo o que tive de reler pra isso. E pra vocês não desconfiarem, se lembrem que nem sobre Catimbó, nem Jorge de Lima, nem sobre ninguém não tenho escrito. A vida não dá mesmo pra nada, é merda! Mas hei de falar sobre vocês. Prometi e falo mesmo. Mas careço de pensamento, esperem. Minha impressão já falei, foi boa. Mas não me contento com as impressões boas. Quero reler, escarafunchar, achar defeitos, atacar. Moço sem essas coisas fica célebre e é o diabo.

Quanto ao resto da rapaziada, enquanto vocês aí se acostumarem com êles, ha-de ser sempre a mesma surpresa. São assim e não se amolem. Tenho estado pouquissimo com êles. Tão pouco que inda não entreguei os Poemas de vocês nem pro Osvaldo, nem pro Luis Aranha ainda. Não os vejo creio que faz mais de mês! Os outros, quando encontro, já falamos no livro. Em geral sei que a impressão foi mais ou menos a minha: Vocês aparecem mais fortes numa serie de poemas, que em poemas esparsos nas revistas.

Recebi a Revista Campana do Palo sim.

Quanto ao numero de Verde dedicado a mim, tenha paciencia, mas isso não pode ser. Não é questão de modestia e outras bobagens. É que não convêm e eu sofreria com isso. Você é tão desconfiado que vai pensar de certo que quero falar que isso me prejudicava por Verde não prestar. Não é nada disso. Simplesmente: homenagem não é meu genero e eu sofria, palavra. Eu tenho dentro de mim uma consciencia muito livre que me impede absolutamente de ver as coisas pelo lado cerimonial. Não é tempo pra homenagem, Fusco. É

tempo pra estudar e trabalhar. De homenagem eu só compreendo mesmo esta amizade vasta e chegadinha que abandona todas as vaidades e esquece sem desconhecer todos os defeitos e agencia a vida comum num trabalho em que todos entram, como uma memoria de amigo entra no sossêgo da gente: sensação de mão grande pesando no ombro e bom-dia. A gente solta um palavrão pra desabafo e gosta mais da vida ainda. Desista pois da idea de homenagem. Ela me fazia sofrer e me deixava esquerdo.

(...) Aqui vai um poema do Ruy Cirne Lima (Rio Grande do Sul) que êle manda pra Verde a meu pedido. Deem bom lugar que vale. Vai meu pra vocês lerem só. Não publiquem não. (...) pro numero seguinte mando prosa que é melhor.

Agora que de repente me lembrei que prometi dinheiro pra ajuda de custas e não mandei. Mando no começo do mês. Mando pro Henrique de Resende, que assim não imaginam que escrevo só pra você. Ciao. Lembrança pra todos do Mario.<sup>67</sup>

Pensando em “todos”, ocorre a Mário que uma pergunta ficou de fora. Prefere fazê-la a Carlos Drummond de Andrade.

Seu Carlos

Você está mesmo cumprindo bem a promessa que fez deste ano estar sempre em dia com a correspondência! Mandei fazer nem sei quando uma carta pedindo resposta pra você sobre a organização do seu livro e nada me chegou até agora de esclarecimento. Será que minha carta se perdeu ou a de você? Também tenho lido no *Diário de Minas* o anúncio duma *Antologia de quatro poetas*, imaginei logo que se tratava de

---

<sup>67</sup> LADO A. MA. a RF. S. Paulo 23 – III – 28. Manuscrito, datado e assinado: Mário. Seis páginas. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 7.

vocês e até já falei nisso, na crítica que escrevi sobre os *Poemas cronológicos*, leu?

Falar em *Poemas cronológicos* me conte bem o que é que tem o Ascânio Lopes. Outro dia o Alcântara me falou que o Ascânio é tuberculoso, verdade? E não sabe se ele leu a crítica minha? Aliás nem foi crítica, foi nota porque só vendo a imensidão de livros que tenho aqui no *Diário Nacional* pra criticar. E que aliás não critico nenhum.

Bom, por hoje basta. Escrevo mesmo só pra lembrar você de que existo.

Ciao. Lembrança pra Dolores e pros amigos. E este abraço vosso.

[*não assinada*]<sup>68</sup>.

Em dias mais serenos, você vai à casa afastada de Ascânio Lopes, o Quatorzevoltas. Vai ver o jovem magro comprido de olhos fundos, hoje, longe da 6ª seção da Secretaria do Interior, por doença. É agora fiscal da Escola Normal de Santa Rita. Ascânio está fraco. A tuberculose adiantou-se; e nisso pouco se fala. Você entra no quarto com ele e, aparte, descreve para nós um diálogo: “(...) olhando prá mesinha cheia de vidros ainda por abrir, perguntei:

- Não toma remédio, não?

Não respondeu. Porém me olhou tão fundo que naquêle momento daria tudo pra não ter me olhado assim. É que êle já sabia. “Eu sei... Eu sei... Mas, não choro. (...) – de nada vale o desespero ante as coisas irremediáveis”<sup>69</sup>. O que dizer? Ficam juntos em silêncio, como prova de amor. Ele chacoalhando os remédios hermeticamente fechados dentro dos vidros, você desenhando uma resposta. Como se não houvesse mais o que dizer, você se levanta, empurra um papel emborcado, manda um beijo de longe:

- Amanhã volto para pegar a resposta!”.

<sup>68</sup> ANDRADE, 1980, p.323. LADO A. MA a CDA. Anexo 21.

<sup>69</sup> VERDE, Numero I, Ano I, maio 1929, segunda fase. p.5.

Sorri e vai-se. Ascânio tira o papel, passa-lhe os olhos: “Il n’y a pas de chats?<sup>70</sup> Il n’y a pas de Quatorzevoltas? Amanhã retorno para umas voltas na Praça de Santa Rita, em silêncio, ao lado do seu corpo de gato esbelto apoiado na bengala, reforçado pelo chapéu, sob o sol e sob o olhar, de Santa Rita, em êxtase por seus poemas! Prepare o ânimo!”.

Mário, velho.

Ultimamente recebo só carta miúda. Está zangado comigo?

Eu também agora ando longe de literatura e literatice, desiludido por completo com os tais amigos de circunstâncias que a revista me deu. Alguma coisa também te preocupa, acho. Sua carta veio triste, Mario, nem parece com as que você antigamente escrevia. Que que foi? Verde vai reaparecer. Escreve qualquer coisa, já temos “Vitória Regia” aqui, mas não faz mal. Fale pro Alcântara também. A propósito: a *Ocean* é de vocês, não é?

Adeus. Estou burríssimo. Vou cometer um soneto.

Abração, amigo.

Fusco<sup>71</sup>.

Fusco

Recebi revistas, cartas, etc. Antes de mais nada, Fusco, você carece saber duma coisa importante e que justifica muito gesto, opinião, meus dêstes tempos. Estou fatigadíssimo e com sintomas até alarmantes dum esgotamento nervoso formidável. Isso é natural porquê minha vida é além de prodigiosamente dispersiva, intensa por demais, no trabalho. Desde cheguei do Amazonas, faz um ano, me meti numa trabalheira sem parada. E eu sou dos tais que ponho uma paixão de apaixonado de deveras, no simples ato de grudar um sêlo numa sobrecarta. Este foi um ano justamente de comoções elevadas ao quadrado pra mim. Sucede pois que estou num estado de depauperamento de deveras alarmante. Não durmo

<sup>70</sup> RILKE,1998. p.50. Referência à carta de Rainer Maria Rilke a Balthus. RILKE,1998. P.50.

<sup>71</sup> LADO A. RF a MA. Acervo M.A. MA-C-CPL3277. Cataguases, FEV1929. Manuscrito. Autógrafo a lápis: Fusco.

quasi nada, o que durmo é cruzado de impacências e preocupações que impedem descanso verdadeiro, trabalho e não estou gostando do trabalho, não consigo escrever com clareza e careço de escrever e tenho nestes 3 meses de setembro a novembro de escrever um *Compendio de Historia da Musica*, ainda não principiado e já é 13! Não consigo ler porquê nem bem uma palavra me bate na compreensão parto pra mundos de scisma e só os olhos ficam lendo, lendo, inutilmente. Todo o meu cuidado agora é conservar sem aumento êste mesmo estado-de-coisas até dezembro porquê então a viagem por nordeste, mudança de ar, visões novas, trabalhos divertidos, passeios me reporão em mim.

Você pergunta na carta si li os artigos do Jorge Luiz Borges e El idioma de los Argentinos. Principiei lendo e tudo ficou largado no meio com impossibilidade de ler e enjôo pelo Luiz Borges. Me parece que ele está ficando sentencioso, numa velhice prematura de acadêmico cheio de fichas. Uma sabença muito de fachada, muito arquitetônica e com pouca engenharia. Em todo caso isto não passa dum juízo de ... quem não leu. E você já sabe a estima intelectual que tenho pelo J.L.Borges.

Recebeu minha nota sobre Furingas? Quanto a Verde não sei qual foram as minhas palavras sobre restringir a revista a manifestação de só vocês. Si falei assim, exagerei. Eu penso mas é que vocês se devem conservar numa primeira plana absoluta dentro da revista. Que publiquem uma coisa de fora do Brasil ou de outra cidade brasileira está justo. Tanto penso assim que continuei mandando a colaboração minha. Porém minha opinião é que no caso de carecer tirar alguma coisa vocês estão na obrigação até moral de sacrificar os de fora, vocês nunca.

Procedi mal no caso da última Verde. Não dei notícia no Diário não e agora fica meio besta se ir alguma. Porém tudo o que tenho feito de desleixo só merece abraço camarada de vocês. Faço porquê não tenho vontade propria, porquê

tenho excesso de trabalho e uma fadiga de fato enorme. Você ainda quer exigir opinião detalhada sobre Verde. Tenha paciência, Fusco, não dou. Carecia reler tudo pra dar e não releio. Sei e afirmo que gostei do numero geral. A critica de você sobre o *Clan* me lembro que não achei besta não porém sou incapaz no momento de lembrar o que você disse nela, pra comentar. Das outras coisas de você não me lembro mais. Tenha paciência e não zangue. Este esgotamento ha-de passar logo mesmo porquê quero que passe. Até é possível que eu volte qualquer dia destes comentando Verde, si tiver a pachorra de estender o braço e pegar ela aí dentro o itatiaia de livros revistas jornais na mesa do centro, não sei. Mas hoje eu havia mesmo de escrever pra você nem que fosse pra não dizer nada como não disse de fato. Porém praquê que a gente tem amigos si não é pra ter junto deles o direito de não dizer nada? Que desespero essa obrigação de ser legível, de ser interessante pros outros!... Vim aqui, falei, falei, foi mais pra sentir um bocado de você e da sua mocidade. Pois si souber ter carinho com os amigos verdadeiros venha contando que não zanga com os meus desleixos, venha cheio de parolagens, caçoando, dizendo burradas, exagerando, venha sempre falando qualquer coisa. Eu gosto do geito [sic] de você escrever, acho graça e quero bem.

Desculpe a fraqueza momentanea mostrada nesta carta. Me retempero logo você vai ver e então conversaremos de novo literatura e coisas uteis que no momento me enjoam.

Com um abraço do Mario<sup>72</sup>

*Mário,*

Tô preocupado com você. Aqui em Minas a gente toma chá de maracujá açu pra fortalecer o ânimo. Minha mãe Auta toma passiflora pra melhorar a agitação depois trabalho, que é

---

<sup>72</sup> LADO A. MA. a RF. S. Paulo, 13-IX-28. Carta manuscrita, datada e assinada: Mário. Quatro páginas. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 8.

muito e é braçal, mas não achei a planta hoje de jeito nenhum. Vai aí na carta um bocado da folha do maracujá que já é muito bão. Amassa a folhinha bem, derrama nela a água fervente e depois tampa a caneca. Deixa ficar um tempo grande de cabeça. Minha mãe não conta, não. Pensa num tempo de nota musical. Canta um abôio, destampa e bebe o negócio. Não é rúim não.

Olha, Mário, não pensa que falta deferência minha a você, não, mas no caso do Ignácio Peixoto não posso arredar o pé. Tô trancado. Como disse, no bilhete, ele me humilhou. E agora não tem jeito porque mandei ele pra merda e agora são dois ofendidos. O jeito é deixar o tempo puxar nossa conversa. Se um dia tiver conversa pro tempo puxar.

Não sei o que que é, mas na hora da briga, se me ofendo, não consigo controlar a raiva e digo logo tudo o que penso e não levo desaforo embora nem por um decreto!

Olha, debaixo das folhinhas do chá vão uns poeminhas módi você macerar de conjunto, digo, tudo junto.

Desculpa, Mário, me queira bem.

Fusco<sup>73</sup>.

Leitor, conte no relógio o tempo de leitura da carta que aí vem. Segure-se na cadeira de veludo; muito rápido o ano de 1928 deve cruzar a linha que o demarca!

*Rosario Fusco,*

Vou escrever uma carta comprida pra você. Se agrade bem com ela porquê não sei mais quando escreverei outra. Vou desaparecer da vida um bocado, dois meses pra escrever o Compêndio, por causa do lírico inda não principiei! E depois vai a ser a viagem. Só dentro dela é que posso voltar a escrever coisa comprida. Mas não quero que por causa disso você deixe de me escrever comprido não só quando quiser como

---

<sup>73</sup> LADO B.

quando puder. Por causa de mim. Carta de você faz bem. Mal comparando é que nem raio-de-sol pra mim, me alegra. Agora vamos comentar primeiro os versos que você me mandou. Pra falar verdade não gostei mesmo de nenhum deles. O "Poema" foi o que me agradou mais. Esse está quase bom. Tem duas coisas que eu corrigia nele. 1º o verso "Carência de coisas não era preciso não" está com sentido creio que errado. Carência em portuga quer dizer falta. No sentido creio que brasileiro em que você empregou a palavra ela quer dizer necessariamente necessidade, "precisão de". Não é isso mesmo? Mas quer em portuga quer em brasileiro o sentido fica falso da mesma forma. Ou pelo menos, tão obscuro que não sendo obscuridade lírica prejudica o valor lírico, o efeito emotivo do verso.

Creio que você quis falar que "não tinha precisão de desejar coisa nenhuma no momento". Mas isso vem repetido quatro versos depois e caso você queira repetir de fato a ideia, vale mais repetir com as mesmas palavras pra obter o efeito lírico do refrão. Tanto mais que a própria contemplatividade gostosa em que você está, gosta mesmo de estar se repetindo as coisas, por moleza, por preguiça, é bom. 2º: No último verso achava bom botar "encolhida", em vez de "encolhidinha". Releia em voz alta a quadra, botando encolhida, e você perceberá como o ritmo fica mais manso e mais puro. E também prá ambiência do poema acho que o emprego da expressão "sexo forte" está áspera por demais. Em vez duma simples animalidade, aliás, também aceitável no momento, eu preferia aí uma expressão mais lírica, quero dizer, mais geral, menos especificada. Você é mesmo meu amigo, Rosario, e já sabem bem que não tenho a mínima pretensão de ensinar. Estou comentando e exemplificando por conversa e você aceita ou não aceita o que eu falo, na certa que não zango. Por isso, mando um poema acabado faz pouco, Momento, em que no fim eu reconheço em mim também um estado de anormalidade pura, por efeito do cheiro vindo da rua. Porém ponha reparo na delicadeza que me esforcei por botar

nisso. Parafraseei uma frase feita do verbo pular brasileiro, e pelo menos isso me parece que ficou bem puro. Este Momento, de fato é já no espírito da Manhã. Ora reflitamos um bocado: A Manhã impressionou bem gregos e troianos. Ora não será de fato porquê eu estou abandonando uma porção de cacotetes modernistas que afinal das contas nada adiantam prá poesia? Sobretudo o emprego das expressões vulgares em brasileiro e as expressões excessivamente fortes a todo propósito? Me parece bem que sim. E sobre isso temos ainda que refletir sobre os versos que você me mandou. De fato eles estão se tornando excessivamente brasileiros como dicção. Você está caindo no mesmo exagero que eu. Porém, Rosario meu exagero era consciente, foi sacrifício de mim pra chamar atenção pra uma coisa: a utilização duma língua já concordante com a fala brasileira. Já em Pauliceia eu afirmava falar brasileiro. Porém, a afirmativa não valeu de nada. Então forcei a nota. Então valeu e toda a gente, até os que não concordavam comigo, principiaram se interessando pelo problema e se libertaram um pouco mais. Hoje é incontestável que já se escreve em brasileiro no Brasil.. Eu continuo sim, porém, só em artigos de revista e jornal, pra continuar a irritação, em livros não. Macunaíma pelo fato mesmo de se passar no mato, dos personagens serem irreais e vindos todos do mato é que se prestava pro estilo lírico em que saiu. E isso Ronald, Renato Almeida, Graça Aranha que positivamente não concordavam com a língua que eu estava escrevendo dantes, perceberam com muita inteligência pois que aqui tenho carta do Renato falando por ele e Ronald e carta do Graça, ambas se referindo á concordância do estilo brasileiro do livro com o assunto dele.

Tristão de Ataíde fez sobre o estilo do livro uma observação perfeitamente boba, não entendeu nada nesse ponto. Falou que de tanto a gente abrasileirar a língua esta acabou não se parecendo com coisa nenhuma. Isso é bobice. Ou então ele me dá a pretensão de criar a Língua Brasileira, pretensão boba antiistérica que jamais não tive porquê

graças a Deus sou um bocado inteligente e possuo minhas leituras. Pretendi foi não confundir mais língua escrita com língua falada, coisa que estamos fazendo e inda continuo fazendo nos meus artigos de jornal, repito, só pra irritar, conservar o problema na ordem do dia. Macunaíma é escrito em língua artificial, como é de fato toda a língua escrita. Todos os filólogos etc, reconhecem a existência simultânea pelo menos de duas línguas, a falada, básica, e a escrita baseada na outra, porém artística e artificial. E nem pode ser de outra maneira pois que o próprio fenômeno de escrever é uma artificialidade a seu modo. Por outro lado a língua de Macunaíma é, pois, que se trata duma obra de arte, isso é que é importante. Além disso, se parece comigo mesmo. E é incontestável que é uma estilização lírica puramente individualista da fala brasileira. A reserva do Tristão redonda em verdadeiro elogio pois que prova que, não se parecendo com o brasileiro falado, meu livro já é em língua escrita minha. Isso mesmo que eu queria. Você no estilo que está empregando em versos está forçando a nota que nem eu. Isso tem dois defeitos. Um de pouca importância porquê passa, é ficar parecendo comigo por demais. Outro mais importante é que não vejo precisão de você moço já de outra geração mais livre e com caminho mais aberto estar fazendo sacrifício de si mesmo. Bastou o meu. É que tudo o que falo aqui estava bem consciente em mim desde o começo da forção de nota da minha língua, isso tenho uma porrada de cartas que provam bem, escritas pros que discutiam comigo a tentativa em que eu me tinha metido. Eu sabia conscientemente que estava forçando a nota. Eu sabia conscientemente que estava sacrificando as minhas obras. Tudo isso pra mim não fazia mal porquê vindo na geração em que vim, minha função não era mesmo estar aí escrevendo uma obra que ficasse eternamente porém uma obra que pusesse em campo no meu tempo mesmo uns tantos de problemas estéticos úteis até moralmente pro Brasil. Fiz. Você gosta da "Manhã", pois então siga a lição dela e não as pesquisas anteriores ou posteriores que não passam de valores morais. Tanto no

"Este verso vai Molhado"<sup>74</sup>, como no outro poema sobre a cidade de você, você força a nota da língua e se percebe bem a intenção de fazer brasileirismos vocabulares e sintáticos a todo momento. Deixe disso pra mim que muito já sofro na vaidade pela precariedade das minhas obras e transitoriedade delas. A vaidade é um fato... Repara ainda que os norteamericanos argentinos uruguaianos que pretendem escrever língua já da terra deles, não despençam nos exageros meus. Ora é possível fazer uma coisa caracteristicamente brasileira, mais do que esses citados são caracteristicamente ianques ou argentinos na fala, sem no entanto descambar pros exageros. Si quer exemplo útil em mim não procure meus exageros, procure as minhas coisas mais atuais em arte, coisas em que não para o desejo da morte. Porquê também o desejo de morte é ruim, ach!...

Este Verso vai Molhado: O Vento sopra brabo, não gosto disso. O vento venta brabo, fica mais liso e aceitavel. Já fechou as janelas. Está aí um caso bem de abrasileirar a dicção. Brasileiro gosta do singular. "A janela por as janelas, fica brasileiro e passa despercebido, o efeito de abrasileiramento é mais interior, mais virtual por assim dizer. Chove chuvachoverá pra quando papai chegar, lembra subservientemente Osvaldo de Andrade e quanto ao emprego da formula popular, ela me parece forçada com ingenuidade no momento. Repare na diferença com que emprego também a expressão, frase feita etc. popular, sem que ela chame a atenção excessivamente sobre si: Minha alma foi-se embora e me deixou. "Sodade" acho difícil de empregar. Os brasileirismos ortográficos valem pouco, pra abrasileiramento de língua e têm de ser discretos. Como que você vai fazer, si emprega sodade, si ninguém não emprega sodoso e sim saudoso? O povo de certo faria também sodoso, não tem duvida, porém a palavra não é do domínio do povo. Quando ele quer falar Saudoso ele diz com saudade. O Eta

---

<sup>74</sup> Poema de Rosário Fusco publicado em *Verde*, Anno 1, Número 5, 1928, p.7. Edição fac-similar de 1978.

frio está besta. Desperdiça a sensação de contemplatividade calma do poema.

Quanto ao outro poema, tem observações estupendas, que nem o quinto verso, 10°, 17°30' e 31°, 34° e 45°, 55°, 56°, 57°. Nem todos esses são estupendos, exagerei, porém os que o não são, são bons de verdade. Acho o poema muito anotação só e isso já me enquisila. Revogo as disposições em contrario e está claro que estas criticas que faço pra você, faço especialmente pros meus versos passados também. Voce não acentua "pra" nem "pras" quando contrações de pra com a ou as. Acho isso um engano. Acento agudo aí não significa abertura de som, significa apenas a contração. Sem ele a coisa fica analiticamente confundível, e é um engano a gente se divorciar da gramática. A gente deve de se libertar da gramática, porém andar junto com ela. O "boca dela" que você emprega nesse poema é outro erro de liberdade. Eu também pouco me amolo com a cacofatom. Porém não emprego nenhum que seja facilmente verificável e que prejudique por isso a impressão lírica em que o leitor vai.

O leitor está lendo e de sopetão dá com uma coisa dessas. Desaparece o poema porque ele principia matutando ou na bobice de quem escreveu, ou na liberdade de quem escreveu, ou na estupidez de aceitar os cacofatons ou na estupidez de os rejeitar. De qualquer maneira isso não é poema. O poema desapareceu. E na verdade, na verdade vos digo que tudo tem que desaparecer pra que o poema viva sozinho e desimpedido.

Uma coisa importante que tenho me esquecido de falar pra você: Outro dia você me falou que quase que gostou dum artigo do Chiacchio sobre o Clan do Jaboti. Não houve engano de você? Não é sobre a Escrava o artigo? Si é sobre o Clan me mande pra eu ler porquê não conheço ele. Quem sabe si nesse artigo eu levantarei um bocado a opinião que tenho sobre esse sujeito. Você me conhece pra saber que não zango com quem me ataca. Não tenho tempo pra isso. Mas esse

Chiacchio me repugnou, pela barafunda nojenta de mentiras, de falsificações, que não podem deixar de ser conscientes que ele fez me atacando. Me parece um individuo sem nobreza moral. Os artigos dele me repugnaram simplesmente. Por isso mesmo tenho interesse de ler o sobre o Clan. Já o de Murici, em Festa, e outros acho graça ou perdoo. Questão de igreja. Às vezes, questão de sinceramente não compreender, e outras, meu Deus! Questão de terem razão também.

Na ultima carta de você tem um ponto que quero comentar. Você reclama meio doído, porquê que eu não dou uma coisa que nem o "Eco e o Descorajado" pra vocês em Verde. Ora Rosario, nem quero que passe pela cabeça de vocês que dou o que tenho melhor pra *Para Todos* e dou rebotalho pra Verde. Tem muitas circunstancias que justificam o que eu fiz. Estamos convencionados que eu mande prosa pra Verde por causa do excesso de poesia que tem nela. E pode ter certeza que mando pra vocês coisas que reputo das melhores que tenho, a não ser num caso como o da "Présentation" mera brincadeira porquê eu também tenho direito de me divertir. Pode ser que "Eco e o Descorajado" (coisa antiga) seja interessante. Não tem duvida que me diverte pelo lirismo psicológico que está nele, as respostas sabidas de antemão do Eco, e a terceira estrofe, única que eu mesmo não me podia responder, o Eco repetindo o Nhaan dá uma ironia dolorosa bem lírica porêem isso não passa duma invenção de momentos. Ao passo que você pode perguntar pro Manuel Bandeira si não é fato que repute o "Caso da Cascata", o melhor passo de estilo que jamais escrevi. Pode ser que não seja porêem o que vale é a intenção. Da mesma forma quando mandei "Vitoria Regia" o que me levou a mandar isso, é que gosto francamente desse trabalho: revela uma flor de que só se tem falado com eloquência sem revelar as fases tão interessantes dela, o estilo do trecho me parece dos mais felizes meus, é lírico e é conotativo, francamente reputo a "Vitoria Regia" não digo melhor porêem mais importante que o

"Eco e o Descorajado". Agora é que fico numa posição danada pra mandar coisas pra Verde. Aliás já uma feita comentei com o Manuel essa historia de tudo quanto eu acho bom nas minhas coisas os outros não acharem e tudo o que os outros acham definitivo eu não dar importância pra. Como que vou fazer com vocês? Meu interesse por Verde você conhece. Si não, não andava como andei aconselhando orientação que definitivasse a revista. Si mandei "Vitoria Regia" foi pra isso. Reflita um bocado mais sobre a "Vitoria Regia" e mande contar o que acha. Si acha merda, diga francamente. Você não será o primeiro. O Couto de Barros, o Manuel acham que não vale nada. Eu não consigo. De certo é porquê é ruim mesmo. Mas por outro lado, acham ruim o que eu faço, derrepentemente o mesmo individuo vem, passados anos, e fala que aquilo é que era bom e não o que estou fazendo agora. Outra coisa comentavel da carta de você é o caso de você enquisilar com os amigos que chamam você de exigente. Você tem razão. Entre amigos não tem exigência. Eu que errei e pode continuar exigindo á vontade. Você pedia que eu falasse si a prosa de você "Estava com sintomas de melhoramento". É aqui que está o caso mais importante desta carta. Não é propriamente a prosa de você que está com sintomas de melhoramento. Rosario. É você todinho que está mudando e a meu ver melhorando muito. Dentro de todo o borboleteamento moço das cartas, versos, prosas de você, principalmente cartas, eu ando sentindo uma mudança muito rápida e que me agrada com felicidade. Sinto ideas melhores, mais permanentes, mais profundas trabalhando você. Lirismo menos exterior nos versos, como por exemplo no "Poema". Nas cartas de você quando sinão quando uma Idea que não é mais sensibilidade é Idea mesma, não é mais afeto só. De primeiro, com os ímpetos, as ideas saem do sentimento. Depois é que as ideas saem do pensamento. Sinto efeitos salutareos de leitura. Pouca reflexão por reflexão ainda, no geral as reflexões de você são impressionistas. Nascem no momento em que você está escrevendo, não provêm duma organização preestabelecida que age dentro da gente feito uma taboa da lei, mas já são

reflexões fortificadas pelo pensamento anterior. Sinto você mudando pra mais força, menos brilho fuquefuque porêem mais luminosidade recôndita interior e meu coração se enche duma alegria imensa. Você está no tempo da burrada eu já percebo uma fatalidade de homem forte se manifestando. Dantes não. Eu percebia apenas o brilho fuquefuque do rapaz. Isso podia muito bem dar em gente tipo da verdamarela. E isso eu não queria pra poder estimar você no homem forte quanto quero bem no amigo. Leia, estude muito, trabuque por demais. Ame foda gose faça burrada porêem não faça mal pra ninguém a não ser que esse mal feito pra um você tenha consciência consciente que vai beneficiar pra muitos. E você não é eu, Rosario. Já veio noutra geração que tem que construir muito mais do que o que nós contruímos, **por isso tome tento em criar na calma, sem espírito de sacrifício e de novo com aquela ideia de se eternisar que eu não tive porquê de fato histórica e individualmente eu não podia ter.**<sup>75</sup> Está bem estabelecido que minha obra é uma obra de acção, transitória, pois, não é uma obra de arte, coisa digna de ser eterna. Pode ser que alguma coisa minha fique pra sempre, não sei... Porêem isso não me interessa, minha obra é e tem sido maravilhosamente útil, uma lição comovida. É comovente pros que me saibam ver bem. Você já tem outro futuro. Não faça mal pra ninguém, tenha uma organização, não seja Macunaíma na vida que isso rebaixa o homem. E sobretudo não faça mal a você. Eu quero quando você chegar na fôrça do Homem, sentir olhando pra você e pra outros, ter esperança de ver o character a nobreza, a organização, a fôrça do homem

- Meu filho, Verde está morto desde 1929, quando morreu também o nosso querido Ascânio Lopes. **Morreu nos meus braços, sabia?** Tinha 23 anos e, naquela época julgávamos ser bons escritores. Quando na verdade era ele o único, o melhor de todos nós. Não deu tudo o que tinha que dar, não nos deixou quase nada de sua obra. Mas nós sabíamos que ele era incapaz de ser mediocre.

*Entrevista de Fusco a Luiz Fernando Emediato, 1976. INÉDITOS (Revista de Belo Horizonte)*

---

Figura 20- Trecho de entrevista de Fusco a Emediato. Fonte: INÉDITOS. O mar existencial de Rosário Fusco. Matéria de capa. Inéditos, Belo Horizonte, jul-ago, 1976. Em anexo.

---

<sup>75</sup> Grifo meu.

enfim, cotidianizados neste país desgraçado. Desculpe tudo isto que vai aqui. Desculpe eu estar aconselhando, desculpe as amarguras desculpe tudo. Afinal eu sou já bem mais velho que você, tenho mais vida... Tomo por isso dessas liberdades rituais de ensinador. Porém o que importa é que você saiba que tudo é ditado por uma largueza de alma que não tem fim e que o coração está queimando no benquerer. Isso você sabe. Então ciao, me lembre pro pessoal d'aí com abraço pra tuti quanti<sup>76</sup>.

Não fosse a necessidade de repetir a leitura das melhores partes – aquelas mais profundas – trinta minutos duraria. Passou rápido por ela, leitor? Ressalto um trecho, pelo sim ou pelo não:

E você não é eu, Rosario. Já veio noutra geração que tem que construir muito mais do que o que nós contruímos, **por isso tome tento em criar na calma, sem espírito de sacrifício e de novo com aquela ideia de se eternisar que eu não tive porquê de fato histórica e individualmente eu não podia ter.** Está bem estabelecido que minha obra é uma obra de acção, transitória, pois, não é uma obra de arte, coisa digna de ser eterna. Pode ser que alguma coisa minha fique pra sempre, não sei... Porém isso não me interessa, minha obra é e tem sido maravilhosamente útil, uma lição comovida. É comovente pros que me saibam ver bem. Você já tem outro futuro. Não faça mal pra ninguém, tenha uma organização, não seja Macunaíma na vida que isso rebaixa o homem. E sobretudo não faça mal a você. Eu quero quando você chegar na fôrça do Homem, sentir olhando pra você e pra outros, ter esperança de ver o character, a nobreza, a organização, a fôrça do homem enfim, cotidianizados neste país desgraçado. Desculpe tudo isto que vai aqui (...).<sup>77</sup>

Ficar ou passar. Passa essa noite com mais trinta e três. Diga:

- Trinta e três!

Em um sítio afastado da cidade, Ascânio Lopes, professor em uma escola de moças, não sai para a aula. Dormiu sem ar, sozinho, antes de chegar ao hospital. A verdade é que ninguém viu passar a noite “irremediável”:

SANATORIO

<sup>76</sup> LADO A. MA a RF. S. Paulo, 21 – IX – 28. Carta datiloescrita, datada e sem assinatura. Oito páginas. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 9.

<sup>77</sup> Idem.

Logo, quando os corredores ficarem vazios,  
E todo o Santorio adormecer,  
A febre dos tísicos entrará no meu quarto  
Trazida de manso pela mão da noite.

Então minha testa começará a arder,  
Todo meu corpo magro sofrerá.  
E eu rolairei ansiado no leito  
Com o peito opresso e de garganta seca.

Lá fora haverá um vento máo [*sic*]  
E as arvores sacudidas darão medo.  
Ah! Os meus olhos brilharão, procurando  
A Morte que quer entrar no meu quarto.

Os meus olhos brilharão como os da féra [*sic*]  
Que defende a entrada de seu fôjo<sup>78</sup>.

Ascânio (Quatorzevoltas) Lopes morre no dia 10 de janeiro de 1929. Depois de longas e numerosas cartas cruzadas, depois da promessa de um futuro a mais para a roda de poesia; antes da volta combinada na Praça Santa Rita, antes de depositar o segredo das Quatorzevoltas, no bolso de Rosário Fusco. Como sempre foi, em silêncio, transporta-se; vedado como um poema.

---

<sup>78</sup> Verde 1, segunda fase, Maio de 1929. Edição especial em homenagem a Ascânio Lopes, falecido no dia 10 de janeiro de 1929. Capa em Anexo 20.

## 4 Destampando David (interlúdio)

David é guarda-livros em uma chapelaria. Mora em um cubículo de pensão. Cercado por limites – pequeno quadrado do caixa da loja; pequeno quadrado do quarto; pequenos quadriculados do livro caixa em que opera cálculos; demarcado quadrado de sua moldura mental de senso comum vestida em um chapéu – David mantém a vida estável. Homem reservado, prudente. De prontidão com o cômputo da chapelaria nas horas de folga, por dentro da madrugada, não deixa escapar uma falha aos olhos diligentes do patrão, Franz, que reconhece o seu esforço extraordinário, embora solicitando de David tanto as horas de produtividade quanto as horas de descanso.

O que poderia induzir ao colapso o método David de ser? Em termos de narrativa, Fusco utiliza a saída clássica: uma carta. A quarteira da pensão, Amanda, que, em cinco anos de convivência mantinha o hábito de bater à porta antes de entrar, passa a esgueirar-se pelos cantos, penetrar no quarto sem ser vista, a tocar sorrateiramente em David e, ao cabo, pede-lhe ajuda para resolver uma questão amorosa. Entrega-lhe a carta de um sujeito chamado Nicolau, para o qual Amanda gostaria de responder negativamente, se possível, com a ajuda de David. Este envolve-se com a história, não por nutrir carinho especial por Amanda, mas “pelo secreto prazer que sentia” ao cuidar do assunto. Vai à casa de Nicolau e não consegue tratar com ele diretamente. Passa a receber telefonemas no trabalho, o que inicia mudanças em seu cotidiano.

Na chapelaria, próximo ao carnaval, ocorre o primeiro telefonema obscuro. Um bloco carnavalesco passa, todos vão ver o movimento na rua. Os patrões, Franz & Frederica, afastam-se cada qual com um afazer hipotético. David está só e tem a sensação de ouvir um miado. Não era possível distinguir a natureza do que ouvia.

O som perturbava. Não pôde mais responder ou ouvir coisa alguma senão aquele som feral, o roufenho de gatos. Agitado, David decide descobrir a natureza

insistente do rumor meio ao longe. Subindo pelas caladas ao sótão, David deixou escapar: “como é isto, é gato ou é gente?” e o diabo foi ter julgado ouvir a voz da senhora Frederica, responder: “é gente”. A réplica transtornou sobremaneira o guarda-livros. Não queria supor ouvir um gato responder com voz humana, muito menos imaginar Franz e Frederica lascivos, miando no lugar dos gatos. Precisava esclarecer o caso. Se fossem gatos? Se fosse gente? Por um malabarismo do pensamento, achou de todo modo preferível desculpar-se com a senhora Frederica pela “inconveniência”. E o fez. Surpresa com a abordagem enviesada do funcionário, Frederica crispou-se. David sentiu-se adoecer. Obrigado a trabalhar, vivia transtornado por um lado com o barulho de gatos, por outro em presumir ter invadido a privacidade dos patrões. Passou a notar em Franz alguma perseguição.

Supondo ouvir, certa vez, um remoto rumor de gatos no andar superior da loja, inventou uma motivação para buscar mercadorias no estoque. Pegou a chave com Franz e subiu. O sótão estava às escuras, por isso, riscou um fósforo. No momento preciso em que riscava o fósforo, Franz agarrou-lhe o braço. David tombou. Desmaiou. Ao recobrar, sua primeira frase proferida foi dirigida a Franz: “Estou doente, eu estava doente, o senhor... O senhor não devia ter feito uma coisa dessas. Se não fosse gato eu não teria subido. Juro-lhe, senhor Franz, que eu não teria subido”.<sup>79</sup>

A atitude de Franz se justificava pelo risco de incêndio do fósforo aceso em contato com mercadorias inflamáveis. David, por sua vez, chegou à conclusão de que o incidente “dos gatos” levou o patrão a planejar a sua morte, então, pediu proteção de vida à polícia. Daí para frente, na certeza de correr risco de vida, David muda seus hábitos, para evitar a todo custo um encontro com o senhor Franz fora do ambiente de trabalho: passa a almoçar na pensão e deixa de visitar a biblioteca de leituras. Paralelamente, para resolver a situação da quarteira, mantém conversas com destinatário da carta, Nicolau, que o encontra na chapelaria. David procura convencer Nicolau a abandonar Amanda. Contrariado com a argumentação, Nicolau ameaça Amanda e David de morte.

---

<sup>79</sup> FUSCO, 1976, p.45.

Três homens perseguem David, cuja suspeita é a de que são homens contratados por Franz para matá-lo. Vive acossado. Amanda invade cada vez mais o seu espaço; insinua-se, sem a franca percepção de David e este se recolhe cada vez mais em casa para proteger-se dos perseguidores. Trancado no pequeno quarto, David inicia a observar o apartamento defronte. Torna-se *voyeur* assíduo, excitado. Com o olhar apontado para a janela vizinha, “deixava de ser David, não morava numa água-furtada, não se sentia perseguido”.<sup>80</sup> Os movimentos, as músicas, a mulher sofisticada do apartamento fronteiriço transformaram-se em sua vida cotidiana. Apaixona-se David, obstina-se, idealiza uma vida como coisa real. Na verdade, “era como se não vivesse, a não ser pela vida que lhe entrava pela janela”. Amanda observava de fora a obstinação de David em ver a vizinha, e se aborrece. Os miados, ou chamados de gatos, tornaram-se mais frequentes, como os olhos de Amanda sobre David que, certa vez, deu-se a perceber com aquela “cor indecisa – nem verde nem amarelo – dos olhos de certos gatos”.

Três perseguidores, uma ameaça de morte expressa, outra velada, uma mulher de vida fascinante para esquadrihar pela janela, outra mulher com olhos de cor indecisa e destros sobre seus passos. A vida de David abriu novas frentes, mas tantas frentes não constituíam propriamente novidades, porque “acomodava-se às novas situações, *envelhecendo-as* em tudo o que pudesse”. Qualquer situação poderia tornar-se um hábito sob o manejo de David, todavia algo por trás do cercado, algo desavistado vinha à borda sem que David pudesse envelhecer.

O fato é que desenlaces foram, aos poucos, se cumprindo. Os perseguidores aproximaram-se como corretores de “seguro”. Embora perseguido, a vida de David não estava sob ameaça de morte. A perseguição tinha em vista a análise do seu potencial de segurado. As desconfianças a respeito do senhor Franz, assim mesmo, permaneceram.

Franz encaminha David para a Associação de Comerciantes. No discurso de posse, David inflama-se pouco a pouco, terminando por declarar publicamente que sofria perseguições a mando do patrão. A audiência se contagia pelas palavras de David contra Franz, solidarizando-se com o novo sócio. Durante o discurso

---

<sup>80</sup> *Idem. Ibid.* p.65.

bombástico David é aplaudido e nomeado sócio honorário. Somente após intensa comoção, o auditório nota o corpo de Franz no chão fulminado.

David permaneceu como integrante da União Comercial, por uma velada cumplicidade estabelecida com os demais sócios, a partir do evento trágico da morte de Franz, que rende a David ascensão social, além de alforria da ideia de perseguição e morte.

Demitiu-se da chapelaria, tencionava abrir o próprio negócio e começou a planejar sua mudança de pensão, ao que a senhoria tentou influir, oferecendo-lhe sociedade, mas David não aceitou, pois, em sua opinião, a senhoria era “incapaz de perceber a necessidade de transformar-se em vida, que [ele] sentia, [ela] raciocinava em termos de morte”. Nicolau invadiu a pensão. Bêbado, trancou-se nu na despensa para exibir à Amanda, suas tatuagens. Flagrado, seguiu para a cadeia.

Das veias de vida abertas desde a entrega da carta de Amanda, David manteve somente a janela defronte à água-furtada. Havia, entretanto Amanda, sempre posicionada em retaguarda, fora de alcance, sorrateira. O marido da vizinha havia tentado suicídio e o apartamento iniciou movimento de mudança. Por estímulos visuais, David delira sensualmente e elabora contextos imaginários de realização romântica. Volta o corpo para o interior do quarto, Amanda por trás, orelhas pontudas, olhos redondos e sem hora, pelos claros. Não é a vizinha da janela; é a vizinha depois, depois do lado de lá da rua, depois da calmaria, projetada ali e retorcida, funicular, em vias de porta pronta à força. David avança em um tempo comprido de duração. Tempo de mirar, pisar cada passo, passar, e chegar ao braço de pelúcia da frequente invasora, alisá-lo levemente até soltar um curto ruído quase inaudível, largando sobre ele um pingo de suor morno. Amanda salta em um pulo. Esvazia o quarto. David segue para a rua em direção ao edifício vizinho empenhado em trazer sua presa. Quer proximidade. Na rua, está a mulher demarcada no círculo traçado pelos braços de outro homem. Descontrolado, David rasga um balido de imensa boca: “Adúltera! Prostituta!”.

Convulso, David volta para o quarto e de volta está a mulher peluda em sua cama deitada. Ele então, “Não se conteve: dilacerou-lhe, furioso, as vestes”.

Amanda acorda languidamente. Segundos depois, salta no meio do quarto, fixa o rosto no rosto de David, espreitando-lhe os movimentos. Crispa as mãos e une ao gesto um grito da garganta esquivo da via do não, “um sangue vivo, denso” desce ao longo de suas coxas. O “*impedimento habitual*, para Amanda, passava a significar, naquele instante, uma inexplicável *recusa*, para David” (Fusco, 1976, p. 165).

Amanda neutralizou para os hóspedes sua versão do acontecimento. Corrompeu a estória, usando o sangue vertido como mácula sugestiva de violação. A pensão queria a cabeça do guarda-livros; faziam fila em sua porta, aderindo forças à sua saída, porque “O governo não pode tolerar isto. E a família? Para onde irá a família, com um tipo desses solto pelas ruas?”. David retirou inteiramente a roupa e arrojou o corpo nu contra a repulsa dos convulsionados.

Ainda despido, recebeu em seu quarto a dona da pensão, que mesmo alegando conhecer a dissimulação natural de Amanda, diante das circunstâncias, pede a David que se retire da pensão. Este seria seu modo categórico de, diante dos demais hóspedes, demonstrar zelo pela ordem e o respeito do estabelecimento. Finalizou dizendo que a humanidade era mesmo assim: “sempre os justos pagam pelos pecadores” (Fusco, 1976, p.172).

David fechou a porta com chave. A mulher berrou, e como “se executasse algo premeditado há séculos, começou a esmurrar, no rosto da proprietária, todas as caras – de homens, mulheres e crianças – que conhecia”.

## 5 Devircolagem

### 5.1 Devircolagem (understatement)

“Até os fracassos fazem parte do plano”

Deleuze & Guattari

Explode David, *O agressor*, em seu devir animal, devir secular incontido, rasgando as roupas da quarteira – felina em olhos de cores incertas, que salta, espreita, de mãos crispadas – depois, nu, totalmente contaminado, realiza seu devir-animal com a proprietária, aos murros. Irrompe o agressor, de Rosário Fusco e, por linha oblíqua, de minhas simbioses, em “irresistível desterritorialização”, antissocial, destinado a inverter a lógica de um mundo convencional, cínico, feroz, estúpido. Ocorre a David o estabelecimento de um novo território irresistível, instável, instaurado – se Gilles Deleuze e Félix Guattari (1997), providos por minhas bordas adesivas, fizeram diferença – por uma “aliança demoníaca”. A *transformação* de David advém de uma “expressão outra”, carregada de “dinamismo irreduzível a traçar linhas de fuga” aos limites de sua miséria, irrompendo todo o estreito de um corpo atado, diretamente para a vida.

David não se transmuta em gato. Ocorre algo como uma “filiação contagiosa”. Há uma transformação decorrente de uma dobra do real, um “Devir [compreendido como] um verbo tendo toda sua consistência; ele não se reduz, ele não nos conduz a ‘parecer’, nem ‘ser’, nem ‘equivaler’, nem ‘produzir’”.<sup>81</sup> Guattari & Deleuze dizem que um devir é perfeitamente real, “(...) o devir-animal do homem é real, sem que seja real o animal que ele se torna (...)”.<sup>82</sup> David ouvia

---

<sup>81</sup> DELEUZE; GUATTARI, 1997, p. 19.

<sup>82</sup> *Idem. Ibid.* p.18.

os gatos, os seus miados, os seus rosnados, distinguia adiante a cor de seus olhos, dominava a sensação de presença desse bando de gatos, dessa matilha. Ele não era um felino, nem se transformou em coisa parecida. Fora impelido por algo relacionado; algo rosnava dentro de seus ouvidos, cuja potência sempre teria habitado o seu interior circunstancialmente vedado, em estado doentio e perigoso de retração. Ocorre que o mesmo estado de retração, para aqui, equivale ao estado violento de vida que dele irrompe, da ordem da *afecção*. O devir virótico de David resulta em vida, mas antes resulta em conto; e contagia.

David está tomado por um *agenciamento*: contador reservado, quadrimensionalizado, geometricamente retido, regulado, reto, medido, submetido, trancado em si e só. Aparência desprezada, aspecto humilde, miserável, magro demais, David, quando está no bonde cheio, debaixo de uma bruta chuva, procura abrigo. É repellido; seu corpo impulsionado impele o corpo de uma senhora com um menino aos braços. Expelida, a santa abre e fecha a boca enquanto cospe: “Este estúpido não enxerga”; atrás dela um coro de vozes uniu-se a insultá-lo. Todos se voltavam contra ele, “lia isso nos olhares circunstantes”, ameaçadores ou rancorosos. David é humilhado. Não sabemos o que pode o seu corpo, não se sabe ainda quais são os seus afectos, parece retraído, subjugado à circunstância, contudo, “às relações que compõem um indivíduo, que o decompõem e o modificam, correspondem a intensidades que o afetam, aumentando ou diminuindo sua potência de agir, vindo das partes exteriores ou de suas próprias partes. Os afectos são devires”.<sup>83</sup>

## 5.2 Matilhas (coro à capela)

Uma fina linhagem de luz cirze ainda uma rede de capturas interminável: roubo; veja você: “Toda minha vida é como algo de um livro de histórias (...). Mas embora as histórias sejam diferentes, um fio junta todas elas e o mesmo

---

<sup>83</sup> *Id. Ibid.* p.42.

*leitmotif* recorre constantemente” (Strindberg, 2010, p.18). Roubamos juntos, todos, pelo método da descoberta. Assim Gilles Deleuze roubou Antonin Artaud ao escrever *Crítica e Clínica*, como todos os feiticeiros de sua galeria roubaram seus milhares de fios da meada, porque roubar para Deleuze (2004, p.17) é o contrário de plagiar, de copiar, de imitar ou de fazer como. Para o ladrão Deleuze “a captura é sempre uma dupla-captura, o roubo, um duplo-roubo” (*Idem*). Conjuga, o ladrão: acasala em blocos assimétricos o já fabricado, soprado pelo bando de malfeitores. Porque não há originalidade alguma, há “encontro com os outros”, pela vizinhança, por linhas de fuga, em rede como na geometria do rizoma toda desviante. Foi desse modo que Rosário Fusco, o jurista ladrão, fez seu bloco assimétrico em *O agressor*, cruzado com o cinema de Orson Welles, pel’*O processo*, de linhas flexíveis em que se projetam bandos de ideias, bandos de corpos, bandos de sombras em justaposição que transportam blocos. Digo “cruzado” e não “originado”, seguindo o raciocínio deleuziano:

(...) a propósito dos devires: não é um termo que devém o outro, mas cada um encontra o outro, um único devir que não é comum aos dois uma vez que não têm nada a ver um com o outro, mas que está entre os dois, que tem a sua direção própria, um bloco de devir, uma evolução a-paralela. É precisamente, a dupla captura, a vespa E a orquídea: nada que esteja nem numa nem na outra, mesmo que fosse intermutável ou misturável, mas algo que está entre as duas, fora de ambas, e que corre noutra direção. (*Idem*)

Orson Welles, o mágico montador, filmou *The Trial* em 1961, adaptação de Harold Pinter sobre *O processo* de Kafka e, em suas imagens, em suas sombras, assoma *O agressor* de Fusco. E, se entendemos a imagem e a “palavra”, no sentido de uma semente que traz vida, energia e carga explosiva, que tomada em um contexto alheio, a serviço de intenções alheias, cria um novo ponto de conflito (Avelar, 2007, p.13), lá está *O agressor* em *The Trial*, como Orson Welles em *O agressor*. Rosário Fusco, em entrevista ao Pasquim diz assim:

Quem escreveu o Cântico dos Cânticos [*sic*]? Shakespeare nasceu quando? Era mesmo Shakespeare ou Bacon, ou um francês, Jacques Pierre? Qual é mais importante a criatura ou o criador, Dom Quixote ou Cervantes? As coisas essenciais não são de ninguém: por pensamentos, por palavras e obras. Mas há “essenciais” que podem ser analisados e, da análise, acabar não sendo “essenciais”. O sal era, ou já foi, um elemento simples, do qual todos os outros

sais derivavam. Descobriu-se que o sal (sal de cozinha) não é apenas cloreto de sódio, mas sódio, cloro e um elenco de mais treze derivados, se submetidos à eletrólise. Donde se conclui – mutatis mutandi e pulando daqui prali – que a meia verdade, aplicada à literatura está com o vosso parente e chato Jorge Luis Borges: “cada escritor cria os seus precursores”, ou, trocando a coisa em miúdos para explicação mais larga: “cada um é um repetindo a todos. Daí caímos no sovado dito do nosso caro Pitágoras: “o homem é a medida de todas as coisas”, dito que eu reedito e modifico por conta e risco: “cada homem é a medida de suas coisas”. Agora, entendam tudo, porque vou parar de lero-puxa-lero. As vogais tinham cor antes de Rimbaud? Não. Passaram a ter: coisa que até a física moderna comprova e já não é mais considerado troço de poeta. Et voilà.<sup>84</sup>

Orson Welles após ler a versão italiana de *O agressor*, publicado na Itália, em 1969, pela Mondadori Editore, comprou os direitos de filmagem do livro. O cinema instalou-se no meio da formação do jovem Fusco; Cataguases fez cinema com Humberto Mauro e o fotógrafo Pedro Comello. Mauro, com alguns conhecimentos de mecânica criou uma máquina rudimentar para fazer filmes iguais aos que assistia. Com essa máquina rodou em 1925 o seu primeiro filme *Valadião, o cratera*. Não demorou muito e Cataguases, zona da mata mineira, se viu em verdadeira agitação cultural. Vinham de fora atores e técnicos; revistas e jornais elogiavam o trabalho da dupla; curiosos visitavam a cidade para conhecer a indústria cinematográfica nascente no país. Depois das projeções abriam-se debates. Rosário Fusco era amigo de Humberto Mauro e Comello; participou indiretamente de seus filmes, como ocorreu em *Primavera da vida*, participando da “cena da jaca”, contada em CONTRATEMPO, e escreveu críticas de cinema para a revista *Verde*.

Digo que há sombras agenciadas, epidermicamente combinadas entre Fusco d’*O agressor*, Kafka e Welles d’*O processo*. Há em *O agressor* e n’*O processo*, recorrentes cenas de grupos, pequenos incidentes exteriores, a produzirem efeito tanto sobre Josef K., quanto sobre David. Em Kafka, senhor K., em seus últimos momentos, é carregado rígido entre dois homens, formando com eles um bloco e “A íntima coesão [de seus corpos] fazia lembrar a unidade que só a matéria sem vida consegue realizar. (Kafka, s/d, 4shared, p. 159)

Em *O agressor*, grupos montados de três pares de pernas, três pares de braços, três cabeças, três orelhas espia:

<sup>84</sup> PASQUIM. Rio de Janeiro, Ano VII, número 351, de 19 a 25 de 1976, p.11-12. Anexo 11.

A multidão de fregueses comprimiu-se num canto, a respiração suspensa, os ouvidos atentos, os olhos estatelados, numa atitude de espantosa e atordoante expectativa. O estabelecimento parecia ocupado por um só corpo que tivesse dezenas de olhos e de ouvidos, um só alento e um punhado de braços imobilizados. (Fusco, 1976, p.41)

E em *The Trial*, Orson Welles usou, como sempre fazia, a grande angular de 18,5mm. O ângulo excepcionalmente aberto criava alguns problemas, por exemplo, para a iluminação, porque os diafragmas muito fechados obrigavam o uso de uma iluminação intensa, o que produzia a famosa marca de contraste nas imagens wellesianas, espriando-se pelas camadas sensíveis do filme, provocando sensações, desafiando a reflexão do espectador entre a sombra e a luz, na caverna do juízo. André Bazin em seu livro *Orson Welles* diz que o esgarçamento da imagem provocado pela grande angular, e o foco “quase permanentemente em contra-plongée, cria, em todo o filme [no caso, *Cidadão Kane*, 1941], uma impressão de tensão e conflito como se a imagem quase se rasgasse” (Bazin, 2005, p. 86). Fusco escreveu *O agressor* quando *Cidadão Kane* já era um sucesso. Welles filmou *O processo*, quando já havia comprado os direitos de *O agressor*.

Em *O agressor*, de Rosário Fusco, grupos de pessoas formando um mesmo corpo, uma mesma e imensa sombra é na parede, igualmente, projetada:

(...) veio recebê-lo uma menina de uns dez anos de idade, descalça, com uma lamparina na mão (...)

Partindo de baixo<sup>85</sup>, a luz fazia projetar no fundo uma sombra imensa e esquisita, ondulada, em gomos. Movendo-se, David pôde perceber que o tamanho da sombra ganhava em altura pela projeção de seu corpo (...)

David ouviu cochichos e risinhos do lado da porta que se comunicava com a primeira sala. E, ao virar-se, verdadeiramente se assombrou ao ver tantos rostos sobre seus ombros, tantos olhos curiosos a submetê-lo ao mais rigoroso e paciente exame. Pareceu-lhe aquele súbito espetáculo uma verdadeira assembléia de julgamento, como se estivesse num júri. A velha, o juiz. Ele, o réu. Os assistentes: promotores, ouvintes e jurados, a um tempo. (Fusco, 1976, p. 19-20)

Cada coletivo é uma unicidade dotada de senso comum, corpos sociais, modos de organização socialmente enquadrados, dispostos ao estabelecimento de

---

<sup>85</sup> Contra-plongée.

um Estado equilibrado, representantes das instituições reconhecidas: a “família”, a “ordem social”, o “Estado”, acometendo o corpo de David, vistoriando os modos de senhor K. Corpos à espreita, dentados – a incitá-los para o rito de seus afectos; ao porvir.

Examinando e desenvolvendo a argumentação sobre a contradição entre os temas “contágio com o animal como matilha” e “pacto com o anômalo como ser excepcional”, Deleuze & Guattari exploram a questão da aliança e do contágio, pela via dos conceitos de E.R. Leach, demonstrando que, “A aliança ou o pacto [na feitiçaria] são a forma de expressão, para uma infecção ou uma epidemia que são forma de conteúdo. Na feitiçaria, o sangue é de contágio e de aliança (...)” e associam o devir-animal aos assuntos de feitiçaria por meio de quatro pontos chave a implicarem as relações de aliança com o demônio, cuja função é de borda de uma matilha animal “na qual o homem passa ou está em devir, por contágio”. Prosseguindo o raciocínio, e o que mais importa, afirmam haver “toda uma política dos devires-animais, como uma política de feitiçaria”, elaborada “em agenciamentos que não são nem os de família, nem os de religião, nem os de Estado”. Como realiza Rosário Fusco quando estabelece um *plano de consistência* para David, em *O agressor*, levando-o, ao final, de um plano quadridimensionalizado, diretamente para a face da “proprietária”, como para um muro de todos os rostos de homens, mulheres e crianças que conhecia. Aos muros, por um cruzamento “latitudinal” de forças intensivas, David é, ele mesmo, a borda, um desviante de todas as instituições centrais, a um só tempo. Ele é uma máquina de guerra e toda a potência de um devir guerreiro.

O escritor é um feiticeiro, dizem Gilles Deleuze & Félix Guattari. Ele pode ser um guerreiro com sua máquina de guerra e potência anômala, porque os feiticeiros são o povo das fronteiras e eles mesmos são um devir em seus modos de “contador”. A escrita é um devir. Rosário Fusco, “por-detrás do real”, deixou-se atravessar por um devir-animal, devir-gato, devir-David e muitos outros devires inimagináveis, fora de nosso alcance. O meu devir foi um contágio assomado pela escrita de Rosário Fusco, em *O agressor*, e pela escrita conceitual dos filósofos Deleuze & Guattari de *Mil Platôs*, que por sua vez estabelece vínculos com Antonin Artaud – vírus predecessor. A escrita para mim era urgente e subtraída.

Era forçoso um movimento violento de disjunção capaz de desatrelar de mim a dor, o corpo e o dizer inevitável. Então, que o mais obscuro fosse partejado com corpo, dor e pedras da escrita. Os conceitos de Deleuze & Guattari, de Antonin Artaud, guarnecidos da história de Rosário Fusco transubstanciaram-se em um conjunto de fenômenos fisiológicos anexos ao meu corpo, “com” ele e “por” ele expulsos. As sobras receberam uma pele artificial desgastada e áspera, com uma costura tosca e elétrica para devir em outra direção.

Uma escrita de afectos parece ter sido o resultado da experiência para aqui encenada. Veem-se corpos liberados de suas partes, desterritorializados, repostos em outros territórios; o resultado das partículas sobrepostas entre textos queria corresponder ao conceito guattarideleuziano de multiplicidade, que “(...) não se define por seus elementos, nem por um centro de unificação ou de compreensão. Define-se pelo número de suas dimensões; ela não se divide, não perde nem ganha dimensão alguma *sem mudar de natureza*”.<sup>86</sup> Tratam-se de bordas em uma “enfiada”:

Temo a operação e há duas linhas abaixo das folhas secas (...) duas linhas sempre levam a algum lugar (...) Não serei nem anterior, nem posterior, andarei entre as linhas como se houvesse para mim um trecho, um isolamento. O primeiro passo, em direção ao meu objetivo, resulta em algo misterioso – pula sobre as costas da poltrona um gato já quase branco não fosse a pequena máscara até as orelhas e a senha da ponta do de rabo ainda negras. Rabo pendente como se perguntasse. Posso tirar do meu pulmão um livro aos pedaços para ver se poderia, dali, um gato projetar-se na poltrona, e daí derramo sangue (...). Corto o cordão do chão? Corto. De nada me valem duas linhas de contenção, afinal, sangro. Amarro o coração como se fazem amarrações em sacos, jogo o coração dentro do pulmão e ato com uma linha só (...).<sup>87</sup>

E Deleuze & Guattari:

O erro, do qual é preciso preservar-se, é o de acreditar numa espécie de ordem lógica nessa enfiada, nessas passagens ou transformações (...). É assim que operamos, nós feiticeiros, não segundo uma ordem lógica, mas segundo compatibilidades ou consistências alógicas. A razão disso é simples. É que ninguém, nem mesmo Deus, pode dizer de antemão se duas bordas irão enfileirar-se ou fazer fibra (..) Mas se não há ordem lógica pré-formada dos devires ou das multiplicidades, há *critérios* (...) Se as multiplicidades definem-se e transformam-

<sup>86</sup> DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 33.

<sup>87</sup> WELLISCH, CONTÁGIO, p. 4.

se pela borda, a qual determina a cada vez o número de suas dimensões, concebemos a possibilidade de estendê-las num mesmo plano onde as bordas se sucedem traçando uma linha quebrada (...) Longe de reduzir a dois o número de dimensões das multiplicidades, *o plano de consistência* as recorta todas, opera sua intersecção para fazer coexistir outras tantas multiplicidades planas com dimensões quaisquer (...)<sup>88</sup>

*Contágio* foi escrito com dor, em liquidação, mas, surpreendentemente, precipitou-se ao afecto de minhas leituras, aulas assistidas, atritos provocados pela história de Rosário Fusco, pela morte e pela vida facultativas em meu entorno. O *plano de consistência* “recorta as dimensões de multiplicidades para fazer coexistir outras tantas multiplicidades planas com dimensões quaisquer”. E que assim venham a ser estas operações compatíveis.

---

<sup>88</sup> DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 34-35.

## 6 Réquiem

Dezenove de julho de 1977: comemore o seu aniversário. Você morre em menos de um mês: dezessete de agosto de 1977. Data marcada para iniciar o som do silêncio. Lembra-se de sua germinação no rio? “Você sabe o que é onda sonora, por isso, está em silêncio diante da linha amarrada na vara de bambu improvisada. E no silêncio você planeja histórias”. Você ainda dispõe de um punhado de páginas para nelas soprar o trombone da sua voz e inventar como queira. Na última cena, quem poderá dizer “ele morreu nos meus braços”, do modo como você afirma, teria morrido o Quatorzevoltas: “em seus braços”<sup>89</sup>? Até o ponto final do capítulo você escolherá aonde cair.

Sinta. O seu espírito está mais puro no caminho da linha tracejada em direção ao caos, diante do precipício. A dor física desabafa a carga explosiva da sua bÍlis e serena desaparecevidamente o seu espírito. No ato vocal você mantém um rumor colérico de bicho louco contra a injúria dos inimigos. Toca daqui você e sua língua! (dentro de sua jaula insinuam-se somente os resistentes, os tolerantes, os insistentes, os justos, os acessÍveis às suas causas, faltas; aqueles que o reconheçam). Estou fora de seus parênteses, estamos reunidos em torno de você, nós leitores, esquadrinhando suas pedras fundiadas em rio. Forço suas suas páginas. Meti-me na maquinação de sua forja. No ribeirão Meia Pataca, nas águas do rio Pomba bato sua dicção. Duras são as pedras/palavras portuguesas pelas as quais, não só você, mas todos nós nos empenhamos diariamente, a fim de quebrá-las, amaciá-las, expressá-las, alterá-las ao extraordinário. Encontrei em *O Agressor* suas pedras transmudadas pulverizando melancolia pegada aos seus lamentos de homem cambaleante à vista de Emediato, porque há um repórter subindo as escadas do hotel Spínola<sup>90</sup>. Já arranha a porta sem companhia. O peso

---

<sup>89</sup> Afirmação feita por Rosário Fusco em entrevista realizada por Luiz Fernando Emediato, para a revista *Inéditos*, de Belo Horizonte.

<sup>90</sup> O nome do Hotel coincide com o sobrenome daquele que, com Rosário Fusco, fundou a livraria-editora Spínola & Fusco, em 1929. Após desligar-se da *Verde*, Rosário Fusco associou-se a José Spínola Santos. A editora publicou: *Revolução contra a Imprensa*, de Dionísio da Silveira, e *Pela reforma social e Contra-Revolução espiritual*, de Tristão de Athayde.

mórbido do seu corpo de leão doente avança decidido a empurrá-lo escada abaixo. Você abre a porta. Ninguém. Fecha a porta. Porta arranha. Agora você não abre, “o coração bate, e o sangue ameaça gelar-se nas veias”<sup>91</sup>. Bebe dois goles e meio de uísque, porque no momento do gole três você percebe que ninguém “bateu” na porta. Foi arranhão e isso não é coisa de gente. Agora dá vontade de abrir a porta. Abre! Ele já está na sua frente.

**LUIZ FERNANDO EMEDIATO** – Fusco? Eu sou o Emediato. (Pausa longa) Luiz Fernando (pausa curta). Emediato!

De cabelinho armado e partido ao meio<sup>92</sup>, ele parece um desenho de história em quadrinhos, poderia ser o Príncipe Valente harmonizado com esse nome; esse nome capaz de amolecer todas as suas forças. Fim da realidade, porque será impossível encará-lo com aquela cabeleira e aquele nome sem inserir um balão em torno da narrativa. Você está de porta aberta estatelado com os detalhes excêntricos, assim mesmo, não fosse precisamente o nome, com aquela pronúncia equivalente ao do verbo “emparvar” (de parvo, de tolo), não seria de cabelinho escovado e com um balão encerrando as falas, que ele perturbaria o andaço de seus pensamentos solitários. O detalhe do nome comove você. Segura firme no punho de Emediato; traz ele inteiro para dentro do quarto enquanto escaneia a figuração das mãos dele para ver-lhe o tamanho das unhas: são curtas.

Chega de conspiração, porque agora você já se acha louco de novo, o moço não é bicho – é gente – e você encontrou interesse no interesse dele por você. Cede apenas ligeiramente à tentação de uma gracejo vaidoso, coisa discreta:

**ROSÁRIO FUSCO** – “Estranho, eu sempre imaginei que jornalistas eram pessoas muito ocupadas. E agora você me diz que viajou tudo isso para me

<sup>91</sup> FUSCO, 1976, p. 65.

<sup>92</sup> A foto de Luiz Fernando Emediato, relacionada com a descrição da narrativa está disponível em: <<http://www.diaadiarevista.com.br/Noticia/5286/intelectual-bom-de-briga/>>. Acesso em: mar. 2013.

entrevistar. Se não fosse um elogio idiota eu diria que você está irremediavelmente insano”<sup>93</sup>. Senta Emediato.

Repara na sua felicidade! O presente começa a soar como o passado oferecendo-lhe a mão. Você seria capaz de beijá-lo, não houvesse o risco de alguma emboscada em suas unhas. Você grita alto quase no deslize de revelar tamanha felicidade, antes ainda de testar-lhe a fuga e comprova-lhe a bravura sábia, como um dia, está claro, foi a sua; nem de perto parvo, como testou você, que na verdade procura disfarçar a própria vaidade incontornável.

O jornalista tem um caderno e a habilidade de anotar ligeiro, embora não possa, em nenhuma hipótese, acompanhar as espirais de seu raciocínio convulso, portanto, todo o registro da entrevista estará inclinado ao abismo. Você anda com o copo até a janela aberta para fumar. Vira-se de costas para o repórter, mede a distância do parapeito ao chão da rua.

**EMEDIATO** - Fusco não acha importante divulgar a sua história? Acho que uma entrevista bem realizada serviria para uma futura biografia.

Rosário retorce o corpo em direção a Emediato e o intepela fora do tom.

**R. FUSCO** – “Minha biografia? Qua Qua Qua: Homem comum não tem biografia – sobrenada no mar existencial e já é muito”<sup>94</sup>.

“Sim, sempre tive (e confesso) vontade de durar: o diabo é que entre ‘duração’ e ‘existência’ há abismos que nem de leve pressente a nossa (dos imbecis) vã filosofia. Quando eu era criança já me preocupava com o assunto e outro dia, revendo velhas coisas, fiquei passado com a minha ‘unidade’ na incoerência vital: não mudei, não mudo, não mudarei. Sou uma miséria só (*Livro de João*, 1944) – sou miséria por conta e risco (*O Agressor*, 1942) – A vaidade imediata não é o forte dele... nem o meu (*Amiel*, 1930... meu Deus, eu tinha vinte anos) e vou

<sup>93</sup> EMEDIATO, 1976, p.53.

<sup>94</sup> PASQUIM, Rio de Janeiro, ano VII, n. 351, de 15 a 25 de mar. de 1976, p.14.

cumprindo, com isso, a outra, a terrível, a vaidade constitucional”<sup>95</sup>. (Pausa longa).

Estende o braço para pegar um cinzeiro sobre o criado-mudo. Bate a cinza e faz um transporte bem literário de olhos arregalados para o entrevistador com uma interrogação na testa. Isto, porque uma lembrança vem falar dentro de você: Rosario, “(...) tome tento em criar na calma, sem espírito de sacrifício e de novo com aquela ideia de se eternisar [*sic*] que eu não tive porquê de fato, histórica e individualmente, eu não podia ter (...)”<sup>96</sup>. A voz do Mário bem como você a ouvia lendo as cartas. Voz do amigo maduro, do pai que ele foi nos seus sonhos de menino. A voz que toca o ombro, que ampara e ameniza a dor no sofrimento. Mário fora o pai do filho brigão. Queria o seu bem. Manteve a aliança para toda a vida. Você sente saudades da sinceridade desse amigo. Escuta o diário de Lúcio Cardoso, com quem você morou um dia:

“Certa manhã [...], na minha casa em Ipanema, surgiu Santa Rosa sobraçando alguns discos. Estávamos possuídos de uma fúria musical. Stravinsky, Debussy, Wagner, tudo servia (...) Creio que foi nessa mesma tarde que ele me convidou para ir à casa de um mineiro, sujeito simpático e inteligente. Fui. Fiquei conhecendo Rosário Fusco, que desde então se tornou meu amigo. Mas o conhecimento que aí fiz e que mais me impressionou foi o de Mário de Andrade. Parecia dedicar a Fusco um paternal afeto”<sup>97</sup>.

Emediato está de fora desse pensamento. Ele entendeu tudo como um silêncio só de vazio e isso o sensibiliza. Ele tenta dissimular a inquietação em tomar nota de suas confissões transitórias. Enquanto digo a você, Rosário Fusco, que um escritor é presa fácil à visão extraordinária. Emediato está pegado em duas falas atrás, planejando abrir mais ainda suas confissões, seus segredos irreveláveis. Há quanto tempo você nos percebe em seus calcanhares? Não desejou olhos sobre sua vida? Não é o que o alegra neste momento? E diz para disfarçar seus sentimentos mais profundos:

<sup>95</sup> *Ibidem*, p.11.

<sup>96</sup> LADO A. MA. a RF. S. Paulo, 21 – IX – 28. Xerocópia cedida pelo herdeiro Rosário François Fusco. Datiloescrita, sem assinatura. Cf. nota 71. Anexo 9.

<sup>97</sup> CARDOSO, 2012, p. 669.

**ROSÁRIO FUSCO** – “Ora, nada vale neste planeta inútil e sem nexos. O grande caso é que ninguém, consciente de sua força (episódica, embora) e, por isso, arrogante operador das ‘centrais’ que acionam as engrenagens do mundo, tem coragem de esbanjar tempo com o anotar, analisar e classificar ‘ninharias’ que o dinheiro não mede... e a vida é curta, não é?, podendo acabar neste minuto: cara mulher do próspero e minha minha parceira de copo: cópula!”<sup>98</sup>

“O arrogante operador das centrais que [aciona] as engrenagens do mundo” não está, não virá. Estão escritores, leitores, frequentadores de livrarias, revistas, jornais, universidades, gastando tempo em analisar, anotar, pensar sobre ‘suas ninharias’, para usar as suas palavras. Leitores, como você, feiticeiros clandestinos, gatos vagabundos, fugidios. Temos todos um dígito indicador na direção da imagem, fazendo rolar a tela de retina, alterando sua posição, passando ou retrocedendo a cena, recortando, colando, acrescentando linhas sobre seus contornos. Testemunhamos com visão de alcance particular o território privado, com devoção ou com faca de corte. O que você esperava de um leitor à sua imagem e semelhança? Ameaçamo-nos mútua e inevitavelmente - autor e leitor, como se montássemos um círculo móbil. Lembre-se de suas palavras: “E se no ensaio, que é intelectualização, o valor é uma pura *idéia*; na biografia, que é transição entre a história e a lenda, o valor resta uma autêntica *imagem*, isto é, a representação de um objeto, uma sensação diluída”<sup>99</sup>.

*Representar* é para nós uma palavra conveniente, em se tratando do objeto biografado. Em seu sentido próprio, a palavra significa “estar no lugar de”, quer dizer, a ideia de uma coisa que é dada por outra coisa: um corpo por um outro corpo. Assim, estamos nós, como no início do pacto: seremos, para aqui, máquina de invenção recíproca ou, como diz você, “imagem, sensação diluída”. Nunca fomos tão felizes nesse acordo.

Sinta-se livre, sofra sem receios diante de nossos olhos ainda que seja a sua pior miséria, revele os desmandos de sua alma como queira, faça rugir a sua completa monstruosidade. Você não está sozinho, somos um corpo por um corpo,

<sup>98</sup> EMEDIATO, *Inéditos*, p. 54.

<sup>99</sup> FUSCO, *Política e Letras*, 1940, p.103.

circuito de movimento continuado como DAVID, como leitor, autor, ator, todos expostos e acobertados por uma cena com cortina de fumaça, a “potencialidade enganosa e fugidia do ato da linguagem”<sup>100</sup>.

**ROSÁRIO FUSCO** – “Os editores ou sei lá quem seja, fabricam os seus escritores, aqueles que lhes interessam. Haja visto o que fizeram deste tal de Vasconcelos<sup>101</sup>, que vendeu laranjas até em francês, como jamais se venderam livros aqui ou em França”<sup>102</sup>.

Emediato escreve: “Rosário Fusco é, também, um homem orgulhoso. Possui três romances inéditos, um livro de ‘pretensa filosofia’ e três ou quatro peças teatrais<sup>103</sup>. Um homem que possui atrás de si um passado saturado de sucessos. E que hoje não tem ânimo para mendigar edições ou reedições de seus muitos livros”.

Você está completamente bêbado e disperso. Volte à cena do quarto. Encare o rosto jovem do repórter de laquê que fingiu ou não entendeu o convite a ele dirigido para estudar com critério sua vida e obra. Ele se comunica só com os olhos, instruído na força de fazer você falar bem solto. Reparou nisso? Fala para si mesmo, e em voz alta, “um emaranhado de palavras incompreensíveis”, xingamentos disfarçados. Enche o sexto copo de uísque. Pensa agora que ele o considera doido, pensou? Pensa que ele não quer oferecer tudo o que você espera, por isso, o seu sentimento é o de ser refém de um menino. Pronto, avança. É hora de gritar.

**ROSÁRIO FUSCO** - Olha aqui, meu rapaz: isso tudo está muito divertido, mas seria bem melhor se conversássemos como amigos, ao invés de você continuar tentando, estupidamente, me entrevistar como se eu fosse uma

<sup>100</sup> SOUZA, 2011, p.66.

<sup>101</sup> Referência a José Mauro de Vasconcelos, autor de *Meu pé de laranja lima*, romance juvenil publicado em 1968, traduzido para 32 línguas.

<sup>102</sup> EMEDIATO, 1976, p.54.

<sup>103</sup> As peças teatrais publicadas por Rosário Fusco são: *Anel de Saturno*, 1949; *O viúvo*, 1949; *Auto da noiva* (farsa), 1961, esta última foi encenada, pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), no auditório da Monroe Country Public Library, nos dias 10, 11 e 12 de dezembro de 1970 (Cf. Revista Dionysos, nº28, 1988, p238. Anexo 23). O teatro – como toda a literatura – de Rosário Fusco foi especialmente valorizado por um dos mais importantes críticos do teatro brasileiro, o mineiro Sábato Magaldi. Cf. ASSUNÇÃO, 2012, p.242.

celebridade. Você não acha que está muito crescido para continuar com esta brincadeira besta?

Ande uns passos no cubículo e se veja refletido na TV 14 polegadas do quarto do hotel Spínola, no reflexo, goza do tipo assustador por que você se faz passar, com sorte, à posteridade. Barba, cabelos compridos, amarfanhados; dentes escuros, olhos inchados, temperamento de leão doido. Mesmo largado, passa a mão esquerda desde o topo da cabeça para trás, ato maquinal de ajeitar-se. Enche o sétimo copo de uísque. Escreve comigo durante longa pausa de olhos no teto como perfil em capa de livro de poemas, meia página de pensamentos – notas para a sua biografia:

De febre e fogo, *scotch*, lume, embrulhos, o acometido despeja seus infectos no continente das formas sem juízo, engulhado, desmedido, bruto: Se afio o lápis com as unhas entre receios, cólicas, já não sou pensamento, sou consumido, compelido para o espaço coercivo do labirinto. Nada do que imprimo em páginas é o nojo verdadeiro de minhas escamas. Disfarço como apodreço de dois litros diários do destilado em cálcio, magnésio, zinco; impurezas orgânicas com duas pedras de gelo no meu espírito. Gelo para o fogo, *whisky* para o esquecimento. “(...) ando como um sujeito que tivesse febre alta todos os dias; suores noturnos, tosse aguda, dor nas costas etc. só uma radioscopia sossegará o coitado. Depois, então, é que decidirá: suicídio filho da puta”<sup>104</sup>. Perco o oriente e todos os sistemas oficiais de medida do tempo. Onde estou? O que procuro? Devo saber? Sei que o tempo é a duração do ato; além da ação nada existe. Esvazio nos limites do aposento.

No interior de um quarto de hotel no interior de Minas, no interior de si mesmo, de volta à Cataguases, como um menino na caverna você se esconde do fracasso. Ao lado da cama de solteiro, menor que o seu corpo, está um isopor com gelo e três garrafas de uísque; você fuma 90 cigarros por dia e esvazia as três garrafas de uísque nacional, com ou sem gelo. Continua com olhar perdido, em delírio, falando para um repórter.

<sup>104</sup>Acervo M.A. MA-C-CPL3257. IEB-USP. RF a MA. Rio de Janeiro, 16 abr. 1934. Datiloescrito.

**ROSÁRIO FUSCO** – Na realidade já morri. Sou um escriba na faixa do depois da aventura, desencantado escriba na faixa do enfarte. O que eu gosto mesmo é de ser. Mas ser como *je suis*, eu posso ser em Belo Horizonte, Cabrobó, Cataguases ou nos cambaus. Ninguém é por estar aí, mas por *être en soi*. Ninguém sai de si mesmo, ou se aliena de si mesmo, a não ser pelo sexo ou pelo álcool (digo pelo álcool pra não ir à droga propriamente dita). Afinal, o que fica da vida de cada um (física ou mental) mais do que o esforço, um esforço por algo que é a marca ou tara individual? Carga, ônus e pesadelo de nossa passagem (ou estada) no planeta?<sup>105</sup> Sou uma sombra etílica de pijamas em trevas, assombração animalesca e desagradável. Tenho o corpo velho e massacrado, vivo uma vida sem método e cheia de aventuras, uma inflamação na próstata, meus porres são cada vez mais homéricos e quanto à inflamação na próstata, deve ser apenas um pequeno câncer. A vida é bela e muitas são as alternativas. Ofendo o mundo com a língua de Brômio, deus Rumor em justiça contra justiceiros, um Procurador do Estado. Tenho essa capacidade. Nada vale neste planeta inútil e sem nexos. O grande caso é que ninguém, consciente de sua força (episódica, embora) e, por isso, arrogante operador das “centrais” que acionam as engrenagens do mundo, tem coragem de esbanjar tempo com o anotar, analisar e classificar “ninharias” que o dinheiro não mesura... e a vida é curta, não é? Podendo acabar neste minuto.

Você está se repetindo!

Enquanto você fala, Emediato escreve em um caderno: Entrevistar Rosário Fusco não é tarefa das mais fáceis. Sempre que um jornalista o procura, torna-se repentinamente colérico. Derrama uma chuva de impropérios e maldições, faz gestos obscenos, ameaça. Mas se a pessoa insiste ele acaba cedendo. Quando foi feita esta entrevista, Rosário Fusco não foi encontrado em casa. Havia uns dois meses que tinha sido levado à força para um hospital, do qual fugira saltando uma janela. Estava refugiado em um pequeno hotel do Centro da Cidade para onde fui. No pequeno quarto onde bebia e fumava sem parar, Rosário Fusco mantém pregada no rosto zombeteiro, uma expressão irônica. Conta anedotas, ridiculariza escritores vivos e mortos, abre os olhos desmesuradamente, gesticula e ri quando lhe dizem que está ocorrendo no país uma nova revolução literária.

<sup>105</sup> PASQUIM, Rio de Janeiro, ano VII, n. 351, de 15 a 25 de mar. de 1976, p.11-12.

**ROSÁRIO FUSCO** – O que está ocorrendo – diz – é uma **imitação** deplorável e ridícula do espírito de 22. Há muitos anos não se faz nada que preste neste país.

“Imitação” deplorável ou coisa semelhante foi a preocupação mais frequente de Mário de Andrade com você:

“(…) só tenho agora uma observação enérgica a fazer: o poema Sala de gente pobre é quase copia duma obra-prima do Carlos Drummond chamado “Familia”. Uma enumeração e no fim uma reflexão íntima. Até o poema do Carlos acaba também “E a felicidade” que nem você acabara primeiro. Acho que você deve de sacrificar êsse poema não só pelo reflexo excessivo como porquê o poema do Carlos é muito melhor (...)”<sup>106</sup>.

“O ‘Não sei mesmo onde foi...’ você também não especificou claro si escreveu antes ou depois de lido o Momento. Si antes a coincidência fraterniza estranhamente a sensualidade de nós dois. Si depois, tem coisas que carece tirar pra que não seja imitação. Porem o poeminha é bom. Um bocado mais acalmado no ritmo e na dicção ficava ótimo”<sup>107</sup>.

“Você no estilo que está empregando em versos está forçando a nota que nem eu. Isso tem dois defeitos. Um de pouca importância porquê passa, é ficar parecendo comigo por demais. Outro mais importante é que não vejo precisão de você moço já de outra geração mais livre e com caminho mais aberto estar fazendo sacrifício de si mesmo”<sup>108</sup>.

“Meu querido Mario: Só hoje, dezesseis, recebi sua carta do dia 11, carta absolutamente ótima e que me fez um bem extraordinário. Confesso que tenho a pretensão de me conhecer, escrevendo pelo menos, e os versos saíram tão naturalmente, li, reli, francamente achei bom - e estava mesmo crente que eram meus, bem meus... As observações de você são diretas demais, me puseram mesmo em nocaute, impossível pretender justificar-me: não adianta. (...) Meu

<sup>106</sup> MA. a RF. Carta manuscrita, sem data. Páginas soltas. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 10.

<sup>107</sup> MA. a RF. S. Paulo, 14-X-28. Carta datiloescrita, datada e assinada: Mário. Xerocópia. Acervo Particular de Rosário François Fusco. Anexo 3.

<sup>108</sup> *Idem*. São Paulo, 21/09/1928.

trabalho, de dois anos para cá, tem sido justamente, esse - esquecer Mário de Andrade, não lembrar Mário de Andrade. Agora sinto que devo proceder de modo contrário: pensar sempre em Mário de Andrade: para andar em paz comigo mesmo... Quando penso que estou “vivendo” para mim (eu acredito na Inspiração... e os versos que lhe mandei foram vividos, si possível até, transvividos), vivo sentimentos que todos vivem, cada um a seu modo, porém o meu modo de vivê-los é seu, de maneira que a expressão deles como matéria poética tem de ser sua fatalmente. (...) Preciso me libertar de Mário de Andrade. É capaz de me indicar um modo de ficar livre de você, de uma vez por todas? (...) estou pingando de sono. Vou dormir e pedir o estalo à Nossa Senhora do Brasil, padroeira dos poetas da água doce... Não ache graça nisto que é doloroso (...). Seu velho, Fusco”<sup>109</sup>.

“Ler sujeito que escreve bem, para mim, é extremamente perigoso. Me entusiasmo e acabo me dando todo sem o sentir (...)”<sup>110</sup>.

“Não é possível a gente conceber a formação dum espírito sem influências, fruto unicamente de Cataguases (...). Quanto à originalidade, se historicamente ela é duma importância capital na evolução das artes, ela não tem nenhum valor conceitual na verificação da obra-prima. (...)”

Existe influência do tal escritor paulista sobre os moços de Cataguases como existe influência de Cataguases sobre esse escritor paulista. Maior do que imagina, muito maior. E mais elevada principalmente, não se resumindo a uma simples e desimportante aceitação de cacoetes gramaticais. Essa influência recíproca foi a bonita das amizades sinceras, carteadeiras, cheias de sinceridade, até brutas certas feitas. Isso foi o que o mundo não pôde ver e não gozou”<sup>111</sup>.

Sou o monstruoso duplo temível arrastado à arquitetura murada do labirinto. Minha senilidade opila o fígado agressor e fere em eudaimonia<sup>112</sup> possessa. E se sorrio, mostro dentes dragontinos (escancara um sorriso horrendo e lança uma nota como um grito). Sou o arripio da lei e jogo com o tirso batido nas

<sup>109</sup> MA-C-CPL, 3291. Acervo IEB-USP. RF a MA. Cataguazes, out, 16 de 1930. Foram mantidos os erros ortográficos e falhas de diagramação.

<sup>110</sup> MA-C-CPL3328. Acervo IEB-USP. RF a MA. Rio de Janeiro, 16 abr.1934.

<sup>111</sup> *Apud.* RUFFATO, 2009, p.87.

<sup>112</sup> Posse do poder divino.

palavras, toco um coro como pastor de cabras bacantes. Getulista! Ah! Quem me chama? Quem me aferra? Quem vem lá? Demônio curtido? Troco tudo por literatura. Vendo minha escritura e exibio o espetáculo, olha, eis a minha miséria:

“(…) O candidato à presidência da República, Getulio Vargas, faz promessas no seu memorável discurso da Esplanada do Castelo. O povo recebe com reservas êsse discurso, muito embora precisasse de acreditar em alguma coisa. E se aceita os princípios da Revolução, logo após, como uma mística, o fenômeno é facilmente explicável. (...)”<sup>113</sup>

Pensando em disparada você obriga-me a citar um livro de que eu não gosto e interrompe-me...

“(…) Impossível, nos limites dêste apressado balanço, seriar todos os nomes dignos de menção. Por toda parte uma aragem vivificadora anima e insufla o progresso de nossas letras. E o próprio presidente da República publica cinco volumes (*A Nova Política do Brasil*, Ed. José Olímpio), nos quais são reunidos os seus discursos mais expressivos, que documentam o que fez, o que prometeu fazer e o que está sendo feito, pelo país, em dez anos de um govêrno realmente construtor”<sup>114</sup>.

Não, não. Vamos abrir outro livro...

“(…) Com uma intuição social extraordinária de nossos problemas, o novo chefe do govêrno iniciou uma série de refôrmas sensacionais. A primeira delas e a de mais expressivos resultados foi aquela começada no Ministério do Trabalho, pela libertação das atividades do homem brasileiro, que supúnhamos, erroneamente, existir desde maio de 1888. Daí por diante, a primeira classe particularmente atingida pelos benéficos efeitos da revolução foi a Marítima (a que Getulio Vargas se dirigiu, de preferência, na plataforma da Esplanada do Castelo) que obteve, de saída, o Decreto 22.872, em nome do qual, nos govêrnos

<sup>113</sup> FUSCO, *Polícia e Letras*, 1940, p.69.

<sup>114</sup> *Ibidem*, p. 175.

anteriores, as lutas mais terríveis se travaram, provocadas pelos homens do mar, sem o menor resultado”<sup>115</sup>.

Venha para outra carta. Lembre desta escrita por você a Mário de Andrade! Desvie-se da tonalidade integralista, antes que eu diga o que penso e não quero. Prefiro evitar. Entre com a sua voz:

“Mário:

Começo o dia por você. E, como está percebendo, contesto o recebimento do Belazarte com um atraso pavoroso. Acontece que trabalho no Instituto dos Marítimos e – como deve ter lido nos jornais - os homens do mar estão revoltados, em greve cerrada contra o presidente da casa onde eu perco os meus dias, a trôco de uma miserinha de mil reis. Não tenho tempo nem para suspirar. Depois v. diz que estou ficando posudo, bêsta etc. pensando que é orgulho de mineiro. Não é. O caso é que talvez os outros amigos de v. tenham dinheiro ou, quando nada, trabalho fácil. Eu, coitado de mim, tenho que cavar na dura sorte porque não disponho de nada, **nem pistolão**. Falei em greve, pois foi por causa della que o serviço dobrou: entramos pela noite em redacção de memoriais, notas á imprensa, á policia, um inferno.

(...)

Lacerda deve ter escripto a você e manda uma segunda via de abraço. Eu mando como sempre um abraço forte e carinhoso, enquanto fico esperando sua carta, pela volta do correio.

Seu velho, Fusco”<sup>116</sup>

Ah! Quem me chama? Quem me aferra? Não me julguem sem conhecerem os fatos. “Talvez os outros amigos de v. tenham dinheiro ou, quando nada, trabalho fácil. Eu, coitado de mim, tenho que cavar na dura sorte porque não disponho de nada, nem pistolão”<sup>117</sup>.

**ROSÁRIO FUSCO** - Sim, sempre tive (e confesso) vontade de durar.

---

<sup>115</sup> *Ibidem*, p. 69-70.

<sup>116</sup> LADO A. MA-C-CPL3319. IEB-USP. RF. a MA. Rio, 16-4-34.

<sup>117</sup> *Idem*.

Leio para você ouvir a página 28 de *O agressor*, da publicação de 1976: “Não se pode julgar uma coisa, uma pessoa, apenas pela aparência (...)”<sup>118</sup> ...

Você se interpõe à citação, encarando Emediato, como se ele houvesse proferido o trecho de *O agressor* lido em surdina:

**ROSÁRIO FUSCO** – “... Às vezes, pessoas fazem coisas que julgamos mal. Entretanto, na posição delas, não se poderia proceder de outro modo. Isso é uma grande verdade”<sup>119</sup>.

Use a fala do vendedor da chapelaria em *O agressor*, para defender-se igualmente das críticas recebidas por subordinar-se ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), do governo Vargas, mecanismo de controle e censura das manifestações artísticas, culturais, sociais, maquiado com cosméticos de incentivos às atividades artísticas e intelectuais. Escreveu para o ditador, serviu às manipulações do governo dele, como um nacionalista de seu tempo, como um oportunista, como um herói da literatura brasileira, que se sacrifica para abrir caminho aos outros? Maquiou-se também você? Foi amigo pessoal de Getúlio Vargas. Organizou festas báquicas para ele.

**ROSÁRIO FUSCO** – “Meus senhores e minhas senhoras: pensem o que quiserem de mim, mas eu lhes juro preliminarmente que não tenho a menor culpa do que está ocorrendo. Não sei de que lado está o direito, nem tenho nada com isso (...)”<sup>120</sup>, diz David, o guarda-livros da chapelaria.

Emediato sorri amarelado como uma página velha. Quantos livros você guardou desta época? *Vida Literária, Política e Letras, Introdução à experiência estética*. Na data de publicação de *Vida Literária*, 1940, havia outro livro “em preparo”, como diz a contracapa: *História subterranea da literatura brasileira* (em louvor dos esquecidos). E quantos cargos de confiança você assumiu como ascensão à classe dirigente?<sup>121</sup>

<sup>118</sup> FUSCO, 1976, p. 28.

<sup>119</sup> *Idem*.

<sup>120</sup> *Ibidem*. p. 20.

<sup>121</sup> Rosário Fusco foi Secretário da Universidade do Distrito Federal; procurador do Estado da Guanabara (neste cargo se aposentou); foi braço direito de Almir de Andrade na direção da revista

Silêncio. “Os mais estranhos pensamentos atordoavam-lhe a cabeça, que ameaçava estourar (...). Dali por diante, só lhe restariam duas alternativas: manter-se serenamente diante dos fatos (coisa que, desde logo, considerava impossível), ou *adoecer* (...)”<sup>122</sup>.

**ROSÁRIO FUSCO:** Olha rapaz, entenda-me se quiser: “Cristo não foi o único espírito que, ao enformar o corpo a ele destinado (posto que cada alma tem o corpo que merece), abalou a estrutura do esquema de valores de sua época, para, mais tarde, arredá-lo e substituí-lo pelo que trazia do berço. Antes e depois dele, nos dois hemisférios, inumeráveis iniciados apareceram e desapareceram: sem deixar rastros. Não foi o único, mas tem sido o mais combatido e, por isso, vem permanecendo. A resistência de uma idéia, que se faz doutrina popular, é a história da resistência oposta a essa mesma idéia: todo mundo sabe disso. A controvérsia é uma enrustida aliciadora de prosélitos”<sup>123</sup>. (...) Minha mãe vivia repetindo, embora com outras palavras: ‘não faças a ninguém o que não desejares que te façam’. Ou, como dizia minha mãe: ‘corrija em você o que vir nos outros’”. “Pensam que sou louco. Pois não erram. Eu sou.”<sup>124</sup>

Tenho já 67 anos, não é? Deixa ver meu rosto. Não me reconheço. Voltei a Cataguases para finalizar a vida ou nascer, afinal, nascer ou morrer é sempre a mesma partida. Voltei para devir um pouco mais o menino pobre que fazia festa quando comia angu e torresmo. Choro. Choro uma garrafa de rolha<sup>125</sup>. Minha casa é do homem de depois. Depois de advogado bem sucedido, depois de procurador do Estado, depois de tornar-se o primeiro autor aposentado. Estou aqui. Projetei minha própria casa. Sou o único arquiteto de Granjaria que projeta romances, no fundo, um somatório de argamassa, humilhação, suor e tijolos memorizados. Vivo de casa para o hospital de Cataguases onde passo algumas temporadas no

---

*Cultura política*, empenhada em destacar os estudos brasileiros (socioeconômicos) e relatar as realizações governamentais; foi adido cultural nas embaixadas do Brasil em Santiago do Chile e Paris; Fusco é citado em um pé de página, na seção “Os homens de confiança” (do regime Vargas), capítulo 3, “Os intelectuais e o Estado”, do livro *Intelectuais e classe dirigente no Brasil* (1920-1945), p. 155, nota número 27.

<sup>122</sup> FUSCO, 1976, p.31.

<sup>123</sup> EMEDIATO, *Inéditos*, 1976, p.54.

<sup>124</sup> *Ibidem*, p.55.

<sup>125</sup> Ronaldo Werneck e Joaquim Branco, na introdução à entrevista de Rosário Fusco ao Pasquim, relatam que o autor veio às lágrimas ao lembrar-se de sua trajetória, desde a infância paupérrima, que festejava os dias de angu com torresmo, à maturidade do advogado bem sucedido, procurador do estado e “excelente crítico literário ferrenho”. *Pasquim*, p.10. Anexo 11.

inferno, tomando soro & uísque contrabandeado, através dos mais incríveis estratégias com as enfermeiras. A noite da biblioteca cala pelo silêncio da leitura visitada pelo leve ruído das sucessivas doses de uísque e da pena rombuda da velha Parker 51, com a qual anoto trechos ou gravo situações que irão compor um próximo romance. Só escrevo à mão para me sentir mais ligado ao que estou escrevendo. Além de péssimo datilógrafo, a máquina me distancia das coisas, da densidade dos corpos. Nada vale com algemas.<sup>126</sup> O homem foi levado a esquecer o corpo, única “realidade” que se pode palpar. Assim, não havendo mais lugar para a ficção (tessitura mítica do que se sente, pensa e faz), a transmissão dos dramas (situações) emocionais, através das palavras, não faz sentido. E, porque não faz mais sentido, os romancistas, no momento, se mandaram pra glotologia. Só um artista, um louco varrido, meu Deus do céu, pode escrever um romance – arte do diabo, sábio e adivinho, profeta e canalha, pregador e santo, catalisador e cirurgião, mágico e ordenador do caos, masoquista e infeliz. Bem, já estou caindo na literatura, com perdão da palavra, louco pra escrever depressa e...<sup>127</sup>

“Mario querido: a machina estava na vermelha e, quando reparei, a data estava escripta em carnavalia. Não faz mal, porque até achei a coincidência engraçada. Sua carta fez o milagre espantoso de “recompor-me”. Porque eu, como a maioria de meus patrícios, tenho vida de imaginação muitíssimo mais intensa que a outra. E isso por um defeito de educação, já hoje difícil de concertar [*sic*]. Gosto do brinquedo e me perco num mundo que é gostoso, descobrindo analogias (que eu acho ser o mais admirável dos turismos intellectuaes), feito sujeito apaixonado de palavras cruzadas. Sua carta fez bem por isso. Comecei me comparando, me confrontando, taco a taco, com indivíduos conhecidos. O passatempo não foi de todo inútil, porque sahi [*sic*] bastante consolado delle. A sua observação é muito penetrante, pois fácil de verificação. A gente pensa, realmente, que tem um mundo de coisas para falar, pretende ter arrumado duas ou treis [*sic*] ideias interessantes, etc., mas, quando senta e pega do papel para engatal-as, o desastre é irremediável. Não sahe [*sic*] nada, irrita a burrice nossa, a gente tenta se desculpar, tudo inútil, porque isso doe [*sic*], como quê. Eu, por

<sup>126</sup> Colagem a partir de introdução à entrevista de Rosário Fusco a Ronaldo Werneck e Joaquim Branco, para o jornal *Pasquim*. 1976, p.10-11. Anexo 12.

<sup>127</sup> WERNECK, Ronaldo & BRANCO, Joaquim. *Pasquim*, 1976, p.11. Anexo 11.

exemplo, soffro immensamente [*sic*]. É que, como v. observa a gente ainda não tem um partido tomado definitivamente, pensa que tem uma orientação – sendo, sem o saber, um puro disponível, emotivo de ideias, capaz de grandes entusiasmos sem mais nem menos pela primeira coisa mais afim com o nosso feitio. A questão é que não temos um só feitio, temos vários, e a incapacidade cultural ainda não permitto que se desgastassem todas as arestas da nossa curiosidade, deixando o bloco de ideias liso e incapaz de deixar adherir qualquer coisa. Inda hontem, eu pude verificar isso relendo o “L’energie spirituelle” de Bergson. Pensei que tivesse as minhas ideias firmadas sobre intuicionismo [*sic*], de tanta coisa que tenho lido, mas um simples raciocínio viciado do francês me fez perder a cabeça. Concordei com elle, forçado pelo sortillégio da escripta do filho da puta. Ler sujeito que escreve bem, para mim, é extremamente perigoso. Me entusiasmo e acabo me dando todo sem o sentir”.<sup>128</sup>

**EMEDIATO** – E a sua literatura?

**ROSÁRIO FUSCO** – (ele se esquivava) *Livro do João* é o romance de que mais gosto. Escrevi em 1940, no Rio de Janeiro, quando partilhava um quarto com Lúcio Cardoso. A publicação saiu em 1944, pela José Olympio. Escrevi numa semana só, completamente bêbedo e com uma ‘terrível dor de cotovelo’. Deve ter sido por isto que prestou. Os melhores livros são os vividos, os que nascem à força, doridos, sem cerebralismos e cronogramas. Agora está bem. Vamos parar por aqui. Deixe que eu descanse minha inflamação na próstata, que deve ser apenas um pequeno câncer. A vida é bela e muitas são as alternativas<sup>129</sup>. “Romance é a vida da gente ‘dinamizada’ pelos outros. Da participação do nascimento ao convite para a missa de sétimo dia (ou a partir desta) você já é uma fábula, com os ingredientes que cada qual acrescentar ao narrar o que você faz ou deixou de fazer”<sup>130</sup>. E é o que você aqui já começa a fazer de mim.

A vida não é nada fácil. Tudo o que é visto – já diziam os escolásticos – tem que passar pela cabeça para ter sentido. A máquina fotográfica não vê:

<sup>128</sup> MA-C-CPL3328. IEB-USP. Rio de Janeiro, 1 fev. 1934.

<sup>129</sup> WERNECK, Ronaldo & BRANCO, Joaquim. *Pasquim* PASQUIM. Rio de Janeiro, ano VII, n. 351, de 15 a 25 de mar. de 1976, p.13.

<sup>130</sup> *Idem*.

registra. Quem vê sou eu, o fotógrafo. Mas com que autoridade eu posso assegurar que o seu azul, por exemplo, é igual ao meu? O assunto daria para um tratado de estética um cenário cinematográfico não é um romance: é uma agenda de ações plásticas. Na sutil diferença entre a imagem ideada (escrita), a imagem visualizada (lida) e a imagem grafada, montada e projetada (transcrita segundo a interpretação criadora de um sujeito sem o menor compromisso com o autor) é que, a meu ver, reside o *buzilis*. Vejam se entendem. Lido, em termos de leitura dinâmica, *Madame Bovary* é a redução de vulgar adultério provinciano a dez ou vinte linhas, que poderão dar um filme de duração que o atleta quiser. Por volta de 29/30, Afrânio Peixoto publicou um romance (*Sinhazinha*), acompanhado do respectivo roteiro, por ele também assinado. Leiam os dois e me digam com quantos bambus se pode fazer um balaio. OU com quantos paus se pode fazer uma canoa capaz de romper as correntes barrocas de uma época. Porque do mau romance se pode tirar um filme excelente, a coexistência dos “gêneros” é possível. A debandada do escritor para o cinema é falta de fôlego, de editor, ou falta de dinheiro. Nunca um script será um Best-seller no sentido que dão à expressão. Porque Best-seller não é o que vende muito, mas o que vende sempre (*Adonias Filho*). Não citarei a Bíblia com exemplo. Escolham outros à vontade.<sup>131</sup>

*O agressor* escrevi em 39. Orson Welles comprou os direitos autorais à editora Mondadori, que o lançou na Itália na década de 60. O prefácio italiano (*L’Agressore*) me compara a Kafka e Joyce, dois animais que só vim a praticar muito tempo depois. Quanto a Orson Welles, eu o conheci num baile do Quitandinha, quase trinta anos atrás. Mas não me lembro do que falei com o atleta: estava interessado na Grace Kelly, com quem, por sinal, acabei dançando, sofrendo o diabo dentro de apertadíssimo smoking alugado “pelos tubos” do Rollas: me custou todo o salário do Instituto dos Marítimos, onde trabalhava na época. Agora, o que o Orson Welles vai fazer com o meu romance, não sei. Aliás, acho que nem ele sabe, pois até hoje, ao que parece, a coisa está parada; só soube da transação quando a editora italiana, me mandou o dinheiro.<sup>132</sup> E devo dizer, recebo pela tradução de *O Agressor*, periodicamente, os direitos autorais da

---

<sup>131</sup> *Idem*.

<sup>132</sup> *Ibidem*. p. 10.

Mondadori que lançará brevemente outro livro meu – *O Dia do Juízo*, meu último romance publicado, em 1962, pela José Olímpio Editora.

Essa, vocês podem publicar, para efeito de gozação, que eu sou o precursor do “realismo fantástico” no romance sul-americano. Li recentemente entrevista de Cortázar dizendo que aprendeu a coisa de Jorge Luis Borges, que começou a coisa na América em 1942, mais ou menos. Ele, Cortázar (aliás, um chatíssimo tipo) começou em 47. Ora, em 39 eu escrevi *O agressor*, que demorou 4 anos na José Olympio e só saiu em 43. Logo, *donc*, q.d.o., “realismo fantástico” é besteira (Pawels é que valorizou a chancela, mais velha do que a Sé do Braga, valorizou ou vulgarizou) quando, para efeito estético, já existia o “supra-realismo” de André Breton e Appollinaire, muito mais lógico. E lógico por quê? Porque o supra-real, significando algo mais que o real ou outro lado dele, diz mais do que o “realismo” grudado a “fantástico”. Por que ainda? Porque o real independe da existência, podendo até – e é o que acontece sempre – precedê-la. Tomás de Aquino se associava à potência e ao ato, ou distinguia o ser da existência (coisas que o vosso amigo Sartre explorou às pampas), pois que a essência precede a existência (Heidegger, Husserl, etc). Quando penso um romance, o romance já existe (em essência, i.e., em potência) faltando o ato (fazer) para que ele exista. Já lhes disse mais de uma vez que vivemos num tempo semântico. A mesma coisa e a mesmice se impondo com outros nomes. Inventa-se uma palavra (inventa-se ou valoriza-se) e logo vem uma teoria para lhe dar curso. Parapsicologismo (Rhine) é o ocultismo milenar, oriental, com nome novo. Media (McLuhan) ou hardware – quinquilharia (ambiente ou resto, ou restos, quinquilhariás peneiradas do ambiente, média) fazem a fortuna de um autor e as masturbações dos deslumbrados. Tomás de Aquino: “a realidade transborda do conceito”. Correto, positivo: porque as palavras que nomeiam as coisas cambiam, as coisas restam, resistem. Aqui, cabe o *nihil novi*<sup>133</sup>. Mas acontece que, sem tais transas, como a gente poderia *s’amuser*<sup>134</sup>, agüentar a carga existencial, arranjar pretexto para beber ou coisas pelas quais morrer? A confusão foi sempre geral, meus caros.<sup>135</sup>

<sup>133</sup> “nada de novo”.

<sup>134</sup> “desfrutar”.

<sup>135</sup> WERNECK, Ronaldo & BRANCO, Joaquim. *Pasquim* PASQUIM. Rio de Janeiro, ano VII, n. 351, de 15 a 25 de mar. de 1976, p.11.

“Mário querido: meu endereço é Candelária ou Granjaria, não sei bem. Recebi sua carta (...). Ando bêsta, Mário, desaminado de tudo e mais cansado. Tudo que me dá vontade de trabalhar, falha redondamente. Sinto necessidade de explosão, de carinho (...). Lembro que prometi a v. mandar trechos de um romance fracassado, para ver si valia a pena continuar, não foi? Pois vou mandar agora (...). Fico velho, meu querido. Velho e idiota (...)”<sup>136</sup>. Visto o casaco e abro o meu *Agressor* soterrado. Traduzo palavra por palavra, por uma série de representações desencontradas. Meus personagens chora[vam] num grande corredor escuro, onde um vozerio se erguia com ressonâncias de coro de ópera. A afirmação geral, contida no estribilho, era precedida da leitura de papel, feito por uma velha, que declamava uma espécie de sentença: “considerando que o senhor é David e, como David, é o contador da chapelaria...”. Depois, Franz, o personagem dono da chapelaria, visivelmente excitado, mãos cruzadas às costas, passeando de um lado para outro, ordenava: “tirem esse cadáver daqui”. De repente, o jardim enchia-se de pessoas falando alto. Uma delas empurrava-o do banco onde se sentavam cinco velhas iguais, comendo pão. E todas repetiam, em tons diferentes, os termos do recado telefônico que recebera: “mande dizer que rasgue as cartas”. Nisto, uma menina de barriga, visivelmente grávida, com um candeeiro na mão, começou a cantar: “mesmo que chova e até doente, o que precisa é decidir-se a andar” e a voz da menina era a voz de Amanda, a quarteira, em entonação incomum: parecia o rosnar de um gato dentro de uma caixa de chapéus.<sup>137</sup> Fechei o livro entre o sonho e a vigília. A imagem de um retorno irregular, rasgado como se fora uma tela cenográfica, causava-me pavor. Em direção a ela eu gritava: “Este retorno é mentira!” Um cachorro latiu e escapei pela passagem lateral. Onde estou? O que procuro? Nem sei. Mas, insisto, o tempo é a duração do ato e além da ação nada existe.

Transita entre as cenas de memória e realidade. Refere-se agora diretamente para o repórter Luís Fernando Emediato. O que diz Rosário Fusco sobre Rosário Fusco? Desse posso testemunhar sem a pecha de suspeito. Se nada fez que prestasse, até agora, daqui por diante (pra lá dos sessenta-sexapealgenário,

<sup>136</sup>FUSCO, Rosário. Carta a Mário de Andrade. Rio de Janeiro, 24/07/1934. IEB-USP. Carta nº 3324.

<sup>137</sup> FUSCO, 1976, p. 38. Trecho “sampleado”.

como diria o Oswald) nada fará. Com a velhice chegando, estou virando objeto de anedota: sujeito, objeto e (ou) a própria. Outro dia – saiu numa coluna de jornal – me “viram” ou ouviram cantando tango no Zum-Zum. Como gozação, é o máximo. Minha postura permanente é a do Cristo no Corcovado – braços abertos... o que não impede que, de estalo, eu resolva cruzá-los para uma ruidosa e federal banana. (...) Não o lamentem, por favor. O homem está em estado de dentadura postiça e já não pode rir como antes ria de fazer inveja ao Newton Braga. “Romance é a vida da gente ‘dinamizada’ pelos outros. Da participação do nascimento ao convite para a missa de sétimo dia (ou a partir desta) você já é uma fábula, com os ingredientes que cada qual acrescentar ao narrar o que você faz ou deixou de fazer”<sup>138</sup>. Nada mais em minha aparência faz lembrar o menino de Cataguases cor de rapadura, embora jamais o tenha deixado para trás. “Sim, repito, sempre tive, confesso, vontade de durar (...)”<sup>139</sup>

“Não sei si você conhece aquelas páginas da diferenciação e influência [sic] de Spencer ou Emerson, não me lembro bem, em que ele fala numa tal de predisposição espiritual da criatura que lê. Eu, Rosário Fusco de Souza Guerra, que nem a criatura predisposta. Você, Mario Sobral, Mario de Andrade ou Mario Sobral de Andrade, a influenciadora. Fenômeno interessante psicológico esse: TUDO QUE VOCÊ FAZ EU ACHO BOM! Seus artigos estão me bestificando! Depois escreverei direitinho porquê. Não li tudo inda não. - Isso é muito engraçado e talvez aconteça com você também e a criatura querida de suas relações de poltrona, não? (...) Tenho estudado como uma besta e feito exercício de poder de pensamento pra escrever prosa que sirva, ou pelo menos que não irrite.

Adeus paulista velho de - Macahe? - de S. Paulo mesmo. O coração de mineiro é todo seu, Rosário Fusco”.

A vida na literatura é mais legível que na vida. A vida pela escrita convoca o ilegível e o ilegível é o limite imposto e posto à subversão. É estranho como cada um constrói o seu próprio percurso. Eu também, com a sutileza do prestígio do perito em fundar palavras. Convoco melodias ásperas e angulosas para a

<sup>138</sup> *Idem.*

<sup>139</sup> EMEDIATO, 1976, p.55.

*performance* do bestial, figura híbrida do repertório grotesco como condição existencial: monstro e louco. Para onde vou? Qual o meu espaço de despejo?

Mais alguma coisa? Gracias, já estou intoxicado. Vou tomar necroton. Et Voilà.<sup>140</sup>

É preciso disputar três rodadas para ver quem tem as cartas mais fortes.

Vai, Fusco, abrir a porta para Emediato. Ele agradece a entrevista, estende a mão direita. Você pensa que aceita o gesto, estende a mão igualmente. Antes das mãos se tocarem, o tempo muda de compasso, arrasta-se para trás. Move-se o chão. Roda o espaço duas vezes a tempo de raio. Você precipita o corpo para frente com a sensação de que algo lhe escapa. A porta gira e a parede afunda. No teto a luz oscila sincronicamente da direita para a esquerda como pêndulo de relógio velho. Chega ao toque de sua mão um frio metálico que não é a maçaneta da porta, pode ser um musgo ou uma pedra. Como era a consistência da mão dele? Como eram as unhas? Não há Emediato. Não é dia 19 de julho, não há calendário, nem início, nem fim. Não há um chão, não há um quarto, nem um corpo, nem um nome Rosário, nem Fusco. É branco, branca tela de papel; de papéis e papéis amarrados em capas de veludo, duras, de papelão. E sobre esta, outras capas, outras folhas finas, amanteigadas, amareladas, mordidas, verdes, furadas de cupim. Você perdeu a voz. Perdeu a voz pronominal de primeira, de segunda pessoa, de discurso. Muda de substância; transmuta para germe ou para vírus, palavra de bulbo, voz do deslimite. Abismo. Som. Voz. Rumor. Bate, Diônisos! Volta ao jogo verbal só com fúria e contra-lógica! Volta Bacchae! Evoé! Bate o tirso. É sua vez. Rasga, menino, rompe para a vida, pelo berro. Nasce da obra, da coxa de Zeus!

---

<sup>140</sup>*Ibidem*, p.14.

## 7

### Referências Bibliográficas

ANDRADE, C. D. **Carlos e Mário**: correspondência de Carlos Drummond de Andrade – inédita – e Mário de Andrade: 1924-1945. Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade; organização: Lélia Coelho Frota; apresentação e notas às cartas de Mário de Andrade: Carlos Drummond de Andrade; prefácio e notas às cartas de Carlos Drummond de Andrade: Silviano Santiago. Rio de Janeiro: Bem-Te-Vi Produções Literárias, 2002.

ANDRADE, M. **Poesias Completas II**. 6ª ed. São Paulo-Rio de Janeiro: Livraria Martins Fontes e Editora Itatiaia, 1980.

ARRIGUCCI, D. **O escorpião encalacrado**: a poética da destruição em Julio Cortázar. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

ARTAUD, A. **Linguagem e vida**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

AZEVEDO, F. F. dos S. **Dicionário Analógico da Língua Portuguesa**: idéias e afins. Brasília: Thesaurus, 2000.

BANDEIRA, M. **Estrela da vida inteira**: poesias reunidas e poemas traduzidos. 14ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.

BARROS, M. de. **Memórias inventadas**: a infância. São Paulo: Planeta, 2003.

BATAILLE, G. **História do olho**. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

BAUDELAIRE, C. **O pintor da vida moderna**. Concepção e organização Jérôme Dufilho e Tomaz Tadeu. Tradução e notas Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BAZIN, A. **Orson Welles**: precedido de “Welles e Bazin”, de François Turffaut, e seguido por “Conversas com Orson Welles”. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BUKOWSKI, C. **Delírios cotidianos**. Desenhado por Matthias Schultheiss. Trad. Suely Bastos. Porto Alegre: L&PM, 2008.

CANDIDO, A. Surrealismo no Brasil. In: **Brigada Ligeira**. Terceira edição revista pelo autor. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004.

CARDOSO, C. L. O Dia do Juízo: Ironia e Tragédia nos Infernos de Rosário Fusco. Rio de Janeiro, 2008. Dissertação de mestrado – Faculdade de Letras / Programa de Pós-graduação em Ciência da Literatura. Universidade Federal do Rio de Janeiro.

CARDOSO, L. **Diários**. Organização, apresentação, cronologia, estabelecimento de texto e notas Ésio Macedo Ribeiro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

CARDOSO, M. R. Manuscritos de Lúcio Cardoso e Pedro Nava. *In: Palavra 4* – Departamento de Letras da PUC – Rio. Rio de Janeiro: Grypho, 1997.

CIRNE, M. (et all). **Literatura em Quadrinhos no Brasil**: acervo da Biblioteca Nacional. Rio de Janeiro: Nova Fronteira e Fundação Biblioteca Nacional, 2002.

COMPAGNON, A. **Os cinco paradoxos da modernidade**. Trad. Cleonice P. Mourão, Consuelo F. Santiago e Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COHN, S. (Org.). **Revistas de invenção**: 100 revistas de cultura do modernismo à atualidade. 1ª ed. Rio de Janeiro: Beco do Azogue, 2011.

DELEUZE, G. **Crítica e Clínica**. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 2004.

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Trad. José Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio D'água editores, 2004.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil Platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Vl. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997.

DERRIDA, J. **A farmácia de Platão**. São Paulo: Iluminuras, 2005.

\_\_\_\_\_. **Mal de arquivo**: uma impressão freudiana. Trad. Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

\_\_\_\_\_. **O animal que logo sou**: (a seguir). Trad. Fábio Landa. 2º Ed. São Paulo: Editora UNESP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Papel-Máquina**. Trad. Evando Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.

\_\_\_\_\_. **Pensar em não ver**: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Organização Ginette Michaud, Joana Masó, Javier Bassas. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2012.

DICIONÁRIO ELETRÔNICO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA. Instituto Antonio Houaiss. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2009.

DOSTOIÉVSKI, F. M. **Crime e castigo**. Tradução de Rosário Fusco. Ilustrações de Santa Rosa. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editôra, 1960.

DOYLE, P. **História de Revistas e Jornais Literários Vl. I**. Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa e MEC, 1976.

FREIRE, M. C. **Escritura: Desconstrução da linguagem em Derrida**. Rio de Janeiro, 2010. Dissertação de mestrado – Departamento de Filosofia – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

FUSCO, R. **A.S.A: Associação dos Solitário Anônimos**. São Paulo: Atelier Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. **O agressor**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

\_\_\_\_\_. **Introdução à experiência estética**. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1952.

\_\_\_\_\_. **Política e Letras: síntese das atividades literárias brasileiras no decênio de 1930-1940**.

\_\_\_\_\_. **Vida literária**. Col. Estudos e Documentos. Vl. 1. São Paulo: SEP, 1940.

GOMES, P. E. Salles. **Humberto Mauro: Cataguases, Cinearte**. São Paulo: Perspectiva, Ed. da Universidade de São Paulo, 1974.

HANNAH, A. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Trad. Cesar Augusto R. De Almeida, Antônio Abranches e Helena Franco Martins. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.

INÉDITOS. **O mar existencial de Rosário Fusco**. Matéria de capa. Inéditos, Belo Horizonte, jul-ago, 1976.

LARA, C. “A ‘alegre e paradoxal’, revista VERDE de Cataguases”. In: **Summario**. Suplemento de apresentação à reedição fac-similar da revista Verde, patrocinada pela Metal Leve S.A. 5 vls. São Paulo, 1978.

LIMA, J. de. Poesia. **Invenção de Orfeu**. Rio de Janeiro: Aguilar; Brasília: INL, 1974. V3.

LINS, D.; GADELHA, S. (Org.). **Nietzsche e Deleuze: o que pode o corpo**. Rio de Janeiro: Relume Dumará; Fortaleza, CE: Secretaria da Cultura e Desporto, 2002.

LORD, J. **Um retrato de Giacometti**. Trad. Célia Euvaldo. São Paulo: Iluminuras, 1998.

MACHADO, A. H. **Rosário Fusco e o estado novo**. Florianópolis, 2008. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Literatura, Universidade Federal de Santa Catarina.

MALCOM, J. **A mulher calada: Sylvia Plathe, Ted Hughes e os limites da biografia**. Trad. Sérgio Flaksman. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MAMEDE, A. **Aspectos surrealistas em O Agressor, de Rosário Fusco**. Cataguases: Francisca de Souza Peixoto, 2008.

MÁRIO Trezentos, 350. Material iconográfico: IEB-USP. Arquivo MA. Seleção e pesquisa de Telê Porto Ancona Lopes, Flávia Toni, Yone Soares de Lima e Júlia Peregrino. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983. Caixa com 2 LPs e encarte.

MENDONÇA, A. S. **Poesia de vanguarda no Brasil: de Oswald de Andrade Ao concretismo e ao poema/processo**. Petrópolis: Editora Vozes, 1970.

MICELI, S. **Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)**. São Paulo-Rio de Janeiro: DIFEL, 1979.

MOLLOY, S. **À vista: a escrita autobiográfica na América Hispânica**. Trad. Antônio Carlos Santos. Chapecó, Santa Catarina: Argos, 2003.

MORAES, M. A. de (Org.). **Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo IEB/USP, 2001. Coleção Correspondência de Mário de Andrade; 1.

MOURÃO, M. D.; LABAKI, A. (Org.). **O cinema do real**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

NEJAR, C. **História da literatura brasileira: da Carta de Caminha aos contemporâneos**. São Paulo: Leya, 2011.

NOVARINA, V. **Diante da palavra**. Trad. Angela Leite Lopes. 2º Ed. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

OLIVIERI, A. L. A. **Incursões na bibliografia de Francisco Inácio Peixoto**. Juiz de Fora, 2004. Dissertação de Mestrado – Departamento de Literatura Brasileira, Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora.

PASQUIM. **Rosário Fusco**: o escritor brasileiro é um supercamelô. Pasquim, Rio de Janeiro, ano VII, n. 351, 19-25 mar, 1976.

PAZ, O. **A chama dupla**: amor e erotismo. Lisboa: Assírio & Alvim, 1995.

POE, E. A. “O gato preto”. In: **Histórias extraordinárias**. Seleção, apresentação e tradução de José Paulo Paes. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

REVISTA DIONYSOS, nº28. Teatro Experimental do Negro. Organização de Ricardo Gaspar Müller. Brasília: minC FUNDACEN, 1988.

RIBEIRO, É. M. (Org.). **Diários / Lúcio Cardoso**. Diário Completo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

RICHA, A. L. G. **Uma vanguarda à moda de Cataguases**. Cataguases: Francisca de Souza Peixoto, 2008.

RILKE – BALTHUS. **Lettres à un jeune peintre suivi de Mitsou quarante images par Balthus**. Paris: Somogy Édition d’art, 1998.

RUFFATO, L. **Os ases de Cataguases**: uma história dos primórdios do Modernismo. Cataguases: Instituto Francisca de Souza Peixoto, 2009.

SAMAIN, E (Org.). **Como pensam as imagens**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2012.

SETTING Standards New Yourk Sessons. JARRETT, Keith; PEACOCK, Gary; DE JOHNETTE, Jack. Germany: ECM Records, JAN 1983. 3CDs.

SONHOS EM MOVIMENTO: nos passos de Pina Bausch. Filme de: Anne Linsel e Rainer Hoffmann. Editor: Sabine Hollberg. Com Pina Bausch, Bénédicte Billet, Josephine Ann Endicott. Produção: Alemanha, 2010.

SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. (Org.). **Arquivos Literários**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

SOUZA, E. M. de; MIRANDA, W. M. (Org.). **Crítica Cult**. Belo Horizonte: UFMG, 2007.

\_\_\_\_\_. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

STRINDBERG, A. **A sonata dos espectros**. Trad. Nils Skare. Curitiba: L-Dopa Publicações, 2010.

TELES, G. M. **Vanguarda européia e Modernismo brasileiro**. 18ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

THE TRIAL. Direção: Orson Welles. Produção: Alexander Salkin. Intérpretes: Anthony Perkins, Jeanne Moreau, Akim Tamiroff, Elsa Marinelli, Romy Schneider, Orson Welles. Roteiro: Orson Welles e Franz Kafka (novela). França, Itália, Alemanha: Astor Pictures Corporation, 1962. Disponível em: <<http://www.netmovies.com.br/filmes/o-processo.html>>. Acesso em: 30 out. 2011.

VERDE. Edição fac-símile, patrocinada pela Metal Leve S.A. com suplemento de apresentação à reedição. 5 vls. São Paulo, 1978.

VIEIRA, T. **As bacantes de Eurípedes**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

ZUMTHOR, P. **Escritura e Nomadismo**: entrevistas e ensaios. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Sonia Queiroz. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2005.

### **Correspondência em Arquivo Público e Particular**

Arquivo Mário de Andrade. Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo (AMA IEB-USP). Cartas de Rosário Fusco para Mário de Andrade.

Arquivo Rosário Fusco. Acervo particular da família aos cuidados de Rosário François Fusco. Herdeiro. Cataguases, Minas Gerais. Cartas de Mário de Andrade para Rosário Fusco.

## 8 Anexos

### 8.1 Cartas de Mário a Rosário

#### 8.1.1 Anexo 1 – “Aqui vai notícia da Verde 2”

psq - 20.

Rosário Furco

Aqui vai a notícia de Verde 2, saída na 4ª pg do Diário Nacional que tem 8.600 ms bem colocada e fora a lista dos trabalhos com o nome de você, o resto foi bem.

Você pergunta "é o livro?" que livro. Já falei, mandei contar o livro antes que você viesse aí que quando os outros nem me lembro mais qual o que eu mandei, foi Paulina ou a Bruna. Até 1 de Dezembro foto na rua e bloco de Jabaí, meu livro mais perfeito.

Alexandre colaboração da gente, nunca sei recebi pra vocês porém acho que vocês não devem se assustar. Primeiro vocês. É o pessoal do Rio Grande aqui um poema de Arceneo Ferrreira um poeta um poeta do Recife que está publicando não publicou um livro chamado Ca: Tumbó.

Vou mandar Verde que está corrigido sobrou pra Humaitá, João do Madeira, lá no fundo do norte.

Acho que vocês devem de mandar Verde pro Rio Grande do Sul pra. Rui: Birme. e Ana e Augusto Meyer, Livraria do Glor. Porto Alegre. Dois pontos novos e bons. Para fazer alguma amizade colaboração de. Uvar ou é o do Arceneo deixou pro 4º al da Terceira mesa.

Biao do

8.1.2  
Anexo 2 – “Rosario Fusco, vou lendo e secundando”

S. Paulo, 11-11-57  
 Rosario Fusco, Vou lendo e secundando. Acho que você deve pedir pro Mava  
 ilustrar o livro de você. Não gostei nada do desenho que você publicou  
 na Verde e acho mesmo que como você fala, você está querendo abraçar o  
 mundo com as mãos. Ou com os braços. Continue assim. Isso é bonito e me pa-  
 receu bem com o corpo de você que apareceu na fotografia enviada. Obrigada  
 de por ela. E o desenho que você botou na Verde não presta mais não  
 quer dizer que você não continue a desenhar. Continue, quem sabe si já  
 você chega a uma solução pessoal interessante de desenho? Ninguém não  
 dá saber. Agora esse futuro não é sua gente pra que você vá anchar cada  
 que de desenhos ruins.  
 Vai junto a página do Diário com o poema de você e a nota que escrevi  
 sobre Verde.  
 Quanto a mandar coisas minhas inéditas pra vocês lerem já passou o tempo  
 em que eu tinha tempo pra andar copiando as minhas coisas. Em geral fica  
 tudo a limpo só a tipografia! Bem se está vendo que você não imagine  
 o que é minha vida de tão apertadinha!  
 Na Baía como você deu licença, tirei o "cheirando a tomilho" que é possi-  
 bilmente português e não diz nada. Em todo caso todo tempo é tempo pra ve-  
 lo botar outra coisa no lugar, si achar necessário ou rebotar a mesma  
 coisa.  
 As concepções sobre felicidade que você faz na carta folhetim de  
 "A felicidade não entende bem o que você chama de minha" me dá um  
 pouco de medo. Parece-me bastante o que faz a vida toda da vida. O  
 de encerrar as coisas e viver está num dilema bastante complicado  
 de tal forma o seu ser frágil, a sua e o corpo, em todas as  
 situações vivas de que compoem a vida. Uma parte da vida é a  
 vida, não será isso a principal razão de ser da minha felicidade?  
 "A felicidade" tomou a palavra no seu mais elevado sentido, está aliada  
 a uma vida, não querendo vencer, se sacrificando por isso, mas  
 querendo viver, não querer, não se virar, reconhecer alegremente a  
 existência de parecer e até tomar a vida afora dele. Isso sim que é  
 a vida e eu sou assim. Outro dia ainda refletimou sobre isto na presença  
 do Cavalde, onde eu tinha ido acompanhar o processo e o Manuel Bandeira  
 e o Cavaleiro de invólucro com os sofrimentos dele e toda concordância  
 que eu tenho uma maneira muito especial de discutir que certa vez  
 de adversário, simplesmente porque quando ele tem razão não logo que  
 ele me vence e deu-me por vencido.  
 Mas a que você chama de "suavidade" que você sempre ou a não  
 sabe que é de mandar contar e que é que estou com preguiça de procurar  
 os meus dicionários de brasileirismos. E assim acho me contento pra  
 não me dar ver mais.  
 Quanto ao Manifesto de fato está bastando valer. Só valeu aquela pedre-  
 ra, abandonado eu que vocês juram trabalhar pela Verde. Achei aquilo um  
 trabalho extraordinário. Gostei como o disse. Falar em Verde, vocês pra  
 falar e se falar si esqueceram o poema homenagem que o Cavalde e eu  
 fizemos pra vocês, um e poema inédito de Fingerit que mandei. Fando contar  
 a história sobre isso.  
 Não se pergunte si o Alcantara gosta de você. Em certa que goste. Mas é  
 uma vida árdua e não tem a sistematização que eu tenho. Só por si  
 não responde mais.  
 Quanto a alguns versos de você pra conversar, achei muita graça no Te-  
 ma. Bem a vida é bem bom. O mesmo humorismo disse a Ellegin. Matante e  
 Manuel Bandeira, creio que já falei sobre ele, apesar da lembrança do  
 meu amigo de Manuel Bandeira (parece que tem certas coisas que depois  
 de muito, em vez, ninguém mais não pode falar sem que lembre logo o que  
 ele primeiro é uma gostosura. O Poema de minha tristeza não é ruim.



## 8.1.3

## Anexo 3 – “Pia Manguari”

S. Paulo 14 - X - 28  
 Meu querido Prozarid Funes, pia  
 Pia Manguari, bobo que se vendeu o  
 coração na foto, as músicas: simples  
 muito valiosas, parecem como você  
 tá escrevendo coisas na Verde não sei  
 se são pra mim ou pra você. Mande  
 falar, que isso refaz de você, man-  
 do umas observações pra te afe-  
 dar: O "Não sei mesmo onde foi..." no-  
 xi também não se especificou claro se  
 ocorreu antes ou depois de lado o  
 momento. Si antes a coincidência  
 prateijia estranhamente a semma-  
 lidade de nós dois: Si depois, tem  
 coisas que carece tirar pra sua <sup>própria</sup>  
 imitação. Porém o poemilla é  
 bom. Um boado mais a Alemanha  
 no ritmo e na direção ficava  
 ótimo. A revista alemã, mandei  
 pra você ver figura que bonita é  
 não? É uma ideia boa essa de  
 você aprender o alemão. Pra que  
 não faça o pé nela? Que língua  
 boa! Principalmente pra gente  
 aprender coisas e ler os avan-  
 dados mais novos deste mun-  
 do, lidar de Goethe principal-

mente... Di que eu ponho a língua,  
 porém me arrasto, lendo, 8 e no! A  
 carta não tem coisa pra resposta!  
 Eu aqui, naquela foi rabida de  
 você: dar a madrugada até 24 e Trind  
 de meses além, trabalhando, trabalhando.  
 Quando deite, olho esperto de  
 facção, sem possibilidade pra  
 dormir, tou febre, causa de impo-  
 rância ~~to~~ tolinha, gemendo, gemendo  
 quando de mais tremor. Até penso  
 em coisas. Depois o Pai do Sono vem  
 afinal, me engole. Quatro, tres horas  
 durmo e pronto, trevelam-trevelam-tre-  
 despertador e a vida mesma. Meo  
 com amargura. Amargura não  
 é vida que dá a, os homens e que  
 Brein outros dão doçuras. Luiu-  
 am, agora vou desceadas com o Paul  
 Prado, depois vou ver Anita Malfatti.  
 Desolado, vou buscar meus músicos  
 que o Villa mandou da Europa  
 pra mim, são meio-dia, já me barba  
 cortar cabelo, tomar banho, fim jistrati-  
 ca, me vesti, escrevi com esta a 8ª cap-  
 ta e última do dia, foi sol, e' mais  
 dia... Noite de musica hall...





## 8.1.5

## Anexo 5 – “Deixa de bancar o afobado, gente”

S. Paulo 25 VI 28

Fusco,

deixa de bancar o afobado, gente! agora você está mandando só recados e recados que não se entende! Recebo agora recado falando em registrado que devia de vir e que-dê? Mande o registrado e deixe de sonori-dades vazias, ora seborlorio! Puxa! então já está com Fruta do Conde no pre-lo! Nem descansou sobre os louros já com outro. Olha bem, Rosario Fusco, vo-cê é muito mocico e não tem pressa, se lembre que numa situação dessas livro novo tem que indicar progresso si não não se justifica. Não conheço bem o que você vai botar na Fruta do Conde porém assim recordando por alto (porque não pode ser doutra forma agora que estou ocupadissimo) os poemas a que me lembro de ter visto ajuntada a indicação de pertence rem pra Fruta do Conde não me parece que teve progresso não. Você afirma um geito pessoal de poetar porém não progride sobre ele: atute um pouco mais sobre essas coisas. Tem muita coisa que a gente escreve e que sus-tenta a gente como personalidade no dominio das revistas porém que em livro não adianta nada. Se imponha sempre como norma que dum livro pra outro tem que haver um progresso verdadeiro ou então uma pesquisa difer-rente. É sobretudo nada de condescendências pra consigo mesmo. Si falo as-sim pra você é porque acredito em você e na inteligencia e valor de vo-cê. Carece que você agora nas desmereça nada disso nem os valores propri-os nem a esperança dos outros, heim!

Uma das últimas cartas, junto com dois poeminhos Ditado da Casa Caia-da e Carta aberta pra Rosa vieram dois desenhos feitos às pressas. Notei sobretudo na Paisagem, apesar da pressa e falta de ins iração com que fo feita, já melhor segurança de traço e menos parecença com alheio. Guardo ela como indicio bom. Quanto aos poemas O Ditado está talvez um pouco re-petido por demais e o pior defeito dele é que em vez de estilização ar-tística do populario você fez pasticho. A idea é boazinha porém com ela você pode fazer um poema otimo não pastichando. Lembre bem que a estili-

ração é que é artística. Pastinho é cair em Cornelio Pires e você creio  
 que quer ser artista. A sextilha com que o poema acaba me parece ruim. A-  
 liás você me diz mesmo que não vale nada como poesia. Acho que vale  
 sim e pode mesmo ser que fique delicioso tudo quando a musica estiver a  
 juntada. Falar nisso: me esqueci do nome inteiro do Pierre, me desculpa. M-  
 Mande contar como é mesmo pra eu botar no Ensaio sobre Musica Brasilei-  
 ra em que as melodias que vocês me mandaram vão sair.  
 E quanto á Carta Aberta pra Rosa meu deus não possa falar direito sobre  
 ela porquê levava dez folhas de papel pra desenvolver o que tenho pra  
 dizer. Forém matute sobre estes problemas: O infantilismo de recordação  
 já está se tornando fatigante. Nós estamos diminuindo por demais os as-  
 suntos poeticos quando justamente o alargamento enorme deles é um dos  
 valores maiores do Modernismo poetico. Os poemas em que a sensibilidade  
 é delicada e subtil tem que vir sempre acompanhados duma dicção (prefe-  
 rivelmente bem ritmica) absolutamente perfeita e tão delicada e subtil  
 como o assunto. Não só pra aumentar o interesse deste como pra revela-lo  
 na sua inteiraza. Está claro: hum poema grande, ou longo, ou forte, as pinça-  
 ladas podem ser largas e até brutas. Muma miniatura uma pinçelada assim  
 esculhamba tudo. Imagine que numa declaração de amor... poetico bem de ce-  
 do nosso geito brasileiro, eu botasse de sopetão um "Eta mundo!" (estou  
 lembrando disso porquê faz poucos dias numa conferencia sobre Musica Br-  
 sileira tirei um bruto dum efeito com essa exclamação). Pois esculhamba-  
 va toda a poesia não acha mesmo? Seu poema não tem expressões ch. cantas,  
 propriamente porêm se perde um bocado no meio das expressões vulgares  
 sem estilisação. E sobretudo assim em ritmo prosaico. Veja bem: si no Ron-  
 dó pra Você, em vez de me utilizar dum ritmo medido eu tivesse empregado  
 ritmo prosaico adens minhas encendidas! estragava o poema de que toda a  
 gente gosta no geral. O que se nota principalmente nessas coisas que vo-  
 cês meos estão fazendo é isso: uma falta enorme de raciocínio e conse-  
 quente falta de tecnica estetica enorme.  
 E por hoje basta. Fico esperando o registrado em que não sei o que vem.  
 Recebeu uma cartona minha? Abração do Mario (Não corrijo esta)

## 8.1.6

## Anexo 6 – “Recebi dando upas”

Paulo 25 - II - 28  
 Ronald Paulo.  
 Recebi de você apenas o Premier Cromolo.  
 A minha lembrança de Brienis que sempre  
 a todos é oprimido quem nada. Há um  
 primeiro dia. Paulo mas é o seguinte.  
 V. M. de A. Acunim e V. M., falaram em  
 aboiões que se celebraram por aí. Por acaso  
 vocês se lembram das notas de cores  
 sobre o Pecado pro oratório do grupo  
 regu. Tra. l. a., sem companheiro (em  
 geral é um jeito nos têm companheiro), to-  
 mande em consideração por unidade de.  
 entrada e marcando os acentos com o  
 sinal x. **URGENTEMENTE**. E tam-  
 bém as cores receberam alguma mo-  
 difica, alguma toda, algum desafio  
 registrem isso e que ouçam. **UR-  
 GENTEMENTE**. Foi convidado pra  
 apresentar trabalhos musicais folclóricos  
 na exposição Internacional de Arte  
 Popular de Praga este ano. Vou  
 enviar um trabalho útil de regis-  
 tração de melodias populares brasileiras  
 red. que "Cinquenta Elementos Melodiosos  
 do Brasil", com comentários e introdução.

não. Como urgente, não esqueça. De  
 vez em quando uma cantiga medi-  
 ca. Dê-lhe suas e de vez em quando,  
 até no livro. Mas tenha urgência. Re-  
 gistre também a melodia seu harmo-  
 nização.

Me escreva qualquer coisa logo  
 sobre isto. Se é possível ou não  
 mandar, porque sei que ficando  
 por isso e ficarei na espera.

Estou seriamente impressionado  
 com os Prêmios Cronológicos. É uma  
 obra sua que amplexa e  
 já feliz, Nossa Senhora do Brasil  
 que beija você.

Abraços fraternos pros  
 tres.



## 8.1.7

## Anexo 7 – “Numa coisa você tem razão”

S. Paulo 23-III-78  
 Prozarid Fuxco (Proz. Fuxco)

Uma coisa que tem razão mesmo  
 eu não ter dado nem notícia da  
 saída dos Prêmios Cronológicos. Vo-  
 cês me perdoem aí. Juro que nem  
 pensei nisso. Meu pensamento  
 agora está mais longe da boa  
 educação, gente. Perdido eu pelo  
 meus três trabalhos que estão me  
 fazendo dar Topada na rua, to-  
 mar bondê que era um vez do  
 que nem, etc. com mantira e tudo.  
 Uma coisa é certo: ando com o  
 corpo roxo de machucaduras. Meu  
 goêpe de vista se obliterou com-  
 pletamente e vivo batendo nas  
 coisas. Tive ideia de um romance  
 que infelizmente não posso escre-

ver já por isso tomou notas e  
 mais notas. O trabalho quasi pe-  
 soso dos "Elementos Melódicos"  
 já acabei. Só faltam chegar as  
 melodias de você e mais algu-  
 mas que estou esperando deste  
 país. Classifico e entranço. E  
 estou ao mesmo tempo escrevendo  
 uma especie de estudo, vulgariza-  
 ção da literatura instrumental  
 Argentina que sairá em 4 números  
 do Diário Nacional. Mandarei.  
 Imagine tudo o que tive de re-  
 ler pra isso. E pra vocês não des-  
 confiarem, se lembram que nem  
 sobre batambo, nem sobre joze  
 de pira, nem sobre oinjuem  
 não tenho escrito. A vida não dá

1. 2  
 mesmo pra nada, é uma merda!  
 Mas hei de falar sobre troças. Pro  
 mata e falo mesmo. Mas cargo  
 de pensamento; esperem. Muita  
 imprensa já falei, foi pra. Mas  
 não me contento com as impressões  
 boas. Quero reler, escarafimchar,  
 achar defeitos, atacar. Moço <sup>me</sup> nem  
 essas coisas fica célebre e é o  
 diabo.

Quanto ao resto da rapaziada, eu  
 quanto roer aí não se acostumam  
 bem com eles, ba-de ser sempre  
 as mesmas surpresas. Tã assim e  
 não se amolam. Tenho estado  
 pouquíssimo com eles. Tã pouco  
 que ainda não entrepei o poema  
 de vocês nem pro Cavalito nem  
 pro Luis Branca ainda. Não os

esse credo que foi maior de quê.  
 Do outro, quando encontro, já fa-  
 lamos no livro. Eu geral sei  
 que a impressão foi mais ou  
 menos a mesma: Você apareceu ma-  
 fotes numa série de poemas, que  
 em poemas esparsos nas revistas.

Recebi a "Revista Campana"  
 de Palo Alto.

Quando as numero de Verde  
 dedicado a mim, Teinha se deu  
 mas isso não pode ser. Não é  
 questões de identidade e outras toba-  
 gens. É que não coubera e eu  
 própria com isso. Você é tão des-  
 confiado que não pensar de certo  
 que quero falar que isso me pre-  
 judicava por Verde não prestar.  
 Não é nada disso. Simplemente

homenagem. Não é mesmo generoso e  
 em nossa palavra. Foi também dentro  
 de mim uma consciência muito  
 livre que me impede absolutamente  
 de ver as coisas pelo lado cerimonioso.  
 Não é tempo pra homenagem,  
 Fumo, é tempo pra estudar e tra-  
 ballar. De homenagem eu só com-  
 preendo que como esta amizade, van-  
 ta e ilicitudinal que abandonaria Tor-  
 das as vaidades e esquece de  
 conhecer todos os defeitos e agen-  
 da a vida comum e meu tra-  
 lho em que todos entram, como uma  
 memória de amigo entra no  
 sorriso da gente: a soma de  
 mão grande perdendo no oculto e  
 bom-dia. A gente solta um pa-  
 lavrão pra desabafo e gosta mais  
 da vida ainda. Desinta pois da

a dia da homenagem. Ela me fazia  
 rir e me deixava esquisito.

Estou esperando Tripla Verde. A-  
 qui vai um poema do Myrtilo  
 Lima (Amo Grande do Sul) que ele  
 mandou pra Verde a meu pedido.  
 Deu um bom lugar que vale. Vai um  
 meu pra você lerem só. Não  
 publiqueem nada. Pra Tripla já tenho  
 prosa e pro numero seguinte man-  
 do prosa que é melhor.

Agora que de repente me lembrei  
 que prometi o dinheiro pra ajuda de  
 vocês e não mandei. Mandando no  
 começo do mês. Mandou pro Henri-  
 que de Resende, que a mim não  
 imaginam que escrevo só pra vo-  
 cê. Biao. Lembra pra todos

do

Y

## 8.1.8

## Anexo 8 – “Você carece de saber uma coisa importante”

Paulo 11-11-37

Franco

Prezados senhores, caros etc. Antes de outras coisas, quero dizer-lhes, vocês carecem de saber alguma coisa importante e que justifica muito o meu trabalho e opinião acerca destes tempos. Estou fatigadíssimo e com sintomas de alarmante e de um esgotamento nervoso funcional. Isso é natural porque a minha vida é plena de preocupações dispersivas, intensa por demais no trabalho. Desgosto e lagrimas do. Amigos, não foi um caso, me senti alguma trabalhadora com paradas. E eu não sou tão que poderia fazer alguma coisa de apaixonado de desvencar, na simples ato de produzir um rascunho sobre carta. Este foi um caso extremamente de condições elevadas no quadrado pra mim. Sucede pois que estou num estado de de paupera devido de devaras alarmante. Não quero que se me diga, o que quero é urgente de impaciência e preocupações que impedem de sair do verdadeiro, trabalho e não estou gostando do trabalho, não consigo escrever com clareza, e o cargo de escrever e tenho nestes 3 meses de setem bro a novembro de escrever um compendio de História da Música, ainda não principiado e já é 13! Não consigo ler porque não consigo uma palavra que bate na, com precisão parte pra mim de alguma e os olhos ficam cansados, leigos, e me sinto muito. Todo o meu trabalho agora é um.

reservar novo aumento este mesmo citado -  
de coisas até deixarem porquê sentar a  
viagem pro ardent, mudança de ar, ori-  
gem, obras, trabalhos divertidos, passava  
me repórter em outra.

Você me perguntou na carta se eu adapti-  
pes do Jorge Luis Borges e El Zoloma de Los  
Argentinos. Principiei lendo a tudo pouco  
targado no meio com impossibilidade de  
ler e eufo pelo Luis Borges me parece que  
de ~~esta~~ ficando entusiasmado, minha nellie  
e presunção de acadêmico cheio de fichas.  
Uma obra muito de factada, muito  
arquitectonica e com pouca suganaria. Em  
todo caso isto não passa dum juizo de...  
quem não lê. E você já sabe a arteima  
intellectuale que tenho pelo J. R. Borges.

Precebam minha nota sobre Furuzgo?  
A respeito a Verde não sei qual foram as  
minhas palavras sobre restringir a repôrter  
e manifestação de no vocês. Já falei assim,  
exagerei. Já penso mais e que vocês se devem  
conservar alguma primeira plana e absoluta  
dentro da revista. Quem publicarem uma  
coisa de fora do Paraná ou de outra cidade  
brasileira, está justo. Tanto penso assim  
que continuei mandando a colaboração  
minha. Porém minha opinião é que  
no caso de carcer tirar alguma coisa

não obteve de facto. Parecem prazeres que  
 a gente tem amigos de má e pra ter frutos  
 deles. o direito de não ser nada? Que  
 desculpa uma obrigação de ser legítimo,  
 de ser interessante pro outro!... Não aqui,  
 falar, falar, foi mais pra saber um bocadinho  
 do você e da sua novidade. Pois se  
 quiser ter carinho com os amigos, verdadelei-  
 ros nunca contando que não juregas com  
 os meus desleixos, nunca cheio de parola-  
 gens, caçoando, dizendo burradas, exage-  
 rando, nunca sempre falando qualquer  
 coisa. Eu gosto do gosto de você escrever  
 acho graça e quero bem.

Desmexe a fraqueza momentânea mo-  
 trada nesta carta. Sua de tem pelo logo  
 que vai vir e até conversaremos de  
 novo literatura e coisas uteis que no  
 momento me empobrecem

Com um abraço de



## 8.1.9

## Anexo 9 – “Vou escrever uma carta comprida”

S. Paulo, 21-IX-28 LC 01  
29

Rosário Funes,

Vou escrever uma carta comprida pra você. Se agrada bem com ela porque não sei mais quando escreverei outra. Vou desaparecer da vida um bocado, pois vou pra escrever o Compendio por causa de lirice inda não principial. E depois vai ser a viagem. Sé dentro dela é que possa voltar a escrever uma comprida. Mas não quero que por causa disso você deixe de escrever. Uma comprida não se quando quiser como quando puder. Por causa de isso você se você far bem. Mas comparando é quem sabe de qual pra mim, a sua. Agora vamos comentar primeiro os versos que você se mandou. Pra falar verdade não gostei mesmo de nenhum deles. O "Poema" foi o que me agrada mais. Mas está quasi bem. Tem duas coisas que eu corrigia pelo. O verso "Carencia de coisas não era preciso não" está com sentido errado que errada. Carencia em portugua quer dizer falta. No sentido creio que brasileiro em que você empregou a palavra ela quer dizer necessariamente necessidade, precisão de. Não é isso mesmo? Mas quer em portugua quer em brasileiro o sentido fica falso da mesma forma. Ou pelo menos tão obscuro que não sendo obscuridade lírica prejudica o valor lírico, o efeito emotivo do verso. Creio que você quis falar que "não tinha precisão de desejar coisa nenhuma no momento". Mas isso vem repetido quatro versos depois e case você quaira repetir de fato a ideia, vale mais repetir com as mesmas palavras pra obter o efeito lírico da refrão. Tanto mais que a própria contemplatividade geral em que você está, gosta mesmo de estar se repetindo as coisas, por melancolia, por preguiça, é bem. No ultimo verso achava bem estar encolhido, ao vez de encolhido. Relicia em voz alta a quadra, betando encolhido e você perceberá como o ritmo fica mais manso e mais puro. E também pra atenção do poema acho que o emprego da expressão "sexo forte" está aspera por demais. Uma vez numa simples animalidade, aliás também aceitavel no momento, eu preferia aí uma expressão mais lirica, quero dizer, mais geral, menos especificada. Você é mesmo meu amigo, Rosário, e já sabe bem que não

tenho a minima pretensão de ensinar. Esteu comentando e exemplificando por conversa e você aceita ou não aceita o que eu fale, na certa que não range. Por isso mando um poema acabado faz pouco, Momento, em que no fim eu reconheço em mim também um estado de anormalidade pura, por efeito de cheiro vindo da rua. Porém pena repare na delicadeza que me esforcei por botar nisso. Parafrasei uma frase feita do verbo pular brasileiro, e pelo menos isso me pareceu que ficou bem puro. Este Momento, de fato é já no espírito da Manhã. Ora reflitamos um bocadinho: A Manhã impressionou bem gregos e troianos. Ora não sera de fato porque eu estou abandonando uma perseguição de caçotes modernistas e afinal das contas nada adiantam pra poesia? Sobretudo o emprego das expressões vulgares em brasileiro e as expressões excessivamente fortes a todo propósito? Me parece bem que sim. E sobre isso temos ainda que refletir sobre os versos que você me mandou. De fato eles estão se tornando excessivamente brasileiros como dicção. Você está caindo no mesmo exagero que eu. Porém Rosario meu exagero era consciente, foi sacrifício de mim pra chamar atenção pra uma coisa: a utilização de uma língua já concordante com a fala brasileira. Já em Paulicea eu afirmava falar brasileiro. Porém a afirmativa não valeu de nada. Então forcei a nota. Então valeu e toda a gente até as que não concordavam comigo principiaram se interessando pelo problema e se libertaram um pouco mais. Hoje é incontestável que já se escreve em brasileiro no Brasil. Eu continuei forçando a nota? Não mais, seu Rosario. Ou por outra, continue sim, porém só em artigos de revista e jornal, pra continuar a irritação porém em livros não. Macunaíma pelo fato mesmo de se passar no mate, dos personagens serem irreais e vindo todos do mate é que se prestava pra estilo lírico em que saiu. E isso Renald, Renate Almeida Graça Aranha que positivamente não concordavam com a língua que eu estava escrevendo dantes, perceberam com muita inteligência pois que aqui tenho carta do Renate falando por ele e Ronald e carta do Graça, ambas se referindo à concordância de estilo brasileiro do livro com o assunto dele.

31 *JS*

Tristão de Ataíde fez sobre o estilo do livro uma observação perfeitamente boba, não entendeu nada nesse ponto. Falou que de tanto a gente abraçar a língua esta acabou não se parecendo com coisa nenhuma. Isso é bobagem. Ou então ele me dá a pretensão de criar a Língua Brasileira, pretensão boba anti-histórica que jamais não tive porque graças a Deus sou um bocado inteligente e possuo minhas leituras. Pretendi mas foi não confundir mais língua escrita com língua falada, coisa que estamos fazendo e ainda continue fazendo nos meus artigos de jornal, repito, só pra irritar, conservar o programa na ordem de dia. Macunaíma é escrito em língua artificial, como é de fato toda língua escrita. Todos os filólogos etc. reconheçam a existência simultânea pelo menos de duas línguas, a falada, básica, e a escrita baseada na outra, porém artística e artificial. E nem pode ser de outra maneira pois que o próprio fenômeno de escrever é uma artificialidade a seu modo. Por outro lado a língua de Macunaíma, e pois que se trata de uma obra de arte isso é que é importante. Além disso se parece comigo mesmo. E é incontestável que é uma estilização lírica puramente individualista da fala brasileira. A reserva do Tristão redundava em verdadeiro elogio pois que prova que não se parece com o brasileiro falado meu livro já é em língua escrita, minha. Isso mesmo que eu queria. Você no estilo que está empregando em versos está forçando a nota que nem eu. Isso tem dois defeitos. Um de pouca importância porque passa, é ficar parecendo comigo por demais. Outro mais importante é que não vejo precisão de você moço já da outra geração mais livre e com caminho mais aberto estar fazendo sacrifício de si mesmo. Bastou o meu. É que tudo o que fale aqui estava bem consciente em mim desde o começo da forçada de nota da minha língua, isso tenho uma parrada de cartas que provam bem, escritas pros que discutiam comigo a tentativa em que eu me tinha metido. Eu sabia conscientemente que estava forçando a nota. Eu sabia conscientemente que estava sacrificando as minhas obras. Tudo isso pra mim não fazia mal porque vindo na geração em que vim, minha função não era mesmo estar aí escrevendo uma obra que ficasse eternamente porém uma obra que passasse em campo no meu tempo mesmo uns tantos de problemas estéticos utais

4

32

até moralmente pro Brasil. Fiz. Você gosta da Manhã, pois então siga a li-  
 gão dela e não as pesquisas anteriores ou posteriores que não passam de va-  
 leres morais. Tanto no Este verso vai Molhado, como no outro poema sobre a  
 cidade de você, você força a nota da língua e se percebe bem a intenção de  
 fazer brasileirismos vocabulares e sintáticos a todo momento. Deixe isso pra  
 mim que muito já sofre na vaidade pela precariedade das minhas obras e tran-  
 sitoriedade delas. A vaidade é um fato... Repare ainda que os norteamerica-  
 nos argentinos uruguaios que pretendem escrever língua já da terra deles, não  
 dependam nos exageros meus. Ora é possível fazer uma coisa caracteristica-  
 mente brasileira, mais do que esses citados são caracteristicamente ianques  
 ou argentinos na fala, sem no entanto descambar pros exageros. Si quer exem-  
 ple útil em mim não procure meus exageros, procure as minhas coisas mais a-  
 tuais em arte, coisas em que não para o desejo de morte. Porquê também o de-  
 sejo de morte é ruim, achi...

Este Verso vai Molhado: O Vento sopra brabo, não gosto disso. O vento venta  
 brabo, fica bem mais liso e aceitavel. Já fechou as janelas. Está aí um ca-  
 so bom de abraileirar a dicção. Brasileiro gosta do singular. "A janela"  
 por as janelas, fica brasileiro e passa despercebido, o efeito de abrailei-  
 ramento é mais interior, mais virtual por assim dizer. Chove chuva choverá  
 pra quando papai chegar, lembra subservientemente Osvaldo de Andrade e quan-  
 to ao emprêgo da formula popular, ela me parece forçada como ingenuidade no  
 momento. Repare na diferença com que emprego também a expressão, frase fei-  
 ta etc. popular, sem que ela chame a atenção excessivamente sobre si: Minha  
 alma foi-se embora e me deixou. "Sedade" acho difícil de empregar. Os bra-  
 sileirismos ortograficos valem pouco, pra abraileiramento de lingua e têm  
 de ser discretos. Como que você vai fazer, si emprega sedade, si ninguem não  
 emprega sedese e sim saudese? O povo de certo faria também sedoso, não tem  
 duvida, porém a palavra não é de domínio do povo. Quando êle quer falar Sag  
 como êle diz com saudade. O Eta frie está besta. Desperdiça a sensação de  
 contemplatividade calma do poema.

Quanto ao outro poema, tem observações estupendas, que nem o quinto verso, 10º, 17º, 30º e 31º, 34º, 44º e 45º, 55º, 56º, 57º. Nem todos esses são estupendos, exagerei, porém os que não são, são bons de verdade. Ache o poema muito anotado só e isso já me enquisila. Revogo as disposições em contrario e está claro que estas criticas que faço pra você, faço especialmente pro meus versos passados também. Você não acentua "pra" nem "pras" quando contrações de pra com a eu as. Ache isso um engano. Acento agudo aí não significa abertura de som, significa apenas a contração. Sem êle a coisa fica analiticamente confundível, e é um engano a gente se diverciar da gramatica. A gente deve de se libertar da gramatica, porém andar junto com ela. O "boca dela" que você emprega nesse poema é outro erro de liberdade. Eu também pouco me amole com cacofatom. Porém não emprego nenhum que seja facilmente verificavel e que prejudique por isso a impressão lirica em que o leitor vai.

O leitor está lendo e de sopetão dá com uma coisa dessas. Desaparece o poema porque êle principia matutando eu na bobice de quem escreveu, ou na liberdade de quem escreveu, ou na estupidez de aceitar os cacofatom ou na estupidez de os regeitar. De qualquer maneira isso não é poema. O poema desapareceu. E na verdade, na verdade vos digo que tudo tem que desaparecer pra que o poema viva sozinho e desimpedido.

Uma coisa importante que tenho me esquecido de falar pra você: Outro dia você me falou que quasi que gostou dum artigo de Chiacchio sobre o Clan de Jaboti. Não houve engano de você? Não é sobre a Macrava o artigo? Si é sobre o Clan me mande pra eu ler porque não conheço ele. Quem sabe se nesse artigo eu levantarei um becaão a opinião que tenho sobre esse sujeito. Você me conhece pra saber que não zango com quem me ataca. Não tenho tempo pra isso. Mas essa Chacchia me repugnou, pela barafunda nojenta de mentiras, de falsificações, que não podem deixar de ser conscientes que ela fez me atacando. Me parece um individuo sem nobreza moral. Os artigos dele me repugnaram simplesmente. Por isso mesmo tenho interesse de ler o sobre o Clan. Já o de Murici em Festa, e outros acho graça ou perdoe. Questão de igrejaiana. às vezes,

questão de sinceramente não compreender, outras, e outras, meu Deus! questão de terem razão também.

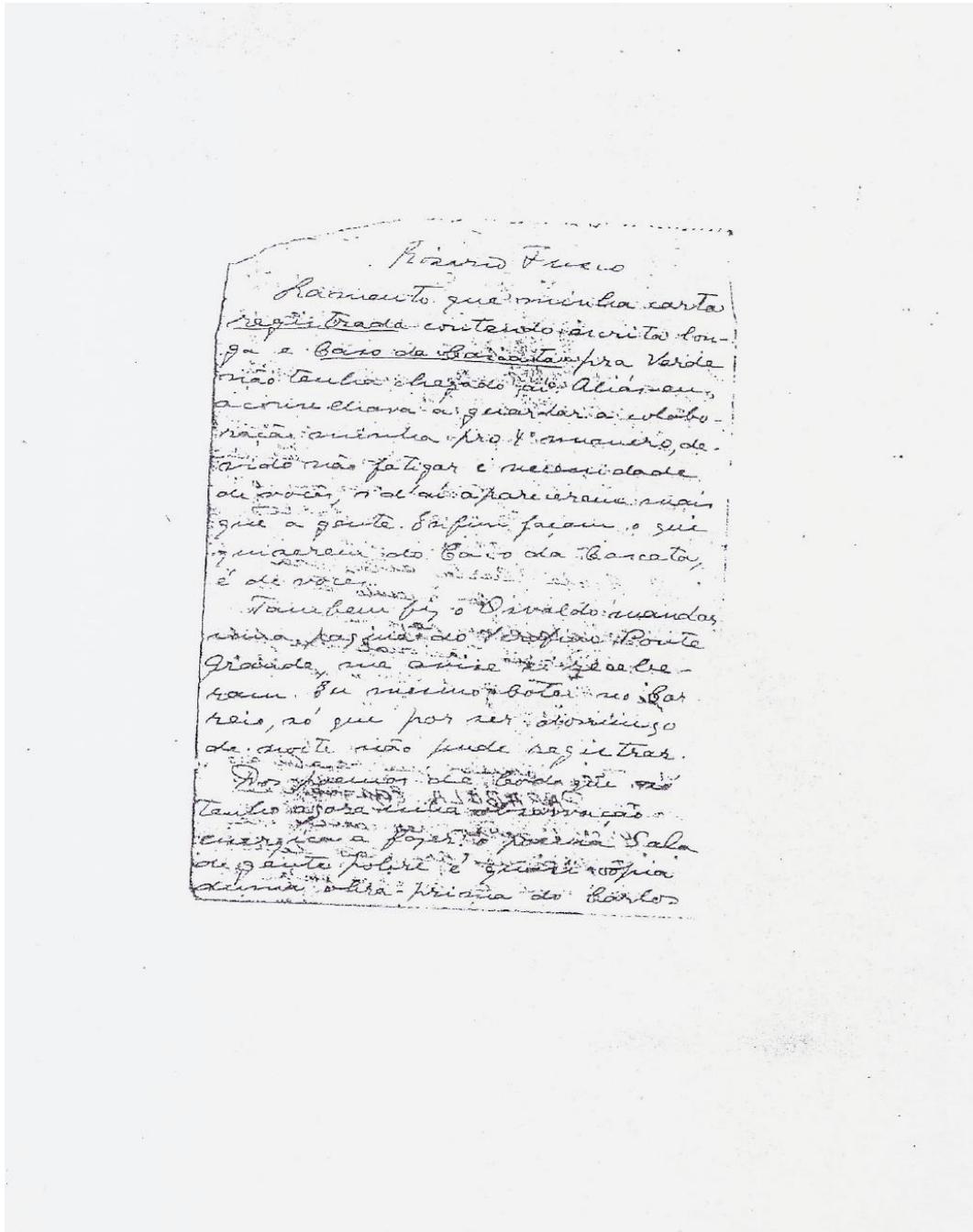
Na última carta de você tem um ponto que quero comentar. Você exclama meio ácido, porquê que eu não dou uma coisa que nem o Eco e o Descorajado pra você em Verde. Ora Rosário, nem quero que passe pela cabeça de vocês que dou e que tenho de melhor pra Para Todos e dou rebotalho pra Verde. Tem muitas circunstâncias que justificam o que eu fiz. Estamos convencionadas que eu mande prosa pra Verde por causa do excesso de poesia que tem nela. E pode ter certeza que mande pra vocês coisas que repete das melhores que tenho, a não ser num caso como o da Présentation mera brincadeira porquê eu também tenho direito de me divertir. Pode ser que Eco e o Descorajado (coisa anti-ra) seja interessante. Não tem dúvida que me diverte pelo lirismo psicológico que está nele, as respostas sábias de antemão do Eco, e a terceira estrofe, única que eu mesmo não me podia responder, o Eco repetindo o Nham dá uma ironia dolorosa bem lírica porém isso não passa a uma invenção de momento. Ao passo que você pode perguntar pro Manuel Bandeira si não é fato que repete o Gase da Cascata, o melhor passo de estilo que jamais escrevi. Pode ser que não seja porém o que vale é a intenção. Da mesma forma quando mandei Vitoria Regia o que me levou a mandar isso, é que gosto francamente desse trabalho: revela uma flor de que só se tem falado com eloquência sem revelar as fases tão interessantes dela, o estilo de trecho me parece dos mais felizes meus, é lírico e é contativo, francamente repeto a Vitoria Regia não digo melhor porém mais importante que o Eco e o Descorajado. Agora é que fiquei numa posição danada pra mandar coisas pra Verde. Aliás já uma feita comentei com o Manuel essa história de tudo quanto eu acho bom nas minhas coisas os outros não acharem e tudo o que os outros acham definitivo eu não dar importância pra. Como que vou fazer com vocês? Meu interesse por Verde você conhece. Si não andava como andei aconselhando orientação que definitivamente a revista. Si mandei Vitoria Regia foi pra isso. Reflita um bocadinho mais sobre a Vitoria Regia e mande contar o que acha. Si acha merda, diga francamen-

cê. Você não será o primeiro. O Couto de Barros, o Manuel acham que não va-  
 le nada. Eu não consigo. De certo é porque é ruim mesmo. Mas por outro la-  
 do, acham ruim, acham ruim o que eu faço, de repente e o mesmo indivi-  
 duos vem, passados anos, e fala que aquilo é que era bom e não o que estou  
 fazendo agora. Outra coisa comentável da carta de você é o caso de você en-  
 quixillar com os amigos que chamam você de exigente. Você tem razão. Entre  
 amigos não tem exigência. Eu que errei e pode continuar exigindo a verdade.  
 Você podia que eu falasse a a prosa de você: "Estava com sintomas de milhe-  
 ramento". É aqui que está o caso mais importante desta carta. Não é propri-  
 amente a prosa de você que está com sintomas de milheramento, Rosário. É  
 você todinho que está mudando e a meu ver melhorando muito. Dentro de todo  
 o trabalho que meço das cartas, versos, prosas de você, principalmente  
 cartas, eu ando sentindo uma mudança muito rápida e que me agrada com felí-  
 cidade. Sinto idéias melhores, mais permanentes, mais profundas trabalhando  
 você. Lirismo menos exterior nos versos, como por exemplo no Poema. Nas car-  
 tas de você quando não quando uma idéia que não é mais sensibilidade. É  
 idéia mesma, não é mais afeto só. De primeiro, com os impetos, as idéias sa-  
 em do sentimento. Depois é que as idéias saem do pensamento. Sinto efeitos  
 salutares de leitura. Pouca reflexão por reflexão ainda, no geral as re-  
 flexões de você são impressionistas. Nascem no momento em que você está es-  
 crevendo, não provêm de uma organização preestabelecida que age dentro da gen-  
 te feito uma taboa da lei, mas já são reflexões fortificadas pelo pensamen-  
 to anterior. Sinto você mudando pra mais força, menos brilho fuquefuque po-  
 rêm mais luminosidade reconita interior e meu coração se enche duma ale-  
 gria imensa. Você inda está no tempo da burrada, não faz mal, faça burradas  
 a verdade. Porém por detrás da burrada eu já percebo uma fatalidade de ho-  
 mem forte se manifestando. Dantes não. Eu percebia apenas o brilho fuque-  
 fuque do rapaz. Isso podia muito bem dar em gente tipo da verdamarela. É  
 isso eu não queria pra poder estimar você no homem forte quante quero bem  
 no amigo. Leia, estude muito, trabuque por demais. Ame foda gese faça bur-

nada porém não faça mal pra ninguém a não ser que esse mal feito pra um  
 se tenha consciencia consciente que vai beneficiar pra muitos. E você não é  
 eu, Rosario. Já veio noutra geração que tem de construir muito mais do que  
 o que nós es de minha destruímos, por isso tome tente em criar na calma, sem  
 espirito de sacrificio e de novo com aquela ideia de se eternisar que eu não  
 tive porquê de fato historica e individualmente eu não podia ter. Está bem  
 estabelecido que minha obra é uma obra de ação, trazida ria pois, não é u  
 ma obra de arte, coisa digna de ser eterna. Pode ser que alguma coisa minha  
 fique pra sempre, não sei... Porém isso não me interessa, minha obra é tem  
 sido e tem sido maravilhosamente util, uma lição comovida. É comovente pros  
 que se saibam ver bem. Você já tem outro futuro. Não faça mal pra ninguém,  
 tenha uma organização, não seja Macumalma na vida que isso rebaixa o homem.  
 E sobretudo não faça mal pra você. Eu quero quando você chegar na fôrça de  
Homem, sentir olhando pra você e pra outros, ter esperança de ver o caracter  
 a nobreza, a organização, a fôrça do homem enfim, desorganizados neste pa  
 is desgraçado. Desculpe tudo isto que vai aqui. Desculpe eu estar aconselhan  
 do, desculpe as amarguras desculpe tudo. Afinal eu sou já bem mais velho  
 que você, tenho mais vida... Tome por isso dessas liberdades rituais de en  
 sinador. Porém o que importa é que você saiba que tudo é ditado por uma lar  
 guezia de alma que não tem fim e que a criação está queimando no benquerer.  
 Isso você sabe. Então ciao, me lembre pro pessoal a'í com abraço pra tutt  
 ti quanti.

## 8.1.10

## Anexo 10 – “O poema do Carlos é muito melhor”



Atravessando, chamado "fa-  
 milia". Houve e enumeração a no  
 fim uma reflexão sintoma. Até  
 o poema do Barro, a colar também  
 "foi felicidade" que nem você  
 acatara primeiro. Dele que você  
 deve se arrepender. Este poema  
 não só pelo reflexo externo co-  
 mo porquê o poema do Barro  
 é muito melhor.

A carta Alberta até pra  
 cair não sei por quanto tempo.  
 Falta espaço para a litera-  
 ria do Diário Nacional. Que fale  
 sobre o conteúdo Barro que de-  
 certo não precisa. Tendo em con-  
 sideração

dos três poemas que tracei ago-  
 rinha: PARABOLA. Esquema  
 com 4, 5 e 6 versos, por causa da  
 ausência de pronomes pessoais. Dele  
 que você deve se procurar outra re-





...placidos e incluídos em  
 uma realidade civilizada.  
 Os indivíduos do mundo de  
 hoje sabem muito o que são  
 direitos e Juiz de Fora,  
 mas a paisagem de cartas  
 e o desenho parciais a  
 coração que o certo postas  
 tem o mesmo caráter fotor  
 eicas interoculares do que  
 do. Tudo tudo não quer  
 seu Juiz de Fora  
 mesma obra-prima po-  
 e. Bonu e Pueris ficas,  
 legal goito. Tem uma  
 não, assim obscurecível  
 e goito. Mas creio que  
 e gente gostará disso, e seu

...quando uma mensagem  
 ...do mundo de hoje  
 ...parcialmente se apresenta.  
 A distinção pode ser múltipla,  
 porém é essencial. Aqui no  
 Juiz de Fora também tem  
 imagens objetivas que nem  
 Penicetante. Porém essas  
 imagens são todas ou persona-  
 lizadas e que sempre foi li-  
 rero (representa seu ca, olhos  
espantado de estôdo) em ima-  
 gens incontrolláveis porque  
 falsas principalmente (Man-  
 cheter, Juiz de Fora). Ora não  
 não costume Mancheter e a  
 anacronia nem Mancheter nem  
 Juiz de Fora. Hoje se afasta dos

11/11 (12)  
 não impede seu físico, e  
 lógico. Tornou a liberdade de  
 de votar entre parciais  
 sua «aque» aporricante  
 quebrando um sistema goito.  
 ao e sua «ca» que pouca  
 me importa o caso foton,  
 porém desagradada  
~~promovida~~  
 Partida de uma banalidade

Comênia Pág 14<sup>o</sup> (2)  
 Gête e da mãe e pode pensar  
 que tem o mesmo olhar, mesmo  
 nome e, sobretudo, a mesma  
 alma. Esses poemas seriam  
 documentais, por serem di-  
 "paralelos", carecem de nota  
 pelo documento que tem de  
 ser supratexto e de claudador  
 de movimentos líricos, forte  
 no leitar, que nem o de Pam-  
 pléia do Oswald. = "os bo-  
 livas" e não "as bolinas", não? =  
 "Pra uma dele" não deve ter acm  
 e no pre. Para com acento, similitude  
 case: "Fé as pra (para a) cabra"  
 e "Sou pra (para) cara" =

Paragem <sup>14<sup>o</sup></sup> número 7, fogar  
 pra-olhos. Mas pre-  
 ta / ar tudo quanto, um  
 pernas não pode apresentar.  
 C. processo de a. m. a. c.  
 de imaginação e melody com: →  
 "Quarta" → proou mal e  
 esta, completamente abaci-  
 dorado hope - Grazi jato  
 "Quarta" - "foi um com  
 de aque de melody com" e  
 verso bom, que ~~de~~ preferiu  
~~presentes~~ com a qual? sem  
 "de". "Prato e Guillermo de  
 Almeida na idea e mo-  
 proeço grande e im, não  
 pode mudar.

## 8.2 Entrevistas

### 8.2.1 Anexo 11 – Pasquim



# ROSÁRIO FUSCO:

## "O ESCRITOR BRASILEIRO É UM SUPERCAMELÔ"

### PARA PRINCIPIANTES

De um encontro com Rosário Fusco, muita coisa se perde ou fica esclarecida pela metade (o homem não gosta de gravador), outras se pode tentar ler nas entrelinhas, e a maioria transparece na intenção de resguardar uma intimidade imperturbável. Ao lado de uma irreverência em boca com e sem limites, que não vacila em destilar os assuntos mais controversados, Fusco é o mistico terra-a-terra, o calmo-desafiante, o espiritualista-materialista, o malabarista do pensamento e, até, o homem comum. Um dualismo perfeito, como convém a um romancista de sua estirpe.

De escapar de vidros de farmácia no interior de Minas a contestar a Sorbonne, onde fotografou os originais do *Lance de Dadas* de Mallarmé, passando o negativo do poema pro papel e sacando dessa invenção uma tese inédita, pelo menos na época: "o importante no *Coup de Dés* não são os estacões em branco, ao contrário do que pensam os apressadinhos, mas o avesso disposto a posição marginal ocupada pelas manchas do texto dentro da página. Mas isso é só pra chatear "nos curtos" (deu-se Augusto e Haroldo de Campos); se quiserem, ainda tentem os originais da zefírica".

O *gossamer* de inexpressiva e tresloucados políticos de Cataguases (em dois quartos que ele lêse o dióxido da torre da igreja e depois se lançava lá do alto, naturalmente metido na recém-convertida máquina, verdadeira, obra-prima de outro mauco da cidade: "já pensou o império, meu caro?") e candidato a deputado na década de 50 ("nô ficou confuso, fugiu com Fusco" era sua alusão) frugorosamente derrotado, "os amebos não me entenderam, o que, aliás, não é novidade".

De fabricante de perfumes e desenhista de modas ("até hoje imita mulher usa a agulha-de-ouro que eu faço, os vestidos que eu desenho. Muito antes das botas compradas estavam na moda em Paris, eu já calcava as botas que eu havia bolado") a editor da falecida A Cigarra dos bons tempos (onde criou famoso concurso nacional de contos, o primeiro do gênero, e onde, jurá, Millôr Fernandes foi seu confidente: "o rapaz era vivo e levava jeito").

De editor, ensaísta e enfant terrible da Revista Verde, que fez em Cataguases na época do modernismo, com apenas 17 anos (é famosa sua carta a Mário & Oswald de Andrade: "mandem colaboração, seu b..."). E se mandaram não só um poema a quatro mãos - "todos nos somos rapazes, muito capazes de ir vovô forte vovô de os ases de cataguases" - como outro de Hilde Gendreau, dedicado "aux penses ignes do Cataguases" à maturidade do romancista de *Dia do Jato*, seu último livro publicado no Brasil (em 1961), ou do *Kafkaian* O Agressor, de 1939, cujos direitos autorais foram comprados por Orion Welles à editora italiana Mondadori, que o lançou na década de 60. Aliás, o prefácio italiano (L'Agressore) e compara

a Kafka e Joyce, "dois animais que só vim a praticar muito tempo depois", como ele afirma. Quanto ao Orion Welles, eu o conheci num baile do Quitandinha, quase trinta anos atrás. Mas não me lembro do que falei com o atleta; estava mais interessado na Grace Kelly, com quem, por sinal, acabei dançando, sofrendo o diabo dentro de apertadíssimo smoking alagado "pelos tubos" do Rollis; me custou todo o salário do Instituto dos Marítimos, onde trabalhava na época. Agora, o que o Orion Welles vai fazer com meu romance, nem eu sei. Aliás, adô que nem ele, pois, até hoje, só que parece, a coisa está parada, só soube da transação quando a Mondadori me mandou o dinheiro".

E daí vai. Ou vem. E continua de menino paupérrimo ("quando li em casa tinha angu com torrezinho... era festa"... e se entocava as leguminas) ao atirado bem sucedido, ao procurador do estado aposentado (idem como escritor, como membro da comissão de amigos de Rômulo de Freitas, de quem partiu a ideia, foi um dos primeiros escritores brasileiros a se aposentar como tal), ao excelente e ferino crítico literário dos anos 40.

E poderia continuar ad infinitum, tão controversa e multifa-

ria é a vida do homem e do escritor Rosário Fusco de Souza Guerra, "nasci da fusão, ou confusão, de muita coisa italiana, daí meu metro e noventa acima do nível do mar (um gigante dentro do baixo nível estatístico de Cataguases) e meu saco rosa (faixa azul, cinta encarnada), devidamente provido de aparelhagem funcionando a todo vapor até o (.) da aurora".

Hoje, com 69 anos, novamente sedado em Cataguases (desde 63), após o longo périplo França-França-bahia (fez-se Rio-Paris-Friburgo), Fusco continua uma obra & biografia (qual a mais rica) no mínimo inquietante. Dois livros publicados no Brasil (além de outros na França, Itália, peça encenada nos EUA), destacando-se, além dos citados, *Carta à Noiva*, *O Livro de João Amiel*, *O Vívio*, *O Anel de Saturno* e uma série de poemas e ensaios, entre eles *Introdução à Experiência Estética*. A Mondadori, inclusive, já está preparando a edição italiana de *Dia do Jato*, ainda sem título italiano.

Mas, como ele mesmo costuma dizer, "não adio a dona Glorinha" (de-se batalhões & convulsões). Talvez por isso, por sua aversão ao meio literário, estejam muitos os livros que tem na gaveta desde 1961: um

tratado de filosofia, dois novos romances (*Vacachavam* e *S/A-Solitários Antônimos*) e um livro de escatológicos poemas sobre a Lapa, ainda sem título, praticamente impossíveis. Mas que O PASQUIM, naquele tradicional "furo de reportagem" ("velha chantagem brasileira", como diria o próprio Fusco) oferece de bandeja para o regalo de seu arónio e indistinto público.

De sua casa na Granjaria, bairro de Cataguases (aliás, simpaticíssima, projetada por ele mesmo: "sou o único arquiteto da Granjaria que projeta romances, no fundo um sonatório de argamassa, humilhação, suor e lágrimas renememorizados") ao hospital da cidade (onde passa algumas temporadas no inferno, tornando-se ali ali que contraindo através dos mais incriveis estratagemas com as enfermeiras). Fusco continua vivo e ferino, impressionantemente atualizado com o mundo que lhe chega diariamente pelo feitor através de livros, jornais e revistas mandados diretamente do Paris pela família de sua mulher atual. Aneta, a francesa.

Na verdade, o homem está sempre atento, vivo, funcionando a todo vapor. Guarda ainda resquícios dos velhos tempos de jornal, o hábito de trabalhar e

beber durante toda a noite, rompendo o e (...) da aurora e atravessando de pé toda a manhã. Seu sono é parco e origina-se realmente de mesonília as quatro em ponto da tarde. É raro dia em que já não levanta com a dose vespertina do litro de uísque que o auxilia a esborçar os sonhos do cotidiano.

A noite na biblioteca é comandada no silêncio da leitura, entremetida com o leve ruído das sucessivas doses de uísque (que bebe puro, à caubô) ou com o barulho da pena rombuda da velha Parker 51 anotando trechos ou gravando situações que não compõe um próximo romance. Só escreve à mão: "Assim me sinto mais ligado ao que estou escrevendo. Além de pessimo ditador, a máquina me distancia das coisas, dá densidade dos corpos".

"Nada vale com algarinas", diz no poema *Impubescência* que nos mandou. Mas de qualquer forma, em Cataguases - no início e origem de tudo, na volta ao arce, trazendo da França a mulher que entre todas e tantas ficou para sempre (para sempre mesmo: devito a problemas com uma de suas ex-mulheres, Fusco talvez seja o recorde mundial de casamento com a mesma mulher: duas vezes em Paris, duas no Uruguai, e a última em Catagu-



Foto de ADRIANA MONTEIRO



oleno de mais treze derivados, se submetido à eletrólise. Dondé se encolou - que a meta verdade, aplicada à literatura está com o vusso parente e chuto Jorge Luis Borges: "cada escritor cria os seus precursores", ou, trocando a coisa em mãos para explicação mais targa: "cadaum é um repetindo a todos. Dai caímos no soavado dito do nosso caro Pitágoras: "o homem é a medida de todas as coisas", dito que eu recito e modifico por conta o riscor: "cada homem é a medida de suas coisas". Agora, entendam tudo, porque vou parar de lero-puxa-lero. As vogais tinham cor antes de Rimbaud! Não, Passaram a ter: coisa que até a física moderna comprova e já não é mais considerado troço de poeta. Et voila.

**PASQUIM** - Oswald de Andrade X Carlos Drummond de Andrade.

**FUSCO** - Não há confronto entre polos de força que se repelem, mas... curto-circuito. Não me meto nessa. Um morto, outro vivo. Me respondam: qual é o vivo, o mais vivo?

**PASQUIM** - Que significou o movimento da Revista Verde dentro do modernismo brasileiro? O modernismo valeu. E a Verde?

**FUSCO** - As revoluções, todas as revoluções são românticas. Quando há desgaste - entropia, para os estruturalistas - recorre-se à revolução, i.e., à volta ao que "já era", sempre considerado ideal em relação ao decaimento atual que vem sendo, ou "está sendo". Entendam se puderem. As novas gerações cabeludas não estão, inconscientemente, ensaiando repetir a vida grupal, comunitária dos cristãos - e arte-sãos - do II século, superestrelando Cristo, o estilo de vida primitivo e os cambaus? Nos cambausvocês podem inclair, se quiserem, as drogas, o zen-budismo, todos os "misticismos" do macrobiotismo ao parapsicologismo, do astrologismo desenfreado ("você é touro" pois ou sou virgem...) ao... teste de Cooper. A Verde e fulclore e os seus representantes - um episódio (embora pra Cataguases, lisonjeiro mas não identificado) equívoco. Já me fizeram igual pergunta, inúmeras vezes. Minha resposta tem sido esta: nada. O próprio "modernismo brasileiro" não passou de uma onda nacional inconsequente,

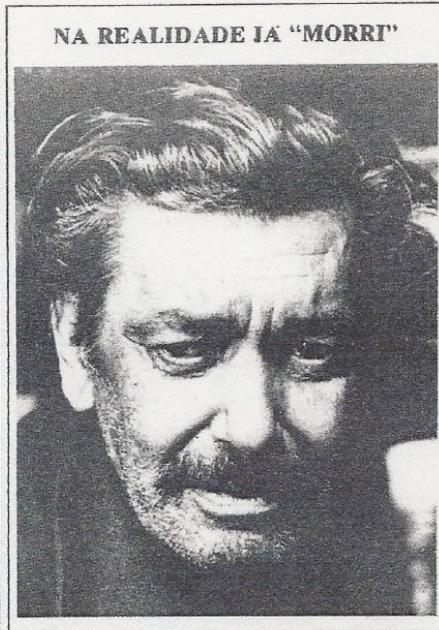
provocada pela maré estética europeia, então montante. Repare que os historiadores do movimento - na maioria, participantes dele - têm certa dificuldade pra justificar a "importância" do que acham que fizeram. Leia os depoimentos - aneddoticos peritentes, assinados pelos senhores Carlos Chiachio, Peregrino Júnior, Murilo Araújo, Mário de Andrade, Manuel Bandeira, Raul Bopp... entre outros. Os grupos provincianos só aparecem aí pela sobrevivência, mais ou menos significativa, de alguns nomes. Nomes que, de qualquer modo, se evidenciaram com o tempo, sem que a adesão deles à moda tivesse isto ou aquilo. O historiador, das letras ou não, é um arbitrário "montador" dos epítifios para enfeitar compêndios.

**PASQUIM** - Por que Cataguases? Fora os equívocos, normais, aliás, o que houve realmente? Como explicar uma experiência aparentemente de vanguarda nascida na roça que era a cidade na época, entre estercor, cascos de cavalos, entre as fofocas das comadres, que perduram até hoje, e a vida sem pressa, calma, cotidiana. Onde fica Cataguases nessa choruzela toda?

**FUSCO** - Na inconsciência do verdor de um etnen de rapazes, aspirando a afirmação de seus variados pendores - digamos, artísticos - Cataguases simplesmente cumpriu sua missão didática na época. Como, aliás, inúmeras outras pequenas cidades da província, acionadas por primário espírito de imitação. Premiar Cataguases, a propósito, com dois ou três adjetivos, em mais uma linha impressa, só pode, a meu ver, "unfannar" sua linha de professoras de grupo aposentadas. Mestras episódicas dos gênios municipais, hoje - quase cinquenta anos depois da aventura - desencantados escribas na faixa do depois da aventura - desencantados escribas na faixa do enfarte.

**PASQUIM** - Como se explica seu silêncio desde 1961?

**FUSCO** - Na realidade, já "morrí". O que eu gosto mesmo é de ser. Mas ser, como je sais, eu posso ser em Belo Horizonte, Cabobro, Cataguases ou nos cambaus. Ninguém é por estar aí, mas por estar en sol. Ninguém sai de si mesmo, ou se aliena de si mesmo, a não ser pelo sexo ou pelo álcool (digo pelo



álcool pra não ir à droga propriamente dita). Afinal, o que fica da vida de cada um (física ou mental) mais do que o esforço, um esforço por algo que é a marca ou tara individual? Carga, ônus e pesadelo de nossa passagem (ou estada) no planeta?

**PASQUIM** - Dia do Juízo lhe rendeu quanto? O romancista brasileiro é, antes de tudo, um "duro".

**FUSCO** - Dia do Juízo me custou três anos de trabalho (com interrupções), de 34 a 37. Em dinheiro, líquido, o romance me rendeu cinco centos

## SOU O PRECURSOR DO REALISMO FANTASTICO NO ROMANCE SUL AMERICANO



(cruzeiros novos). O romancista brasileiro não é, antes de tudo, "um duro": é um supermercado carente de enzimas digestivas: rumana, mas não digere. Mas há de que digiram até tardes de autógrafos: o meu caro José Condé, p.ex., chegou a "comer" um verdo em dezembro: em fevereiro, estará mais gorducho que Rei Momo.

**PASQUIM** - A gente sabe que você tem, pelo menos, três livros novos, prontos pra publicar. O que há, o que houve, o que está havendo?

**FUSCO** - O fato de ter livros prontos, nem chega a "significar". No Brasil, não há quem não tenha um livro pronto, inclusive você. O problema é editar. Nunca tive um livro publicado em "bases comerciais". Basta a mediterraneidade consciente do que faço, não ouso mais me oferecer a ninguém. Nem oferecer, nem insinuar... etcétera. Duas vezes, comedi tais fraquezas: me mandaram plantar batatas. De fato, rende mais e chateia menos.

**PASQUIM** - O que é o romance, no seu sentido mais forte?

**FUSCO** - No mais forte, não sei. No mais fraco, romance é a vida da gente "dinamizada" pelos outros. Da participação do nascimento ao convite para a missa do sétimo dia (ou a partir desta) você já é fábula, com os ingredientes que cada qual acrescentar ao narrar o que você faz ou deixou de fazer.

**PASQUIM** - O novo-roman, segundo seus teóricos, acabou com o romance tradicional. Hoje, já é novidade velha, novelíssima. Entretanto Robbe-Grillet, sua peça mais importante, pariu pra cinema, como solução mais válida para suas pesquisas. O cinema vai acabar com o romance?

**FUSCO** - Esse negócio de novo-roman, ou roman du regard é viciante.

Tudo o que se viu - lá diziam os escolásticos - tem que passar pela cabeça pra ter sentido. A máquina fotográfica não vê; registra. Quem vê sou eu, o fotógrafo. Mas sou que autoridade de eu posso assegurar que o seu azul, por exemplo, é igual ao meu? O assunto daria para um tratado de estética.

O caso é que os franceses são muito sábios e a sua política literária (para exportação) é baseada na conquista de divas. Pasmem: Gide não é conhecido pelas novas gerações da França. Roger Nimier (morto, e colado) confessou em entrevista (1960) que nunca ouvira falar em tal sujeito. Ora, Malraux mandando esses rapazes pra correr mundo (Robbe-Grillet, Butor etc) não fez mais do que obedecer ordens de M. Pompidou, que era o Roberto Campos de lá.

A Câmara do Livro Francês (saibam) é mais forte que o Pentágono ou do que o homossexualismo (o mais forte isso do mundo). O chamado novo romance não é um gênero: é uma teoria. Ou um teoroma (Pasquim). O assunto é material polémico. Um cenário cinematográfico não é um romance: é uma agenda de ações plásticas. Na sutil diferença entre a imagem ideada (escrita), a imagem visualizada (lida) e a imagem grafada, montada e projetada (transcrita segundo a interpretação criadora de um sujeito sem o menor compromisso com o autor) é que, a meu ver, reside o barulho. Vejam se entendem. Lido, em termos de leitura dinâmica, Madame Bovary é a redução de vulgar adultério provinciano a dez ou vinte linhas, que poderão dar um filme de duração que o atleta queiser.

Por volta de 29/30, Afrânio Peixoto publicou um romance (Sinbahinha), acompanhado do respectivo roteiro, por ele também assinado. Lefam os dois e me digam com quantos bambus se pode fazer um balaio. Ou com quantos paus se pode fazer uma canoa capaz de romper as correntes barrocas de uma época. Porque do meu romance se pode tirar um filme excelente, a coexistência dos "gêneros" é possível. A debandada do escritor para o cinema é falta de fôlego, de editor, ou falta de dinheiro.

**FERNANDO PESSOA É UM CHATO.**



Nunca um escript será um -eseller no sentido que dão à expressão. Porque best-seller não é o que vende muito, mas o que vende sempre (Adolfas Filho). Não citarei a Bíblia como exemplo. Escolham outros: à vontade.

**PASQUIM** - Quais os melhores poetas e romancistas brasileiros?

**FUSCO** - Todos os que pertenceram ou pertencem às Academias de Letras do país, da nacional às municipais, passando pelas estaduais, inclusive o ondiabrado malato que fundou a Academia (nordestina) de Letras.

**PASQUIM** - O que mais te impressionou em tuas andanças por Paris, além

de ter dado "soleno rogada no Sena" como nos disse certa vez?

**FUSCO** - Os legumes daqui (de Paris) têm um cheiro, um suco (abundantíssimo) e um sabor desconhecido para nós. Excusez-moi du peu, mas foi o que mais me impressionou, até agora, na França: porque homens, mulheres, crianças, casa e lugares públicos - café, bares, cinemas, restaurantes, teatros, metrô, ônibus - cheiram mal. Qualquer coisa ardida, entre meio pudre temperado com vinagre e algo de açúcar de beterraba: um horror para o meu afro-nariz, sensível ao micro-cheiro. A vida literária francesa é tão suja quanto a brasileira (os homens são iguais em toda a parte, pudera) e os grandes nomes daqui são grandes nomes ali.

"J'ai touché Montherlant, Cocteau, Duhamel, Céline (80 anos sem tomar banho) e outros cretinos iguais aos nossos nacionais medalhões. Louis-Ferdinand Céline não conhece (vive maioravelmente, sustentado pela jovem mulher - 38 anos, no máximo - professora de dança) que ele só possa vender 20.000 exemplares de um seu romance qualquer, quando o secretário de Brigitte Bardot vende 200.000 de suas memórias só na chamada área parisiense. Mas é isso: ninguém vive de literatura. Os tipos que a praticam ou são ricos de pai e mãe (Montherlant, por exemplo, é nobre e capitalizado) ou são, de pai e mãe, paupérrimos. Uma lastima. Lastima ou pândega? Meu Deus, como tudo é igual, e a mesma coisa vem a ser o indício aleatório do existente (bonita frase e difícil de entender). Tradição é civilização, não é? Mas não haverá uma hierarquia nas "civilizações"? A França tem, no mínimo, 1000 museus. Mas tem, no máximo, 500 banheiros. E por aí, vocês podem concluir a diferença entre civilização e progresso. Acontece, ainda, que civilização é um estágio, um "momento" do progresso. Conclum, se quiserem. No bidé de Maria Antonieta eu vi com meus olhos, está inscrito - laissez venir à moi les petits enfants. Mme. de Montespiñ escreveu um tratado sobre a arte (300 páginas, composição corrida, cerrada, corpo 8 antigo) de tomar banho com um (sic) copo d'agua. Luis XV só tomou dois banhos: um quando nasceu, outro quando morreu - ou depois de morto. Os grandes museus

**AI, PEGUEI A GRACE KELLY PELA CINTURA E...**



falam de tudo, menos da autenticidade francesa. A elegância da mulher, aqui, é artigo de exportação: como a cultura, a ciência, a água de cheiro, a indumentária e o resto. No Brasil, a gente gasta um dia inteiro para achar uma feia. Em Paris, vocês gastarão meses para encontrar uma bonita. E as que se podem chamar de "boas" (no argot brasileiro) em geral vieram, da América do Sul. O francês médio é de uma burrice espetacular (não sei se já lhes falei isso) e o culto, ora, o culto não vale o nosso "meio" cultivado. Qualquer anedota de português (como somos injustos com os portugueses) você poderá aplicar, sem susto, ao francês: será sempre exata, justa, correta, adequada e... verdadeira. Para arrancar diáspas, o austero De Gaulle chegou a permitir a impressão de selos (não conseguiu um exemplar, tal a procura universal filatélica) da Brigitte Bardot com o derrière exposto ao vento voilá.

PASQUIM - O que você acha da "onda estruturalista" que ataca o ensino de literatura nas universidades?

FUSCO - Quando um sujeito, depois de massudo arrazado sobre um tema "estéril", já em si e por si difícil, vem com um "ó que eu quero dizer e o mesmo, o que ele vier a dizer será mais contuso ainda. O negócio é aquilo do vosso Compadre Boileau: "ó que se pensa com clareza, com clareza se enuncia". Um professor de história lite-

raria - a literatura é um processo - que se apega a minúcias filatélicas, devia colecionar caixinhas de fósforos e não datilótipos que nada significam. O romantismo começou com os Suspiros Pósticos e Saudades? Por quê? A história das letras no Brasil começa com a carta de Pero Vaz? Por quê? A periodologia é coisa de professor universitário e só voga nos compêndios, para provar que a história é uma invenção privada de quem a faz. Cada vez entendo menos essa sucessão de equívocos (estruturalistas, para empregar a palavra da moda) envolvendo e moendo pessoas. Dar nome aos bois não lhes muda a essência ou natureza. Daí a precariedade dos smos. Basta a comemoração dos gritos que nos entulham os ouvidos: do fíco de Pedro I ao eu vou do falecido Getúlio Vargas.

PASQUIM - A cultura, a civilização, o caos dos mass-media, o que pensa Rosário Fusco dessa confusão toda?

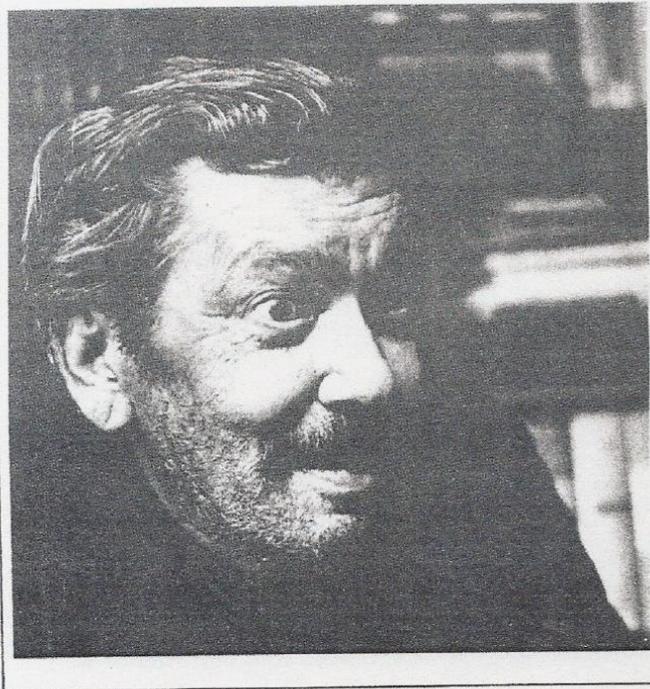
FUSCO - O áudio-visual das comunicações cotidianas desmoralizou o mistério das terras e das gentes. Cartões postais, slides, livros e discos demoram, hoje, o concreto de cultura. Num excelente artigo del e Blomde, Romeco perguntava o que é cultura. Se eu o tivesse em face eu diria cultura, sua besta, é informação. Mas informação metabolizada e não apenas codificada em termos de computador (máquina que guarda sem sentir). A poesia "progride" em nós ou fora de nós? É um tema

de estética. E em estética o óbvio sempre precisa ser demonstrado. O eterno é o moderno, com apelidos episódicos. Não se modifica o que o grande Barbudo (no Alto não há gilete... ou há?) criou. O resto, não é apenas o silêncio do nosso Shakespeare, mas o elenco de words, words, words, do dito ameno. Não acredito muito no próximo, mas no prospero.

PASQUIM - O que diz Rosário Fusco sobre Rosário Fusco?

FUSCO - Desse, posso testemunhar sem a pecha de suspeito. Se nada fez que prestasse, até agora, daqui por diante (pra lá dos sessento-sessapalmeiros, como dizia o Oswald) nada fará. Com a velhice chegando, estou virando objeto de anedota: sujeito, objeto e (ou) a própria. Outro dia - saiu numa coluna de jornal - me "viram" ou ouviram cantando tango no Zum-Zum. Como gozação, e o máximo. Minha postura permanente é a do Cristo no Carrovelado - braços abertos... o que não impede que, de estala, eu resolva cruzá-los para uma ruidosa e federal banana. A biografia de Rosário Fusco? Quê, quê, quê: hypem comum não tem biografia - sobre tudo no mar existencial e já é muito. Não o lamentem, por favor. O homem está em estado de dentadura postica e já não pode rir como antes ria de fazer inveja ao Newton Braga. Mais alguma coisa? Gracias, já estou intoxicado. Vou tomar um necronon. Et voilá.

## UM DIA ITABIRA SE CHAMARÁ CDA.



14

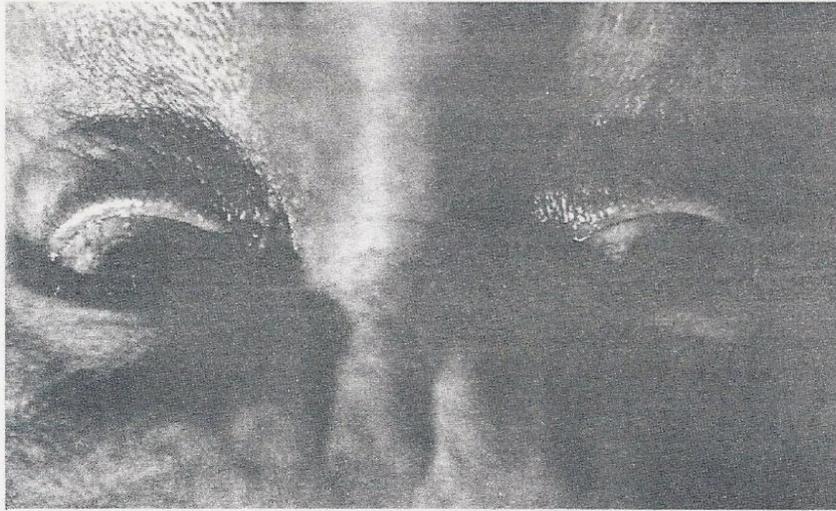
## ALGUNS MEDALHÕES LITERÁRIOS SEGUNDO ROSÁRIO FUSCO

A regra é considerar ressentida a opinião de um autor sobre outro, outros principalmente se não for em que os leitores são mais autores do que os próprios. Procurem entender. Posso discutir uma ideia: não posso discutir uma afinidade, cujas implicações têm raízes num mundo que o hágio desconhece. Em homenagem a vocês, corro o risco de pensar em voz alta, com a lista na mão:

### GUIMARÃES ROSA

Hábil inventor de palavras: inventor ou restaurador? Numo carta ao seu tradutor alemão, confessou que seu ideal seria escrever nesse idioma, por lhe permitir os mais imprevistos combinações vocabulares. Essa renúncia potencial à língua de origem dilata a ambição do candidato à posição de executivo universal de um tempo de romance. Nenhum reparo à determinação: disse-o ele, quando vivo, cara a cara, muito tempo depois de ter escrito sobre Sagarana. Acontece que não creio nas inovações conscientes. O sucesso de Guimarães Rosa - sempre justificável - é o sucesso do autor difícil daqui ou dali. Entre os daltres, não citarei o soavado Joyce: mas Raymond Russel. Foi um aríetso diabólico, maior do que o cordilugense. Esvaziouse, o ponto de pouso sabermos que existiu. Como o nosso patricio se esvaziara, quando a safra de seus presturos exigidas não dispuser de mais chaves para abrir portas abertas. Todos querem explicar o escritor: da homem de laboratório ao homem de rua. A obra vai se alargando, alargando. Um dia, descobriro alargados que a literatura de imaginação não é só feita de palavras. Mas sobretudo do "concursos de experiências inconscientes que, no ato criador, explodem: aquém ou além da vontade do ajustador de curiosidades verbais às situações que ele se propõe a manipular, sem conhecê-las. Mas até lá (a rosa de Malherbe pode durar um dia ou um século), Guimarães Rosa será lido, discutido, "compreendido". Seus neologismos se incorporarão à linguagem corrente, como os oportados pela psicanálise, por exemplo. Alguém, em conversa, dirá que sofre do "complexo de Rosa". Outro indagará: "Que Rosa?". Pronto explicação: "da rosa, veii". É a glória. De passagem já lerem o super-erudito prefácio da tradução francesa do *Buriti*?

O PASQUIM



#### CARLOS DRUMMOND

É o meu poeta, o nosso poeta nacional. Para a sua república, primavera, impermeabilização às lavagens menores, triviais, esquecido da vida brevis, com ou sem ars longa. Em Santo Antonio do Monte (informação do teatrólogo Alexandrino de Souza, a segunda pessoa mais importante nascida na terra, depois de Magalhães Pinto, já distribuído, para marcar livros, e alição do vate em líras de cartolina. Recusou o prêmio maior da Academia (nordestina) de Letras. Recusou uma cadeira no dito. Numa cadeira de balanço (leia-se Freud) à espera da vontade de fumar. *Toujours fidèle à Nobel*. O diabo é que, nesta altura, Jorge Amado já esteve em Estocolmo, para os devidos fins. O diabo é que ir à Canossa não é bossa de mineiro: que ela venha a ele, primeiro. Não importa: um dia (certíssima) há-de se chamar CDA. Então, os chefes de trens em trânsito, na parada do desvio, gritarão: "CDA, CDA... cinco minutos pro café". É o Nobel Ferrodário, a água que fica, honra e, talvez, ocabe consolando. Em tempo de ferro, de orgulho e de cabeça baixa.

#### FERREIRA GULLAR & DECIO PIGNATARI

Só os concheiros de ouvido, através de percussões não identificadas, vindas daqui e dali. Como percebem, sou um sujeito "por fora".

#### AUGUSTO & HAROLDO DE CAMPOS

Os concretistas de São Paulo só agora descobriam o espaço semântico de Mallarmé, modismo mais velho do que o sé do Braga, também por ele: cavidade barões (que beleza de palavra) medievais, quando falavam ou escreviam. Não se renova por fora, mas por dentro.

#### MALLARMÉ

Interessa mais a vocês, poetas-processo, processualistas (foram, ou continuam?), do que a mim. A teoria do espaço semântico, que ele insinuou, é o aljiste dos que se esgastaram com os dados de 1897 (data da publicação do poema *Un Coup de Dés*). Os canoras pássaras de hoje já comem *affiches*: comida de mais fácil ingestão e... digestão quase feia.

#### FERNANDO PESSOA

Um chato era e com inúmeras pseudônimos. Deve sua permanência aos exegetas, aos adidos culturais portugueses, às puxações ingênuas dos poetas provinciais, que não puderam ir além do meu prezado Emílio Moura.

#### DALTON TREVISAN

Aljuminho das fatos diversas que, padorentemente, transmuda em pilulas (textos) acrílicos, bem licopodiados. Um Néilton Rodrigues ("a vida como ela é") com melhor gramática e senso de densidade dos corpos (personagens e situações): às vezes estranhas, às vezes, manjadas.

#### GRACIANO RAMOS

Foi uma das minhas debilidades literárias, do ról das confissões.

#### MURILO MENDES

Na minha opinião é maior do que o Carlos: ele inventou no Brasil a que faria a glória do Dylan Thomas e do Cummings, acho que muito depois. Antes ou depois ele fez aqui o que eu chamaria de *panorama*, a poesia de situações, que os idiotas começaram

depois do Poema Palético (cito este como poderia citar *O Caso do Vestido*) do Drummond. Depois, o crítico em Murilo não precisa de chaves nem de exegetas para utilizá-los. Ele sempre viveu estados poéticos, mais sensíveis do que experimentais, o que revela sua genialidade: capacidade constitucional de inventar sem a preocupação de.

#### MÁRIO DE ANDRADE

Um grande, profuso e torrencial correspondente. (Fusco tem em suas essas "epítoas" de cartas mandadas por ele.) Mas suas famosas cartas não dizem o que ele dizia. Quanto a *Masumimo* (que o indonista Nunes Pereira poderia ter escrito, disposta de iguais "fundamentos") é muito melhor na versão cinematográfica do Joaquim Pedro de Andrade.

#### FELIPE DE OLIVEIRA

Sócio de um laboratório de produtos farmacêuticos. Nas horas vagas, acendia lanternas verdes em louvor de Orfeu. Não sei se ainda existe uma fundação com o seu nome. Distribuiu prêmios literários entre escritores ameaçados de despejo por falta de pagamento.

#### GRAÇA ARANHA

Especialista em escrever sobre assuntos dos quais não passava neças: filosofia, estética, etcétera. Quando seu amigo Tristão de Athayde "interrompeu" sua *Viagem Maravilhosa* (romance de uma Teresa mais germânica do que tropical), teve duas enxaquecas sucessivas de enfarte, nos altos de um apartamento da comportada Cinelândia dos bons tempos. Nome de avenida.

#### RONALD DE CARYALHO

Suplente de Graça Aranha. Nome de rua.

#### RIBEIRO COUTO

Não o li para guardar, não o pratiquei pessoalmente; correspondi-me com ele. Era o símbolo do "homem cordial" para Odylo Costa (filho) e Peregrino Júnior, por sua vez, dois homens cordiais. Mas isso nada tem a ver com literatura.

#### GUILHERME DE ALMEIDA

Versejava bem. O JG de seu tempo, guardadas as proporções a favor do paulista.

#### ADELINO MAGALHÃES

Tipo do chamado homem de bem. Para Paulo Armando e outras moças "precursores de tudo", inclusive da boa vizinhança em Santa Tereza.

#### TASSO DA SILVEIRA

Puxa a lista dos injustiçados de antes e de hoje: de Eloy Pontes a Francisco Karam.

#### RILKE

Tinha tantas perrebas psicossomáticas que nem Rodin conseguiu descaçá-las o cinzel.

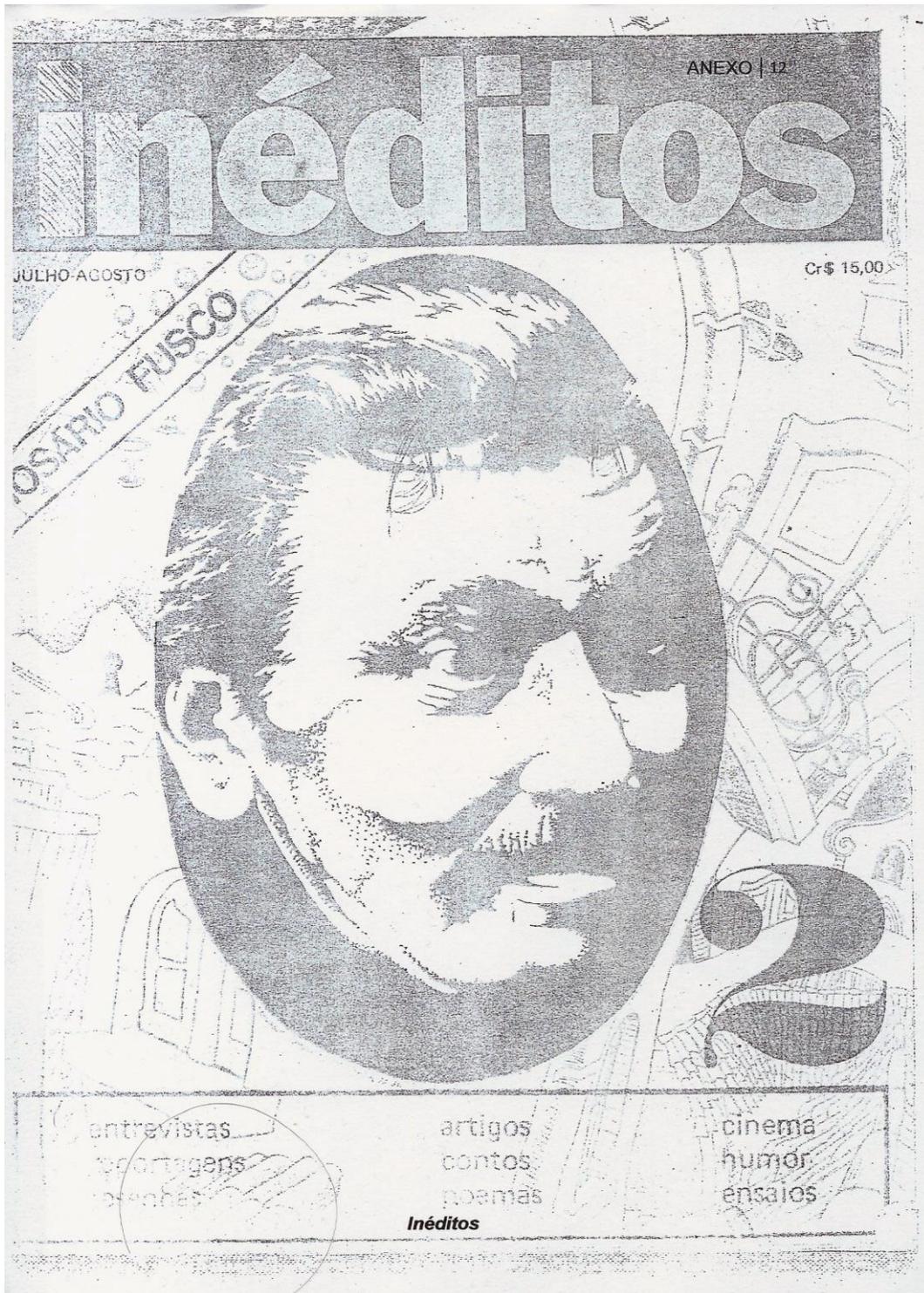
#### RIMBAUD

Um mito (aldis, minuciosamente desmontado pelo professor Etienne) cada vez mais acariciado pelos jovens do poderosa, *confraria* de Verleme.

#### OSWALD DE ANDRADE

Marrau de talento... É o uma de cinzas detergentes da modernismo.

8.2.2  
Anexo 12 – *Inéditos*



# O MAR EXISTENCIAL DE ROSÁRIO FUSCO



FOTOS: ABB

A vida me ensinou a conciliar os extremos: perdão, tempo e memória.  
(Rosário Fusco)

LUIZ FERNANDO EMEDIATO

Rosário Fusco, escritor brasileiro, envelhece solitário e esquecido do mundo na cidade que o viu nascer, há 66 anos — Cataguases, Interior de Minas. Sua trajetória em direção à velhice, contudo, é estranha e paradoxal: seus 66 anos são impotentes para sufocar o eterno menino que, em 1927, à frente de outros garotos, criou e manteve, durante 24 meses, a revista VERDE, responsável pela eclosão do movimento modernista em Minas.

Rosário Fusco está doente e passa os dias deitado numa cama estreita, a barba e os cabelos crescidos. Ao lado, dois ou três litros de uísque nacional que bebe sem gelo, com a mesma fúria com que fuma 90 cigarros diários. De vez em quando se levanta: quando chega uma visita, à qual às vezes assusta com suas blasfêmias e imprecações. Conta anedotas, ridiculariza escritores vivos e mortos, abre os olhos desmesuradamente, gesticula e ri quando lhe dizem que está ocorrendo no país uma nova revolução literária.

— O que está ocorrendo — diz — é uma imitação deplorável e ridícula do espírito de 22. Há muitos anos não se faz nada que preste neste país. E QUANDO ME FALAM DA "REVOLUÇÃO" DE GRANDE SERTÃO: VEREDAS, LEMBRO-ME QUE

SEU VAIDOSO AUTOR QUIS — E CONSEGUIU — ESCREVER UM ULISSÉS DE PROVÍNCIA.

A INSANIDADE CONSCIENTE

Em Cataguases são raros os que já ouviram falar do Rosário Fusco. Os estudantes o desconhecem, e quem já ouviu seu nome lembra-se vagamente de algo muito antigo. Outros lembram-se que certa época foi fragorosamente derrotado um obscuro candidato a deputado que tinha o seu nome. E que imprimira nas cédulas de propaganda o slogan: "Não fique confuso. Fique com Fusco".

Mas ele tem alguns amigos — entre eles Francisco Inácio Peixoto, também do Grupo VERDE, mas hoje praticamente afastado da criação literária. E tem muitos inimigos, que a ele se referem, invariavelmente, como "um velho louco e rebelde".

— MINHA INSANIDADE — DIZ — É CONSCIENTE, E ISSO É TALVEZ O QUE AS PESSOAS MENOS TOLERAM EM MIM.

Rosário Fusco, escritor, é um grande homem cujo azar, ao que tudo indica, foi ter retornado à cidade que o viu nascer. Uma cidade que é sua, mas que será sempre uma terra estranha ao homem que cresceu e evoluiu mais rápido que ela.

Rosário Fusco é, também, um homem orgulhoso. Possui três romances inéditos, um livro de "Pretensa filosofia" e três ou quatro peças teatrais. Um homem que possui atrás de si um passado saturado de sucessos. E que hoje não tem ânimo para mendigar edições ou reedições de seus muitos livros.

Na Itália, porém, a Editora Mondadori — da qual ele recebe, periodicamente, os direitos autorais pela tradução de O Agressor — lançará brevemente outro livro seu — O Dia do Juízo, seu último romance publicado, em 1962, pela José Olímpio Editora. O cineasta Orson Welles comprou os direitos de filmagem desse livro, mas Rosário Fusco não sabe para quê. "Até hoje o homem não filmou nada. E nem deu notícias".

O LEÃO SELVAGEM

Entrevistar Rosário Fusco não é tarefa das mais fáceis. Sempre que um jornalista o procura, torna-se repentinamente colérico. Derrama uma chuva de improperios e maldições, faz gestos obscenos, ameaça. Mas se a pessoa insiste ele acaba cedendo.

No final do ano passado, quando foi feita esta entrevista, Rosário Fusco não foi encontrado em casa. Havia uns dois meses que B-

nha sido levado à força para um hospital, do qual fugira saltando uma janela. Estava então refugido num pequeno hotel do centro da cidade, onde a melhor coisa a fazer seria deixá-lo em paz. Rosário estava furioso como um leão selvagem — diziam seus amigos — e no mínimo jogaria pelas escadarias qualquer estranho que o importunasse.

No pequeno quarto onde babia e fumava sem parar, Rosário Fusco mantinha, pregada no rosto zombeteiro, uma expressão irônica. No chão, uma caixa de isopor com gelo e duas garrafas de uísque: uma já vazia e outra pela metade. No criado-mudo, dois pacotes de cigarros.

— Estranho — diz ele com voz tranqüila, pausada. — Eu sempre imaginei que jornalistas eram pessoas muito ocupadas. E agora você me diz que viajou tudo isso para me entrevistar. Se não fosse um elogio idiota eudiria que você está irremediavelmente insano.

Rosário pede então para voltar outro dia, ou que lhe sejam enviadas perguntas por escrito. A última pessoa que atendeu a esse pedido, há uns cinco anos, até hoje aguarda pelas respostas. E não adianta puxar assunto, conversar sobre alguma coisa que lhe agrade. Mulheres, por exemplo. O homem se esquivava maliciosamente, torce as frases, impreca, desvia o assunto, conta anedotas pornográficas e, de repente, grita:

— Olha aqui, meu rapaz: isso tudo está muito divertido, mas seria bem melhor se conversássemos como amigos, ao invés de você continuar tentando, estupidamente, me entrevistar como se eu fosse uma celebridade. Você não acha que está muito crescido para continuar com esta brincadeirainha besta?

#### O BIDÊ DE MÁRIA ANTONIETA

Mas ele não grita de raiva ou impaciência. Ele está de excelente

humor, e por isso quer contar suas anedotas. É inútil pedir-lhe que diga alguma coisa sobre suas experiências com o movimento VERDE, que fale de sua vida, de seus amigos — conviveu com Mário de Andrade, Lúcio Cardoso, Lawrence Durrell, Josephine Baker — de suas mirabolantes aventuras em Paris, onde DANÇOU COM GRACE KELLY E ONDE VI-VEU DIAS DESREGRADAMENTE BOÊMIOS.

De Paris, ele só conta que possui "mil museus e, no máximo, 500 banheiros". E que viu no bidê de Maria Antonieta a inscrição LAISSEZ VENIR A MOI LES PETITS ENFANTS.

— Meu filho, Verda está morto desde 1929, quando morreu também o nosso querido Ascânio Lopes. Morreu nos meus braços, sabia? Tinha 23 anos e, naquela época julgávamos ser bons escritores. Quando na verdade era ele o único, o melhor de todos nós. Não deu tudo o que tinha de dar, não nos deixou quase nada de sua obra. Mas nós sabemos que ele era incapaz de ser medíocre.

Se lhe dermos um pouco de corda, ele certamente concordará em lembrar que a revista era sustentada pelo comércio local e pelas contribuições financeiras de Mário de Andrade e de Prudente de Moraes. E que tivera vários poemas seus ilustrados por Norá Borges, irmã de Jorge Luís Borges, sua amiga pessoal. De quem diz, finalmente:

— Uma pessoa maravilhosa. Refiro-me a Norá, evidentemente. O mesmo não se pode dizer de Borges, um chato que escreve sobre os temas mais insólitos e absurdos com uma linguagem séria e bem comportada. Um homem excessivamente erudito.

#### O PRECURSOR DO ABSURDO

ROSÁRIO FUSCO RESPEITA OS HISPANO-AMERICANOS, MAS DENUNCIA O MAL QUE

ELES ESTARIAM CAUSANDO AOS ESCRITORES BRASILEIROS' Que os imitam "como macacos". Imitam principalmente a Cortázar — explica — "esse final discípulo de papá Jorge Luís". Em carta para a escritora Laís Corrêa de Araújo — e publicada no Suplemento Literário do Minas Gerais de 25 de novembro de 1972 — Rosário já dizia:

— DIGA, PARA EFEITO DE GOZAÇÃO, QUE EU SOU O PRECURSOR DO "REALISMO FANTÁSTICO" NO ROMANCE SUL-AMERICANO. Li recentemente entrevista de Cortázar que ele aprendeu a coisa de Jorge Luís, Borges, que começou a coisa na América em 1942, mais ou menos. Ele, Cortázar (aliás um chatíssimo tipo) começou em 1947. Ora, em 39 eu escrevi "O Agressor", que demorou quatro anos na J.O. e saiu em 43. Logo, dono, q.d.o., "realismo fantástico" é besteira (Pawles é que valorizou a chance, mais velha do que a Sé de Braga, valorizou ou vulgarizou) quando, para efeito estético, já existia o "supra-realismo" de André Breton e Appollinaire, muito mais lógico. E lógico por quê? Porque o supra-real, significando algo mais que o real ou o outro lado dele, diz mais do que "realismo" grudado a "fantástico". Por quê ainda? Porque o real independe da existência, podendo até — e é o que acontece sempre — precedê-la. Tomás de Aquino já associava a potência e o ato, ou distinguiam o ser da existência (coisas que o seu compadre Sartre explorou às pampas), pois que a essência precede a existência (Heidegger, Husserl, etc.).

#### A ÚNICA NOVIDADE

Rosário Fusco não gosta de falar sobre sua obra. A uma pergunta mais direta responde apenas que nada fala sobre ela porque já dissera, ao escrevê-la, tudo o que tinha a dizer.

— Quando um sujeito tenta ser

o exegeta de si mesmo — argumenta — o que ela vier a dizer será sempre confuso. Já dizia compadre Boileau: "o que se pensa com clareza, com clareza se enuncia". E nada de novo tenho a dizer. A única novidade é o sol.

Mas se ele não gosta de falar sobre sua obra, gosta de conversar com seus amigos sobre, por exemplo, religião. Gosta de falar também de homossexualismo, o mais forte de todos os ismos", e gosta sobretudo de falar sobre o amor ao próximo. Quando chega, necessariamente, a Jesus Cristo.

— Cristo não foi o único espírito que, ao enformar o corpo a ele destinado (posto que cada alma tem o corpo que merece), abalou a estrutura do esquema de valores de sua época, para, mais tarde, arradá-lo e substituí-lo pelo que trazia do berço. Antes e depois dele, nos dois hemisférios, inumeráveis iniciados apareceram e desapareceram: sem deixar rastros. Não foi o único, mas tem sido o mais combatido e, por isso, vem permanecendo. A resistência de uma idéia, que se faz doutrina popular, é a história da resistência oposta a essa mesma idéia: todo o mundo sabe disso. A controvérsia é uma enrustida aliciadora de prosélitos.

#### O BALÉ DOS CARANGUEJOS

No fundo Rosário Fusco admira aquele que disse: "A verdade é a verdade". Como se dissesse — brinca — "um isqueiro é um isqueiro, a luz é a luz, isso é isso".

— Mas disse também — acrescenta — uma coisa admirável, e que aliás minha mãe vivia repetindo, embora com outras palavras: "não faça a ninguém o que não desejares que te façam". Ou, com dizia minha mãe: "corrija em você o que vir nos outros".

Num texto escrito e publicado em 1958, no jornal *Cataguases*, Rosário Fusco já dizia que, "na

qualidade de homem, nosso irmão e nosso igual, sujeito à ira (a expulsão dos vendilhões do templo) e ao medo da morte (pai, porque me abandonaste?). Cristo não tem isto de interesse. O diabo, no entanto é que — tão somente com os dados de que dispomos, e vimos acumulando há dois mil anos — não podemos, de cabeça fria, contestar-lhe a renitente, conceituada e irrevogável divindade".

**NO TERRENO DAS RELIGIÕES, PORÉM, SÓ CONTAM AS PALAVRAS. ISTO É O QUE PENSA ROSÁRIO FUSCO. E as palavras "pelas quais exprimimos os valores que um aceita agora (indivíduo ou povo) para recusá-los daqui a pouco. Todas as teorias científicas, absolutamente falando, são falsas: um elenco de verdades (provisórias) atuais somente pode degenerar em contrafações, num futuro próximo".**

— Eis porque o louvado progresso do espírito humano não passa de um balé de caranguejos: caranguejos pensantes. Humildade, caridade, pobreza: o tríplice funda, reduz, abarca e arremata a doutrina cristã. Entretanto, como os valores positivos geram valores novos e (também) anti-valores — ou valores negativos, que se contradizem e combatem — não será difícil concluir-se porque, na trilha das idades, os valores fundamentais da vida, aparentemente, apenas se desgastam: pois, se murcham, reflorescem logo: aqui, ali, ou alhures.

#### O PLANETA INÚTIL

Poder-se-ia dizer que Rosário Fusco está desiludido ou desenganado diante de uma velhice que não aceita. Mas não: ele concilia bem todas as suas contradições. Seu corpo está velho e massacrado: uísques sobre uísques, uma vida sem método e cheia de aventuras, uma inflamação na próstata, as desilusões amorosas — teve nove mulheres fixas, além das

muitas "ocasionais" — Mas tudo isso são percalços que não o acabrunham.

— Meu espírito está cada vez mais puro — diz — meus porres cada vez mais homefícos e, quanto às mulheres, não podemos jamais confiar nelas. **QUANTO A INFLAMAÇÃO NA PRÓSTATA, DEVE SER APENAS UM PEQUENO CÂNCER. A VIDA É BELA, E MUITAS SÃO AS ALTERNATIVAS.**

**ROSÁRIO FUSCO CONSEGUE ESCONDER COM ÊXITO OS SEUS PERÍODOS DE DEPRESSÃO E DESESPERANÇA.** Mas de vez em quando ele desabafa. Quando escreve:

— Nada vale neste planeta inútil e sem nexos. O grande caso é que ninguém, consciente de sua força (episódica, embora) e, por isso, arrogante operador das "centrais" que acionam as engrenagens do mundo, tem coragem de esbanjar tempo com o anotar, analisar e classificar "minharias", que o dinheiro não mensura... e a vida é curta, não é?, podendo acabar neste minuto: cara mulher do próspero e minha parceira de copo: cópula.

#### AS LIÇÕES DA VIDA

E não adianta mesmo desviar o assunto para a literatura. Ele se esquiva, embora consinta em lembrar que Livro de João, o romance do qual mais gosta, foi escrito em 1940, numa só semana, completamente bêbedo e com uma "terrível dor de cotovelo".

— Deve ter sido por isto que prestou. Os melhores livros são os vividos, os que nascem à força, doridos, sem cerebralismos e cronogramas.

Livro de João foi escrito no Rio, quando Rosário partilhava um quarto com Lúcio Cardoso, e publicado em 1944, pela José Olímpio. Anos depois sairia *Amiel*, pela Panorama, de São Paulo, e a peça *O Anel de Saturno*.

Também em São Paulo foram publicados *Política e Letras e Vida Literária*. Carta à Noiva, peça teatral, foi encenada pelo Teatro Experimental do Negro, dos Estados Unidos. E em 1959 publicou, pelo MEC, *Introdução à Experiência Estética*. Seu último livro — *O Dia do Juízo* — foi publicado há 14 anos (em 1962) pela José Olímpio.

Inéditos, ele possui os romances *Vacachuvamor* e *ASA — Associação dos Solitários Anônimos*, além de outro ainda sem título. E ainda *Um Jaburu na Torre Eiffel*, além de quatro ou cinco peças teatrais.

#### A IMPOSSIBILIDADE DE AMAR

Mas agora Rosário Fusco se embrenha, mais uma vez, num confuso emaranhado de palavras incompreensíveis. Serve-se de um quinto ou sexto uísque, de um décimo ou vigésimo cigarro, e de repente diz, em português corrente, que a literatura brasileira hoje é um lixo: "OS EDITORES OU SEI LÁ QUEM SEJA, FABRICAM OS SEUS ESCRITORES, AQUELES QUE LHES INTERESSAM".

— Haja visto o que fizeram deste tal de Vasconcelos, que vendeu laranjas até em francês, como jamais se venderam livros aqui ou em França.

Mas é a única coisa que se consegue arrancar dele. Rosário volta novamente a falar de seus problemas familiares, da loucura que grassa no mundo — inclusive a sua — e de como conseguiu arrancar um empréstimo num banco cujo gerente se chama Pedro: "PEDRO, TU ÉS PEDRA, E SOBRE TI ERGUREI MINHA REDENÇÃO ECONÔMICA".

Passa a se lembrar das mulheres que quase amou e que o abandonaram, da impossibilidade de amar e da possibilidade de amar-se a si mesmo. E lembra os aéreos

tempos de sua vida carioca, uma época em que haviam escritores e críticos. Mas nada diz de definitivos sobre estas lembranças — o que nos conduz mais uma vez a uma de suas cartas:

— Você não pode se meter a fazer afirmações levianas como todos os críticos brasileiros, despreparados para o ofício, desconhecedores dos grandes (e eternos) problemas da filosofia, de psicologia, da estética, da filosofia da história, da filosofia da arte, da sociologia e dos cambaus. De Araripe Júnior (tomo esse nome apenas como ponto de referência) a Tristão de Atafide, com respaldos para os mais novos (Anatol Rosenfeld, os irmãos Campos, "sócios" do Umberto Eco, o vigário italiano de maior curso entre nós atualmente, e Luckacs, o único que se salva, mesmo com as muletas filosofantes do extinto marxismo literário, etc.). Pegue num deles, polemize com eles de lápis na mão, e me diga. Mas antes se prepare com um aprovisionamento de leituras tamisas de qualquer afirmação axiológica — pra não fazer papel de besta.

#### O MAR EXISTENCIAL

Rosário Fusco pode se tornar triste e cabisbaixo nos instantes mais imprevistos. E é agora que ele se entristece e se afunda no silêncio. Teria sido triste assim que escreveu esta carta?

— Afinal, o que fica da vida de cada um (física ou mental) mais do que o esforço, um esforço por algo que é a marca ou tara individual? Carga, ônus e pesadelo de nossa passagem (ou estada?) no planeta?

Rosário serve-se de mais um uísque — o décimo em menos de três horas? — e faz uma careta dolorida. Seu corpo está velho. E há menos de três anos ele escrevia:

— Sim, sempre tive (e confesso) vontade de durar: o diabo é que entre "duração" e existência"

há abismos que nem de leve pressente a nossa (dos imbecis) vã filosofia. Quando eu era criança já me preocupava com o assunto e outro dia, revendo velhas coisas, fiquei passado com a minha "unidade" na incoerência vital: não mudei, não mudo, não mudarei. Sou uma miséria só (*Livro de João*, 1944) — sou miséria por conta e risco (*O Agressor*, 1942) — A vaidade imediata não é o forte dele . . . nem o meu (*Amiel*, 1930 . . . meu Deus, eu tinha vinte anos) e vou cumprindo, com isso, a outra, a terrível, a vaidade constitucional.

Mas agora ele se torna novamente expansivo, quase alegre. Recomeça a sorrir, gesticula agilmente. "Pensam que sou louco, Pois não erram. Eu sou". E antes que expulse do quarto todos os presentes, resta-nos lembrar, mais uma vez, uma velha carta sua:

— COM A VELHICE CHEGANDO, ESTOU VIRANDO OBJETO DE ANEDOTA: SUJEITO, OBJETO E (OU) A PRÓPRIA. Outro dia saiu — numa coluna de jornal — me "viram" ou ouviram cantando tango no Zum-Zum. Como gozação, é o máximo. (. . .) Minha postura permanente é a do Cristo no Corcovado — braços abertos . . . o que não impede que, de estalo, eu resolva cruzá-los para uma ruidosa e federal banana (. . .) Minha biografia? Qua, qua, qua: **HOMEM COMUM NÃO TEM BIOGRAFIA — SOBRENADA NO MAR EXISTENCIAL E JÁ É MUITO.**



## 8.3 Conteúdo verde

### 8.3.1 Anexo 13 – Janeiro de Rosário Fusco

Setembro 1927

VERDE

29

«VERDE»  
ROSÁRIO FUSCO.

Rosário Fusco vai publicar 20 e 4 poemas modernos. Vai publicar o «VERDE». Livro bom, verdadeiramente bom. O poeta delicado do «VERDE», de uma sensibilidade estranha e fina, vai aparecer. Cataguazes ainda não o conhece intelectualmente. Sabe que o poeta é pobre. Nada mais sabe. Pobre! que pobre-rico o extraordinário poeta-verde!

Seus versos têm a carícia do vento leve, a tepidez do sol-poente, o colorido bizarro das flores tropicais, o sabor dos frutos maduros. São brasileiros da gemma, «brasileiros de Minas Gerais».

O «VERDE» não é verde — é amarelo porque é todo pó-de-ouro, ouro que a balca da sensibilidade do poeta-garimpeiro tirou da terra das minas geracs.

Do «VERDE» este delicado poema:

### JANEIRO

Na transpiração abraçadora dos caminhos  
—onde as árvores são como gestos caçados, caçados,  
frutos cacm amarellecidos de sol...

No velludo eriçado das cabelludas,  
no vermeio brunido dos joás,  
na adstringenci morena das mangueiras,  
e na eterna pallidez das goiabeiras,  
e na vibração dos frutos que balangam,  
dos frutos que balangam como missangas penduradas...

Ha em tudo um desejo que treme...  
Um desejo de agua que molhe as folhagens asperas,  
nas árvores rispidas...

—Os teus labios são frutos brabos  
amarellecidos de sol...

E ha uma longa promessa de beijos,  
uma longa promessa de beijos acidos  
em teu olhar...

(Quando virá a chuva que molhe, a chuva que satisfaça o desejo  
dos frutos que tombam das árvores rispidas?!)

—O meu beijo é como a chuva em que os teus labios vão mothar...

Este poema basta. Elle define bem o poeta que ainda é criança. 10 e 7 annos apenas. Já é muita coisa. Promette muito. Esperamos o «VERDE» que é chefo de

fructos maduros e saborosos. Fructos brasileiros.

MARTINS MENDES.  
Cataguazes—Agosto—1927.

## 8.3.2

## Anexo 14 – “El vanguardismo en el Brasil”

Janeiro 1925

VERDE

15

## EL VANGUARDISMO EN EL BRASIL

El movimiento moderno en el Brasil, fue un grito de alegría y entusiasmo. Fue el grito fuerte de la gente nueva. Un grito necesario, que encontró repercusión en todos los rincones de la tierra brasileña.

La reacción modernista, entre nosotros, nació de una fatiga unánime. La gente moza de esta tierra libre y joven estaba cansada de contemplar el espectáculo inmutable de la literatura parnasiana. El señor Alberto de Oliveira, con la perpetua parada de gala de sus alejandrinos disciplinados, comenzaba a poner bostezos de tedio en los espíritus nuevos. Y la gente moza del Brasil, teniendo al frente a los Sres. Graça Aranha, Mario de Andrade, Ronald de Carvalho, Villa Lobos, Guillermo de Almeida, Osvaldo de Andrade y otros veinte, deliberó un día, de repente, para implantar la indisciplina entre los irreprochables soldados de los batallones parnasianos de la Academia Brasileña.

La conspiración se hizo en Río, pero la sublevación estalló en San Paulo, con la «Semana de Arte Moderna».

Nuestros poetas jóvenes, que siempre habían tenido el grado 10 en comportamiento, subitamente silvaron a los ceremoniosos maestros de la Academia, colocándose con resuelto coraje al lado de los revolucionarios de la liberación.

En seguida, vino el segundo episodio sensacional de la campaña: la conferencia del señor Graça Aranha en la Academia, contra la Academia.

Fue la victoria definitiva. En la confusión incitante del combate se definieron las actitudes. Y en todos los Estados del Brasil el movimiento tuvo eco: Aparecieron focos metastásicos de vanguardia en todo el organismo brasileño. En Pará, en Pernambuco, en Bahía, en San Paulo, en Río Grande del Sur, etc...

Después, el bloch moderno se diferenció: Grupo de Río, grupo de San Paulo. Más tarde nuevas escisiones y el grupo de San Paulo se subdividió: «verde amarillo», «revolución de Anta», «paubrasil». En Minas surgió otro grupo el de los muchachos de la «Revista» de Belo Horizonte. La muchachada de Río, a su vez, se escindió. Por esta fragmentación, que en verdad era apenas aparente, en lugar de debilitar el movimiento, lo consolidó. No hubo propiamente divisiones: hubo multiplicaciones. Hoy en el Brasil, nadie quiere estar ya del «otro lado». Toda la gente quiere formar en la «vanguardia». Y la vanguardia regenta la indisciplina de todas las gentes jóvenes y libres, sin jefes, sin comandantes, sin gerarquías inútiles.

La hora actual, en el Brasil, es de inquietud renovadora inquietud de todos los espíritus. Como dice muy bien el señor Aníbal Machado: «nosotros tal vez no sabemos todavía lo que queremos, pero sabemos perfectamente lo que no queremos». Y se inauguró así un ritmo nuevo en la vida intelectual del Brasil.

## La Crítica de la Vanguardia Brasileña.

La vanguardia literaria del Brasil encontró en los señores Agripino Grieco y Tristán de Athayde, sus críticos más considerados.

El señor Grieco, uno de los espíritus más interesantes del momento brasileño, estilista de una vibración sorprendente, esgrimiendo, con agilidad de malabarista las chispeantes armas de una contundente ironía, no quiso todavía escribir un libro sobre los modernos escritores brasileños. Después de haber publicado dos excelentes obras—«Fetiches y Pantochas» y «Cazadores de símbolos», entregóse de lleno a las dispersas actividades de la prensa, publicando en

«O Jornal» y en la «Manhã», con asidua regularidad, sus ensayos literarios.

Habiendo comentado en estudios de notable agudeza crítica, las figuras más curiosas de la vanguardia brasileña, no quiso hasta ahora transformar en libro esa páginas fragmentarias de historia de nuestra literatura.

## Estudios del señor Tristán de Athayde.

Diferente en todo y por todo del Sr. Agripino Grieco, mas no menos interesante, el señor Tristán de Athayde, (cuyo nombre verdadero es Alceu de Amoroso Lima), acaba de publicar un volumen de «Estudios», (segunda serie en el que se encuentra por así decirlo, toda la historia de las últimas reacciones de vanguardia del Brasil.

Dotado de seria y compleja cultura, el señor Tristán de Athayde, es un crítico de agudas cualidades. Estudiando los individuos y las obras en un sentido vertical, él penetra hondo en el alma de nuestros movimientos literarios, agitándolos, discutiéndolos, comentándolos con una clarividencia que desconcierta.

Espíritu grave, reflexivo, de índole conservadora, tuvo, empero, el paradójal coraje de colocarse con simpatía, sino con entusiasmo en el «frente» de la literatura brasileña, entrando resueltamente en las filas de los vanguardistas más extremos, para comprenderlos mejor, para jugarlos con más acierto.

Esto no impidió, todavía, que su actitud haya sido tildada de insincera, pues hay muchos que duden, aun entre las gentes de vanguardia, de los sentimientos modernistas del señor Tristán de Athayde...

En todo caso, no se puede negar que él es uno de los críticos y ensayistas más notables que el Brasil tuvo en todos los tiempos.

Por otra parte, los vanguardistas brasileños, le deben un servicio inestimable: la crítica del movimiento.

En la segunda serie de los «Estudios» del señor Tristán de Athayde, están incontestablemente los mejores ensayos y los más serios que se han publicado entre nosotros sobre la gente de vanguardia del Brasil. Quien quiera conocer la curva del movimiento moderno brasileño no podrá desechar este libro, que es un bello y gran libro.

## La tercera corriente

Hubo, también, un joven crítico brasileño, el señor Tasso da Silveira, que escribió sobre los «Estudios del señor Tristán de Athayde, un palpitante artículo, lleno de graves restricciones, de comentarios recriminatorios, de irreverentes censuras. Expliquemos el origen de la actitud de este crítico con respecto del libro del señor Tristán de Athayde.

El señor Tasso da Silveira, poeta ensayista de ideas modernas, fundó recientemente en Río, con el Sr. Andrade Muricy y otros camaradas literarios, una curiosa revista de pensamiento y arte FIE-TA.

Este semanario de vanguardia, fue recibido con natural simpatía en los principales centros de cultura del país, vino a integrar en el movimiento moderno algunas interesantes figuras.

Aunque hecho con mucha gravedad y sin la alegría que marca el ritmo de todos los gestos de vanguardia en el Brasil, FIE-TA representaba una actitud altamente simpática, incorporando al movimiento de liberación que se operaba en todo el país algunas inteligencias vivas, curiosas, llenas de vibración, llenas de entusiasmo.

Y el señor Tasso da Silveira, se disgustó con el señor Tristan de Athayde exactamente porque este crítico en sus «Estudios», (segunda serie), haciendo la historia de nuestro movimiento de vanguardia, olvidó el grupo de FIESTA.

El grupo de FIESTA, que el señor Tasso da Silveira convino llamar "la tercera corriente", (la primera sería la de Rio, con los señores Ronald de Carvalho, Renato Almeida, Graça Aranha, etc., y la segunda la de San Paulo, con los señores Osvaldo e Mario de Andrade, Prudente Moraes Netto, Sergio Burarque, Alcantara Machado, etc., o vice versa,) no podía conformarse con el olvido del señor Tristan de Athayde. Realmente el olvido del señor de Athayde fue injusto, mas fue hasta cierto punto explicable, por cuanto sólo ahora los muchachos de la tercera corriente se diferencian con nitidez e se organizan, constituyendo un grupo aparte, con programas e ideas propias.

#### El "Grupo Verde"

Empero, quien quisiera aceptar la «tercera corriente del señor Tasso da Silveira, para ser justo, tendrá que incorporar a nuestro movimiento de vanguardia una corriente más: la «cuarta corriente», que estaría constituida por el grupo de la VERDE, de Cataguazes (Minas).

Este grupo es, de suyo, interesantísimo, y surge con una de las revistas mejores que el modernismo ha conocido en el Brasil.

El personal de la VERDE está dotado de más alegría, de más vivacidad, de más entusiasmo que el grupo de la FIESTA.

Habiendo nacido en una remota ciudad del interior del Estado de Minas, esta revista es una deliciosa revelación, poniendo a gente moderna del país en contacto con una generación sorprendente de poetas y prosadores de vanguardia.

Después de esto, los muchachos de Cataguazes tienen, sobre los de la FIESTA, una ventaja apreciable: se encuentran menos atados a los prejuicios partidarios.

En tanto que en la FIESTA se siente nitidamente la preocupación partidaria del "grupo", los muchachos de la VERDE hacen cuestión de proclamar su independencia, garantizando que no tienen ligazón de especie alguna con otras ruedas literarias del país o del extranjero.

Sin embargo, ya hubo quien observase, - y no sin alguna razón, - que los muchachos de Cataguazes son tributarios de los modernistas de San Paulo, (grupo del señor Mario de Andrade).

El grupo «verde», sin embargo en su manifiesto declara con gravedad y convicción:

1°—Trabajamos independientemente de cualquier otro grupo literario.

2°—Tenemos perfectamente demarcada la línea divisoria que nos separa de los demás modernistas brasilenos y extranjeros.

3°—Nuestros procederes literarios son perfectamente definidos.

4°—Somos objectivistas pero diversísimos unos de los otros.

5°—No tenemos ligazón de especie ninguna con el estilo y el modo literario de otras ruedas.

6°—Queremos dejar bien sentada nuestra independencia en el sentido «escolástico».

7°—No damos la más mínima importancia a la crítica de los que no nos comprenden y es sólo eso.

Ahí está, en esa rápida noticia, una síntesis clara del actual movimiento de las ideas en el Brasil.

Después hablaremos más detenidamente sobre esas diversas corrientes en que la actualidad literaria de nuestra gente de vanguardia, mostrando la significación de sus ideas, de sus programas y de sus obras. Desde ya, por otra parte, debo decir, para ser exacto y honesto, que ninguna generación, en ningún tiempo, realizó en el Brasil una obra tan bella y tan fascinante, como la que están realizando en esta hora los modernistas.

#### PEREGRINO JUNIOR

(Artigo a sair em *Martin-Fierro*).

## SÃO PAULO NA FEDERAÇÃO, de SOUSA LOBO

Da phrase primeira de seu estudo sociológico genial inicia Sousa Lobo o fio lógico de suas ideas fundamentadas em profusa, autorisada, preciosa documentação estatística.

Dissecador de phenomenos nos expõe o cyclo, a marcha seguida no caldeamento de nossa nacionalidade. Depois de sentir de perto o borbulhar daquellas energias determinantes da evolução factorando-se, scindindo-se, eliminando-se, reunindo-se, para a synthese final—Brasil,—convence-se a gente que depois de Sousa Lobo nada mais se pode dizer sinão asneira.

Defeitos, falhas, inferioridade de novo Brasil nos são expostos irretorquivelmente. O autor justifica sua invensibilidade científica: «são verdades duras mas não são do numero das que se não devem dizer».

E' sua idéa fundamental: como entre os individuos, as desigualdades economicas estabelecem jerarchias entre nações e povos. Haja depois procurar nessa collocação nessa jerarchia da potencialidade. E em seguida qual deveriamos ter ante o vulto de reservas dynamicas da natureza fornecida e qual que teremos no futuro, attenta nossa deficiente actividade e energia.

Culpa disso tudo?—a mestiçagem desordenada da raça, sem criterio científico algum. Não vou discutir o problema: discutam-no com Sousa Lobo, mas leiam antes do protesto sua obra, extjo eu. Se depois tiverem coragem falem.

Souza Lobo não é o demolidor. Não se limita a diagnosticar. Tampouco nos medica menta panacéas. Equacionado o problema basico—crise racial—a analyse regida so-

## 8.3.3

## Anexo 15 – Nome do Mário com os anunciantes (engasgo)

ANEXO 15

Setembro 1927 VERDE 1

**CENTRO INDUSTRIAL**

**Serraria, Carpintaria e Officina**

\* \* **Mechanica** \* \*

**JOSÉ IGNACIO DA SILVEIRA**

**VILLA DOMINGOS LOPES**

TELEPHONE, 94

**CATAGAUZES -- MINAS**

**ATENÇÃO**

V. S.—Poderá gastar bem o seu dinheiro comprando na CASA PREDILETA recentemente inaugurada. Esta casa poderá fornecer a V. S. as maiores vantagens possíveis, não só nos seus preços, como também na qualidade dos seus artigos.

**Unicos especialistas:**

Em ferragens, tintas, óleos, louças, vidros, cristaes, artigos para presentes  
 :: :: :: :: :: perfumarias, artigos sanitarios, etc. :: :: :: :: ::

**APRIGIO GUERRA & CIA.**

35 -- RUA CEL. JOÃO DUARTE FERREIRA -- 35

:: :: PHONE, 81 :: ::

**Cataguazes — Minas**

MARIO DE ANDRADE

E	T
L	958

Nome do Mário com os anunciantes (engasgo)

## 8.3.4

## Anexo 16 – Mário de Andrade apresenta Codaque

## APRESENTAÇÃO

que Mário de Andrade escreveu pro livro de Rosario Fusco — CODAQUE — a sair brevemente.

O costume de mais velho apresentar mais moço é uma das tais organizações pernósticas da sociedade. Não se acomoda bem com a minha curiosidade religiosa da vida pela qual pra mim é só o futuro que pode melhorar o presente. Não sei de nenhuma religião que se baseie no presente ou no passado... É por isso que toda esperança possui muito de redenção e é um estado franco de religiosidade.

Me sujeitando por pedido de Rosario Fusco, mineirinho de 17 annos, a essa praxe de apresentar o livro dêle, confesso que isso me deslumbra como a chegada da velhice. Hoje aliás não tenho medo mais não da velhice e acho bobagem tudo o que andamos falando mal dela por aí. Um tempo isso até virou cacoete: tudo o que a gente não gostava punha na velhice e tudo o que era boniteza punha na mocidade. Foi uma especie de despeito pela aurora com que a gente, os iniciadores da nossa literatura moderna, procurámos escapolir daquela companhia de passado que pagara absinto pra nós nos primeiros tempos de literatura. Pra mim tudo isso tem valor mais não e já pus reparo que a boca-da-noite com menos vibração e mais serenidade é talequal a araiada.

Não tenho duvida em apresentar êstes instantaneos de Rosario Fusco embora não seja livro que marque. É o defeito das fotografias de codaque mandadas revelar na cidade... Só quinhentos reis cada filme, cada cópia duzentão. Succede que o pessoal lá

do negocio não sofrendo amor pelo que a gente fez, revela afobado e não deixa secar direito. Nem bem passam oito meses a foto vai descolorindo, as imagens ficam desmerecidas, perdem a força no papel.

Ou por outra: O livro de Rosario Fusco marca sim mas tem dois geitos dum livro marcar. Uma obra-de-arte marca feito viagem ou feito mapa geografico. Si a gente vai numa cidade e ela é batuta nunca mais esquece a tal. Si a gente assunta uma carta geografica feito eu antes de ir no Amazonas, já se comove bem imaginando nos gostos que terá na viagem. O livro de Rosario Fusco é assim um mapa caridoso e sugestivo. Que gostosura! que fluminações que a gente vai ter passeando por êsses rincões nomeados no papel de cores vivas!... Muita gostosura.

Isso já se percebe principalmente porque o mapa de Rosario Fusco não é que nem os de agora, só linhas, só cores, só nomes de pagos não. É que nem aqueles mapas de dantes. Dum lado ou mesmo no meio da geografia está vivendo um clefante uma palmeirinha um templo illustre. Poemas como Rio de Janeiro, Madrigal, Jornal de Interior, Baía, não indicam apenas ideologicamente a margem que o futuro reserva pros nossos prazeres. Já é principio de viagem. O que se enxerga inda não é coisa propriamente nova não. Mas é fecunda e já comove bem.

MARIO DE ANDRADE.

## I N T E R I O R N U M E R O 1

Sob a lampada cariciosa...

Sob a paz adormecida e amiga..

o bom sorriso

a ceia do Senhor

o socego...

e o sapo jururú

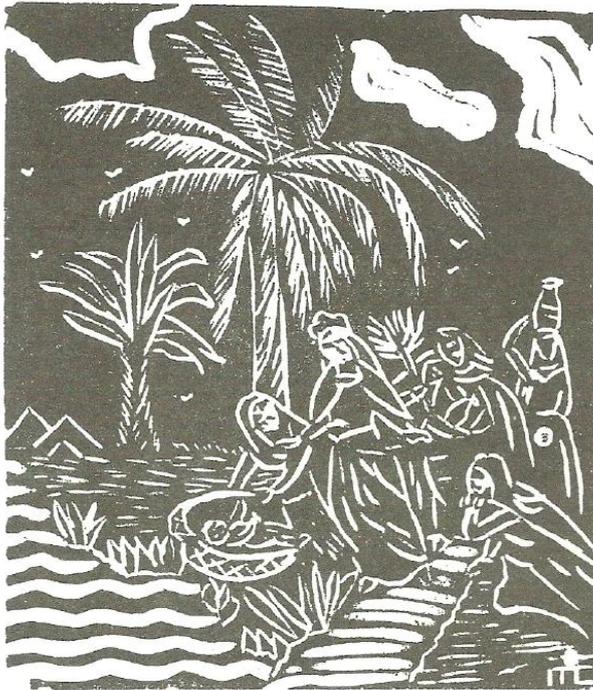
para adormecer a criança.

M a r q u e s R e b e l l o.

## 8.3.5

## Anexo 17 – “Vitória Régia” de Mário de Andrade

VERDE



“MOYSÉS SALBADO DE LAS AGUAS”

Linóleum de MARIA CLEMENCIA

**VITORIA-REGIA**

RIO NEGRO, 7 DE JUNHO

Às vezes a água do Amazonas se retira por detrás das embarções e nos rincões do silêncio forma lagoas tão serenas que até a bulha dos cacauês despenca do ar e afunda nela. Pois é nessas lagoas que as vitórias-regias param, calmas, tão calmas! desterradas na felicidade.

En vi as vitórias-regias da lagoa do Amanium...

Feito bolas de câncho engruvinhadas espinhentas as folhas novas chofram do espelho imóvel, porém as adultas sabidas, abrindo a placa redonda se apoiam nagua e escondem nela a malvadeza dos espinhos. Tempo chegado os botões chofram também pra fora dagua. São ouriços espinhentos em que nem inseto pousa. E assim vivem e espigam esperando a manhã de serem flor.

Afinal numa arraiada o botão da vitória-regia arreganha os espinhos, se fende e a flor enorme principia branquejando a calma da lagoa. Petalas petalas vão aparecendo brancas brancas em porção, em pouco tempo do dia a flor enorme abre um mundo de petalas petalas brancas, petalas brancas e perfuma os ares indolentes. Um cheiro encantado leviano balança, um cheiro chamando, que deve de enebriar sentido forte. A gente rema e pega a flor. Pois então as seplas espinhentas mordem danadas e o sangue escorre em vossa mão. O caule também espinhento ninguém não pode pegar, carece corta-lo com a pagetê e enquanto a flor boia nagua agarrar pelas petalas puras porém já estragando um bocado.

Então a gente limpa o caule dos espinhos e pode cheirar a flor. Mas aquele aroma gostoso que encantava bem, de longe, não sendo forte de perto, é fugitivo e dá náuseas, cheiro rúim.

Já então a vitória-regia principia roseando toda. Rosea rosea fica toda cor-de-rosa, chamando de longe com o cheiro gostoso, bonita cada vez mais. E' assim. Vive o dia inteiro e sempre mudando de cor. De rosea vira encarnada e ali pela boca-da-noite ela amolece envelhecida as careiras de petalas roxas.

Em todas essas cores a vitória-regia, a grande flor, é a flor mais perfeita do mundo, mais bonita e mais nobre, é sublime. E' bem a forma suprema dentro do aspeto de flor.

Noite chegando a vitória-regia roxa toda roxa já quasi no momento de fechar outra feita e morrer, abre afinal com um arranco de velha as petalas do centro, fechadas ainda, fechadinhas desde o tempo de botão. Pois abre e lá do coração nupcial da grande flor, inda estonteado pelo ar vivo, mexemexe remelento de polem, nojento, um bando repugnante de bezouros cor-de-chá.

E' a ultima contradição da flor sublime...

Os nojentos partem num zumbido mundo fora, manchando de agouro a calma da lagoa adormecida. E a grande flor da Amazonia, mais bonita que a rosa e que o lotus, encerra na noite enorme o seu destino de flor.

MARIO DE ANDRADE

## 8.3.6

## Anexo 18 – “Este verso vai molhado”, de Rosário Fusco

Janeiro 1928

VERDE

7

## Notícia sobre os “estudos”

de TRISTÃO DE ATHAYDE

Depois da barulhada, desse grande reboiço, que foi até há pouco o movimento modernista no Brasil, estamos passando agora por uma fase de decantação. Vão-se assentando pouco a pouco os valores que rodopiavam nos círculos da peleja, e procurando adquirir, no seu começo de equilíbrio, esse traço de serenidade tão característico daquelas que já encontraram a sua directriz. Até há pouco ao movimento literário moderno do Brasil muito bem se enquadrava aquela conhecida frase com que um crítico mordaz definiu o nosso Paiz: «o Brasil é uma nação onde todo mundo manda, ninguém obedece e vai tudo muito bem».

Essa desordem, essa falta de orientação, contudo, já vai desaparecendo. Era a luta sem meditação. Agora que está se dando justamente o inverso, vamos entrando numa época verdadeiramente frutuosa de realizações. Obras de vulto vêm aparecendo, não só na poesia, como no romance e na critica, em que o Brasil novo já se entremostra bem diverso do Brasil de antes da guerra.

E um dos grandes selecionadores, um dos que vêm assistindo a essa lenta mais benéfica decantação dos nossos valores, com a argúcia do verdadeiro crítico e os cuidados do verdadeiro patriota, é inquestionavelmente o sr. Tristão de Athayde.

Colecionando em volume alguns dos seus estudos publicados no *O Jornal* o sr. Tristão de Athayde vem de trazer sobretudo á literatura moderna do Brasil um livro, de clara orientação que, não só demonstra a solida cultura de um estudioso, mas também a ampla visão critica de um moço, que se guindou, de um momento para outro, ao primado da critica nacional.

Comenta o sr. Tristão de Athayde que o grande mal que foi a guerra nos trouxe esse grande bem—que é o espanejamento da inercia, do anacrônismo, da mediocridade em que já se iam afundando os nossos melhores espiritos. Aliás, todas as grandes reformas mundiaes—intellectuaes ou não—têm sido oriundas das grandes guerras. A catástrofe de 1914 golpeou o mundo civilizado nas suas raizes mais profundas, sacudiu violentamente nos seus galhos e nos seus troncos carunchosos a velha arvore gasta da civilização européa—e d'aí os novos frutos de que nos fala o sr. Tristão de Athayde. Chamando o homem á realidade, a guerra deu cabo dos canones, das convenções, dos formalismos, diz o autor. E acrescenta que muito se tem

escrito nestes oito anos para cá. Preferimos dizer nestes cinco ou seis anos. Pois que houve naturalmente um periodo de incubação desse germe transformador da nossa psyché. Só em 1921 foi que se iniciou de facto, entre nós, o traçado da curva representativa do movimento moderno brasileiro.

E é discorrendo sobre as resultantes da guerra em face do novo periodo das letras nacionaes que o sr. Tristão de Athayde abre a primeira série dos seus *Estudos* com as magnificas paginas das *Tendencias*—o dinamismo do Sr. Graça e o primitivismo do famoso grupo de S. Paulo.

E o critico, sob esses aspectos, vai comentando, com penetrante agudeza, as obras mais interessantes dos ultimos tempos. Mas o sr. Tristão de Athayde não se limita ao estudo das tendencias modernas da intelligencia brasileira. Critico, na mais clara acepção da palavra, o autor dos *Estudos*, com a mesma facilidade com que trata a inactualidade dos romances da sra. Albertina Bertha, com todos os seus danunzianismos, artificialismos e gongorismos, comenta, com erudição e gravidade, os quarenta volumes de Hilaire Belloc.

Passa da literatura infantil para as mais sêcas e sensaboronas questões sociaes, religiosas ou politicas.

E finalmente escreve dois magnificos estudos sobre Tobias Barrato e a estética de Farias Brito, tudo isso naquella linguagem esplendida que só elle possui.

«Estudo» é um livro que envaidece a gente como brasileiro consciente do papel do Brasil moderno, dentro do mundo.

H. de R.

## Este verso vai molhado

a ASCANIO LOPES

Aquella nuvem grandona lá é um pedaço do céu  
que caiu na montanha. E.

O vento sópra brábo no mórro  
e os gados, com mêdo, correm berrando.  
Todo mundo ja fechou as janelas

—depréssa  
porquê vento de Deus não é brinquêdo.

Lá em cima avuando—a nuvem grandona num átimo  
vira *chôve-chôva chôverá pra quando papai chegá...*

Frescura...

Da varandinha da casa a gente gósa tudo, na fólga.  
Agóra abrí a bôca

—suspirei fundo...

O côrpo meu pesando

—homem que gósta suspira assim...

Essa góteira pingando

—sôdades de você...

Éta frio!

1928

ROSARIO FUSCO

## 8.4 Capas da Verde

### 8.4.1 Anexo 19 – Capa Verde, Ano 1, nº5

DIREÇÃO  
de  
HENRIQUE DE RESENDE  
MARTINS MENDES  
e  
ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 5  
ANNO . . . 1  
REDAÇÃO  
e  
ADMINISTRAÇÃO  
RUA CEL. VIEIRA, 53  
CATAGUAZES – MINAS

## SUMARIO

<p>NICOLÁS FUSCO SANSONE ASCENSO FERREIRA RIBEIRO COUTO GUILHERMINO CESAR MARIO DE ANDRADE  ASCANIO LOPES A. FONSECA LOBO JÃO DORNAS FILHO PEREGRINO JUNIOR ILDEFONSO FALCÃO JORGE FERNANDES FRANCISCO INACIO PEIXOTO</p>	<p>EL NOCTURNO DE LOS CUERPOS MULA-DE-PADRE A DESCOBERTA DE CATAGUAZES BALÁDA DO ARCO-IRIS DA GENTE PRÉSENTATION DE LA JEUNE FILLE (DOLOUR) PAPEL DO INSTINTO NO MUNDO ATUAL AUTORIA DA ARTE DE FURTAR (CONC.) MEUS OITO ANNOS EL VANGUARDISMO EM EL BRASIL SINGERMAN, STOLEK, ETC. (CONCLUSÃO) CANÇÃO AO SOL MARIA LAVADEIRA</p>
---	---

MARIA CLEMENCIA: **FIGURA**

**APONTAMENTOS DE**

UBYRATAN VALMONT, FRANCISCO INACIO PEIXOTO, AFFONSO ARINOS SOBRINHO,  
F., GUILHERMINO CESAR, PEIXOTO e R. F.

**Numero especial:** com um suplemento relativo aos  
mezes de Fev., Março, Abril e Maio

ESTE NUMERO — 1\$500

ASSINATURA — 11\$000

## 8.4.2

## Anexo 20 – Capa Verde, Segunda fase, homenagem a Ascânio



# verde

HENRIQUE DE RESENDE  
MARTINS MENDES  
GUILHERMINO CESAR  
F<sup>co</sup>. INACIO PEIXOTO  
ROSARIO FUSCO

# 1

## ASCÂNIO

(1907-1928)

Mario de Andrade  
Maria Clemencia  
José Americo de Almeida  
Carlos Drummond de Andrade  
Norah Borges  
Rosario Fusco  
Antônio de Alcântara Machado  
Peregrino Junior  
Murillo Mendes  
Ascenso Ferreira  
Ildfonso Pereda Valdez  
Martins Mendes  
Guilhermino Cesar  
Ascânio Lopes  
Francisco Inacio Peixoto  
Walter Benevides  
Henrique de Resende  
Carlos Chiacchio

Vitoria Regia  
Linoleum  
Mensagem ao Grupo Verde  
Ascânio Lopes na Rua da Bahia  
Desenho  
Ascânio Lopes  
Indirecta  
O espiritado  
Canto Novo  
O Verde  
Elogio de Voronoff  
Ascânio Lopes  
Ascânio  
Inéditos  
Ascânio  
Aspiração  
Poema para Manoel Bandeira  
O mal do parnasianismo

### TOPICOS E NOTICIAS

EZEMPLAR 1\$200

MAIO DE 1929

CATAGUAZES

: : DIRECTOR : :

HENRIQUE DE RESENDE

.....

: REDACTORES :

MARTINS MENDES

:: :: E :: ::

ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 1

ANNO . . . 1

.....

:: REDACÇÃO ::

:: :: E :: ::

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES -- MINAS

## NESTE NUMERO DA "VERDE":

CARLOS D. DE ANDRADE  
EDMUNDO LYS  
T. DE MIRANDA SANTOS  
ASCANIO LOPES  
EMILIO MOURA  
MARTINS DE OLIVEIRA  
ROBERTO THEODORO  
GUILHERMINO CESAR

CAMILLO SOARES  
HENRIQUE DE RESENDE

FRANCISCO I. PEIXOTO  
MARTINS MENDES  
OSWALDO ABRITTA  
FONTE BOA  
ROSARIO FUSCO

SIGNAL DE APITO  
VIAGEM SENTIMENTAL  
BLÓCO  
SERÃO DO MENINO POBRE  
INQUIETAÇÃO  
FUNÇÃO  
SAMBA  
SANTINHA DA ENCARNAÇÃO (conto)  
NOCTURNO (poema)  
O ESTRANHO CASO DE MATIAS  
A CIDADE E ALGUNS POETAS  
PRELUDIOS  
TERNURA  
PARADOXO  
UM POEMA  
UM POEMA  
E' PRECISO PAZ NA ARTE MODERNA

NOTAS DE ARTE E OUTRAS NOTAS

:: DIRECTOR ::  
HENRIQUE DE RESENDE

REDACTORES :  
MARTINS MENDES  
:: : : E : : : :  
ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 2  
ANNO . . . 1

REDAÇÃO ::  
:: : E : : : :  
ADMINISTRAÇÃO  
RUA CEL. VIEIRA, 53  
CATAGUAZES - MINAS

## NESTE NUMERO DA "VERDE":

ANTÓNIO DE ALCANTARA MACHADO	O AVENTUREIRO ULISSES
MARIO DE ANDRADE	RONDÓ DO BRIGADEIRO
A. C. COUTO DE BARROS	A PROPOSITO DO BRÁS, BEXIGA E BARRA FUNDA
SERGIO MILLIET	ELEGIA
ASCANIO LOPES	A HORA PRESENTE
HENRIQUE DE RESENDE	O CANTO DA TERRA VERDE
RIBEIRO COUTO	DELICIA DA CONFUSÃO
OSWALDO ABRITTA	JARDIM
ABGAR RENAULT	FELICIDADE
ROSARIO FUSCO	POEMAS CODAQUE
CAMILLO SOARES	PEDROMALAZARTE
ROBERTO THEODORO	POEMAS DE BELLO-HORIZONTE
MARTINS DE OLIVEIRA	MELANCOLIA
EMILIO MOURA	SERENIDADE NO BAIRRO POBRE
FRANCISCO IGNACIO PEIXOTO	BERCEUSE
MARTINS MENDES	INSOMNIA

**NOTAS POR:** YAN DE ALMEIDA PRADO, HENRIQUE DE RESENDE, CAMILLO SOARES, EDMUNDO LYS E ROSARIO FUSCO.

NUMERO — 1\$000

ASSIGNATURA — 11\$000

:: DIRECÇÃO ::

:: DE ::

HENRIQUE DE RESENDE

MARTINS MENDES

:: E ::

ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA-MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . 8

ANNO . . . 1

:: REDACÇÃO ::

:: E ::

ADMINISTRAÇÃO

RUA CEL. VIEIRA, 53

CATAGUAZES - MINAS

MARIO DE ANDRADE	CASO DA CASCATA
OSWALDO DE ANDRADE	OS ESPLENDORES DO ORIENTE
PRUDENTE DE MORAES, NETO	AVENTURA
JOÃO ALPHONSUS	OXYCYANURETO DE MERCURIO
ILDEFONSO PEREDA VALDÉS	A GERMANA BITTENCOURT
BLAISE CENDRARS	AUX JEUNES GENS DE CATACAZES
MARTINS DE OLIVEIRA	MODERNISMO
SERGIO MILLIET	RELIGIÃO
GODOFRÉDO RANGEL	A SYNCOPE
WELLINGTON BRANDÃO	CANTOS MUNICIPAES
ABGAR RENAULT	MATINAL
ASCENSO FERREIRA	CAMELOTS
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	QUADRILHA
ASCANIO LOPES	DESCOBRIMENTO DO BRASIL
ROSARIO FUSCO	FESTA DA BANDEIRA
EMILIO MOURA	CHROMO
HENRIQUE DE RESENDE	CANTO DA TERRA VERDE (2)
PEDRO NAVA	VENTANIA
ILDEFONSO FALCÃO	SINGERMAM, STOLEK E ETC.
CAMILLO SOARES	DESCOBERTA

“FIGURA”: ROSARIO FUSCO

NOTAS DE: YAN DE ALMEIDA PRADO, HENRIQUE DE RESENDE,  
ROSARIO FUSCO E ASCANIO LOPES

NUMERO — 1\$000

ASSIGNATURA — 11\$000

DIRECÇÃO  
de  
HENRIQUE DE RESENDE  
MARTINS MENDES  
e  
ROSARIO FUSCO

# VERDE

REVISTA-MENSAL  
DE ARTE E  
CULTURA

NUMERO . . 4  
ANNO . . . 1  
REDACÇÃO  
e  
ADMINISTRAÇÃO  
RUA CEL. VIEIRA, 53  
CATAGUAZES - MINAS

## S U M M A R I O

MARCOS FINGERIT	JOSEFINA BAKER
MARIOSWALD	HOMENAGEM AOS HOMENS QUE AGEM
MARIO DE ANDRADE	APRESENTAÇÃO
MARQUES REBELLO	INTERIOR NUMERO UM
FRANCISCO I. PEIXOTO	PEDREIRA
ROSARIO FUSCO	MADRIGAL
ASCANIO LOPES	PEDRO ALVARES CABRAL
AFFONSO ARINOS (sobrinho)	TRÊS ESTANCIAS OPTIMISTAS
PIMENTA VELOSO	HISTORIA SEM PALAVRAS
ANTONIO DE ALCANTARA MACHADO	O FILÓSOFO PLATÃO
CARLOS DRUMMOND DE ANDRADE	CONVITE AO SUICIDIO
ILDEFONSO FALCÃO	SINGERMAN STOLEK, ETC. (II)
ALBANO DE MORAES	PATRIOTISMO
GUILHERME DE ALMEIDA	L'OISEAU BLEU
HENRIQUE DE RESENDE	SENZALA
GUILHERMINO CESAR	CRONICA QUASI POLICIAL
A. FONSECA LOBO	AUTORIA DA ARTE DE FURTAR
EDMUNDO LYS	TEORIA ARTISTICA DA FARINHA

### APONTAMENTOS DE

ROSARIO FUSCO, FRANCISCO PEIXOTO, ASCANIO LOPES, HENRIQUE DE RESENDE

NUMERO — 1\$000

ASSIGNATURA — 11\$000



## 8.5.2

## Anexo 22 – Carlos a Mário “os rapazes me ofereceram editar um livro”

304 | CARLOS &amp; MÁRIO

CARTA 68

1928

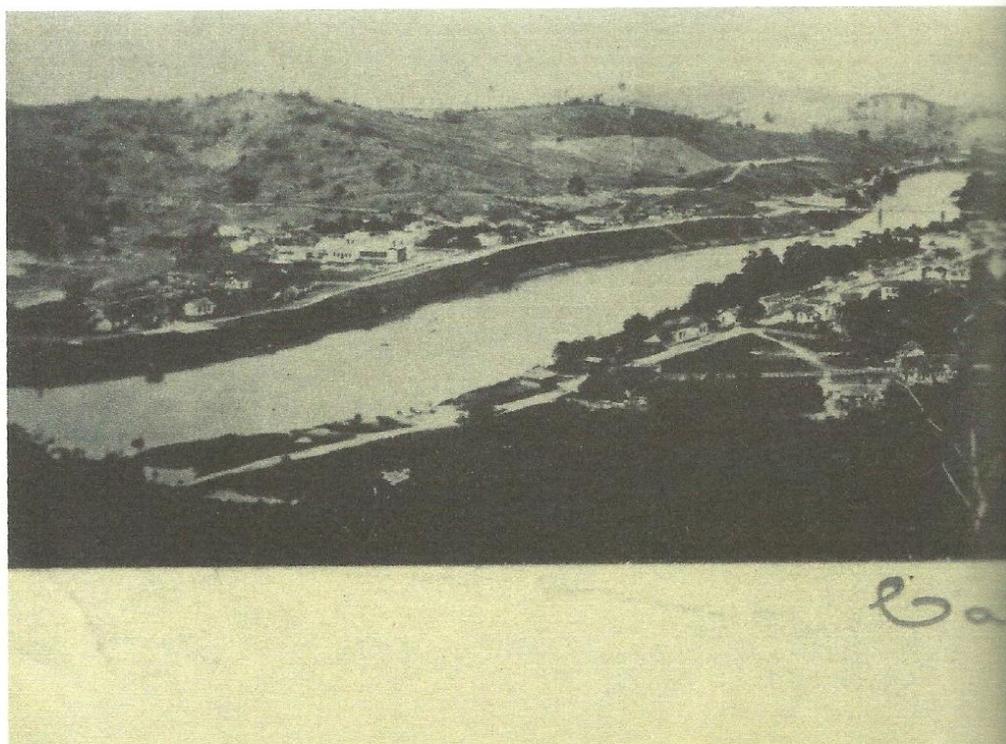
BELO HORIZONTE, 2 JANEIRO 1927\*

\*1928

Mário querido

Sempre que eu lhe escrevo, a pena tem que arranjar umas palavras de desculpa, escusando a minha preguiça ou meu desalento infecundo... Em 1928 não quero que seja assim. Estou com projetos fantásticos de reconstrução de vida. Entre esses projetos, que abrangem todas as latitudes, figura o de ser honrado no capítulo correspondência. Não só responder logo a todas as cartas, como provocar cartas, escrevendo em primeiro lugar.<sup>1</sup> 1927 foi para mim um ano de sem-vergonhismo espiritual. O pão que eu ganhei, amassei-o na redação,\* com um esforço baita de sujeito que não tinha costume do trabalho. Agora já tenho, ou pelo menos penso que tenho. Não me dispersarei mais nessa vida besta de jornal, sem uma palavra para os amigos que confiam na gente e estão espiando de longe. Estou horrorizado, seu Mário, com o balanço do meu 1927. Não fiz nada de

\* Do jornal *Diário de Minas*.





*Paisagem antropofágica,*  
1928. Rosário Fusco.  
Desenho com tinta de  
caneta sobre papel.  
22,5 x 15,3.

do Amazonas e dos ventos muriçocas...” que você traduziu para “Estou com desejos de...”. Deus lhe pague a lembrança amiga. Estou contente com você e com o livro, que não aumentou a minha admiração por você porque essa admiração já era um caso muito sério. Que belos poemas você nos deu com as “Modas da cadeia de Porto Alegre” e da “Cama de Gonçalo Pires”, com o “Tostão de chuva” e principalmente com os DOIS POEMAS ACREANOS (falo só dos que eu não conhecia). Eu aperto a mão que compôs o “Acalanto do seringueiro” – notável.

Pretendo fazer uma nota sobre o *Clã*,<sup>17</sup> botando toda a minha admiração lá dentro. Nunca me presumi crítico, você sabe, mas me presumo extremamente sensível à poesia.

Que o Ano Novo seja para você e as pessoas do seu coração e do seu sangue um ano realmente bom são os votos meus e de Dolores.

Queira-nos bem.

Carlos

## 8.6 Teatro experimental do negro

### 8.6.1 Anexo 23 – *Auto da noiva*, de Rosário Fusco



ANEXO | 23

O auto da noiva.  
Aparecida Bittencourt,  
Marina Gonçalves e  
Noêmia Santos durante  
os ensaios.  
Acervo Ruth de Souza.

Grupo com participantes do TEN em 1947 no  
prédio da União Nacional dos Estudantes.  
Entre outros vê-se, no alto, à esquerda,  
Eugene Rosencourt e Haroldo Costa; à direita,  
Aguinaldo Camargo; no centro, Marina  
Gonçalves, Santa Rosa, Abdias do  
Nascimento, Dina, Ruth de Souza e Claudiano  
Filho. Acervo FUNDACEN.



## 8.7 Manifesto Verde

### MANIFESTO DO GRUPO VERDE DE CATAGUAZES

Este manifesto não é uma explicação. Uma explicação nossa não seria compreendida pelos críticos da terra, pelos inumeráveis conselheiros b. h. que dogmatizam empoletrados nas colunas pretensas importantes dos jornais mirins do interior. E seria inútil para os que já nos compreenderam e estão nos apoiando.

Nem é uma limitação dos nossos fins e processos, porque o moderno é inumerável.

Mas é uma limitação entre o que temos feito e o monte do que os outros fizeram.

Uma separação entre nós e a rabada dos nossos adesistas de última hora, cuja adesão é um desconforto.

Prendemos também focalizar a linha divisória que nos põe do lado oposto ao outro lado dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

Nós não sofremos a influência directa estrangeira. Todos nós fizemos questão de esquecer o francês.

Mas não pense ninguém que pretendemos dizer que somos—os daqui—todos iguais.

Somos diferentes. Diversíssimos até. Mais muito mais diferentes do pessoal das casas vizinhas.

Nossa situação topographica faz com que tenhamos, é facto, uma visão semelhante do conjuncto brasileiro e americano e da hora que passou, passa e que está para passar.

Dahí a unção do grupo "VERDE". Sem prejuizo, entretanto, da liberdade pessoal, processos e modo de cada um de nós.

Um dos muitos particulares característicos do nosso grupo é o objectivismo.

Todos somos objectivistas quasi. Explicação? Não precisa. Basta metter a mão na cabeça, pensar, compurar e... concluir.

O lugar que é hoje bem nosso no Brasil intelectual foi conquistado não somente no diemissão empredimento do forte grupo de Belo Horizonte, tendo á frente o entusiástico moço de Carlos Drummond, Martins de Almeida e Emilio Moura, com a fundação da A REVISTA, que embora não tendo tido vida longa, marcou época na historia da inovação moderna em Minas. (\*)

Apesar de citarmos os nomes dos rapazes de Belo Horizonte, não temos, absolutamente, nenhuma ligação com o estilo e vida literaria d'elles.

Somos nós. Somos VERDES. E este manifesto foi feito especialmente para provocar um possosimo escandalo interior e até vaias intimas.

Não faz mal, não. É isso mesmo.

Acompanhamos S. Paulo e Rio em todas as suas inovações e renovações estéticas, quer na litteratura como em todas as artes bellas, não fomos e nem somos influenciados por elles, como querem alguns.

Não temos paes espirituas. Ao passo que outros grupos, apesar de gritos e protestos e o dialogo "sentido do abaselhamento de nossos motivos e de nossa fala, vivem por ahí a postular o "modos" habbaro do ar. Cendras e outros franceses escovados ou pacatissimos.

Não temos pretensão alguma de escuchar os nossos amigos. Não. Absolutamente.

Queremos e demonstrar apenas a nossa independencia no sentido escolastico, ou melhor, "particulario".

O nosso movimento VERDE nasceu de um shupies jornalico da terra—JAZZ BAND.

Um pequeno jornalinho com tendencias modernistas que logo escandalizaram os pacatissimos habitantes desta Mela-Palata. Chegou-se mesmo a falar em bengaladas.

E dahí nasceu a nossa vontade firme de mostrar a esta gente tola que, embora morando em uma cidadezinha do interior, temos coragem de competir com o pessoal lá de cima.

A falta de publicações, casas editoras e dinheiro—tinha feito com que ficássemos á espera do momento proprio para apparecer.

Mas VERDE saiu. VERDE venceu. Podemos dar pancadas ou tonar. Não esperamos applausos ou vaias publicas, porque aquilo que provoca verdadeiro escandalo põe o brasileiro indifferente, na apparencia... com medo ou com vergonha de entrar no barulho.

Sim. Não esperamos applausos ou vaias publicas. Os applausos de certos publicos envergonham a quem os recebe, porque nivelam a obra applaudida com aquelles que o compreenderam.

Não fica atraz a vaia. A vaia é as vezes ainda uma simulada expressão de reconhecimento de valores.

Porisso preferimos a indifferença. Esta será a mais bella homenagem que nos prestarão os que não nos compreendem. Porque atacar VERDE? Somos o que queremos ser e não o que os outros querem que sejamos. Isto parece complicado, mas é simples, sonetos liricos e acrosticos portuguezes com nomes e sobrenomes.

Nós preferimos deixar o soneto na sua covã, com os seus quatorze cypreates importados, e cantar simplesmente a terra brasileira. Não gostam? Pouco importa.

O que importa, de verdade, é a gloria de VERDE, a victoria de VERDE. Esta já ganhou terreno nas mais cultas cidades do paiz.

Considera-nos, a grande imprensa, os unicos litteratos que tem coragem inaudita de manter uma revista moderna no Brasil, enquanto o publico de nossa terra, o respeitavel publico, nos tem em conta de uns simples malucos erodadores de coisas absolutamente incoerivas.

É positivamente engracado. E foi para dizer estas coisas que lançamos o manifesto de hoje, que apesar de não encunçado nada tem de manifesto, apenas um ligeiro roteiro em torno da nossa gente, nosso meio.

#### RESUMINDO:

1º) Trabalhamos independentemente de qualquer outro grupo litterario.

2º) Temos perfeitamente focalizada a linha divisória que nos separa dos demais modernistas brasileiros e estrangeiros.

3º) Nossos processos litterarios são perfeitamente definidos.

4º) Somos objectivistas, embora diversissimos, uns dos outros.

5º) Não temos ligação de especie nenhuma com o estilo e o modo litterario de outras rodas.

6º) Queremos deixar bem frisado a nossa independencia no sentido "escolastico".

7º) Não damos a minima importancia á critica dos que não nos compreendem.

E é só isso.

Henrique de Resende      Christophoro Fontle-Bôa  
Ascanio Lopes              Martins Mendes  
Rosario Fusco              Oswaldo Ahrilla  
Guilhermino Cesar        Camillo Soares  
Francisco I. Deixeto.

(\*) Elles é que primeiro catechizaram as naturas de Minas e nos almararam com o exemplo para a publicação de Verde.

8.8  
Figura

VERDE

ANNO 1

CATAGUAZES — NOVEMBRO 1927

NUMERO 3

